



**Daniel Wanderson Ferreira**

**As matrizes discursivas do  
pensamento de Sade**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História da PUC-Rio como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Antonio Edmilson Martins Rodrigues  
Co-Orientadora: Ida Lúcia Machado

Rio de Janeiro  
Setembro de 2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**Daniel Wanderson Ferreira**

**As matrizes discursivas do  
pensamento de Sade**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio.

Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof. Antonio Edmilson Martins Rodrigues**

Orientador  
Departamento de História  
PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup> Ida Lúcia Machado**

Co-Orientadora  
Faculdade de Letras  
UFMG

**Prof<sup>a</sup> Emília Mendes Lopes**

Faculdade de Letras  
UFMG

**Prof. João Adolfo Hansen**

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas  
USP

**Prof<sup>a</sup> Flávia Maria Schlee Eyer**

Departamento de História  
PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup> Ângela Filomena Perricone Pastura**

Departamento de Letras  
PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Mônica Herz**

Vice-Decana de Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais  
PUC-Rio

Rio de Janeiro, 16 de setembro de 2010.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor ou do orientador.

**Daniel Wanderson Ferreira**

Licenciado (2001) e Mestre (2004) em História pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Ficha Catalográfica

Ferreira, Daniel Wanderson

As matrizes discursivas do pensamento de Sade / Daniel Wanderson Ferreira ; orientador: Antonio Edmilson Martins Rodrigues ; co-orientadora: Ida Lúcia Machado. – 2010.

262 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2010.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História social da cultura. 3. Sade, marquis de, 1740-1814. 4. Literatura francesa séc. XVIII - História. 5. Visões do corpo. 6. Leituras de Sade. I. Rodrigues, Antonio Edmilson Martins. II. Machado, Ida Lúcia. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

## Agradecimentos

Quando resolvi descer o rio rumo ao mar para estudar Donatien de Sade, eu mal sabia que me condenava à saudade e a estar dividido entre as lembranças de Belo Horizonte, com sua Serra ao fundo emoldurando a paisagem e um céu inigualavelmente azul na estação seca, uma vida nova que se despontava com o Rio de Janeiro e o olhar distante nessa França de minhas leituras. Não fossem as companhias a quem gostaria de agradecer, essa jornada talvez não se concretizasse em tese.

Ao meu orientador Antonio Edmilson Martins Rodrigues devo um agradecimento especial por sua generosidade, apoio e respeito às minhas escolhas intelectuais.

A minha orientadora Ida Lúcia Machado agradeço de modo especial pelo carinho com que me acolheu para retomarmos nossa conversa sobre os sentidos do corpo em Sade. Sua leitura, comentários perspicazes e o incentivo foram essenciais à tese.

Aos professores Ângela Pastura, Emília Mendes Lopes, Flávia Schlee Eyler e João Adolfo Hansen, por terem aceitado participar da banca. Agradeço a generosidade e manifesto minha admiração.

Aos professores Ricardo Benzaquen e Margareth de Almeida Gonçalves, pela leitura e atenção ao texto em período em que ele carecia ainda de maturidade.

À professora Margarida de Souza Neves, pelo apoio e pelas conversas, fundamentais para que eu reavaliasse várias posições sobre o ensino e a pesquisa no atual quadro do ensino superior brasileiro. Também aos professores Ilmar Rohloff de Mattos e Luís Costa Lima, pela contribuição, exemplo e presenças nesses anos em que estive na PUC-Rio.

Ao professor Renato Lessa, pela generosidade com que me aceitou como aluno e pelas aulas brilhantes e inspiradoras sobre ceticismo no mundo moderno.

A Edna, pela acolhida calorosa no departamento e pela eficiência com que resolveu diversos problemas ao longo desses anos. A Anair e a Cleuza, pela gentileza costumeira que tornou mais agradável ir ao departamento.

Aos funcionários da biblioteca da PUC-Rio, da Biblioteca Nacional e da biblioteca da FAFICH-UFMG, especialmente a Vilma, pelo carinho e eficiência no atendimento de tantos pedidos de artigos e livros de difícil acesso.

Aos funcionários da Maison de France, pelo carinho com que acolheram, pela companhia e pela interlocução preciosa.

Às professoras Adriana Nogueira Accioly Nóbrega, Edna Campos Pacheco Fernandes, Vivien Kogut Lessa de Sá, pelo carinho com que me acolheram no Departamento de Letras da PUC-Rio e pela aprendizagem da língua inglesa. A Leila Mathias Costa, pelos ensinamentos de espanhol, também feitos no Departamento de Letras, e pela amizade e apoio.

Aos colegas e amigos da Pós-Graduação da PUC-Rio, em especial Luiza Laranjeira, Fabíola Zonno, Marcelo de Mello Rangel, Leonardo Padilha, Renata Schittino, Darnlei de Freitas, Sérgio Xavier, Bernardo Buarque de Hollanda, Gustavo Naves Franco e Mannuela Luz de Oliveira Valinhas, pelas diversas contribuições e pelo apoio durante esses anos.

Aos professores e amigos Cristina Campolina, Luiz Arnaut e, em especial, Regina Horta Duarte, pelos ensinamentos, pelo carinho e pela amizade.

Aos alunos, principalmente Fred, Gilmar, Ney, Renata e Priscila, pela interlocução no começo desta trajetória.

A Milena Duchiate, por nossas conversas, que tornaram as idas à Livraria Leonardo da Vinci em momentos mais agradáveis, instrutivos e estimulantes.

A Anne Barbier, Oliver Striffler e Valentin Heiburger, pela amizade e por terem me servido de olhos para ver a França de outra maneira.

A Andréia Campos, Débora Santana, Francisco Xavier, Jonas Lana, Leonardo Brandão, Maria das Graças, Marcelo Diana, Pedro Muñoz, Renata Teixeira, Rodrigo Landim, Tarliz Lião e Vanessa Lobo, pela amizade que tornou a vida no Rio mais agradável e pelos incentivos e disponibilidade com que leram e comentaram parte do argumento.

A Betzaida, Elisabeth, Juliana, Juno, Marcela, Mirian, Natália, Olga Valeska, Pablo, Sara e Virna, pelo apoio desde o começo desta trajetória e por estarem presentes, mesmo à distância. Em especial, agradeço a Françoise, pela amizade e pelo apoio que me deu ao vir para o Rio e durante a escrita.

Ao Renato, pela presença, apoio e carinho, sem os quais dificilmente este percurso teria sido possível.

À minha mãe, Jacqueline, Junior, Raquel, Stefano e Thamyres, pelo incentivo e pelo carinho. Novamente só posso dizer que em tudo isso há um pouco de vocês.

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

## Resumo

Ferreira, Daniel Wanderson; Rodrigues, Antonio Edmilson Martins; Machado, Ida Lúcia. **As matrizes discursivas do pensamento de Sade**. Rio de Janeiro, 2010. 262p. Tese de Doutorado — Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta tese se propõe examinar os fundamentos sociais e históricos do pensamento de Donatien-Alphonse-François, mais conhecido como Marquês de Sade (1740-1814). Por meio de uma descrição dos regimes discursivos relacionados com uma visão do “corpo” na França, a constatação da descontinuidade histórica entre as formas enunciativas eróticas, libertinas e pornográficas tornou-se evidente e nos permitiu uma compreensão melhor dos primeiros vínculos sociais e filosóficos dos textos de Sade com o mundo do Antigo Regime. De igual maneira, verificamos mudanças nas formas de compreensão de seus textos; isso em virtude da consolidação de uma imagem de perversidade ligada ao Marquês de Sade e que, acreditamos, guiou a leitura histórica de sua herança crítica desde o século XVIII. Observamos também as preferências de leitura de Sade, o diálogo que ele realizou com seus contemporâneos e suas escolhas de formas de escrever. Acreditamos que tudo isso contribuiu para que ele interpretasse a França e a história por meio de ideias conservadoras, que se traduziram em um pensamento atravessado por algumas apostas céticas de que a vida e a faculdade de julgamento são engendradas em cada situação. Este conservadorismo sugere também possíveis relações de Sade com as concepções populares de “corpo e natureza”, para as quais há simetria entre o bem e o mal, sendo a vida e a história resultado desse esforço de equilíbrio.

## Palavras-chaves

Marquês de Sade; história da literatura francesa; séc. XVIII francês; visões do corpo; leituras de Sade

## Résumé

Ferreira, Daniel Wanderson; Rodrigues, Antonio Edmilson Martins; Machado, Ida Lúcia. **Les matrices discursives de la pensée du Marquis de Sade**. Rio de Janeiro, 2010. 262p. Tese de Doutorado — Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Cette thèse a pour but d'examiner les fondements sociaux et historiques de la pensée de Donatien-Alphonse-François, plus connu comme Marquis de Sade (1740-1814). Par le moyen d'une description des régimes discursives liés à une vision du « corps » en France, la constatation d'un manque de continuité historique entre les formes énonciatives érotiques, libertines et pornographiques est devenue évidente et elle nous a permis de mieux comprendre les premiers liens sociaux et philosophiques des textes de De Sade avec le monde de l'Ancien Régime. En semblable, nous avons vérifié les changements de sens donnés à ses textes ; cela est dû on le croit bien, à la consolidation d'une image de perversité qui s'est collée au nom de cet auteur et qui a certainement fonctionné comme guide pour une lecture historique de son héritage critique depuis le XVIII<sup>e</sup> siècle. Nous avons également observé les préférences de lecture de M. de Sade, le dialogue qu'il a réalisé avec ses contemporains et les choix qu'il a fait concernant ses différentes façons d'écrire. Tout cela, à notre avis permet de soutenir la nature conservatrice de l'interprétation qu'il a fait de la France et de la histoire. Chez De Sade, les idées conservatrices peuvent être traduites par une façon de pensée particulière, soit, traversée par certains paris sceptiques tels que : la vie et la faculté du jugé qui sont engendrées à chaque situation. Ces idées approchent aussi les rapports de M. de Sade avec les conceptions populaires du « corps et nature » à l'égard desquelles il existe une symétrie entre le bien et le mal. La vie et l'histoire pour De Sade ce ne sont enfin que le résultat d'un équilibre entre ces deux forces.

## Mots-clés

Marquis de Sade; histoire de la littérature française; le XVIII<sup>e</sup> siècle français; visions du « corps »; lectures de M. de Sade

## Abstract

Ferreira, Daniel Wanderson; Rodrigues, Antonio Edmilson Martins; Machado, Ida Lúcia. **The discursive groundings of Sade's thought**. Rio de Janeiro, 2010. 262p. Tese de Doutorado — Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This thesis proposes an examination of social and historic groundings in the thought of Donatien-Alphonse-François, more known as Marquis de Sade (1740-1814). Through a description of discursive regimens related to a specific vision of the 'body' in France, a historic discontinuity between erotic, libertine, pornographic enunciation forms became evident, and permitted a better comprehension of the philosophic and social liaisons of Sade's texts to the world of the Ancien Regime. Changes in the ways by which his texts have been comprehended were as well verified, in this case, pointing to the consolidation of certain image of perversity linked to Sade, guiding the historic interpretations of his critic legacy since the 18th century. The reading preferences of the author and the dialogue he evolved with his contemporaries were also observed. These resources led to the conclusion that Sade interpreted France and history in general with conservative ideas, translated in a mode of thought permeated by some sceptic stakes. This conservatism also suggests relations of Sade with popular conceptions of 'body' and 'nature', to which good and evil are symmetrical, so that life is taken as a result of the balance effort generated in this situation.

## Keywords

Marquis de Sade; French literature; French 18<sup>th</sup> century; visions of body; Sade's readings.

## Sumário

Apresentação	11
Parte 1 – Sade e os regimes sociais da linguagem	22
Capítulo 1: Formas de expressão do corpo	30
Capítulo 2: Múltiplos Sades	78
Parte 2 – Sade entre bibliotecas	108
Capítulo 3: Universo de leituras	117
Capítulo 4: Linguagem, retórica e pensamento	154
Considerações finais	177
Referências bibliográficas	181
Apêndices	211

## Apresentação

Após ser encarcerado em Vincennes, em 1777, Sade iniciou a escrita de seu *Le Voyage d'Italie*, que se propunha a apresentar a Itália por meio de uma sequência de cartas endereçadas a uma condessa e a um conde, mantidos no anonimato, como frequentemente se via nos romances epistolares de então. Salvo por esse traço, o texto lembra mais um diário de viagem, gênero também bastante difundido no século XVIII.<sup>1</sup>

O projeto foi abandonado, mas não o hábito da escrita. Apesar dos desagradados e problemas com a censura, Sade alcançou gradualmente prestígio junto ao público leitor, na França, no fim do século XVIII e início do século XIX. O deboche e a ironia de sua escritura funcionaram como chamariz para algumas de suas obras, como é o caso de *La philosophie dans le boudoir* (talvez sua obra mais conhecida na atualidade), livro publicado em 1795 e que prometia ser uma obra póstuma do autor de *Justine*. O autor fazia com isso uma brincadeira com o leitor, deixando-o em dúvidas sobre ser esse o último vestígio de tão conhecido romancista. A brincadeira também servia como anúncio da consagração do livro anterior, o que provavelmente deve ter irritado ainda mais a uma parcela dos

---

<sup>1</sup> Maurice Lever defende, em oposição ao que se pensava, que a vocação literária de Sade não nasceu na prisão. Para o historiador, a trajetória de Sade é marcada por indícios de uma motivação para escrever e publicar seus textos, diferentemente de seu pai, que se contentou apenas com a arte da escritura, numa manutenção da imagem tradicional da nobreza diletante. Cf. LEVER, M. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p.133.

intelectuais que, como Restif de la Bretonne, via em Sade uma escritura ficcional em louvor à corrupção e à violência nas práticas do amor.

Crítico contundente da sociedade e defensor das liberdades (termo polissêmico no século XVIII), Sade agravou a inimizade e indisposição ao se fazer uma figura polêmica, marcada por uma vida devoluta, de hábitos sexuais exageradamente exóticos e tornada ameaçadora aos costumes de então, dada a recorrência das queixas familiares e dos suplícios aos quais submeteu alguns camponeses em suas práticas sexuais. Isso resultou em escândalo que praticamente apagou outros traços de sua vida. Pouco se lembra, por exemplo, que em pleno regime popular de Robespierre, ele ousou defender sua sogra da pena de morte, mesmo sendo ela a responsável pelo seu encarceramento em alguns momentos anteriores. Essa atitude, que não se baseava em defesas dos valores morais da família, manifestava uma firmeza na defesa de princípios que negavam ao Estado qualquer prerrogativa de aplicação de penas corporais, principalmente o direito de execução.<sup>2</sup>

Em 1814, quando faleceu, vivia em Charenton, recluso e até pouco tempo antes, basicamente envolvido com a atividade teatral. Era renomado e influente o suficiente para que recebesse essa pena, numa demonstração dos esforços em apagá-lo da memória francesa. Esse projeto prosseguiu mesmo após sua morte, já que, apesar de seu destaque no meio cultural do fim do século XVIII e começo do século XIX, nenhuma menção lhe foi feita em manuais de literatura francesa até o século XX.

O banimento físico e intelectual em certa medida mostrou-se inconcluso e fracassado, pois ao escrever peças de teatro, sua voz acabou por ecoar para fora

---

<sup>2</sup> Esse episódio teve como resultado para Donatien de Sade a perda de seu cargo público e um julgamento que quase o conduziu à guilhotina em outubro de 1794. Cf. PHILLIPS, J. *The Marquis de Sade*, p.09.

dos muros de Charenton. Saint-Beuve, em 1862, usou o adjetivo sádico, já corrente em estudos de clínica médica, para criticar os excessos de *Salamambo*, romance de Flaubert publicado naquele ano.<sup>3</sup> Desde o fim do século XIX, assistiu-se, também, a uma crescente recuperação de seus escritos pelos surrealistas, por feministas e participantes de movimentos em defesa dos direitos das minorias, o que fez com que sua escritura fosse projetada como marco das liberdades, numa associação à defesa da posse do corpo.

Mesmo assim, mais que lidos e pensados em seu momento histórico, aos textos de Sade sobrepõem-se continuamente sentidos extemporâneos, próprios aos conflitos vivenciados pelo Ocidente no fim do século XIX e, principalmente, durante o século XX. A construção do verbete sadismo funcionaria dentro desse esforço de compreensão e banimento que o discurso clínico (médico e psicológico) produziu: catalogado, Sade tornou-se vocabulário corriqueiro, referência sem potência e energia filosófica.

Não que estejam ausentes esforços interpretativos que busquem perceber os sentidos dos textos de Sade em diálogo com os debates ocorridos na França do século XVIII e início do século XIX. Apenas não tem sido esse o viés recorrente. Os homens de nosso tempo são muito prontos em consumir e pouco dispostos a dedicar-se a análises pormenorizadas, atentas ao contexto sócio-histórico de produção dos textos. O tema do consumo e da resignificação tem se tornado uma obsessão, já que em nossa sociedade, cada vez mais massificada, tudo tende a tornar-se mercadoria. Nesse caso, tanto se empreende um consumo acelerado e empobrecedor de Sade, tomado como ícone a ser estampado em frases de movimentos juvenis, quanto seus livros passam a ser percebidos como partes de

---

<sup>3</sup> Cf. SAINTE-BEUVE, C.-A. *Salamambo*, par M. Gustave Flaubert (Lundi 8 décembre 1862). In *Nouveaux Lundis*. Tome IV, p.31-95; 435-448.

uma literatura classificada como *best-seller*. Instaurado o tempo de maior divulgação, assiste-se gradualmente ao esvaziamento dos sentidos.

Percebemos também que, a esse traço consumista de nossa época, somou-se o espanto dos homens no período das duas Grandes Guerras. O horror criou desejos de descoberta de origem, num empreendimento de fazer a genealogia do mal. *120 journées de Sodome* foi, nesse sentido, eleita a obra-prima de Sade e, para Pasolini, sua estética pôde ser associada à sociedade totalitária. Mesmo que não haja necessariamente uma identidade perfeita entre as orgias e excessos apresentados como experiências ocorridas no Castelo de Silling, ambiente do romance de Sade, e as práticas de domínio e controle facistas, com *Salò*, Pasolini recriou Sade, encontrando nele um motivo para denunciar uma sociedade em que tudo é consumido, até mesmo corpos, numa busca hedonista por um prazer que se revela o fim em si mesmo.<sup>4</sup>

Vassort, por sua vez, aprofunda as relações de Sade com a modernidade, percebendo Silling e seus libertinos como símbolos da produção capitalista de desejos, numa espécie de economia das pulsões e nas práticas sexuais controladas por práticas de maximização de prazer. Assim, mais que uma releitura de Sade, haveria uma interpretação genética do horror.<sup>5</sup>

Não há em si um problema quanto às percepções contemporâneas da obra de Sade. Elas aparecem como opções de análise que servem ao tempo presente. Entretanto, o esforço de escritura do autor direcionou-se ao seu tempo, com ele dialogando numa tentativa de apresentar soluções para os problemas vigentes naquele momento. Restringi-lo a análises estranhas a sua época acaba por ser uma

---

<sup>4</sup> Cf. *Salò o le 120 giornate di Sodoma*. Direção Pier Paolo Pasolini, Itália, 1975; SCHÉREER, R. L'enfer de l'hédonisme, *Multitudes*, nº18, vol.04, p.177-185, automne 2004.

<sup>5</sup> Cf. VASSORT, P. Sade e o espírito do capitalismo, *Le monde diplomatique Brasil*, ano 01, nº 01, p.28-29, ago.2007.

negação do esforço de Sade, por vezes indo na contramão dos entendimentos de intelectuais renomados, em romper com propostas que circularam no fim do século XVIII. Além disso, podemos discutir em que medida reinterpretá-lo numa atualização não redundaria numa nova forma de encarceramento. Ao destacá-lo de seu mundo, perdem-se a direção da crítica e o sentido das enunciações feitas por Sade, sendo possível apenas uma percepção geral de seu discurso, tomado em camadas de significado superficial e de valor estético geral.

Tendo atenção a essas questões, pautamos nossa leitura de Sade pela busca de entender os textos do autor numa circunscrição sócio-histórica. Desde os primeiros contatos com Sade, quando da leitura de *La philosophie dans le boudoir*, operaram-se mudanças no caminho interpretativo, com o aparecimento de recortes e escolhas pautados por esse interesse de reconduzir o Marquês ao seu tempo. O interesse pelo pensador, inicialmente motivado pela proposta republicana, pautada na liberdade dos desejos e ancorada no direito à posse do corpo, deu lugar aos questionamentos relacionados não aos mecanismos de repressão de nosso tempo, mas aos sentidos de compreensão do corpo na sociedade do Antigo Regime. Em detrimento dos movimentos de políticas que conduziram o Ocidente à Era Vitoriana (se é que este conceito seria aplicável de forma satisfatória a todo o Ocidente), priorizamos uma leitura de Sade mediada pela compreensão histórica, numa busca pelo encontro não apenas das referências literárias e filosóficas explícitas e implícitas em seus textos, mas de uma biblioteca à qual ele recorria como inspiração. Nesse sentido, ao diálogo de Sade com seus contemporâneos — naquilo que Bakhtin indica estar presente nos

discursos, já que eles respondem sempre a outro<sup>6</sup> — somaram-se a atenção às pesquisas feitas por Sade sobre um passado literário e uma tradição cultural que lhe parecia capaz de sinalizar respostas para os problemas vivenciados na França de seu tempo. Num abandono progressivo de uma leitura que toma Sade como libertador dos desejos, caminhamos para uma compreensão mais conservadora do Marquês, num encaixo da análise de Simone de Beauvoir, publicada em 1955 e provocativamente intitulada *Faut-il brûler Sade?*.

Dizer sobre um entendimento mais conservador dos textos de Sade não resulta em afirmar uma impossibilidade libertadora. Na verdade, abrem-se justamente novas perspectivas, pois não se toma o resultado pelos fatores que lhe antecedem. Isso funcionaria como uma negação de qualquer possibilidade de ver Sade como predecessor de qualquer pensador, como Nietzsche, Apollinaire, Freud, Georges Bataille, Lacan etc., ou quaisquer movimentos artísticos e sociais do fim do século XIX ou do século XX. Sade não poderia eleger um caminho de continuidade futuro, já que nem mesmo o pensamento segue uma linearidade ou se faz teleologicamente. Desse modo, quaisquer vínculos entre Sade e a rebelião e a crítica às tradições iluministas clássicas e cristãs, tais como produzidas a partir das últimas décadas do século XIX, resultam de um desejo em recompor fios partidos e num esforço de legitimar uma antecedência justificadora de libertação. É o esforço de compreensão dos participantes da agonia do fim do século XIX e

---

<sup>6</sup> Destacamos dois trechos de Bakhtin sobre a presença do outro no discurso: 1) “As *tonalidades dialógicas* preenchem um enunciado e devemos levá-las em conta se quisermos compreender até o fim o estilo do enunciado. Pois nosso próprio pensamento — nos âmbitos da filosofia, das ciências, das artes — nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento.”; 2) “Os outros, para os quais meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e, com isso, real para mim), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. Logo de início, o locutor espera deles uma resposta, uma compreensão responsiva ativa. Todo enunciado se elabora como que para ir ao encontro dessa resposta.” BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*, p.317 e 320. As análises de Michel de Certeau também apontam para o papel ativo dos sujeitos nos processos comunicativos. Cf. DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*.

do século XX que tece a trama. Entre eles e Sade, entretanto, apenas há um tanto de raridade e descontinuidades.<sup>7</sup>

O mesmo problema poderia ser colocado ao se pensar a biblioteca de Sade e as referências que lhe antecedem. Nesse caso, contudo, a diferença está dada pela eleição que o próprio pensador faz de seus predecessores, numa atitude que buscar criar vínculos que unem o diferente por escolhas pessoais. Não se vê mais Bocaccio ou os contos das *Cent Nouvelles nouvelles* como precursores de Sade; pelo contrário, é ele quem os elege como ponto de referência.<sup>8</sup> Ao fazê-lo, entretanto, ele os dobra, submetendo-os a seus desejos, como numa operação que desloca a cultura renascentista para que ela esteja a serviço dos debates das Luzes. É por meio de um olhar para o passado, pela leitura de clássicos e de autores que lhe eram contemporâneos, que Sade produziu-se como pensador, criando reflexões próprias. Seu conservadorismo afirmou-se a partir de uma consciência do momento em que vivia e, também, pelo diálogo com aspectos decadentes da cultura francesa, olhando-os em suas propriedades de força e vivacidade.

Importa não buscar nessa genealogia do pensamento uma composição estética fechada em si mesma. Não se trata de um esforço de origem, e sim, de uma busca pela emergência dos enunciados, pelo acompanhamento das forças em conflito e de como elas se enredam para compor uma trama textual específica. Trata-se de empreitada complexa, pois implica em colocar-se de costas ao futuro de Sade, num desejo de esquecer o que a França realizaria durante os dois séculos

---

<sup>7</sup> “A intuição inicial de Foucault não é a estrutura, nem o corte, nem o discurso: é a *raridade*, no sentido latino dessa palavra; os fatos humanos são raros, não estão instalados na plenitude da razão, há um vazio em torno deles para outros fatos que o nosso saber nem imagina; pois o que é poderia ser diferente; os fatos humanos são arbitrários, no sentido de Mauss, não são óbvios, no entanto parecem tão evidentes aos olhos dos contemporâneos e mesmo de seus historiadores que nem uns nem outros sequer os percebem.” VEYNE, P. Foucault revoluciona a história. In *Como se escreve a história*, p.151-152.

<sup>8</sup> Cf. LE BRUN, A.; PAUVERT, J.-J. Notice bibliographique. in SADE. *Oeuvres complètes du Marquis de Sade*. Tome 12 : Historiettes, contes et fabliaux, Projets et plants ; Les infortunes de la vertu ; Eugénie de Franval, p.11 e 212.

que lhe sucedem. Nessa operação delicada (e provavelmente falha, pois como tudo esquecer?), tivemos que retomar a França em seus pormenores, porque mesmo que a Europa já tivesse afirmado uma identidade secular no século XVIII, entendemos haver impossibilidade em reduzir a França e a língua de Rabelais, Racine, Molière, Corneille e Descartes a qualquer outra cultura. Não buscamos, entretanto, ver a nação num período anterior à circulação mais ampla desse tipo de sentimento de identidade, e sim, a pátria como lugar de nascimento e como referência social a qual não se pode escapar.<sup>9</sup> Por um lado, estivemos atentos a Europa e, por outro, tratamos de refletir sobre a história da França em associação com as especificidades da vida de Sade: francês de origem nobre; ocupante de cargo militar; e prisioneiro por mais de 30 anos durante sua vida.

Buscar uma genealogia do pensamento requer, antes de tudo, um esforço de parâmetros. Não havendo uma linhagem pronta, não seguindo o pensamento um caminho linear e não sendo acessíveis os desejos e intenções dos sujeitos senão pelos traços explicitados em algumas notas e apontamentos (seriam esses em parte verdadeiros? não corresponderiam também a enganos ou talvez tentativas de identidades que se quer representar para si mesmo?), o historiador corre o risco de perder-se. Se, por um lado, busca-se o pensamento em sua emergência, por outro, faz-se necessário algum conhecimento do universo dentro do qual ele esteve presente, numa elucidação dos debates que lhe circunscreviam.

O problema que aparece então é de outra natureza, nem mais ligada aos seus eleitos nem aos que lhe sucedem (aqueles que ele não conhecerá).

---

<sup>9</sup> Segundo Lucien Febvre, a palavra pátria data do século XVI, assumindo “ressonâncias carnis profundas” na medida em que serve de evocação da terra e dos mortos — “a terra, esse grande ossuário dos mortos”. Já a nação vai se produzir pelo enfraquecimento do sentimento de pátria em decorrência do estabelecimento da monarquia absoluta, representando a articulação de grupos (famílias, profissões, escolas, igrejas) numa subordinação comum. “A Nação é a tomada de consciência de uma história que age perpetuamente sobre um ideal, de um ideal que age perpetuamente sobre a história.” FEBVRE, L. *Honra e pátria*, p.152 e 156.

Atormenta-nos o presente que lhe é imediato, pois nele parecem estar as chaves dos sentidos dos textos. O presente do passado pode ser tomado como ponto de subordinação, jaula dentro da qual Sade caminharia. Maiores ou menores, as portas se abririam para que o prisioneiro andasse em outros caminhos, não numa demonstração da possibilidade de liberdade, mas numa clara ampliação do local da pena.<sup>10</sup> A história invocaria, desse modo, os sentidos dos sujeitos e de seus enunciados, cabendo ao historiador tomar a palavra para superar os silêncios.<sup>11</sup>

Contra essa subordinação contextual, optamos pela história geral, numa negação de qualquer busca pela reconstituição da forma de conjunto da história e das civilizações. Desse modo, a França e a dita história moderna não subordinariam o pensamento de Sade, mantendo-o atrelado a qualquer centro único ou eixo explicativo. Pelo contrário, em nosso esforço de visualização da dispersão, multiplicam-se as discontinuidades entre os enunciados de Sade e o de seus contemporâneos.<sup>12</sup> Resta-nos tentar compreender os regimes de enunciação, sabendo que há nisso hiatos e silêncios insondáveis.

O resultado é a negação de processos contínuos de historicidade. Não buscamos acompanhar Sade em vínculos com uma História da Pornografia, nem uma História da Literatura Erótica, ou ainda uma História da Libertinagem, titulações com as quais os pesquisadores têm nomeado os estudos sobre algumas práticas e costumes sexuais relacionados ao corpo. Adotando caminho diverso e buscando elucidar os regimes discursivos a partir dos quais Sade operava, retomamos os conceitos de *libertinagem*, *erotismo* e *pornografia*, não a fim de

---

<sup>10</sup> Enfatizamos na apresentação metodológica da análise que Ginzburg fez do moleiro Menocchio a ideia da existência de uma “jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um”. Cf. GINZBURG, C. Prefácio à edição italiana. In *O queijo e os vermes*, p.27.

<sup>11</sup> Cf. ALBUQUERQUE Júnior, D. M. de. Menocchio e Rivière: criminosos da palavra, poetas do silêncio. *Resgate — revista de cultura*, Campinas, n° 02, 1991, p.55.

<sup>12</sup> Cf. FOUCAUL, M. *A arqueologia do saber*, p.11 et seq.

recompor nova periodicidade historiográfica, mas no esforço de entender o processo enunciativo que circunscreveu a formação das palavras e o aparecimento de gêneros textuais, na França moderna. Trata-se de entender, como afirma Deleuze (ao comentar o trabalho cartográfico de Michel Foucault), a composição da sociedade e seus discursos pela superposição de mapas: “ao lado dos pontos que conecta, pontos relativamente livres ou desligados, pontos de criatividade, de mutação, de resistência”. Em vez de um todo, “a partir das ‘lutas’ de cada época, do estilo das lutas” compreende-se a sucessão de mapas sobre as discontinuidades.<sup>13</sup>

A biblioteca utilizada por Sade, sua operação escriturária e o acervo crítico de seus textos podem, a partir daí, ser vistos sob óticas diferentes. O processo tenso de criação subjetiva experimentado por Sade fica, por um lado, atravessado pela multiplicidade de enunciações com as quais ele se defronta. As recepções de seus textos, por outro, assumem diferentes sentidos: enquanto o pensador ainda estava vivo, constituíam-se como respostas hábeis a gerarem réplicas e trélicas; após sua morte, resultavam (e ainda resultam) em processos de consolidação de leituras canônicas, quer pela constituição do banimento ou do resgate de seu pensamento.

Por fim, parece-nos ser necessário falar sobre a modernidade do pensamento de Sade, já que a temática é recorrente. O melhor seria desconsiderar a questão, numa fuga, mesmo que temporária. Fazê-lo, porém, implicaria em omissão diante da polêmica das análises feitas sobre o autor. Também seria uma alternativa adotar uma postura retórica de perguntar “Qual modernidade?”, seguindo aí uma eleição das várias facetas possíveis nas possíveis respostas.

---

<sup>13</sup> DELEUZE, G. *Foucault*, p. 53.

Novamente, uma omissão. Contra essas possibilidades, buscamos entender, pela mudança do regime de discursividade, as transformações inerentes a essa ideia. Para que não partamos sem rumo, se a modernidade indica alguma possibilidade de existência do sujeito com consciência de si, Sade tinha autonomia e percepção de seu tempo. Certamente isso não coloca um ponto final ao problema. Serve, no entanto, de marco inicial para a investigação de novos sentidos e relações que perpassariam os textos de Sade, caso nos atentemos para ele num sentido sócio-histórico.

## Parte 1 – Sade e os regimes sociais da linguagem

Em 1791, a *Feuille de correspondance du Librairie* alertava os leitores para a possibilidade de que os jovens fossem induzidos ao erro pela leitura de *Justine, ou les Malheurs de la vertu*. “Se para amar a virtude tem-se que conhecer o horror de todo o vício e as atrocidades que ele pode trazer àqueles que não sabem por um freio aos seus desejos, este livro pode ser lido com fruto”. Entretanto, “está demonstrado que de todas as corrupções, a do coração é a mais incurável” e, nesse sentido, os “jovens sem experiência” podem acabar tomando apenas o “veneno” presente nesse livro.<sup>1</sup>

Entre 1953 e 1956, um pouco mais de um século e meio após *Justine* ter sido publicada pela primeira vez, novas polêmicas passaram a envolvê-la.<sup>2</sup> Se a França não vivia mais o clima auspicioso de 1791, com a completa liberdade de

---

<sup>1</sup> “Si pour faire aimer la vertu on a besoin de connaître l’horreur du vice toute entière, et les atrocités qu’il peut faire commettre à ceux qui ne savent pas mettre un frein à leurs desires, ce livre peut être lu avec fruit (...). Mais comment se flatter d’un semblable succès, quand il est démontré que de toutes les corruptions, c’est celle du cœur qui est la plus incurable. Ce livre est donc au moins très dangereux, et si nous faisons connaître ici l’existence, c’est que comme le titre pourrait induire en erreur des jeunes gens sans expérience, qui s’abreuveraient alors du poison qu’il contient”. *Feuilles de correspondance du Libraire*, 1791, n° XV. In SADE. *Œuvres*, II, p.1208

<sup>2</sup> Originalmente a história das irmãs Justine e Juliete foi escrita em forma de conto com o título *Les infortunes de la vertu*, entre 1787 e 1788, quando Sade esteve preso na Bastilha. Esse texto acabou não sendo publicado durante a vida de Sade, provavelmente porque ele aproveitou a ideia, transformando a narrativa em romance, publicado em 1791, com título *Justine ou les malheurs de la vertu*. Entre 1799 e 1801, o editor de Sade organizou uma edição em dez volumes intitulada *La nouvelle Justine, ou les malheurs de la vertu suivie de l’histoire de Juliette, sa sœur*. Os quatro primeiros tomos correspondiam ao romance de *Justine* e os seis seguintes, ao de *Juliette*. Nesse caso, há uma divergência entre a data constante na capa dos livros, que afirma uma edição de 1797, e a data em que efetivamente o livro foi publicado, parte no verão de 1799, outra em agosto de 1800, e os últimos quatro tomos entre fevereiro e março de 1801. Cf. DELON, M. *La nouvelle Justine ou les malheurs de la vertu*. Notice. In Idem. *Ibidem.*, p.1261-1262.

imprensa, também não experimentava uma sociedade autoritária, o que levou Jean-Jacques Pauvert, numa defesa do caráter liberal francês, a publicar entre 1953 e 1954, em edições de maior tiragem e circulação não-restrita, três livros de Sade: *La philosophie dans le boudoir*; *Les 120 journées de Sodome* e *La nouvelle Justine ou les malheurs de la vertu*. Posteriormente, dando prosseguimento ao empreendimento de publicar as obras completas do autor, sua editora distribuiu e vendeu *L'Histoire de Juliette ou les prospérité du vice*, o que resultou em duas acusações judiciais contra o editor, sob a alegação de disponibilizar ao leitor francês livros “contrários aos bons costumes”.<sup>3</sup>

A França do fim do século XVIII poderia, a princípio, parecer mais liberal ou mais avançada no respeito às liberdades individuais. Contudo, concluir isso pela percepção desses dois episódios como parte de um mesmo e simples processo de repressão empobrece a interpretação das formas pelas quais a sociedade francesa constituiu o corpo em suas relações com valores filosóficos, científicos, morais, dentre outros.<sup>4</sup> As práticas sociais não se dão em apenas um sentido, sendo necessário entendê-las em seus conflitos, tanto sincrônica quanto diacronicamente.

Em 1791, apesar da liberdade de imprensa, a leitura de Sade também era vista com restrições. Para Restif de la Bretonne, o autor de *Justine* devia ser repudiado pelos excessos e crueldades de sua heroína.<sup>5</sup> Já Sade, em resposta ao

---

<sup>3</sup> Cf. GARÇON, M. *L'affaire Sade*, p.12-13.

<sup>4</sup> Fazemos referência à hipótese repressiva. Cf. FOUCAULT, M. *História da sexualidade, vol. 01: a vontade de saber*, p.19-49. Segundo Alain Courbin, embora a análise de Foucault seja muito importante para os estudos sobre corpo e sexualidade, o entendimento universalista do fenômeno vitoriano desenvolvido por ele incorre em grandes equívocos por desconsiderar as especificidades da dinâmica social dos dois lados da Mancha e suas respectivas relações com as culturas protestantes e católicas, conforme teremos oportunidade de discutir posteriormente. Cf. CORBIN, A. *L'harmonie des plaisirs*, p.10-11.

<sup>5</sup> RESTIF DE LA BRETONNE. *L'anti-Justine ou Les délices de l'amour*, 1798. In *Œuvres érotique de Restif de la Bretonne*, p.287.

dito intelectual, dizia ser aquele um autor de “terríveis produções”, cujo mérito não é outro que o da prolixidade.<sup>6</sup>

Segundo Souiller, Restif tem semelhança escriturária a Balzac e aos escritores do século XIX, para os quais o espírito de investigação e de documentação ganha primazia, marcando a novela pela noção de conjunto. Impondo-se o realismo em detrimento do sentido de exemplaridade, característica dominante ao gênero no início da Idade Moderna, a novela tende à crescente subjetivação e ao esvaziamento do maravilhoso.<sup>7</sup> Desse modo, embora Restif apresente uma escrita ficcional, o corpo aparece em seus textos em performances e possibilidades reais. Melhor dizendo, seu erotismo é regrado pelas práticas do cotidiano, o que explicaria um dos pontos de sua discordância com Sade, que concebia performances impossíveis a seus personagens, a julgar pelo padrão cotidiano ou realista.<sup>8</sup>

Já a postura do Ministério Público ao se pronunciar contra a edição de Sade feita por Pauvert nos anos 1950 participa diferentemente das práticas de oposição aos textos de Sade. Neste caso, o controle editorial apareceria apenas como um dos fatores divergentes entre os dois eventos, sendo os demais motivos relacionados a ofensa aos bons costumes pela publicação das obras completas de Sade, a ideia de pornografia associada ao autor e, por fim, a associação da escritura de Sade com o aparecimento do verbete e os usos clínicos de sadismo desde o século XIX.<sup>9</sup>

Não apenas são mobilizados conceitos diferentes para a defesa e o ataque aos escritos de Sade. Parece-nos que está em jogo a vigência de matrizes

<sup>6</sup> “R... inonde le public (...) [avec] ses *terribles productions*; (...) nul autre mérite enfin, que celui d’une prolixité...”. SADE. *Les crimes de l’amour*, 1801, p.41-42.

<sup>7</sup> Cf. SOUILLER, D. *La nouvelle en Europe de Boccace a Sade*, p.64-82.

<sup>8</sup> Cf. BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loyola*, p.38-40.

<sup>9</sup> Cf. GARÇON, M. *L’affaire Sade*, p.09, 56,78 et seq.

discursivas diversas, tendo em vista a disparidade social com as quais nos deparamos ao pensar esses dois casos, as formas como se fez referência ao corpo e às práticas sociais a ele relacionadas. O resultado é a necessidade de uma investigação que se atente para a dinâmica do discurso obsceno, caso se queira compreender historicamente os dilemas e sentidos sociais implicados nos textos de Sade no momento de sua emergência, bem como em releituras posteriores.

Abramovici aponta que o discurso sobre a obscenidade constituiu-se, na França, entre os séculos XVI ao XVIII, pelo uso de um vocabulário plástico, metafórico e suscetível às variações das expectativas sociais e ao processo de inclusão ou exclusão de grupos de falantes ao padrão lingüístico dominante. A constituição da Corte em uma nova dimensão social, com seus salões e sua tendência urbana e refinada, em oposição à “rusticidade guerreira”, tornou-se progressivamente um dos elementos importantes para a defesa moralizante de uma linguagem mais civilizada. No século XVII, houve uma mudança na linguagem obscena com uma tendência à política de refinamento dos costumes e das artes. A inclusão das mulheres nos salões, a constituição das academias e a redistribuição dos saberes atrelaram-se a um mesmo processo que conduziu ao banimento das formas rudes e à constituição de uma nova retórica. A sociedade francesa de corte avançou na dramatização de regras de etiqueta e na linguagem desembaraçada de palavras impróprias, vulgares e desonestas, por se referirem ao corpo, sua sexualidade e excrescências. O obsceno ganhou, então, outros contornos que obrigaram a novas formas de se referir ao corpo sexualizado, por vezes mais imprecisa e metaforicamente, dando a ideia de que a língua francesa tornava-se progressivamente mais casta. A essa dramatização, no século XVIII, somaram-se os textos filosóficos e o debate sobre uma nova forma de entender o

homem e a humanidade, o que implicou, novamente, em outras transformações linguísticas.<sup>10</sup> Temos, portanto, não uma continuidade indefinida das formas de se referir ao corpo e as práticas sexuais, mas uma dinâmica social fragmentada na qual a linguagem constituiu-se como prática complexa e polissêmica.

Assim, parece-nos que a circunscrição histórica de Sade deve ser procurada, primeiro, a partir de uma apresentação dos regimes de discursividade. Para Calvet, os trabalhos de Antoine Meillet, contemporâneo a Saussure e um de seus críticos, são fundamentais para o entendimento da linguagem em sua relação intrínseca com o fato social. Meillet, ao extrapolar o axioma de Saussure que entende a comunidade como elaboração da linguagem, desfaz a distinção entre a estrutura e a história para afirmar a impossibilidade de compreender a linguagem desvinculada de sua prática social e da dinâmica que lhe ancora. Não se trata, então, de uma compreensão do sistema de signos, mas das relações sociais que ancoram a língua e a linguagem.<sup>11</sup> Os textos de Sade tendem, caso sejam assim percebidos, a ser vistos a partir de regimes discursivos engendrados sócio-historicamente. A diferença e o conflito são realçados, fazendo com que a escritura do pensador ganhe sentido por meio das relações que a perpassam, numa valorização de cada circunscrição específica. Isso, certamente, não esgota a análise nem garante uma completa delimitação de sentido aos textos de Sade, já que a compreensão dos regimes discursivos apenas baliza mecanismos de usos recorrentes da linguagem e a compreensão de sentidos, não restringindo as possibilidades de subversão e produção inesperada de enunciações divergentes.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Cf. ABRAMOVICI, Jean-Christophe. *Obscenité et classicisme*, pp.13-98.

<sup>11</sup> Cf. CALVET, Louis-Jean. *La sociolinguistique*, p.08. A revista *Littérature* dedicou em 2005 um dossier sobre as pesquisas atuais em sociocrítica. Cf. *LITTÉRATURE, Dossier Analyse du discours et sociocritique*, déc.2005.

<sup>12</sup> Cf. FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*, p.35 et. seq.

O resultado, entretanto, é uma análise que se desvia dos traços homogeneizantes e que visa à exposição da dinâmica social em suas brechas.

Atentos a isso e em oposição às perspectivas de análise que se aproximam de textos aplicando-lhes esquemas conceituais externos às dinâmicas sociais que lhes circunscrevem, buscaremos, primeiramente, apresentar os regimes discursivos próprios ao universo obsceno francês moderno.

Nossa hipótese de trabalho pauta-se pela compreensão de que as alterações ocorridas na sociedade francesa<sup>13</sup> no fim do século XVIII e, principalmente, no início do século XIX possibilitaram a emergência de um novo regime discursivo sobre o corpo, não mais feito a partir da libertinagem.<sup>14</sup> Assistiu-se a um duplo movimento: a *libertinagem* tendeu a esvaziar-se em sua forma filosófica e numa prática vinculada a um *savoir-vivre*, para assumir um sentido vinculado praticamente ao excesso das práticas sexuais; a *pornografia*, por sua vez, tanto se constituiu em uma determinada especificidade social a partir da nomeação de uma nova preocupação, quanto se modificou gradual e rapidamente sob o impacto das novas dinâmicas vivenciadas pelo aprofundamento da lógica capitalista a partir do século XIX. Não nos parece casual que, na segunda metade do século XVIII, a palavra pornografia tenha aparecido e estivesse relacionada a propostas reformistas de práticas sociais relacionadas à vida sexual e à prostituição. Já no

<sup>13</sup> O processo que buscamos apresentar serve em vários aspectos para explicar um movimento histórico geral do Ocidente. Mesmo assim, optamos por circunscrevê-lo a França, já que nossa análise detém-se na leitura de documentos escritos prioritariamente em francês.

<sup>14</sup> Michel Foucault identifica uma transformação do regime discursivo no limiar do século XVIII. Para ele, entre Cervantes e Sade haveria um regime discursivo ainda pautado na noção de representação. Dentre as variações possíveis, destacados a seguinte: “*Justine e Juliette*, no nascimento da cultura moderna, estão talvez na mesma posição que *Dom Quixote* entre o Renascimento e o classicismo. O herói de Cervantes, lendo as relações entre o mundo e a linguagem como se fazia no século XVI, decifrando, unicamente pelo jogo da semelhança (...) aprisionava-se, sem o saber, no mundo da pura representação... (...) As personagens de Sade lhe respondem [a Dom Quixote], no outro extremo da idade clássica, isto é, no momento do declínio. Não se trata mais do triunfo irônico da representação sobre a semelhança; trata-se da obscura violência repetida do desejo que vem vencer os limites da representação. *Justine* corresponderia à segunda parte de *Dom Quixote*...”. FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*, p.290.

decorrer do século XIX e principalmente a partir do século XX, ela veio a se constituir como um produto de estímulo aos apetites sexuais. Salvo o caráter de críticas morais que a ela se relaciona, o seu conteúdo enunciativo tende a assumir uma relação íntima com a sociedade espetacular e mercadológica. De igual maneira, a compreensão do erotismo foi alterada numa continuidade com o movimento geral de transformação do regime discursivo.<sup>15</sup>

A partir da compreensão desse processo maior, buscaremos, num segundo esforço, perceber as possibilidades de sentidos primários nos textos de Sade, bem como as leituras e debates decorrentes desses textos. A atenção à autonomia da linguagem vista como fato social não exclui o papel ativo dos sujeitos e grupos lingüísticos no processo de composição e mudança de sentido dos enunciados e palavras. A história e a sociocrítica devem estar atentas a uma análise que se prenda à semântica, em virtude da necessidade de compreender o encadeamento das transformações da linguagem. Entretanto, tanto Meillet quanto Koselleck enfatizam a relação entre linguagem e sociedade. Para o historiador alemão, a história dos conceitos só é válida se associada à historiografia cultural e vice-versa, já que a sociedade e a linguagem não são autônomas entre si, mantendo interferências mútuas.<sup>16</sup> Já Meillet diz que é importante atentar-se às práticas sociais (sendo a linguagem uma delas), mas que é quimérico pretender explicar todas as transformações de sentido pelo encadeamento das transformações, porque esse processo somente pode ser percebido se associado às transformações sócio-

---

<sup>15</sup> Seria interessante uma análise mais detalhada sobre o uso crescente da palavra erotismo como substitutiva de outras, como *amor* ou a simples referência às divindades antigas, tal como aparece em Jacques Ferrand e La Fontaine em *De la maladie d'amour ou mélancholie érotique. Discours curieux qui enseigne à cognoître l'essence, les causes, les signes et les remedes de ce mal fantastique* (1623) e *Les amours de Psyché et Cupidon* (1669), respectivamente. Aqui apresentamos uma análise mais geral, mas um acompanhamento mais detalhado sobre a enunciação erótica pela busca genealógica da palavra erotismo seria extremamente útil para o avanço das pesquisas de definição dos regimes discursivos relacionados às práticas corporais.

<sup>16</sup> Cf. KOSELLECK, R. Histoire sociale et histoire des concepts (p.101-119). In *L'expérience de l'Histoire*.

históricas.<sup>17</sup> Evitamos, assim, qualquer tentativa de condicionar a escritura de Sade a uma mudança etimológica ou pela impessoalidade do discurso social, visto como abstração, para pensá-lo nas singularidades de sua interferência nos debates relativos ao corpo e às transformações sociais vivenciadas na França no fim do século XVIII e início do século XIX. Se a diacronia dos eventos históricos revelamos um processo de negociação de Sade com outros sujeitos que lhe foram contemporâneos, num enfrentamento das questões de seu tempo, a análise sincrônica permite-nos entender a multiplicidade de enunciados sobre Sade, iluminando, por vezes, aspectos obscurecidos de seus textos.

---

<sup>17</sup> MEILLET, A. Comment le mots changent de sens. In *Linguistique historique et linguistique générale*, p.257 e 266.

## Capítulo 1

### Formas de expressão do corpo

A obscenidade é complexa e suas dimensões são vistas em marcas enunciativas que estão circunscritas a cada vivência social em sua historicidade. Não se trata apenas de uma dificuldade em definir o erótico, mas de perceber que cada expressão do corpo tem sentido diferente dependendo do lugar e do tempo em que são experimentadas.

Um caso infame, ocorrido em 1997, com o ator britânico Hugh Grant, é singular no que ele nos revela sobre as especificidades das práticas relacionadas ao corpo e aos sentimentos. Transformado em um personagem de um *fait divers*<sup>1</sup> sexual, o ator foi condenado pela imprensa americana e britânica por ter sido pego em uma via pública com uma prostituta que lhe fazia sexo oral. Na França, segundo o jornalista de *France-Soir*, isso teria divertido a todos os presentes.<sup>2</sup> Ou seja, mesmo entre contemporâneos, as práticas podem assumir significados ou ressonâncias sociais diversas.

No século XIX, Émile Zola entendia haver entre seus textos naturalistas e os romances de Sade diferenças marcantes, pois sua escrita era “crua e terrível”,

---

<sup>1</sup> Segundo o *Le petit Larousse illustré 2000*, trata-se de uma rubrica, um gênero de escrita jornalística que apresenta notícias sem importância geral por se referir apenas a fatos cotidianos, normalmente acidentes, crimes etc.

<sup>2</sup> PAUVERT, J.-J. *L'amour à la française ou l'exception étrange*, p.17.

faltando-lhe o “riso” e a “fantasia galante da grosseria” do autor de *Justine*.<sup>3</sup> Já Ambroise Macobre, em seu glossário intitulado *La flore pornographique*, afirmava que “nossos pornógrafos modernos inventaram apenas palavras”, o que resultou haver entre eles e “a obra corajosa, robusta e franca de Rabelais (...) a mesma diferença que há entre rio e esgoto”.<sup>4</sup>

Assim, parece-nos necessário iniciar uma aproximação do regime discursivo obsceno, buscando precisar um pouco melhor as nuances das práticas históricas relacionadas ao erotismo, à pornografia e à libertinagem, conforme vivenciadas na França.

### 1.

A palavra *erótico* aparece no *Dictionnaire de l'Académie Française*, em 1878, com função morfológica adjetiva para indicar aquilo que se relaciona ao amor ou que procede dele. Poemas ou versos amorosos podiam assim ser tratados como eróticos, embora nem tudo que fosse erótico tivesse equivalência para ser visto como amoroso, já que o dicionário associa ao conceito de erótico a *érotomanie*, um termo médico para designar um tipo delírio.<sup>5</sup>

Um século antes, Diderot e D'Alembert também apontaram, na *Encyclopédie*, o erotismo a partir dessa mesma dupla relação: uma resultante do amor e outra do saber médico. O verbete *erótico* (aqui também tem função adjetiva) foi apresentado, primeiro, a partir das referências às canções de ode Anacreonte, cujo amor e galanteria fornecem-lhes o conteúdo, e depois pela ideia do amor sexual. Nesse caso, aplica-se ao delírio advindo do desregramento

<sup>3</sup> PAUVERT, J.-J., *La littérature érotique*, p.98.

<sup>4</sup> MACROBE, Ambroise. *La flore pornographique*, glossaire de l'école naturaliste, extrait des œuvres de M. Émile Zola et de ses disciples. Paris: Doublezevir Éditeur, 1885. p.18-19.

<sup>5</sup> ÉROTIQUE (verbe). *Dictionnaire de l'Académie Française*, 1878.

causado pelo excesso de apetite corporal que faz o objeto da paixão ser visto como um bem soberano e leva o amante ao desejo de unir-se ardentemente ao amado. Trata-se de uma espécie de afecção melancólica que corresponde a uma doença de diversos graus delirantes, que segundo Willis ou Sennert são denominadas, respectivamente, erotomania ou amor *infanus*.<sup>6</sup>

Por sua vez, também na *Encyclopédie*, a melancolia é definida a partir de quatro situações distintas. Primeiramente, refere-se à “economia animal” segundo a qual ela é “a menos ativa e a mais suscetível das acidezes de todos os nossos humores”. Diz-se ainda que, para os antigos, estava ligada ao temperamento frio e seco.<sup>7</sup> A segunda definição refere-se ao sentimento habitual da imperfeição humana, opondo-se à alegria do contentamento consigo. Neste caso, ela tanto se relaciona à reflexão sobre si mesmo quanto ao problema das paixões. “A *melancolia* não é inimiga da voluptuosidade; ela se presta às ilusões do amor e deixa favorecer os prazeres delicados da alma e dos sentidos”.<sup>8</sup> A terceira enunciação do verbete poderia aparecer, de forma ambígua, apresentando-se como uma força antagônica à anterior por indicar um sentido teológico ao conceito. A denominada melancolia religiosa é, entretanto, apresentada como uma “tristeza nascida da falsa ideia que a religião proscree aos prazeres inocentes”. Trata-se de um sentimento de “doença do corpo e do espírito, provinda do desarranjo da máquina, de crenças quiméricas e supersticiosas, de escrúpulos mal-fundados e de

---

<sup>6</sup> ÉROTIQUE (verbe). In DIDEROT ; D’ALEMBERT. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société des gens de lettres*, 1778, tome XII, p.942-944.

<sup>7</sup> “MÉLANCOLIE, s. f. (*Economie animale*.) c’est la plus grossière, la moins active & la plus susceptible d’acidité de toutes nos humeurs. Voyez HUMEUR. La *mélancolie* étoit, selon les anciens, froide & seche; elle formoit le tempérament froid & sec. Voyez TEMPÉRAMENT.” In *Ibidem*, tome XXI, p.432.

<sup>8</sup> “La *mélancolie* n’est point ennemi de la volupté; elle se prête aux illusions de l’amour, & laisse favoriser les plaisirs délicats de l’ame & des sens.” In *Ibidem*, tome XXI, p.432.

falsas ideias que se faz da religião”.<sup>9</sup> Por último, a melancolia é relacionada ao saber médico, num vínculo com a teoria hipocrática da bile negra e, por isso, diversa de outros delírios. Ela se manifestaria a partir da saudade do país, do fanatismo e das pretensas possessões demoníacas, sendo-lhe causas as tristezas, o sofrimento, a paixão e, principalmente, o amor insatisfeito.<sup>10</sup>

A inscrição do universo erótico, conforme feita pelos enciclopedistas, nesta articulação com a melancolia, comportava a crítica ao universo místico, ainda presente na sociedade moderna, e estabelecia um sentido ordenador da esfera moral, já que timidamente explicita a emergência de um sujeito desejan-te. Alinhava-se ainda, mesmo que ambigualmente, à clínica emergente que, principalmente na primeira metade do século XIX, buscava relacionar as patologias mentais com alterações fisiológicas e anatômicas: a dissecação de cadáveres mortos em decorrência dessa doença não revelou “nenhum vício sensível no cérebro”; todas as alterações encontradas estavam “sempre no baixo ventre e sobretudo nos hipocôndrios”.<sup>11</sup>

Essa articulação plural do erotismo com a temática do amor e da patologia, entretanto, não foi uma invenção do século XVIII. Desde a Antiguidade, com o aforismo de Hipócrates, essa tópica foi discutida tanto pela ótica clínica quanto

<sup>9</sup> “MÉLANCOLIE RELIGIEUSE, (*Théol.*) tristesse née de la fausse idée que la religion proscri-t les plaisirs innocens (...) Cette tristesse est tout ensemble une maladie du corps & de l’esprit, qui procede du dérangement de la machine, de craintes chimériques & superstitieuses, de scrupules mal-fondés & de fausses idées qu’on se fait de la religion”. In DIDEROT ; D’ALEMBERT. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société des gens de lettres*, 1778, tome XXI, p.432.

<sup>10</sup> Cf. MÉLANCOLIE, s. f. (*medicine*). In *Ibidem*, tome XXI, p.433-437.

<sup>11</sup> “Les ouvertures des cadavers des personnes mortes de cette maladie, ne présentent aucun vice sensible dans le cerveau auquel on puisse l’attribuer; tout le derangement s’observe Presque toujours dans le bas-ventre, & sur-tout dans les hypocondres, dans la region épigastrique; le foie, la rate, l’utérus paroissent principalement affectés”. MÉLANCOLIE, s. f. (*medicine*). In *Idem*. *Ibidem*, tome XXI, p.434. Conforme discutiremos adiante, a percepção fisiológica dos afetos corresponde a uma tentativa importante da medicina positivista e os limites de seu caráter explicativo ajudaram no redimensionamento da clínica e da tópica erótica.

pela filosófica, restando como problema definir se a bile negra causaria angústia e tristeza, ou seriam esses sentimentos as fontes da produção desse humor.<sup>12</sup>

No Renascimento, o tema da melancolia tanto passou a ser um traço comum da sociedade europeia quanto, a partir do século XVII, dividia-a entre os que, como os ingleses, associavam-na à genialidade ou à loucura (conforme o grau do humor melancólico), ou como foi o caso exemplar dos franceses, para os quais o descontrole deveria ser percebido apenas nas dimensões estéticas. Segundo Fumaroli, a França clássica constituiu a noção do gênio em oposição à tópica que identificava melancolia e uma possível criatividade. Por meio dessa recusa em se deixar fascinar pelo irracional, pela paixão e pela loucura, a França engendrou uma relação de afastamento do universo melancólico, pelo menos em sua face extravagante, inconstante e dramática.

O médico Jacques Ferrand defendia, no começo do século XVII, que as diferenças próprias à melancolia eróticas eram derivadas da compleição de cada um, ao mesmo tempo em que existiam interferências culturais oriundas da diversidade das regiões e climas: os orientais são sem medida e discricção na luxúria; os ocidentais, industriosos em seus cuidados; os meridionais amam com impaciência, força e fúria; por fim, os setentrionais são difíceis de apaixonar. No caso da França, sua posição mediana permitiria a produção de um bom amante, honesto, sensível. O francês, para o tratadista, dissimularia amando e amaria com prazer até as que não possuem beleza. Se sábio, tornava-se louco. Em tudo isso, no entanto, estaria situado entre o espanhol, em seu calor e exagero, e o alemão, frio e impositivo em suas regras.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Cf. PIGEAUD, J. Trois maladies sur la longue durée, *Histoire, économie et société*, p.502 et seq.

<sup>13</sup> FERRAND, J. *De la maladie d'amour ou mélancholie érotique. Discours curieux qui enseigne à cognoitre l'essence, les causes, les signes et les remedes de ce mal fantastique*, p.24 e 73 et seq.

Há, segundo Fumaroli, uma interferência da leitura de Cícero na composição do pensamento de Ferrand e da tópica melancólica francesa clássica. A oposição entre Sêneca e Cícero, como dois dos pensadores retomados no começo da Idade Moderna, foi fundamental para a composição da tópica da melancolia e sua divergência entre as culturas inglesa e francesa. A noção de superação da dor e da melancolia pelo uso de sua criatividade como terapêutica presente em Sêneca foi recuperada pelos ingleses e, em diversos aspectos, pelos espanhóis, ajudando na composição da matriz moderna dos conflitos apresentados por Shakespeare e Cervantes. Já em Cícero, cuja leitura teve grande repercussão junto aos jesuítas franceses, o destaque seria dado à manutenção da razão em oposição ao excesso e ao desequilíbrio dos afetos, dentre eles o melancólico. A negação da tristeza e a busca do equilíbrio teria sido o contraponto francês e o antídoto aos excessos da falta de razão melancólica.

Higman, por sua vez, compreende que o cartesianismo, por sua lógica demonstrativa e linear, teria ajudado a compor uma forma de expressão em que a o mistério da razão seria buscado a partir de si mesmo. Ao perceber a filosofia cartesiana em esferas e instituições sociais, o autor tanto aponta os vínculos genéticos e sociais do pensamento filosófico de Descartes, quanto percebe a dinâmica linguística clássica. O paradoxo é a identificação de uma argumentação mais tortuosa no filósofo que defendia a linearidade e simplicidade da investigação e demonstração, em oposição ao discurso literário francês, mais simples, ou como ironizaria Higman, mais cartesiano que Descartes.<sup>14</sup>

Durante a era clássica, entretanto, ganhou força também uma doutrina patológica de estudo das doenças melancólicas em consonância com as

---

<sup>14</sup> Cf. FUMAROLI, M. *La diplomatie de l'esprit*, p.438-439. HIGMAN, F. M. De Calvin à Descartes: la création de la langue classique, *Bulletin de l'Association d'étude sur l'humanisme, la réforme et la renaissance*, p.05-18.

cosmogonias antigas, como afirmam Baltrusaitis e Garin.<sup>15</sup> Tanto se podia assistir a uma composição racionalizada num viés clássico e universalista do discurso melancólico, quanto a um diálogo com saberes tidos como mais obscuros. Assim, não é excepcional encontrar afirmações como a de Du Laurens, médico e chanceler da universidade de Montpellier, que, em 1597, estabeleceu um paralelo entre o lobo e o homem. Para ele, o homem era “um animal divino e político” enquanto o licanthropo, “um animal selvagem, assustadiço, solitário, inimigo do Sol, isto é, do próprio rei, imagem de Deus”.<sup>16</sup> O pintor e tratadista italiano Paolo Lomazzi (1532-1538) afirmou, também, em tratado sobre proporção, que a simetria do mundo era prova da perfeição da obra criada por Deus. Ele completava esse argumento dizendo que os quatro elementos compõem o corpo e que a medida das coisas é retirada do padrão humano<sup>17</sup>, o que, segundo entendemos, promove, por artifício, a extensão do homem às coisas. Já Rubens (1577-1640), importante pintor flamenco, afirmava que as criaturas humanas, afastando-se progressivamente do padrão original divino, mudaram de formas e de caráter, tomando “diversas partes do leão, do touro e do cavalo, que sobrepujam todos os outros animais pela força, coragem e grandeza do corpo”. Suas anotações, publicadas pela primeira vez em Paris, em 1773, com o título *Théorie de la figure humaine*, continham referências à semelhança de Júlio César com o cavalo e explicitavam que “o homem [é] composto dos elementos do universo, participa de todos os animais”. Além disso, Rubens entendia que, no caso dos homens perfeitos — o que não é a regra —, a mistura dos elementos

<sup>15</sup> Cf. BALTRUSAITIS, J. *Aberrações*; GARIN, E. *O zodiaco da vida*.

<sup>16</sup> Apud BALTRUSAITIS, J. op. cit., p.31.

<sup>17</sup> “Ces grandes proportions harmoniques que Lomazze fait trouver dans le corps humain par les nombres & les tons de la musique, témoignent la parfaite symmétrie de ce petit monde; c'est pourquoi l'homme est dit le plus parfait oeuvre de la nature, l'image du Créateur, & le Roi des animaux, qui contient dedans soi les quatre éléments. (...) De plus, les navires, barques, galeres, & semblables, sont tires du corps humains, à l'exemple de l'arche du Noé”. Apud JOMBERT, C.-A. Avertissement du libraire. In RUBENS, P.-P. *Théorie de la figure humaine*, 1773, p.VII-VIII.

dava-se com tal medida que o resultado era não predominar qualquer animal ou elemento sobre outro.<sup>18</sup>

Na virada do século XVIII para o século XIX Baltrusaitis identifica ainda um recrudescimento dos estudos de fisiognomia.<sup>19</sup> Tanto os estudos das paixões presentes no fim do século XVII e durante o século XVIII, quanto a recuperação da imaginária gótica medieval — e suas imagens de homens e animais —, revisitadas sob uma nova perspectiva — a da antropologia moderna e da nova concepção do homem — haviam preparado uma revisão desse saber, pondo-o novamente a uso corriqueiro. Baudelaire, Balzac e Zola utilizaram, a partir dessa tópica, vários elementos antropomórficos e zoomórficos para descrever seus personagens, em consonância com debates também travados nos meios intelectuais e vinculados ao entendimento do processo evolutivo, constitutivo ou psicológico humano.<sup>20</sup>

Porém, entendemos ser equivocado identificar esse traço como forma hegemônica ou única de compreensão do homem no começo do século XIX. Se por um lado, tratava-se de um movimento que aponta para as contradições do próprio Iluminismo, numa demonstração de suas brechas e oscilações entre a

---

<sup>18</sup> “Alors [les autres creatures ou les hommes] changeant de forme & de caractère, elles ont emprunté diverses parties du lion, du taureau, & du cheval, qui surpassent tous les autres animaux par la force, le courage, & la grandeur du corps. Les exemples qui suivent démontreront le rapport que la figure de l’homme peut avoir avec ces animaux.”; “Le visage de l’homme tient beaucoup de la tête du cheval, cette semblance est visible dans la tête de Jules Cesar...”; “On voit sur la planche VI, que l’homme composé des éléments de l’univers, participe de tous les animaux; mais les traits qui en dérivent sont si bien ménagés & tellement disposés qu’on ne peut les distinguer, comme on vient de le dire. Cela se trouve ainsi dans l’homme parfait, en général; mais dans le particulier il y a toujours pour chaque homme quelqu’animal dont la ressemblance domine en lui, & qui influe sur son caractère.” RUBENS, P.-P. *Théorie de la figure humaine*, 1773, p.09 et seq. Destacamos que o editor comprou o manuscrito em 1772 e fez pessoalmente a tradução do texto, embora já constasse uma para o francês no maço. Contudo, ele adverte ter suprimido dois capítulos de princípios de cabalísticos — um sobre as propriedades dos números aplicadas à química e outro sobre a origem hermafrodita do primeiro homem e sua divisão posterior em dois sexos —, por tê-los considerados “estranhos ao assunto principal, além de serem inúteis e absurdos” (“étrangères au sujet principal, qu’inutiles & absurdes”). JOMBERT, C.-A. Avertissement du libraire. In *Ibidem*, 1773, p.VI.

<sup>19</sup> Fisiognomia consiste em perceber o homem a partir de características físicas próprias a animais. A partir daí, normalmente estabelece-se uma relação de analogia entre o comportamento dos homens e dos bichos.

<sup>20</sup> Cf. BALTRUSAITIS, J. *Aberrações*, p.34 e 50.

razão e o misticismo, por outro, um corte epistemológico pode ser visto nas percepções produzidas a partir do começo do século XIX. Os textos de Pinel e Krafft-Ebing, cujos livros foram publicados, respectivamente, em 1816 e 1886, aparecem como uma novidade neste aspecto, na medida em que o saber e a experiência médica foram apresentados com distâncias enunciativas marcantes em relação aos discursos anteriormente apresentados sobre a melancolia em sua relação com o erotismo.

Mesmo que Pinel inicie sua investigação sobre a melancolia com a enumeração de diversas descrições e percepções já estabelecidas, como a panofobia, oriunda do pânico noturno; a demonomania dos selvagens; a erotomania de Linnæus, a nostalgia dos Antigos e a melancolia nervosa de Lorry, o cientista detém-se pouco neste aspecto (o que é em si mesmo uma ruptura com a retórica humanista, tão propensa em construções de tratados com demonstrações de erudição ao apresentar o tema em diversos pensadores, principalmente os antigos) para avançar sua apresentação do tema de modo a estabelecer os padrões da ocorrência clínica e de profilaxia da doença. Diferentemente da investigação feita por Ferrand (1610 e 1623) ou mesmo a presente na enciclopédia de Diderot e D’Alembert, marcadas por apresentações mais gerais, pela exposição mais detalhada e panorâmica do tema, Pinel avança o argumento apontando os possíveis motivos capazes de conduzir ao quadro doentio — falso julgamento sobre o próprio corpo, amor excessivo, crenças supersticiosas em eventos futuros etc. Conduzindo seu argumento por novos caminhos, promovia pausas na exposição do tema para inquirir sobre “a necessidade de examinar se, no estado atual de nossos conhecimentos”, devia-se admitir uma “disposição física ou moral denominada *temperamento melancólico*”. Acrescentava, ainda, que os clínicos

deveriam “procurar noções mais exatas e mais precisas nos detalhes que nos foram transmitidas pela história da vida pública e privada de certos melancólicos famosos”.<sup>21</sup> Assim, o que poderia ser tomado como parte apenas de estilo pessoal de escrita, mostra-se, principalmente, como uma identidade escriturária e investigativa que estaria ajudando na composição de uma nova fórmula ou padrão investigativo do tema.

Pinel conduzia sua pesquisa a partir da lógica de análise de casos históricos, buscando raízes sociais e individuais da patologia. “Não é raro encontrar na sociedade as nuances mais fortemente pronunciadas de uma melancolia ocasionada pela alienação mental.” Nos casos de disposição primária<sup>22</sup>, a tristeza, o pânico, o excesso de prazeres e a vida sedentária seriam tomados como exemplos de fatores individuais capazes de favorecer a ocorrência do quadro clínico. Ao efetuar a investigação social, conduzia o argumento tanto na esteira das interferências da diversidade natural e sua influência na composição da sociedade, como defendida por Montesquieu no *Espírito das leis*,<sup>23</sup> quanto na pesquisa da biografia do paciente por entender que “o caráter próprio da melancolia consiste geralmente numa lesão das funções intelectuais e afetivas”.<sup>24</sup>

A partir do século XIX, a clínica abandonou progressivamente o saber clássico, inclusive pelo entendimento da união do corpo e do espírito. Em Pinel, já

<sup>21</sup> “Mais avant de considérer la mélancolie comme maladie, ne faut-il point examiner si, dans l'état actuel de nos connoissances, on doit admettre une disposition physique & moral qu'on puisse appeller *temperament mélancolique*, sur lequel le galéisme s'est montré si fecund en theories vaines? (...) nous devons chercher des notions plus exactes & plus précises dans les details que nous a transmis l'histoire sur la vie publique & privée de certains mélancoliques fameux.” PINEL, P. *Mélancolie* (verbete). In *ENCYCLOPÉDIE méthodique. Médecine...*, 1816, tome IX, p.590.

<sup>22</sup> Pinel usa a palavra “primitiva (*primitive*)” para se referir a esta disposição. Contudo, para evitar confusões com a noção evolutiva e seus sentidos negativos, utilizamos em nossa paráfrase o termo primário, que corresponde ao sentido dado pelo médico.

<sup>23</sup> Esta tópica também está presente em Jacques Ferrand. No entanto, neste tratadista e médico do século XVII, a geografia aparecia em associação com a teoria dos humores. Em Pinel, busca-se essa tópica pela resignificação que Montesquieu lhe forneceu pelo viés investigativo universalista da ciência moderna. Cf. STAROBINSKI, J. *Montesquieu*, p.17 et seq.

<sup>24</sup> “Le caractère propre de la mélancolie est de consister en général dans une lésion des fonctions intellectuelles & effectives”. PINEL, P. *Mélancolie* (verbete). In loc. cit.

se identificava que diferentes exercícios do corpo tinham influência sobre a moral.<sup>25</sup> Dito de forma mais geral, a nova clínica participava da emergência de um dispositivo relacionado à biologia. Segundo Foucault, se no mundo clássico havia uma continuidade entre o ser e a natureza, em alguns anos na virada do século XVIII para o século XIX, transformou-se “inteiramente a espacialização fundamental do ser vivo”. Depois de Curvier, o ser vivo passou a estar localizado, internamente, em relação às coerências anatômicas e compatibilidades fisiológicas e, por seu exterior, prendeu-se aos “elementos onde ele reside para deles fazer seu corpo próprio”. Dentro e fora se uniram como condições de vida relacionadas a uma historicidade externa ao ser. Além disso, este mesmo ser passou a ser atravessado pela lógica de constituição e desfazimento, já que “o animal mantém-se nos confins da vida e da morte”.<sup>26</sup>

Em Krafft-Ebing, elementos apenas esboçados por Pinel já se apresentavam mais claramente delimitados. A pesquisa e a reflexão já se denunciavam agregadoras de casos individuais, numa preocupação marcadamente pautada pela ideia de individualidade.<sup>27</sup> A escritura do médico austríaco assentou-se basicamente sobre o eixo do sujeito, ainda que o entendimento do delírio erótico fosse tomado como um mecanismo de compreensão da sociedade civilizada. Numa mescla entre o universal e o particular, Krafft-Ebing dava continuidade aos discursos do século XVIII, com fórmulas enunciativas de

---

<sup>25</sup> “On sent quelle influence les différens (sic.) exercices du corps ont sur le moral”. Cf. PINEL, P. *Mélancolie* (verbete). In *ENCYCLOPÉDIE méthodique. Médecine...*, 1816, tome IX, p.596.

<sup>26</sup> FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*, p.378 passim.

<sup>27</sup> Segundo Freud, houve uma inflexão na concepção da prática médica por volta de 1875 em virtude da abundância e “variedade multiforme do quadro patológico”. Os pacientes queixavam-se de dores de cabeça, insuficiência de atenção, olhos doloridos durante a leitura, cansaço e dores nas pernas, que chegavam a ficar pesadas, doloridas e dormentes, sem que fossem encontrados “sinais visíveis e palpáveis do processo patológico”. Disso resultou uma necessidade de outras terapias, como a que ele desenvolveu com Breuer, utilizando a hipnose — abandonada também por volta de 1890 — como meio de cura das neuroses. Cf. FREUD, S. *Tratamento psíquico* (ou anímico), 1905. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. 7, p.272.

compreensão civilização em oposição à selvageria, pelo aprofundamento do controle, do policiamento e da educação como cultivo como elementos constitutivos da comunidade política.<sup>28</sup>

Em *Psychopathia sexualis*, publicado originalmente em 1886, Krafft-Ebing apresentou uma relação sumária da nomenclatura dos casos de patologia geral de ordem neurológica e psicológica, seguida de 238 casos de doentes. Os dois primeiros casos são valiosos ao nosso estudo por tratarem de delirantes eróticos. J. René, caso número um, tinha o hábito, “desde sempre”, de praticar “prazeres sensuais e sexuais, mas sempre atento ao decoro”. Isso se alterou a partir de seus 76 anos, quando houve “uma perda progressiva da inteligência e uma perversão crescente de seu moral”, com gastos excessivos de dinheiro com prostitutas e propostas de “coito a todas as mulheres que encontrava na rua”. Assim, passando a ser “publicamente detestável”, foi necessária internação manicomial, o que não resolveu o quadro clínico do paciente. Pelo contrário, ele teve sua “excitação sexual” acentuada até compor-se em “satiríase”<sup>29</sup> incurável até sua morte. O paciente “masturbava sem cessar, mesmo diante dos outros”, obtendo prazer até mesmo pela imaginação obscena. Chegava, inclusive, a pensar nos homens à sua volta como mulheres, o que levava a persegui-los com “propostas indecentes”.<sup>30</sup> Já o Sr. X, de 80 anos, apresentou durante toda a vida um caráter sensual e cínico, bem como temperamento incontrolável, tendo até

<sup>28</sup> Cf. STAROBINSKI, J. A palavra “civilização” (p.11-56). In *As máscaras da civilização*. A identificação da civilização como marcha do progresso e policiamento, bem como sua relação com enfermidades é uma temática recorrente no século XIX, sendo interessante, pela recorrência em citações o livro de Catherine Woillez: WOILLEZ, C. *Les Médecins moralistes, code philosophique et religieux extrait des écrits des médecins anciens et modernes notamment des docteurs français contemporains*, 1862.

<sup>29</sup> Excitação mórbida do apetite sexual no homem. (Cf. SATIRÍASE. HOLANDA FERREIRA, A. B. de. *Novo dicionário da língua portuguesa*.) Krafft-Ebing define satiríase e desejo acentuado como subgrupos de hiperestesia, que é a existência de uma “impressionabilidade anormalmente acentuada do impulso sexual a estímulos orgânicos, psíquicos e sensoriais”. KRAFFT-EBING, R. von. *Psychopathia sexualis*, 1886, p.07.

<sup>30</sup> Cf. KRAFFT-EBING, R. von. *Psychopathia sexualis*, 1886, p.11 (Caso 1. Delírio erótico).

mesmo confessado que, “quando jovem preferia a masturbação ao coito”. Não teve “sinais de perversão” por muito tempo, já que manteve relações com amantes e casou-se voluntariamente aos 48 anos. Mais velho iniciou comportamento violento, tornando-se “exageradamente desconfiado”. Em casos em que se lhe opunham aos desejos, passou a ter “ataques de fúria que às vezes chegava às vias de fato, quando levantava a mão inclusive contra sua esposa”. Dando sinais de “demência senil incipiente” e passando a ter “afetos por certos criados do sexo masculino”, especialmente um ajudante de jardineiro, com quem se trancava durante horas, a família retirou-lhe a autoridade e internou-lhe num asilo. O Sr. X não manifestou desejo erótico pelo sexo oposto, ainda que dividisse o quarto com a esposa. Sabe-se, por fim, da proveniência de “tara hereditária” do paciente, cujo irmão era suspeito de inversão e tinha um sobrinho louco devido ao excesso de masturbação.<sup>31</sup>

Em ambas as descrições, o erotismo foi associado à prática sexual. Estando ausentes ou bastante diminuídas ao delírio erótico as noções de amor, parece-nos haver um hiato na compreensão da relação erótica quando são comparadas as análises até o começo do século XVIII com as proposições feitas a partir da segunda metade do século XIX. Em 1709, Chomel apresentou a melancolia errante e alguns fatores externos ou eventos que a desencadeariam — o distanciamento do cônjuge; a infidelidade conjugal; a ausência de quem se ama ou a presença da pessoa odiada; uma grande afronta; ou ainda um desprazer

---

<sup>31</sup> Cf. KRAFFT-EBING, R. von. *Psychopathia sexualis*, 1886, p.11 passim (Caso 2. Delírio erótico).

extremo<sup>32</sup> —, numa demonstração de relação entre afeto e patologia erótica. Em Pinel e Krafft-Ebing já se delimitam novas enunciações, numa evidência de novo regime discursivo.

Entre 1835 e 1860, engendrou-se, na França, segundo Corbin, um novo saber sobre a sexualidade, pela conformação de um também novo discurso médico, ancorado na observação clínica. Lallemand, Roubaud, Claude Bernard e outros produziram estudos sobre a vida e sua dimensão sexual. Por meio de análises fisiológicas e pela definição de protótipos de temperamento, foram traçadas variáveis de comportamento sexual, bem como regulamentados os padrões de normalidade. Numa sociedade cada vez mais centrada no indivíduo e no controle da população, a percepção desses tipos de vida sexual era parte essencial ao atendimento dos pacientes.<sup>33</sup>

A composição desse novo saber implicou, ainda, nas definições de sexo e sexualidade. Em 1881, no *Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales*, o sexo é apresentado pela “presença de elementos ou unidades anatômicas diferentes, ainda que homólogas, cuja união intervém em toda reprodução ovular ou sexual”, e a sexualidade como “o conjunto de atributos fisiológicos que se

---

<sup>32</sup> “Il y a des causes exterieures qui rendent melancolique, comme l’éloignement d’un mari, ou d’une femme, l’infidelité de l’un ou de l’autre, l’absence de ce que l’on aime, ou la presence de ce que l’on hait, ou un sensible affront, ou un déplaisir extreme.” MELANCHOLIE errante (verbete). CHOMEL, N. *Dictionnaire œconomique, contenant divers moyens d’augmenter et conserver son bien, et même sa santé avec plusieurs remedes assurez et éprouvez, pour un très-grand nombre de maladies, & beaucoup de beaux Secrets pour parvenir à une longue & hereuse veillesse*, 1709, tome II, p.27. Embora ele não se refira propriamente ao erotismo, a tópica da melancolia tem relação com o erótico, o que nos permite pensar a relação erotismo e amor a partir deste verbete.

<sup>33</sup> Cf. CORBIN, A. *L’harmonie des plasirs*, p.109 e 133 et seq. O curso de Michel Foucault de 1975-1976 tem como tema central o engendramento das novas relações sociopolíticas entre o Estado e a sociedade, a partir de lógicas de controle da população. Cf. FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Para a nova clínica, mais que a doença, existia o doente, como destacou Pinel, ao se referir ao melacólico como “aquele que está possuído por uma ideia exclusiva ou por uma série particular de ideias como uma paixão dominante, mais ou menos extrema, como um estado habitual (le mélancolique est comme possédé par une idée exclusive ou une série particulière d’idées avec une passions dominante, & plus ou moins extreme, comme un état habituel)”. Cf. PINEL, P. *Mélancolie* (verbete). In *ENCYCLOPÉDIE méthodique. Médecine...*, 1816, tome IX, p.596.

relacionam entre si para aparição e a existência de sexos que coexistem com tal ou qual dos dois sexos”.<sup>34</sup>

Assim, alinhados ao movimento de remodelação da medicina, o erotismo tendeu a ocupar uma posição coextensiva à ideia de vida, agora sexualizada, e à energia a ela associada.<sup>35</sup> Com isso, não estamos dizendo que houve, no decorrer do século XIX, uma exclusão do tema do amor da tópica erótica. Apenas indicamos a emergência de um novo regime discursivo atravessado por essas variáveis.

Em linhas gerais, poderíamos dizer que a compreensão do erotismo, na França, até o século XVIII manteve-se atrelada à clínica e ao amor, numa perspectiva médica, filosófica e de caráter moral. Quer pela via da teoria dos humores, quer pela via racionalista, o tema da moral interpôs-se nessa junção. A partir do século XIX, com as mudanças da clínica e da dinâmica que o saber médico manteve com a dimensão erótica da vida, rearranjou-se o entendimento da sexualidade e de outros temas próprios ao erotismo. Mesmo não se tratando de um processo homogêneo, a tendência à patologização das perversões, vistas como desvios sexuais, impôs-se. Com Freud, o quadro tendeu a modificar-se, principalmente a partir de 1905, com a publicação dos *Três ensaios sobre a sexualidade*. Desde esse texto, com a noção de sexualidade infantil e a teoria da libido, houve um progressivo entendimento de uma nova energia ou força

---

<sup>34</sup> “Le sexe est essentiellement caractérisé par la présence des éléments ou unités anatomiques différentes, bien qu’homologues, dont l’union intervient dans toute reproduction ovulaire ou sexuelle (...) La sexualité est l’ensemble des attributs anatomiques et physiologiques qu’entraînent avec elles l’apparition et l’existence de sexes, qui coexistent avec tel ou tel des deux sexes, le caractérisent et permettent de distinguer: 1° le male de la femelle; 2° chacun de ceux-ci des êtres asexués ou bissexués.” SEXE, sexualité, sexuels (verbe). In DECHAMBRE, Amédée (dir.). *Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales*, 1881, série 3, tome 9, p.462-463.

<sup>35</sup> Em 1802, o uso do termo *biologia* é usado por Lamarck, na França, e Treviranus, na Alemanha, para conceituar a vida como matéria e movimento, assim como também já aparecem os indícios de imbricação entre vida e morte. Cf. CANGUILHEM, G. Vie. *Encyclopædia Universalis France* S.A.

presente nos homens, de caráter erótico. A sexualidade seria o ponto de atravessamento das representações mentais, permitindo a emergência de um sujeito descentrado, desejante. Mesmo não sendo este o ponto final de Freud sobre o assunto, sua importância foi primordial, pois constituiu uma nova tópica, revisada poucos anos depois pelo acréscimo ao homem erotizado de uma nova face pautada em pulsões divergentes e que lhe preencheriam a subjetividade.<sup>36</sup>

A identidade trágica presente nessa imagem erótica da vida, conforme proposta por Freud no começo do século XX, e que já vinha se constituindo como um tema desde o fim do século XVIII, servindo para abordagens das transformações sociais e da experiência humana na modernidade, completou um movimento em que o erotismo passou a se relacionar com uma experiência estética.

Segundo Peter Szondi, com Scheelling a filosofia alemã extrapolou a preocupação com os elementos da arte trágica para pensar a ideia de tragédia, numa preocupação com o tema da liberdade dos sujeitos frente ao destino.<sup>37</sup> Lessing, Schiller, Hegel, Marx e Nietzsche, embora tivessem perspectivas diferentes sobre o trágico, pensaram-no como contradição e a partir daí, investigaram o dilema do homem: livre em sua natureza e, ao mesmo tempo, limitado (quer pelo destino, quer pelo Espírito, quer pelas contradições materiais etc.).<sup>38</sup>

Esses conflitos de ordem sensíveis também foram investigados na França, em debates tanto filosóficos quanto ficcionais. Não necessariamente o tema do conflito e da sensibilidade dava-se atrelado ao trágico. Em Rousseau, em Crébilon

---

<sup>36</sup> Cf. FREUD, S. *Além do princípio do prazer*, 1920; BIRMAN, J. *Freud & a filosofia*, p.38 et seq.

<sup>37</sup> SZONDI, Peter. *Ensaio sobre o trágico*, p.24 e 31.

<sup>38</sup> Cf. FERREIRA, D. W. História e dramaturgia em O 18 Brumário (p.01-10). In *XXIV Simpósio Nacional de História; Associação Nacional de História - ANPUH, 2007*, cd-room.

Fils, em Chordelos de Laclos e em Vivant Denon pode ser observada a dualidade entre os afetos sensíveis e os sensuais, num indício de que o século XVIII conjugava a galanteria cavalheiresca e cortês com os prazeres sexuais. Em *Les égarements du cœur et de l'esprit* (1736), *Les liaisons dangereuses* (1782) e *Point de lendemain* (1777, reformulada e publicada em 1812) a ingenuidade das personagens demonstra certo desconhecimento da sociabilidade erótica da corte, já que as vítimas normalmente são jovens, iniciantes e do interior. O leitor é conduzido a observar como a civilidade ancora-se num *savoir-vivre* marcado por aparências.

Os leitores desses romances, por sua vez, identificavam-se com as cenas mais ousadas, não se importando com o caráter moralista desses textos que tendiam, no fim, à apresentação das infelicidades que cercam a vida daqueles inábeis para a prática amorosa. A acreditar em Rousseau, em suas observações preliminares de *La nouvelle Heloise*, donzelas não deveriam ler romance,<sup>39</sup> pois os leitores tendiam a se incendiar em paixões pela narrativa, como afirmavam as personagens de Restif de la Bretonne.<sup>40</sup> Além disso, esses livros tinham efeito de perverter o instinto, a inteligência e o sentimento. Para as mulheres, podia impactar-lhes na forma como perceberiam os homens, conduzindo-as a “desgostos inevitáveis e a um vazio que elas não deveriam razoadamente esperar sentir”,

<sup>39</sup> “Esta coletânea com seu estilo gótico convem melhor as mulheres do que os livros de filosofia. Ele pode ser útil aqueles que, numa vida desregrada, conservaram algum amor pela honestidade. Quanto às donzelas, é outra coisa. Jamais donzela leu romances, e eu pus neste um título tão claro que o abrindo sabe-se de que se trata (Ce recueil avec son gothique ton convient mieux aux femmes que les livres de philosophie. Il peut meme être utile à celles qui, dans une vie déréglée, ont conservé quelque amour pour l’honnêteté. Quant aux filles, c’est autre chose. Jamais fille chaste n’a lu de romans, et j’ai mis à celui-ci un titre assez decide pour qu’em l’ouvrant on sût à quoi s’en tenir)”. ROUSSEAU, J.-J. *La nouvelle Heloise*, 1761, p.04.

<sup>40</sup> “... eu vivia mais do que nunca ajuizadamente e começava a conceber que poderia habituar-se a isso. Mas o que vai mostrar o perigo de livros como *O porteiro dos cartuxos*, *Teresa filósofa*, *A religiosa de camisola* e o resto, é o erotismo súbito e terrível que eles excitaram em mim depois de uma longa abstinência!” RESTIF DE LA BRETONNE apud GOULEMOT, J.-M. *Esses livros que se lêem com uma só mão*, p.60.

como afirmou Roussel em *Système physique et moral de la Femme*, em 1775.<sup>41</sup> Não é casual, ainda, o cuidado com que as práticas de leitura tendiam a ser apresentadas pelos manuais de civilidade e as tentativas de controle a que se buscavam submeter os jovens, principalmente as meninas, sempre mais fáceis de serem enganadas e, caso desonradas, dificilmente passíveis de recolocação social.<sup>42</sup>

Já no século XIX, temas similares relacionavam-se à vivência de outras sensibilidades. Certamente não se pode tomar um caso e dele buscar generalizações pela simples afirmação de exemplaridade. Mesmo assim, parece-nos interessante a trama que envolveu o *Werther* de Goethe. Heickrmann, amigo de Goethe em seus últimos anos, conta um episódio em que o famoso escritor alemão recebe o Lord Bristol, bispo de Derby, em Iena. Apesar da cortesia de Goethe em receber o visitante, este se comportou inicialmente de modo grosseiro, dirigindo-lhe um sermão sobre *Werther* e a natureza “completamente imoral, completamente condenável” do livro. O argumento do bispo, em que pesem os valores morais, era de que “esse livro conduziu os homens ao suicídio”.<sup>43</sup> Isso é significativo, independentemente de qualquer resultado estatístico que relacione com confiança as duas variáveis — leitura do livro de Goethe e suicídio —, por apontar que, se os amores de Julie conduziam os leitores do século XVIII a pensamentos licenciosos, os de Werther eram levados à morte.

O entendimento de que a leitura de *Os sofrimentos do jovem Werther* conduziu jovens ao suicídio faz-se compreensível à medida que a condição humana passa a ser também vivida e notada esteticamente. O artista “amoroso da

---

<sup>41</sup> ROUSSEL apud WOILLEZ, C. *Les médecins moralistes*, 1862, p.336.

<sup>42</sup> Cf. CORBIN, A. *l'harmonie des plaisirs*; FOUCAULT, M. *História da sexualidade, vol. 01: a vontade de saber*.

<sup>43</sup> ERCKEMANN. *Conversations de Goethe pendant les dernières années de sa vie*, 1863, p.219-220.

vida universal” assemelha-se “a um espelho imenso dessa massa; a um calidoscópio dotado de consciência, que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e a graça transitória de todos os elementos da vida”. Por sua vez, a própria vida transmuta-se, na modernidade, em artifício, em obra de arte. “O mal se faz sem esforço, *naturalmente*, pela fatalidade; o bem é sempre um produto da arte”. Desse modo, os homens, sejam eles dândis ou cortesãos, tornam-se personagens, estetas da vida, como identificou Baudelaire em 1863.<sup>44</sup>

À medida que a vida tendeu, principalmente a partir do século XIX, a ganhar sentidos processuais e a ser percebida por essa lógica estetizante, a relação erótica foi também, em várias instâncias, convocada a inserir-se nessa nova dinâmica. O ideal de um amor eterno e passional engendrou um sentimento erótico cujo traço foi clinicamente entendido como patológico. Como explica Leiris ao falar sobre torneio de toureiros: trata-se de um espetáculo e, concomitantemente, da vida e do erótico enquanto movimento de conexão consigo.<sup>45</sup> Melhor dizendo, o aprofundamento da modernidade no século XIX e no começo do século XX trouxe-nos à experiência do erotismo como experimentação da vida como forma artística. O corpo, assim, tornou-se, em consonância com o olhar que Leiris lançou às touradas, sujeitos à manifestação do sublime, mesmo que de forma múltipla, por vezes contraditória, conforme visto por escritores de ficção, filósofos, médicos ou até mesmo os simples leitores de folhetins e romances.

---

<sup>44</sup> BAUDELAIRE, C. *Le peintre de la vie moderne*, 1863, p.09 e 23.

<sup>45</sup> LEIRIS, M. *Miroir de la tauromachie*, p.45 et seq.

## 2.

Lynn Hunt afirma que a incorporação da palavra pornografia nos dicionários data do século XIX, embora o neologismo tenha sido criado, na França, na segunda metade do século anterior. Os verbetes *pornógrafo* e *pornografia* (*pornographe* e *pornographie*) apareceram no *Dictionnaire universel de la langue française*, de Boiste, edição de 1803. Trata-se de uma precedência de um pouco mais de meio século em relação à língua inglesa — em 1857, o *Oxford English Dictionary* apresentou pela primeira vez esse termo e seus derivados, *pornógrafo* e *pornográfico*<sup>46</sup> — e, em concordância com Corbin, vemos nisso mais um argumento em favor da impossibilidade de ver a sociedade francesa pela perspectiva da “era vitoriana”.<sup>47</sup>

O conceito de era vitoriana, datado pelo reinado da Rainha Vitória entre 1837 a 1901, pressupõe duas ancoragens primárias: o primado da sociedade inglesa na emergência do capitalismo e o aprofundamento do processo civilizador em conformidade com a ética e padrão burgueses. Para Mario Praz, a cultura vitoriana dividia-se em dois períodos. O primeiro perdurou até 1865, revelando um processo de industrialização crescente e uma crença segura no progresso. As mudanças trazidas pelo uso do aço, o aparecimento do trem, a imponência da exposição universal de 1851, tudo anunciava uma prosperidade duradoura. A partir de 1865, iniciou-se uma nova fase, marcada pelo redimensionamento da estrutura sociopolítica inglesa, com a acentuação da prática imperialista e da economia financeira. Contudo, em meados da década de 1870, com a emergência de uma crise econômica, seguiu-se certo abalo na crença desenfreada do progresso. Manteve-se, a partir daí, um esforço de manter o sistema saudável.

---

<sup>46</sup> Cf. HUNT, L. Introdução: a obscenidade e as origens da modernidade. In *A invenção da pornografia*, p.13.

<sup>47</sup> Cf. CORBIN, A. *L'harmonie du plaisir*, p.10-11

Paulatinamente entendeu-se a necessidade de intervir na esfera socioeconômica, como meio de auxílio da regulação das forças do mercado.<sup>48</sup>

Apesar dessas linhas gerais de ascensão e declínio, Praz tem como segura a compreensão de que se trata de um período com unidade. Entende ainda que o século XIX, vitoriano, compunha-se como uma fase final de um processo maior, iniciado no século XVII e relacionado à emergência da burguesia, da cultura puritana e do capitalismo. O caráter moralista da sociedade vitoriana decorreria, nesse sentido, de uma cultura marcada historicamente pelo puritanismo e das contradições produzidas no processo de laicização. Melhor dizendo, para o autor, o traço conservador inglês não devia ser compreendido como resultado apenas de vínculos originalmente religiosos, e sim como decorrência de um processo em que práticas sociais fixaram alguns costumes, mesmo com certo esvaziamento dos sentidos religiosos. Assim, a caricatura que foi a “hipocrisia burguesa” do século XIX deu-se pela coexistência de práticas sociais contraditórias, como a intensificação do controle do corpo feminino e os movimentos em prol da emancipação das mulheres; ou ainda, o burguês rico que se sentia moralmente obrigado a trabalhar, mesmo que financeiramente já pudesse pagar para que outros fizessem suas atividades.<sup>49</sup>

Em Foucault, o conceito de regime vitoriano é visto como uma negação à simples aceitação de ver o século XIX como resultante final de um processo que veio se compondo desde o século XVII. Para o filósofo e historiador francês, é necessário discutir em que medida a hipótese repressiva, ao alinhar a moral

---

<sup>48</sup> Hobsbawm identifica, também, uma transformação social no Ocidente a partir da década de 1870. Propõe que a tensão decorrente da emergência de novas potências européias, com a formação do Estado nacional alemão e italiano, e a crise do capitalismo de 1870 seriam os elementos centrais que levariam ao fim do século XIX, de identidade essencialmente burguesa, marcado pela crença no progresso e nos valores universalistas da civilização ao molde europeu. O início da Guerra em 1914 corresponderia ao fechamento desse processo, iniciado aproximadamente em 1776. Cf. HOBSBAWN, E. J. *A era dos impérios*.

<sup>49</sup> PRAZ, M. *La letteratura inglese dai romantici al novecento*, p.88-91.

capitalista ao puritanismo, não teria falseado a imagem de uma sociedade ocidental reprimida. Observada uma mecânica do poder atravessada pela noção de ciência e pela prática de controle que, desde o século XIX, tanto codificou a sexualidade em padrões normativos, quanto incitou ao discurso sexual, embora mantendo-o sob o signo do segredo, questiona-se a simples imagem repressiva em prol de um desvelamento das práticas de poder.<sup>50</sup>

O caso francês, em que pesem os sentidos conservadores e as defesas de valores morais feitas no decorrer do século XIX, tem suas especificidades que não se deixam reduzir ao conceito vitoriano. A noção de uma ruptura entre os séculos XVIII e XIX, dada pela Revolução Francesa, põe-se, inicialmente, como um ponto de referência em que tanto se busca um afastamento do passado, quanto uma reconstrução de novas práticas, inclusive no universo das sensibilidades.

Para Le Goffic, responsável pela análise do sentido moderno do verbete erótico, presente em *La grande encyclopédie*, editada entre 1886 e 1902, houve uma transformação na literatura erótica entre os séculos XVIII e o XIX. Até o século XVIII, o universo literário francês foi marcado pela poesia galante, cavalheiresca, tendo como destaque aquela produzida entre os séculos XI e XIII. Corneille, no século XVII, teria buscado renovar o tema amoroso pela composição de uma “uma ciência complicada, transcendente” do erotismo. Já o século XVIII, Voltaire, Dorat, Chaulieu, Gentil-Bernard, Florian e outros produziram “pura libertinagem ou passatempo dos rimadores”, marcando esse

---

<sup>50</sup> Cf. FOUCAULT, M. *História da sexualidade, vol. 01: a vontade de saber*. Peter Gay mantém a noção de era vitoriana, num duplo esforço que se liga tanto ao registro de uma identidade produzida pela própria rainha ao apresentar os laços de seu reinado com a cultura burguesa de seu século, quanto à tentativa de problematizar o conceito, tornando-o plural em seus sentidos por reconhecer a impossibilidade explicativa totalizante dessa nomenclatura. Participa, assim, dos esforços de revisão historiográficos, provavelmente produzidos sob o impacto do primeiro volume da *História da sexualidade*, de Michel Foucault, publicado pela primeira vez em 1976. Sobre esclarecimentos gerais da pesquisa sobre a era vitoriana, ver GAY, P. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud, vol. 01: a educação dos sentidos*, p.13-57.

momento com pouca “felicidade em fatos eróticos”. Somente no século XIX, os líricos deram “à paixão uma linguagem realmente apropriada aos problemas e à melancolia dos corações” numa expressão condizente à sua intensidade. Seja pela via da linguagem mística ou a mais sensual, ou ainda, como Baudelaire, por uma expressão erótica inflamada e profunda, a poesia erótica do século XIX ganhou destaque, ainda que a pornografia lhe fizesse contraponto.

A pornografia, como discurso oposto ao gênero erótico, apareceria também como um dos marcadores da ruptura cultural presente na França no fim do século XVIII. Para Le Goffic, o sentido de erotismo sempre encontrou o problema da delimitação da diferença entre “a poesia erótica propriamente dita e a poesia que se chamou, sucessivamente, *sotádica* para os antigos, *sádica* para os modernos, e *pornográfica* para os contemporâneos”.<sup>51</sup>

Etienne Bricon, ainda em *La grande Encyclopédie*, apresentou o conceito de pornografia, embora, percebendo-o por perspectivas diferentes daquelas presentes na análise de Le Goffic. Para este, as diferenças históricas punham-se como ponto de partida para a análise do universo literário erótico e sua contrapartida, o universo pornográfico. Bricon, por sua vez, pronunciava um apagamento desse traço ao operar com o conceito de forma mais teórica, marcada pela quase ausência de quaisquer perspectivas históricas. Não se tratava de ver a pornografia nem como contraponto ao erótico, nem em pensá-la a partir de uma abordagem histórica. A pornografia existiria não a partir de um assunto específico

---

<sup>51</sup> “On prendra soin, enfin, de ne pas confondre, encore que la ligne precise de démarcation ne soit point toujours aisée à démêler, la poésie érotique proprement dite et la poésie qu’on a tour à tour appelée *sotadique* chez les anciens, *sadique* chez les modernes et *pornographique* chez les contemporains. (...) [Avec Corneille] L’amour redevient, comme au moyen âge (sic), une science compliquée, transcendente... (...)Le XVIII<sup>e</sup> siècle n’est guère plus heureux en fait érotique (...) Pour Voltaire, Dorat, Chaulieu, Gentil-Bernard, Florian, etc., ce fut chez eux pur libertinage ou passé-temps de rimeurs. Il était réservé à nous lyriques du XIX<sup>e</sup> siècle (...) de faire exprimer à la passion une langue enfin appropriée aux troubles et à la mélancolie des cœurs qu’elle embrasse.” Cf. ÉROTIQUE (verbe). *La grande encyclopédie, inventaire raisonné des sciences, des lettres et des arts, par une société de savants et de gens de lettres*, [1886-1902?].

— o amor físico — em uma determinada experiência social, e sim pela “apresentação indiscreta, feita por um desejo de lucro ou por uma necessidade de vício, com o objetivo de excitar sexualmente”. Melhor dizendo, apenas haveria objeto pornográfico pelo ato de criação cuja marca relaciona-se com a produção da mercadoria.<sup>52</sup>

O conceito de mercadoria, segundo Marx, é atravessado por diversas linhas de forças, como o valor de uso e o valor de troca. O valor de uso, ao se ligar ao universo das necessidades num sentido primário, escapa da esfera da economia política por não apresentar laços com a relação social de produção. Já o valor de troca ultrapassa o consumo, no sentido do saneamento das necessidades, inserindo-se nas relações sociais. Ao ligar-se à esfera do trabalho, que é responsável pela agregação de valor à matéria, o valor de troca implicaria, para o filósofo, num conjunto de relações, sempre presentes na mercadoria, mesmo quando encobertas pelo fetichismo que ela apresenta em uma sociedade capitalista.<sup>53</sup>

Para Monzani, a partir do século XVIII, o luxo e a mercadoria associaram-se pela ideia de progresso, ambos correspondendo, se bem empregados, ao coroamento do processo civilizador. Nesse sentido, a querela do luxo apontaria para atributos do desejo, da imaginação e da fantasia conforme vivenciados pela sociedade. A mercadoria passaria, então, a participar das inquietações e dos projetos de futuro próprios ao século XVIII. Absolvido o luxo — tão condenável

---

<sup>52</sup> “L’idée pornographique, en effet, ne reside pas d’abord dans le sujet même, qui, en principe, est l’amour physique, mais dans sa présentation indiscreète faite, par un désir de lucre ou par un besoin de vice, dans le but d’une excitation sensuelle. Ainsi la pornographie comence par l’être la divulgation des secrets de l’amour qui, de sa nature, reste mystérieux et ne garde sa beauté que dans le mystère: elle en est donc une incompréhension.” PORNOGRAPHIE (verbeté). *La grande encyclopédie, inventaire raisonné des sciences, des lettres et des arts, par une société de savants et de gens de lettres*, [1886-1902?].

<sup>53</sup> Cf. MARX, K. *Contribuição à crítica à economia política*, 1859, p.11 et seq. Especificamente sobre o fetichismo da mercadoria, ver MARX, K. *Economic and philosophical manuscripts*, 1844, p.342-344.

desde o mundo medieval — pela noção de boa administração das paixões humanas, a mercadoria estaria livre para assumir sentidos mais complexos e relacionados às projeções e desejos pessoais (compondo o que, para Marx, a ligaria ao processo de alienação).<sup>54</sup>

A análise de Bricon, ao articular a pornografia com o fato financeiro pela noção de mercadoria, perpassava-a por relações sociais, o que permitia o reaparecimento de outros temas, como o da autonomia da arte, em voga na sociedade francesa desde meados do século XIX. Em semelhança com Fonsegrive, autor de um livreto sobre a relação entre a arte e a pornografia, editado em 1911, Bricon discutiu que o sentido social do objeto ou texto obsceno tem primazia para a compreensão de seu valor artístico ou pornográfico. Ele defendia, inclusive, posturas de enfrentamento dos costumes, já que sem isso, não se poderia absolver Flaubert por ter criado *Madame Bovary*. Em casos semelhantes, era premente recorrer à intenção do autor e não, como afirmava Fonsegrive, defender a autonomia da arte, mas também, a superioridade da sociedade em seu direito à ordem, em decorrência de alegação de ser ela a financiadora e consumidora dos objetos artísticos.<sup>55</sup>

Ainda que Bricon não aprofundasse o argumento conservador em defesa do policiamento social, não deixava de ver a pornografia em suas relações morais. A identidade do “fato pornográfico” era vista não apenas pela motivação autoral, mas também como resultado de “um cálculo desonroso do dinheiro”, de “um

---

<sup>54</sup> Cf. MONZANI, L. R. *Desejo e prazer na Idade Moderna*, p.17-61.

<sup>55</sup> Cf. FONSEGRIVE, G. *Art et pornographie*, 1911. O texto de Fonsegrive refere-se também aos debates do congresso sobre o tema arte e pornografia, ocorridos em maio de 1908, em Paris.

estado de grosseria, de doença ou vício, sobretudo de imbecilidade”.<sup>56</sup> Assim, ao defender que a arte não era nem utilitária, nem motivada pelo lucro, nem marcada pela excrescência, Bricon postulava a pornografia, por ser o anverso da arte obscena, como tendendo à doença e à escatologia. Numa continuidade, ou seja, numa compreensão ahistórica de seus laços discursivos genéticos, o conceito e o gênero pornográficos haviam sido criados por Restif de la Bretonne, em 1769, para se referir à regulamentação da profissão de prostituta. A permanência não estaria tanto no tema da prostituição, já que esse conceito ganhou outras dimensões durante o século XIX, e sim, no sentido marginal, condenável, banido, sujo, moralmente corruptor e condenável que a associava-se a tudo que fosse pornográfico.<sup>57</sup>

A leitura de *Le pornographe*, de Restif de la Bretonne, no entanto, indicamos outra inflexão discursiva no sentido dado ao termo. Ao compor o registro da pornografia, fazendo-se pornógrafo, ou seja, ao escrever um livro sobre a prostituição,<sup>58</sup> Restif vinculava-se ao espírito racionalista iluminista em sua vertente reformista, marcada pelo desejo de propor um programa prospectivo capaz de dar à França uma nova conformação e identidade, alinhadas ao esclarecimento.<sup>59</sup> Ainda que não se possa alinhar, segundo Rouanet, seu discurso à simples defesa ou oposição ao Antigo Regime, porque ele transitava entre

<sup>56</sup> “Le fait pornographique résulte principalement de l’intention de l’auteur, et un rien lui suffit pour se manifester, comme un mouvement souffit à la chasteté du nu pour devenir de l’impudeur; il se produit, lorsqu’il ne pas un calcul honteux d’argent, dans un état de grossière, de maladie ou de vice, surtout dans un état d’imbecilité”. PORNOGRAPHIE (verbete). *La grande encyclopédie, inventaire raisonné des sciences, des lettres et des arts, par une société de savants et de gens de lettres*, [1886-1902?].

<sup>57</sup> “[l’obscène en sa dimension pornographique arrive] à tomber dans l’escatologie qui est le gout de l’ordure.” PORNOGRAPHIE (verbete). *La grande encyclopédie, inventaire raisonné des sciences, des lettres et des arts, par une société de savants et de gens de lettres*, [1886-1902?].

<sup>58</sup> “*pornonomia*, esta palavra grega significa: a regra dos lugares destinados a licenciosidade (...) *pornógrafo*, ou seja, *escritor de tratado sobre prostituição* (*pornonomie*, ce mot grec signifie: la règle des lieux de débauche (...) *pornographe*, c’est-à-dire: *écrivain qui traite de la prostitution*)”. RESTIF DE LA BRETONNE. *Le pornographe...*, 1769, p.60.

<sup>59</sup> Cf. Idem. *Ibidem*, p.52.

grupos sociais diversos, assumindo posições contraditórias,<sup>60</sup> sua proposta direcionava-se, se não ao governo de Luís XV, à sociedade estamental e absolutista do século XVIII. As reformas propostas eram, tal como as de Rousseau, antídotos capazes de curar a sociedade, sem que o corpo percesse ou mudasse de natureza.<sup>61</sup> *Le pornographe* e outros textos que a eles sucederam — *La Mimographe, ou Idées d'une honnête femme pour la réformation du théâtre national*; *Les Gynographes, ou Idées de deux honnêtes femmes sur un projet de règlement proposé à toute l'Europe pour mettre les femmes à leur place, et opérer le bonheur des deux sexes*; *L'Andrographe, ou Idées d'un honnête homme sur un projet de règlement, proposé à toutes les Nations de l'Europe, pour opérer une reforme general des mœurs, et par elle, le bonheur du genre humain*; e, por fim, *Le Thesmographe, ou Idées d'un honnête homme sur un projet de règlement, proposé à toutes les Nations de l'Europe, pour opérer une reforme générale des loix* — articulavam-se, segundo Moiset, em artigo publicado em 1896, no *Bulletin de la Société des Sciences historiques et naturelles de Yvone*, segundo um esforço de discutir as práticas de saneamento da sociedade a partir do controle, do ordenamento e da modernização dos espaços e instituições.<sup>62</sup>

Ao buscar pensar o mundo das cortesãs, Restif esboçava o controle, o confinamento e a educação como mecanismos de transformação. Acreditava na importância de romper com os castigos e disciplinas sobre o corpo, bem como

<sup>60</sup> Cf. ROUANET, S. P. *O espectador noturno*, p.53.

<sup>61</sup> “A ideia é formulada de maneira ampla, afirma Starobinski sobre Rousseau: o remédio poderia encontrar-se na vizinhança (*ao lado*) da planta venenosa, ou no próprio interior (*na substância*) do animal perigoso. No primeiro caso, o mal atrai para dele o seu antídoto; no segundo, ele o contém. Além disso, é preciso que intervenha um terapeuta (...) que saiba *extraire* o remédio a partir do próprio mal”. SATORBINSKI, J. *As máscaras da civilização*, p.164.

<sup>62</sup> Charles Moiset apresenta o conjunto de livros de Restif de la Bretonne indicados pelo traço das “ideias singulares”. O sentido pelo qual Moiset percebe esse conjunto é dado pela noção de utopia e pelo desejo de “melhoramento” social. Dessa forma, entendemos haver certa coerência entre as propostas de *Le pornographe* e os demais livros. Cf. MOISE, C. *Les Idées singulières de Rétif de la Bretonne, Société des Sciences historiques et naturelles de Yvone* (Bulletin de la Société), p.292-321.

apostava numa sensibilidade coerente com os movimentos penais do fim do século XVIII e, principalmente, do século XIX, que viam o indivíduo e seu corpo como parte útil, componente do poder social e, desde que controlado, potencializado no sentido positivo.<sup>63</sup> As casas públicas, para ele, não eram, desse modo, espaços de pura permissividade, embora fossem locais de realização de desejos. De igual maneira, ainda que centradas no universo masculino, já que adotavam uma perspectiva cultural marcadamente machista, tratava-se de constituir os direitos das prostitutas, numa espécie de compensação e constituição de igualdade.<sup>64</sup> Além disso, as prostitutas, ao mesmo tempo em que tinham tempo para o cuidado de si, submetiam-se, ainda, ao rigor de um controle de horários e práticas saudáveis, o que demonstrava que essas moças tanto eram donas de seu próprio corpo, quanto o haviam submetido à permanente vigilância.<sup>65</sup>

O sentido da pornografia, assim delineado, correspondia a um esforço civilizador e educativo, oposto mesmo ao discurso de Bricon sobre a pornografia como algo sujo, banido. Para Restif, o ordenamento das prostitutas resultava,

---

<sup>63</sup> Foucault desenvolve o argumento de que, diferente do que se acreditou, desde o século XVII, não se esvaziou o indivíduo de materialidade, numa ênfase do espírito frente à desvalorização do corpo físico. Pelo contrário, “acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, metucioso”. FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*, p.147. Este aspecto está melhor desenvolvido em FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*.

<sup>64</sup> “No momento que uma moça é escolhida e a Governanta for conduzi-la a um quarto que ela tem costume de ocupar, a moça, antes de entrar no quarto, gozará do mesmo privilégio que o homem teve de escolha, ou seja, ela o examinará abrindo uma pequena abertura localizada na porta de cada quarto. Se ela o recusar, ele será obrigado a fazer uma outra escolha (Lorqu’une fille sera choisie et que la Gouvernante l’aura conduite à la chambre qu’elle a coutume d’occuper, la fille, avant d’entrer, jouira du même privilège que l’homme qui l’a demandée; c’est-à-dire qu’elle examinera em ouvrant un petit guichet qui sera à la porte de chaque chambre. Si elle refuse d’entrer, il sera obligé de faire un autre choix”. RESTIF DE LA BRETONNE. *Le pornographe...*, 1769, p.95.

<sup>65</sup> Diversos artigos do regulamento da vida no Parthénion (nome substituto a bordel, que poderia machucar os ouvidos delicados) são baseados nesse princípio. Destacamos um, como exemplo: “Haverá horas regulares para a toailete e para as refeições. Levantar-se-á no máximo às nove horas. O café da manhã será imediatamente. Poder-se-á ocupar das vestimentas até as onze, ou, se a toailete rapidamente terminar, dispor desse resto de tempo conforme o desejo, como para visitar umas as outras, caminhar, etc. (Il y aura des heures réglées pour la toilette et pour les repas. On se lèvera à neuf heures au plus tard. Le déjeuner suivra immédiatement. On pourra s’occuper de la parure jusqu’à onze, ou, si la toilette est plus tôt achevée, disposer de ce reste de temps à sa fantaisie, comme à visiter les unes les autres, à se promener, etc.)”. Cf. Idem, *Ibidem*, p.100.

primeiramente, de uma necessidade social,<sup>66</sup> seguida da certeza de que, transformando os prostíbulos em “casas públicas, bem administradas”, elas poderiam contribuir “para o restabelecimento da decência e da honestidade pública”.<sup>67</sup>

Assim, contrário a qualquer análise que tenda a ver o discurso pornográfico em linhas de continuidade, percebemos que, como no caso do discurso erótico, entre 1769 e as últimas décadas do século XIX, existem diferenças marcantes na composição desse discurso. Para Corbin, a partir de 1871 houve uma variação no tom do discurso regulamentador francês (ou seja, no discurso que buscava pensar a prostituição e as práticas sanitárias pela via da regulamentação e controle da profissão de prostituição) em virtude dos movimentos populares ocorridos entre março e maio daquele ano. O levante popular e a tomada de Paris, seguida da constituição do governo da Comuna apontaram para os grupos dirigentes o caráter imprevisível e ameaçador das massas. Mobilizaram-se, assim, discursos e práticas variadas que fossem capazes de conter e controlar essa nova entidade política.<sup>68</sup>

Se até 1871, o século XIX francês estava pautado num certo otimismo pelo progresso e pela capacidade do aperfeiçoamento social reformista, tal como apresentada por Parent-Duchâtelet, em 1836, em livro intitulado *De la prostitution dans la ville de Paris*, a partir daí, passa-se ao questionamento dos impactos das transformações socioeconômicas na vida francesa e, dado o posicionamento de

---

<sup>66</sup> “a prostituição é um mal necessário em todo lugar onde reine algum pudor, ela convém assim a todo o universo e em todos os séculos (la prostitution est un mal nécessaire partout où il règne quelque pudeur, j’en conviens avec tout l’univers et tous les siècles)”. RESTIF DE LA BRETONNE. *Le pornographe...*, 1769, p.66

<sup>67</sup> “on avoue la nécessité de tolérer les prostituées dans la capitale et les autres grandes villes d’un royaume. (...) On propose le remède [aux inconvénients inséparables de la prostitution para le règlement] (...). On y verra q’une maison publique, bien administrée, qui rassemblerait toutes ces malheureuses, le scandale de la société, pourrait (...) contribuer au rétablissement de la décence et de l’honnêteté publique”. RESTIF DE LA BRETONNE. *Le pornographe...*, 1769, p.52-53.

<sup>68</sup> CORBIN, A. *Les filles de noce*, p.37 passim.

manutenção das linhas gerais da sociedade, à constituição definitiva de estratégias novas de controle.

A fundação da Liga Francesa em prol da Restauração da Moralidade Pública (*Ligue Française pour le Relèvement de la Moralité Publique*, LRMP), em 1883, articulou-se como resposta às ameaças revolucionárias. A LRMP posicionava-se, de forma clara, contra a postura tolerante até então mantida pelo Estado diante da prostituição. Nessa década, várias associações em defesa da moralidade e de caráter antipornográfico uniram-se para compor um movimento internacionalista antipornográfico. Em março de 1905, realizou-se em Bordeaux o primeiro congresso antipornográfico com presença de mais de 3.500 pessoas na conferência principal. Em 1911, *Le bulletin d'informations antipornographiques* passou a ser o veículo internacional de divulgação de uma federação também internacional e voltada ao mesmo projeto.<sup>69</sup>

Os grupos conservadores argumentavam que o sistema de regulamentação era ineficaz, quando não corrupto. Se o início do século XIX havia apostado no controle sanitário da prostituição como meio promover a saúde pública e desestimular essa prática, o que se observava em 1876, segundo Sautter era o crescimento do número de prostitutas, mesmo observada a redução das casas de tolerância.<sup>70</sup> Essa denúncia, que também propunha a abolição da polícia dos costumes (*police des mœurs*), leva-nos a inferir que o sistema de controle feito pelo sistema de segurança era ineficiente em sua prática de controle, o que, provavelmente, revelaria a manutenção de certas conivências, já que as prostitutas e os lugares mais licenciosos constituíam um circuito interessante para

---

<sup>69</sup> Cf. LE NAOUR, J.-Y. Le mouvement antipornographique: la Ligue pour le relèvement de la moralité publique (1883-1946), *Histoire, économie et société*, p.386-387.

<sup>70</sup> Cf. SAUTTER, D. *L'état de la moralité publique*, 1876, p.27 et seq.

investigações sobre crimes e motins políticos.<sup>71</sup> Além disso, sabendo que no século XVIII era legal a cobrança de uma taxa de certos locais, como hospedagens, acreditamos que dificilmente que essa prática de prostituição seria abruptamente interrompida, ainda mais levando em consideração a regulamentação da profissão de prostituta. Como não investigamos o assunto, não temos informações sobre mudanças das práticas legais relacionadas a polícia dos costumes.<sup>72</sup>

As sociedades científicas e sanitárias também redimensionaram seu discurso, tanto incorporando preocupações reprodutivas, quanto buscando avaliar a degenerescência oriunda das práticas sexuais. Segundo Armand Desprès, das 30.000 prostitutas existentes em Paris, somente 3.700 estariam inscritas na polícia. Deste montante, 1.500 eram residentes em casas de tolerância e as demais, portadoras de carta que as capacita a trabalhar fora da reclusão. Constatava-se, assim, uma prática de consentimento dos homens do século XIX em se expor à sífilis e outras doenças venéreas.<sup>73</sup>

A Sociedade de Antropologia de Paris (Société d'Anthropologie de Paris) discutiu o assunto, em primeiro de março de 1877, a partir da investigação do impacto da prostituição regulamentada na constituição de núcleos familiares por casamento e, dos índices de fecundidade. Para Dunousset, o problema agravava-se em cidades de natureza comercial, centros manufatureiros e regiões portuárias. Nesses lugares, a “degradação social” resultava em problemas de grande impacto para o sistema econômico, bem como para a conformação social, já que o número de filhos bastardos também era grande. Para Lagneau, essa prática conduzia à esterilidade relativa, quando não atingia “prosperidade fisiológica de uma

---

<sup>71</sup> Cf. FARGE, A. *Dire et mal dire : l'opinion publique au XVIII<sup>e</sup> siècle*, p. 54.

<sup>72</sup> Cf. BENABOU, E.-M. *La prostitution et la police des mœurs au XVIII<sup>e</sup> siècle*, p.96 et seq.

<sup>73</sup> Cf. DESPRÉS, A. *La prostitution en France*, 1883, p. 173 e 178.

população”. Já Geniller achava essencial certa cautela, pois a “Bélgica, onde a regulamentação da prostituição é mais rigorosa, tem uma população bem considerável”, o que seria um argumento contraditório ao discurso mais aceito naquele momento e uma provocação a melhores estudos.<sup>74</sup>

Até mesmo os grupos e partidos políticos referiam-se à pornografia num sentido negativo, não mais reformista, apenas como forma de denúncia. Michel Pons, em 1885, promovia o Partido Realista, afirmando que o governo republicano vigente era incapaz de conter (senão promovia) a “maré imensa de pornografia” presente na sociedade, principalmente nos discursos criminosos da má literatura. O próprio regime iniciado em 1871, com Thiers, era denominado República Pornográfica. E, não bastasse isso, o tema da excrescência retornava à tópica pornográfica, como em Bricon, só que pela presença iconográfica: logo abaixo do título do segundo capítulo, *A república pornográfica*, havia a imagem de um porco comendo no cocho, seguido dos nomes de Taxil e Zola, ambos importantes intelectuais e críticos das condições políticas e sociais da França no fim do século XIX.<sup>75</sup>

Assim, contrários a quaisquer tentativas de reificar o discurso pornográfico, situando-o numa perspectiva unívoca, percebemos sua geração a partir do contexto iluminista e, pouco depois, uma inflexão semântica que delimitou um novo sentido ao gênero. De um discurso sanitário e de uma dimensão atrelada ao um desejo social de constituir recantos higiênicos, como apontava Restif de la Bretonne, a enunciação pornográfica gradualmente atrelou-se à uma dimensão imoral, suja, própria ao banimento e às esferas obscuras da

---

<sup>74</sup> DESPRÉS, A. Sur la prostitution réglementée et ses rapports avec la depopulation (séance du 1<sup>er</sup> Mars 1877), *Bulletins de la Société d'anthropologie de Paris*, p.158 passim.

<sup>75</sup> PONS, M. *La fin de la République : ses derniers moments*, 1885, p.15 passim. Ver anexo I.

sociedade. A pornografia e o pornográfico perderam a funcionalidade de assepsia do corpo social, tendendo a identificar-se com a própria excrescência.

As transformações econômicas, também, que redesenharam o cenário francês, principalmente a partir de 1852, são extremamente importantes para que se entenda a composição do universo de consumo e produção, ao qual a pornografia iria se inserir. Segundo Jean Bouvier, ainda que seja difícil precisar o grau do impacto das transformações sociais em relação ao aprofundamento da economia capitalista, do redesenho da atividade industrial e da reconfiguração dos espaços urbanos, não se pode excluir a emergência de uma nova “civilização industrial” a conformar as práticas sociais.<sup>76</sup>

Ao longo do século XIX e durante o século seguinte, o universo do consumo constituiu seus recantos de banimento em forma de mercadorias pornográficas, representações do corpo e de práticas corporais a serem compradas no mercado, segundo uma nova dinâmica de preocupações. Paulatinamente, abandonou-se na sociedade os vínculos entre valores da moral cristã e os objetos pornográficos. Quer como incentivo quer como desestímulo ao consumo, novos enunciados ajudavam a compor essas mercadorias, identificando-as com a degeneração física ou o universo dos desejos e a impossibilidade de contê-los completamente.<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> O conceito de civilização é utilizado por Bouvier como “maneira de fazer e de ser, de produzir e pensar, maneira de viver no grupo, em relação a outros indivíduos do grupo e de outros grupos” e o de novo, a partir de um contraponto à velha França, a do Antigo Regime, com sua economia e sociedade que, lentamente, entrou em declínio no fim do século XVIII e perdeu até meados do século seguinte. Cf. BOUVIER, J. *Le mouvement d'une civilisation nouvelle (1852-1914)*. In DUBY, G. (org.). *Histoire de la France des origines à nos jours*, p.812-813.

<sup>77</sup> Cf. FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*; Idem. *História da sexualidade, vol. 01: a vontade de saber*, p.51-71. Charles Taylor indica que o processo de desencantamento do mundo instaura no mundo tanto o esvaziamento do universo mágico e místico, quanto permite a composição de uma pluralidade de questionamentos sobre os processos morais e espirituais. Assim, secularização, em última instância, resultaria não na abolição do ponto de vista cristão, mas na validação de vários outros (Cf. TAYLOR, C. *A secular age*, p.20 et seq.). Tal ponto de vista provavelmente pode ser percebido mais eficazmente à vida da segunda metade do século XX, principalmente a partir dos anos 1960, quando os discursos de multiculturalismo ganham destaque.

Ao mesmo tempo, a composição de um universo de consumo novo significou o abandono de velhas tradições e posturas, o que foi visto, por alguns, como sinônimo de alienação do homem de si mesmo. O caso do esquecimento da obra de Gustave Droz, contemporâneo de Zola, é exemplar nesse sentido. Segundo *Les annales politiques et littéraires* do dia 27 de outubro de 1895, após a guerra com a Alemanha, o pintor e romancista entristeceu-se tanto pelo esquecimento que lhe foi progressivamente dado pela Academia, quanto pela emergência de novos talentos que compunham uma “corrente *pornográfica*”. Esse grupo era responsável pela edição de maus livros, de gravuras em jornais diários parisienses. E o pior, tinha seus autores honrados e condecorados,<sup>78</sup> numa espécie de abandono dos ideais de crítica ainda vigentes na França em 1871.

Por fim, talvez valha pensar, ainda, em que medida o discurso pornográfico, no decorrer do século XX, não retornou à lógica asséptica presente em Restif, ainda que de forma diversa, já que fazendo-a pela via estética. Segundo Jean-Claude Carrière, no cinema pornô, os atores usam de seus corpos de forma diferente da possibilidade real: o gozo é limpo, o suor está ausente, o contato sempre regulado pelo melhor ângulo. Desse modo, reproduzem para consumo os desejos, que podem ser adquiridos, inclusive, em aspectos aperfeiçoados.<sup>79</sup> Nas revistas, as fotografias revelam heróis, corpos milimétrica e artificialmente trabalhados. O retoque valoriza a curva, corrige a deformidade e transforma os modelos em mercadorias limpas e belas. As trocas de fluidos ficaram ausentes do

---

<sup>78</sup> “Gustave Droz ne se console jamais de cette échec, il fut pris d’un incurable décoragement; il cessa de produire, il jugea de loin, et non sans dédain, les éclosions des nouveaux talents. Il vit, ce que redoubla sa tristesse, se dessiner le courant ‘*pornographique*’ qui prit naissance à l’ancien *Gil Blas* et se repandit dans la presse. (...) chaque jour, il pouvait lire dans les premiers journaux de Paris des gravelures presque aussi fortes que celles que lui avait reprochées. Et les auteurs de ces contes, des ces nouvelles, de ces romans ordiers, étaient honores, décorés ; leurs rénomées grandissait”. *LES ANNALES politiques et littéraires*, Paris, 27.out.1895, p.262.

<sup>79</sup> Cf. CARRIÈRE, J.-C. *A linguagem secreta do cinema*.

universo obsceno, já que as mercadorias pornográficas frequentemente têm uso individual. O próprio sexo, por questões de saúde pública, veio a ser atravessado, pelo enunciado da segurança, por um sentido de assepsia que é dado pelos invólucros que isolam os órgãos sexuais dos parceiros, impedindo possíveis contaminações pelo fluido alheio. De certa forma (e talvez estejamos exagerando), a pornografia venha realizando também, quem sabe num grau até mais elevado que o erotismo, o processo de estetização da vida.

### 3.

Até agora delineamos o processo de transformação do regime discursivo obsceno francês, com especial atenção aos movimentos sociolinguísticos ocorridos em torno do limiar do século XVIII e nos desdobramentos que sucedem à Revolução Francesa. Segundo Paul Hazard, houve mudanças significativas na sociedade francesa nesse período, embora desde 1680 já viesse se aprofundando um lento processo de substituição de uma civilização fundada sobre a ideia de dever — os deveres a Deus e ao príncipe, principalmente — para outra, na qual a ancoragem social fosse dada pela concepção de direitos, como defendiam os “novos filósofos”.<sup>80</sup> Para Foucault e Koselleck, no fim do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX, as formas e práticas sociais já se apresentavam esgarçadas em seus sentidos e possibilidades de compreensão do mundo, o que resultou na composição de novas instituições na esfera epistemológica e na estrutura política.<sup>81</sup>

---

<sup>80</sup> A diferença entre o período compreendido entre 1680 e 1715 e o seguinte, que vai da morte de Luis XIV, em 1715, até a Revolução em 1789, reside no fenômeno de difusão de práticas e ideias durante o século XVIII. Em todo caso, o cenário da crítica já vinha se armando, nos círculos filosóficos, desde o fim do século XVII. Cf. HAZARD, P. *La crise de la conscience européenne, 1680-1715* ; Idem. *La pensée européenne au XVIII<sup>e</sup> siècle*.

<sup>81</sup> Cf. FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*; KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise*.

A Revolução Francesa, nesse sentido, mais que anunciar uma crise, põe-se como um ponto culminante de mudanças. Para Toqueville, 1789 emergiu como um momento condensador de eventos que só caberiam num processo que explicitava e tornava legal um movimento geral já delineado na sociedade.<sup>82</sup> Se, contudo, não se pode negar sua importância, isso reside, como afirma Arendt, nas possibilidades de recomposição do espaço político em novo reordenamento, principalmente após 1793, ou ainda, segundo Furet, pela capacidade que a Revolução apresentou em se criar como marco zero de uma nova constituição sociopolítica.<sup>83</sup>

A aposta na ruptura deve ser feita com cuidados no que tange a análise de processos sociolingüísticos. O regime discursivo obscuro foi sendo refeito, como já apontamos, a partir de relações sociais circunscritas histórica e socialmente, tanto por deslocamento de significados, quanto por uma transformação e criação de novos gêneros discursivos e fórmulas enunciativas.<sup>84</sup>

A inclusão da libertinagem como parte do universo erótico resultou em vários aspectos de um processo de transformação linguística, correspondendo a um movimento de adequação da linguagem e seus regimes discursos às novas necessidades, bem como revelando uma capacidade construtora do enunciado ao engendrar novas formas de perceber o mundo.

<sup>82</sup> Cf. TOCQUEVILLE, A. de. *L'Ancien Régime et la Révolution*.

<sup>83</sup> Cf. ARENDT, H. *Da revolução*; FURET, F. *L'Ancien Régime et la Revolution* (p.828-854). In *La Revolution Française*.

<sup>84</sup> Gumbrecht propõe o conceito de “cascatas da modernidade”, que prevê uma imbricação de processos históricos. Desse modo, ele analisa a emergência da modernidade a partir de um grupo de fatores e fases que se sobrepõem, sem que necessariamente um período seja ou ruptura ou continuidade do anterior, num movimento progressivo. Cf. GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*, p.09-32. Acorramo-nos também em Meillet, para quem os estudos de linguística atrelam-se à dinâmica histórica. Assim, sua compreensão da semântica não se mostra ligada a uma exposição seqüenciada de significados próprios a cada verbete numa série de eventos, mas sim num esforço de perceber os enunciados como partes de regimes discursivos próprios à sociedade em transformação. Desse modo, a noção de deslocamento de significados prende-se às pesquisas do que vem sendo chamado, desde a década de 1960, de sociolingüística. Cf. MEILLET, A. *Comment les mots changent des sens* (p.230-271). In *Linguistique historique et linguistique générale*; CALVET, L.-J. *La sociolinguistique*.

Em 1818, no *Dictionnaire des sciences médicales*, afirmava-se que o tema da libertinagem dizia respeito tanto à medicina moral quanto à filosofia, na medida em que, segundo o entendimento clínico, a propensão libertina, entendida no sentido de interferências no sistema nervoso em sua relação com os ardores sexuais, é mais frequente em animais da classe dos mamíferos. Sua constituição física — as fêmeas tem clitóris, os machos um pênis mais ou menos longo, o coito é feito com penetração, sendo a cópula prolongada e suscetível à estímulos nervosos — faziam-lhes mais propensos às “delícias do amor”. No caso da espécie humana, a grande quantidade de sangue nas regiões sexuais produziria uma disposição natural à libertinagem amorosa. Contudo, não se poderia apagar os aspectos socioculturais que interferem nos hábitos e práticas sexuais. No mundo moderno, por exemplo, o luxo, o comércio e o fluxo de estrangeiros tornaram os homens mais propensos ao desregramento, tornando a prática libertina relacionada ao processo de difusão de doenças pela Europa, como a sífilis.<sup>85</sup>

A libertinagem, vista a partir dessa ótica clínica, foi sujeita a um padrão de avaliação científico. Porém, ao admitir a interferência filosófica, acabou-se por dar ao conceito outra dimensão, de natureza moral. Segundo as novas concepções da vida, a libertinagem resultava de uma constituição fisiológica específica, que vinculava circulação sanguínea, capacidade respiratória, forma da genitália e tipo de cópula praticada pela espécie, tudo isso posto numa relação comparativa, que de certa forma corresponde à ideia de processo histórico. As noções de responsabilidades pelas gerações futuras e de interferência na longevidade dos homens associavam-se, por sua vez, à emergência dessas novas formas de

---

<sup>85</sup> Cf. LIBERTINAGE (verbetes). *DICTIONNAIRE des sciences médicales*, 1818, p.113 passim.

controle do corpo e da ideia, também nova, de que a economia de energia conduzia ao fortalecimento do corpo e seu contrário, o gasto excessivo de energia pela prática da libertinagem, produzia enfraquecimento. Poderíamos pensar em certo alinhamento dos discursos sobre libertinagem e sobre pornografia pela intermediação do saber médico, pois em ambos a noção de preservação do corpo e da espécie veio a ser uma tópica intrínseca ao conceito. A interferência do campo moral também foi marcante no que diz respeito à pornografia. Da dimensão científica, passava-se gradualmente ao campo social em suas implicações morais e éticas, bem como às novas formas de exercício do poder.

No século XVIII, o aspecto moral relacionado à libertinagem parecia obedecer ainda a outras dinâmicas. O desregramento de costumes e a intemperança (*la débauche*), para Farge e Foucault, vieram a ser de uso “corrente na pena dos escritores públicos”, revelando-se tanto “chave” quanto imprecisão que “parece resumir em si toda a falta sem jamais se fixar no sentido exato, no verdadeiro conteúdo”.<sup>86</sup> A identificação do libertino com alguém que vive obscenamente, em excessos, intemperança, num franco desrespeito ao costume, ganhou conformação na fala popular nesse momento, como atesta o pedido de uma *lettre de cachet*<sup>87</sup> para detenção de Marguerite Gobet, feito por Duchesne, funcionário do Procurador Geral do Parlamento de Paris. Segundo ele, o casal seguia vida tranquila, “sem nenhum dos conflitos que nascem ordinariamente ou da desinteligência ocasionada pelas diferenças de pensamento ou pela aversão causada pela libertinagem”. Isso mudou, entretanto, após curto tempo,

---

<sup>86</sup> “*Débauche*, voici le mot le plus employé, celui qui revient le plus souvent sous la plume des écrivains publics; mot clé; mot imprecise pourtant et que semble résumer en lui toute la faute du monde sans jamais s’attarder à en donner le sens exact, le véritable contenu.” FARGE, A.; FOUCAULT, M. *Le désordre des familles*, p.32.

<sup>87</sup> A *lettre de cachet* é um ato jurídico, vigente no Antigo Regime e que correspondia a uma carta com selo real, com a ordem de internar ou exilar um indivíduo. Nesse sentido, compunha-se como uma demonstração do poder do rei.

demonstrando sua esposa “uma disposição particular para a intemperança”, sendo “os excessos da boca e do vinho (...) a paixão dominante”. Mentirosa e dissimulada, ela se tornou “sem fé nem lei”, não tomando nada como sagrado, veio a ser desrespeitosa com todos.<sup>88</sup>

No caso das mulheres, o vocabulário de desregramento (*débauche*) ou libertino, presente nos pedidos de encarceramento, aparecia mais atenuado, demonstrando queixas de obscenidade um tanto moderadas se comparadas com as cartas sobre mulheres, o que supomos decorrer ou de certo pudor pessoal ou do escritor público ao relatar o caso. Além disso, como os pedidos se justificavam normalmente pela violência doméstica e bebedeiras (às vezes os jogos, outras, a frequência a cabarés etc.) e tendo em vista um moral e éticas masculinas no direcionamento das instituições jurídicas do século XVIII, o uso atenuado das formas enunciativas libertinas poderia ser uma boa estratégia para demonstrar submissão da mulher ao papel que lhe cabia e uma vida moralmente bem orientada, facultando assim, em troca, o direito ao pedido.<sup>89</sup> Nesse sentido, na queixa em que Jeane Catry, em 1728, pedia ao Rei o encarceramento de seu marido, Antoine Chevalier, dizia-se que alguns “traços de loucura”, decorrentes do “excesso e má conduta” eram encontrados em seu marido. Como isso aumentasse de ano em ano e passando ele a gastar tudo no cabaré, sem pensar nas

---

<sup>88</sup> “les premières années de son mariage on été assez calmes et paisibles, sans aucune de ces alterations qui naissent ordinairement ou de la mésintelligence occasionnée par le départ des facultes, ou de l’aversion causée para le libertinage. Mais cette tranquillité dont le suppliant a joui d’abord a été de courte durée (...) le suppliant ayant trouvé em elle [sa femme] une disposition toute particulière à la débauche (...). Les excès de la bouche et du vin étant devenus la passion dominante de cette femme (...). Fourbe et menteuse au dernier degré (...). Devenue sans fois ni loi, rien ne lui est sacré, elle ne connaît plus aucun joug de la Religion, étant sous ses pieds, il n’est pas étonnant qu’elle ne fasse aucun cas de celui de la maison et qu’elle ne respect personne”. DUCHESNE, transcrição Ars. Arch. Bastille 11994, fol. 178-183 (1758). In FARGE, A.; FOUCAULT, M. *Le désordre des familles*, p.76-77.

<sup>89</sup> Nada se encontra sobre referências explícitas às frequentes visitas às prostitutas e às complicadas relações extraconjugais tão comuns à experiência social do século XVIII. Cf. FARGE, A. *Dire et mal dire*; BENABOU, E.-M. *La prostitution et la police des mœurs au XVIII<sup>e</sup> siècle*.

necessidades familiares, ela vinha se reduzindo à “mendicidade”. Por isso e, por ter sido aconselhada por todos os vizinhos, não lhe sobrou alternativa senão pedir ao rei o auxílio.<sup>90</sup> Já Claude Jacob foi mais direta ao apontar os problemas morais de seu cônjuge, porém também não desenvolveu queixas que enfatizassem o aspecto libertino, como se um pudor a afastasse da prática. Ela dizia ter o marido “todas as espécies de excessos e desregramentos”, dissipando seus bens com seus companheiros, além de ser entregue à jogatina.<sup>91</sup>

Embora existam as nuances resultantes das transformações das estruturas sociais, nessa dimensão cotidiana, as falas populares do século XVIII já indicassem sentidos da libertinagem em proximidade com os valores morais e sexuais que lhe foram fixados no decorrer do século XIX e que perduraram no discurso. No *Dictionnaire de l'Académie Française*, edição de 1878, aparecia o registro de *libertino(a)* como palavra de função morfológica de adjetivo, significando desregramento dos costumes e dos hábitos. O termo servia ainda para referir-se às coisas em diversos sentidos, como contos libertinos ou vida libertina, ou, às crianças e aos jovens estudantes, para indicar alguém que negligencia seus deveres.<sup>92</sup> De um modo geral, a ideia de libertinagem ia se fixando como excesso, principalmente o sexual, embora, como vimos, isso resultasse de práticas sociais diversas.

<sup>90</sup> “il [Antoine Chevalier, épouse de la supplicante] a toujours donné quelques marques de folie qui ont augmenté d’année en année et que l’on attribuit seulement à sa débauche et mauvaise conduite, parce qu’il ne s’est jamais comporte en homme range, ayant toujours dépensé au cabaret tout ce qu’il gagnait sans avoir aucun soin de sa famille (...) la suppliante qui est une pauvre femme réduite à la mendicité par la conduite de son mari”. ANTOINE CHEVALIER, transcrição Ars. Arch. Bastille 11004, fol. 12(1728). In FARGE, A. FOUCAULT, M. *Le désordre des familles*, p.95.

<sup>91</sup> “il y a dix ans qu’elle a eu le malheur d’épouser ledit Varillon qui depuis ce temps s’est porté à toutes sortes de débauches, venant à dissiper tout son bien avec des compagnies de gens dérégés de sa sorte, jouant”. GERMAIN VARILLON, transcrição Ars. Arch. Bastille 11030, fol. 107(1728). In Idem, *Ibidem*,

<sup>92</sup> LIBERTIN, INE (verbe). *DICIONNAIRE de l'Académie Française*, 1878.

Se a ideia de libertinagem como excesso, principalmente o sexual, foi se fixando no discurso pelo uso mais cotidiano e pela transformação de certas práticas de controle do corpo, não podemos nos dispensar de apresentar de que houve um apagamento de sentidos, o que, também, contribuiu para a conformação do enunciado ao novo regime discursivo obsceno. O *Dictionnaire de l'Académie Française* apresentou uma referência a um uso caduco e antigo do termo libertino, com valor morfológico de substantivo e significando “quem fez profissão de não se sujeitar às leis da religião, quer por crença, quer por prática”: *os libertinos e os espíritos fortes*.<sup>93</sup> Nisso, há uma referência pontual a um sentido que somente pode ser compreendido processualmente.

Segundo Trousson, em 1477, a forma *libertiniens* apareceu em traduções da Bíblia, pelo uso presente em Paulo, nos Atos dos Apóstolos (VI, 9), ao se referir a *synagoga libertinorum*. Em 1523, a palavra francesa *libertins*, de origem latina, própria ao direito romano, foi empregada, na Bíblia (Atos dos Apóstolos, VI, 9), na tradução de Lefèvre d'Étapes, fazendo concorrência a *affranchi* (dar alforria a um escravo, libertar).<sup>94</sup> A partir dessa segunda forma, o termo ganhou conformação quando Calvino dirigiu-se aos heréticos, em 1544 e 1545, com os

<sup>93</sup> “Libertin, signifie encore, Qui a fait profession de ne point s’assujettir aux lois de la religion, soit pour la croyance, soit pour la pratique. En ce sens, qui a vielli, il ne s’employait guère que substantivement. *Les libertins et les esprits forts*”. LIBERTIN, INE (verbete). *DICIONNAIRE de l'Académie Française*, 1878.

<sup>94</sup> Cf. TROUSSON, R. Préface. In *ROMANS libertins du XVIII<sup>e</sup> siècle*, p.I-II. Henri Bousson afirma que durante a Idade Média a palavra *libertinus* tinha o mesmo uso que o termo *affranchi*. Porém, diferentemente do que normalmente aparece em estudos sobre libertinagem, ele entende como erro compreender uma origem bíblica para a palavra, derivando-a de *synagoga Libertorum*. Cf. BUSSON, H. Les noms des incrédules au XVI<sup>e</sup> siècle, *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, p.281. Para Jean Wirth, a palavra libertino já existia, no sentido moderno, antes de Calvino, embora seu uso fosse restrito. Uma canção do início do século XIII conteria os seguintes versos “*Primo pro nummata vini: / ex hac bibunt libertini / Semel bibunt por captivis...*”. O sentido da palavra seria traduzido por *débauchés*, que se relaciona aos excessos, aos derragamentos. Porém, seria incorporado ao universo parisiense, freqüentado por Calvino no começo do século XVI. Além disso, para o historiador, Calvino usaria o termo numa relação de comparação com os goliardos, hereges medievais a quem se vinculavam essa e outras canções desavergonhadas e festejadoras da vida e prazeres terrenos. Cf. WIRTH, J. “Libertins” et “Épicuriens”: aspects de l’irréligion au XVI<sup>e</sup> siècle, *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, p.601-605.

tratados *Brieve instruction pour armer tous bons fideles contre les erreurs de la secte commune des Anabaptistes* e *Contre la secte phantastique et furieuse des Libertins qui se nomment spirituelz*, para refutar-lhes um conjunto de ideias e doutrinas.<sup>95</sup> Conforme sua afirmação em 1545, dentre todas as heresias, os libertinos eram os mais perniciosos, já que eles constituíam a felicidade em prazeres carnis, blasfemavam de tudo, negavam o mal no mundo (por defenderem que tudo provinha de Deus) etc.<sup>96</sup> Em 1547, advertindo os fieis, Calvino afirmava ainda ser comum a “todos os libertinos (...) divertir-se com a Escritura Sagrada, transfigurando-a a seu prazer por loucas alegorias, o que não é outra coisa que falsificar o seu sentido natural”. Além disso, dando livre curso à imaginação, faziam a Escritura “servir a tudo” que pensam,<sup>97</sup> num indício de que, para Calvino, os libertinos eram vistos num plano intelectual e moral, o que justificava sua ação de combate teológico e a denúncia do desregramento nos hábitos de vida.

Entretanto, o aspecto mais importante do conflito que ronda a definição de libertinagem nesse nascimento do mundo moderno não reside em cada ponto de

---

<sup>95</sup> Segundo Trousson, o termo libertino seria aplicado aos anabatistas. Cf. TROUSSON, R. Préface. In *ROMANS libertins du XVIII<sup>e</sup> siècle*, p.II. Wirth afirma que Calvino diferencia os libertinos dos anabatistas. Uma leitura atenta do tratado de Calvino, datado de 1545, dá razão a Wirth, já que, apesar de Calvino dizer a princípio que escrevia “contra todas as falsas opiniões e erros dos Anabatistas (contre toutes les faulses opinions et erreurs des Anabaptistes)”, logo abaixo ele descarta a possibilidade de tratar desse “abismo (abyrne)” de forma definitiva. Daí a necessidade de agrupar as heresias em dois grupos: o primeiro, dos Anabatistas, que tem muitas doutrinas errôneas, porém são mais simples e crentes na Bíblia; e o segundo, dos libertinos ditos espirituais, de natureza perversa, complexa e fantasiosa. Ele acaba dedicando o tratado de 1444 ao primeiro grupo e o de 1445, ao segundo. Cf. CALVIN, J. *Brieve instruction pour armer tous bons fideles contre les erreurs de la secte commune des Anabaptistes*, 1444. In *Opera quae supersunt omnia*, p.53.

<sup>96</sup> Cf. CALVIN, J. *Contre la secte phantastique et furieuse des Libertins qui se nomment spirituelz*, 1545. in *Ibidem*, p.153 passim.

<sup>97</sup> “Premièrement, il y a ce qu’on commun tous les libertines, de se jouer de l’Écriture sainte, la transfigurant à son plaisir par folles allegories, qui n’est autre chose qui falsifier le sens naturel d’icelle. Suivant cela, il forme des reveries innumérables, et puis déguise imprudemment l’Écriture, pour la faire servir à tout ce qu’il a songé”. Idem. *Contre un Franciscan, sectateur des erreurs des libertins*. Genève, 20 août 1547. in *Œuvres françoises de Jean Calvin recueillis pour la première fois, precedes de sa vie par Théodore de Bèze et d’une notice bibliografique par P. L. Jacob*, p.294.

divergência teológica. É consenso entre os historiadores que tanto a libertinagem quanto as denúncias de ateísmo, no século XVI, somente podem ser percebidas pela ótica da cisão religiosa. É essa ruptura que teria conduzido à emergência de discursos que provavelmente, até então, existiam nos subterrâneos na sociedade europeia.<sup>98</sup>

No começo do século XVII, O Padre Garasse identificou a libertinagem como um dos problemas resultantes do ateísmo. Usando da mesma estratégia de Calvino, propôs-se uma aproximação cautelosa do tema, à contragosto, alegando uma grande necessidade e uma obrigação pública de esclarecer alguns pontos. Para P. Garasse, tudo decorria da corrupção de seu século, marcado pelo luxo e sua influência no enfraquecimento moral dos homens, conduzindo-os ao vício e à libertinagem. Os libertinos, essa espécie de ateus epicuristas, que tomavam o ventre pelo coração e sentiam os prazeres no corpo, eram hipócritas e ímpios.<sup>99</sup>

Fixado o debate em torno da ideia da descrença, da cisão religiosa, da razão que se opõe à fé, Calvino e Padre Garasse compuseram a tópica da libertinagem pela noção de dissimulação dos pensamentos — em ambos traduzida pela ideia de hipocrisia —, pela descrença no sobrenatural e a valorização dos prazeres e excessos terrenos, pelo uso equivocado da razão etc. Embora se atacassem em outros momentos, ambos viam que os inimigos libertinos eram de outra natureza, portadores de astúcia e capazes de perverter as Escrituras de uma forma específica, o que os conduzia a não se identificarem nem com os católicos

---

<sup>98</sup> Cf. TENENTI, A. Milieu XVI<sup>e</sup> siècle, début XVII<sup>e</sup> siècle, libertinisme et hérésie, *Annales Économies, Sociétés, Civilisations*, p.01-19; MARCHAL-ALBERT, L. Le glaive de la parole, *Contextes*; TROUSSON, R. Préface. In *ROMANS libertins du XVIII<sup>e</sup> siècle*, p. I-II.

<sup>99</sup> Cf. GARASSUS, P. F. *La somme theologique des veritez capitales de la religion chrestienne*, tome I, p.6 passim.

nem com os calvinistas. Chegavam mesmo à descrença,<sup>100</sup> embora, como afirma Febvre, isso não resultasse no mesmo sentido que teria dois séculos depois.<sup>101</sup>

De todo modo, o resultado é a composição de uma identidade segundo um olhar externo e pautado por uma lógica de crítica e oposição. Isso ajuda-nos a entender certos traços das análises de René Pintard e Antoine Adam. Em ambos, principalmente em Pintard, o círculo dos libertinos eruditos, composto por La Mothe Le Vayer, Pierre Gassendi, Gabriel Naudé e outros, manteve um caráter dúbio quanto a suas posições políticas e filosóficas, já que aspiravam à liberdade basicamente num exercício interior, o lhes permitia um posicionamento conservador e obediente ao rei diante do grande público e, dentro de seu círculo, uma postura crítica e independente.<sup>102</sup> Mesmo que isso não deixe de constituir uma ética, esse caráter tendeu a ser visto também como um registro de hipocrisia que cabia a esses livres pensadores e, somente pode ser compreendido a partir de uma dinâmica que contemple, no processo de conformação da libertinagem, os conflitos políticos e religiosos que dividiam a França nos séculos XVI e XVII.

Se no século XVII, com Luís XIV, a França já havia consolidado o poder político e ultrapassado as guerras religiosas, na primeira metade do século, o debate apresentava-se de outra maneira. Desde a proclamação do Édito de Nantes, a tensão vinha sendo uma força crescente na região, já que o tratado de 1598 estabelecia relações de coexistência das duas religiões no reino, sem necessariamente produzir uma prática ou legalidade do sistema de tolerância. Para Garrison, 1598 produziu um efeito amplo na medida em que apresentou soluções

---

<sup>100</sup> Segundo P. Garasse, havia cinco espécies de ateísmo, dentre as quais a libertinagem ocupava a segunda posição. Cf GARASSUS, P. F. *La somme theologique des veritez capitales de la religion chrestienne*, tome I, p.44.

<sup>101</sup> Cf. FEBVRE, L. *Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle*.

<sup>102</sup> Cf. ADAM, Antoine. *Les libertins au XVII<sup>e</sup> siècle*, p.07-31 ; PINTARD, R. *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVII<sup>e</sup> siècle*.

mais permanentes aos conflitos vivenciados pela sociedade francesa desde a noite de São Bartolomeu, em 1572. Contudo, o édito não pacificou a sociedade, já que apenas criou contradições internas pela coexistência de núcleos protestantes na França.<sup>103</sup>

A sociabilidade calvinista, principalmente depois de 1572, pautou-se pela construção de núcleos comunitários dentro dos quais os indivíduos estavam livres para o exercício de sua crença. Essas organizações constituíram-se como centros políticos, por estabelecerem assembleias para a discussão dos problemas específicos da vida ordinária. O resultado, principalmente a partir do Édito de Nantes, foi a legitimação, ainda que sob constante vigilância e ameaça, de um poder reformado dentro de regiões da França, o que preocupava o Parlamento localizado em Paris. Embora não houvesse um conflito constante e aberto, a partir de 1598, a vigilância do poder central em Paris fazia-se sentir pelo controle das assembleias e congressos.

Nas décadas de 1610 e 1620, Luís XIII teve que percorrer o sul da França, com atenção especial a vilas como Montauban, Montpellier, Aix, Marseille, La Rochelle e outras que resistiam por motivos religiosos ao poder real. O exercício da força bélica e a submissão dos súditos pela demonstração simbólica do poder foram práticas constantes para reforçar a vitória real sob as dissidências. Assim, foram constantes tanto as entradas triunfantes do monarca, quanto a circulação de poemas e panfletos anunciando a misericórdia do monarca ao perdoar os

---

<sup>103</sup> Cf. GARISSON, J. *L'Édit de Nantes et sa révocation*, 13 et seq.

súditos.<sup>104</sup> Em um panfleto de 1622, intitulado *L'enfer de l'avocat de Montauban*, as disputas no reino eram apresentadas de forma mítica e os libertinos, um grupo a quem o rei deveria iluminar.<sup>105</sup> A libertinagem, desse modo, ainda se apresentava mais explicitamente em divergência ao poder central, o que, a partir de 1643, com a ascensão de Luís XIV, constituiria exceção.

A partir de Luís XIV, a libertinagem seria vista na periferia do poder, em conformidade com a posição era-lhes possível ocupar, já que a consolidação do poder político absolutista fez-se acompanhar do esvaziamento da esfera pública, sob o domínio do monarca, e a manutenção de espaços de liberdade nos espaços privados.<sup>106</sup> Entretanto, a constituição de complexo sistema de sociabilidade na corte permitiu que os conflitos e dissidências não fossem nem completamente apagados nem excluídos da esfera pública, como demonstrou Molière em *Le Tartuffe*, em 1664. Na verdade, a prática de negociação e a sociabilidade galante atrelaram-se num jogo que, durante o século XVIII, pareceu moldar o discurso libertino por uma ideia de superficialidade, que, em diversos momentos, não encontra suporte. Parece-nos que atrelada à lógica nobiliária e à estrutura social marcada pela honra, a libertinagem pressupôs, na medida em que se constituía a centralidade do poder francês, um jogo em que os costumes eram postos à prova pelo exercício das paixões e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de discursar publicamente, desde que com a cautela do dizer e com a palavra dita como um Tartuffe (ou um hipócrita).

---

<sup>104</sup> Canova-Green discute as entradas triunfantes de Luís XIII nas cidades do sudeste francês, nesse período, e como o aspecto simbólico foi importante para submeter os revoltosos. Cf. CANOVA-GREEN, M.-C. *Revolte et imaginaire: le Voyage de Louis XIII en Provence (1622), XII<sup>e</sup> siècle*, p.429-439. Sandberg se detém sobre os discursos dos súditos, mostrando as estratégias de católicos e calvinistas para discordarem do rei sem incorrer em crime. Cf. SANDBERG, B. “Se couvrant toujours... du nom du Roi”, *perceptions nobiliaires de la revolte dans le sud-ouest de la France, 1610-1635, Histoire, économie et société*, p.423-440.

<sup>105</sup> Cf. *L'ENFER de l'avocat de Montauban*, 1622, p.5-6.

<sup>106</sup> Cf. KOSELLECK, R. *Crítica e crise*.

O esvaziamento do sentido político e filosófico da enunciação libertina, durante o século XVIII e, principalmente, no decorrer do século seguinte, poderia ser visto a partir da compreensão da própria plasticidade dessa ética (um *savoir-vivre*, segundo Michel Delon) em que a honra e a vida nobiliária, as disputas políticas, os debates filosóficos (tantas vezes acusados de ceticismo) e a defesa de uma vida terrena misturavam-se, comportando uma diversidade de opiniões e posturas sociais.<sup>107</sup> Porém, entendemos que não se restringe a isso, devendo ser explicado também pela imagem negativa que a Revolução criaria da corte e do Antigo Regime, bem como da própria ação dos intelectuais, principalmente críticos e historiadores da literatura francesa, que no século XIX, refizeram a enunciação libertina a partir de um contraponto à cultura clássica.

Nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX, alguns intelectuais, como Pierre-Antoine Brun, François Tommy Perrens e Frédéric Lachèvre, cunharam os instrumentos conceituais que, de certa forma, se mantiveram como referência para a análise de um conjunto de pensadores modernos, dentre os quais Cyrano de Bergerac, Gabriel Naudé, La Mothe de la Vayer, Charles Sorel e outros.<sup>108</sup> A categoria de libertinagem foi constituída por esses textos em contraponto à literatura clássica, que era tida como padrão de escritura, linguagem e modelo moral de obediência cívica ao poder soberano. Nesse sentido, articulando-se em oposição à imagem do Grande Século (*Grand Siècle*),<sup>109</sup> posto como marco do poder político e da grandiosidade francesas, a libertinagem e o libertino mostravam-se como o aspecto obscuro da sociedade

<sup>107</sup> Cf. DELON, M. *Le savoir-vivre libertin*.

<sup>108</sup> Em 1943, René Pintard publicou *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVII<sup>e</sup> siècle* (reeditado em 1983, pela editora Slaktine). Seu texto foi incorporado de tal maneira a essa tradição de pesquisa, que acabou por constituir junto com os escritos de Antoine Adam (publicados posteriormente, na década de 1980) as leituras iniciais das pesquisas sobre libertinagem.

<sup>109</sup> Referência ao século XVII, que correspondeu a um período de prosperidade econômica, política e cultural. Após o fim das guerras religiosas e, principalmente, com a ascensão de Luis XIV em 1643, a França acabou se constituindo como modelo de civilização para a Europa.

francesa, sendo-lhe mesmo uma anedota ou um traço grotesco ao gosto romântico.<sup>110</sup>

Um balanço final do processo de constituição da libertinagem revela, assim, que, por um lado, tendeu-se historicamente a destacar os sentidos da libertinagem segundo os ditames morais negativos estabelecidos pela crítica do século XVI. Por outro, a constituição da libertinagem como uma ética de vida, acabou por conduzir, na palavra ordinária, ao esvaziamento dos sentidos políticos e filosóficos próprios ao enunciado. Nos dois casos, os laços estreitos entre a sociabilidade do Antigo Regime com o enunciado levam-nos a concluir que, após o fim das estruturas sociais estamentais e ancoradas no valor de honra, dificilmente pode-se pensar a libertinagem senão no sentido vulgar e cotidiano que as massas lhe deram a partir do século XVIII.

---

<sup>110</sup> Cf. CAVAILLÉ, J.-P. Pourquoi les libertines ne sont pas classiques: réflexion critique sur la naissance d'une catégorie historiographique à partir des ouvrages de Pierre Brun, *XVII<sup>e</sup> siècle*, p.381-97; Idem. Les libertins l'envers du Grand Siècle, *Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, p.11-37.

## Capítulo 2 Múltiplos Sades

Em 1789, a própria noção de revolução havia sofrido uma irrevogável inflexão, num prenúncio ou sintoma de outras tantas variações a que já se assistia. Da referência ao movimento dos planetas, o anúncio da tomada da Bastilha em 14 de julho apenas aproveitava a noção do inexorável, do movimento incapaz de ser contido. Aplicando o termo do mundo natural ao universo político, abriam-se as portas para o inesperado: não apenas o uso da ideia de revolução dava-se em outro contexto; revelava-se mesmo uma nova noção de história pautada pela impossibilidade de conter e prever o movimento e os rumos da política a partir daí.<sup>1</sup>

Apesar de o ambiente de transformações já estar praticamente anunciado entre 1680 e 1715, sendo necessária basicamente uma maior difusão de novos saberes para que se desenrolassem as novas instituições sociais,<sup>2</sup> somente com a emergência da revolução a partir de 1789 houve uma inflexão das posturas sociais, inclusive pela recomposição do poder e das esferas de governabilidade em um novo processo que, ao longo do século XVIII, havia se tornado cada vez mais suscetível aos movimentos vivenciados na rua. Se nem tudo podia ser reduzido ao “disse me disse” das ruas, da imprensa e das salas de espetáculos, as falas públicas

---

<sup>1</sup> Cf. ARENDT, H. *Da revolução*, p.17-46.

<sup>2</sup> Cf. HAZARD, P. *La pensée européenne au XVIII<sup>e</sup> siècle*, p.07.

ganhavam destaque na composição do poder político e no sentido social dos discursos. Elas acabaram se impondo como parte do processo, até mesmo em práticas efetivas de constituição de espaços institucionais.<sup>3</sup>

As linhas gerais das relações entre as esferas do poder transformaram-se bastante ao longo da segunda metade do século XVIII e, como já indicamos, os processos discursivos relacionados ao corpo e suas formas de instituir relações políticas e sociais ganharam nova importância. A literatura de caráter libertino recompôs-se de diversas formas, dentre elas tornando-se um veículo de questionamento dos costumes e das práticas políticas, numa clara conexão entre ela e a Revolução.<sup>4</sup>

Embora Sade não fugisse à dinâmica dos processos discursivos relacionados ao corpo e ao esgotamento da libertinagem como *modus vivendi* em uma relação direta com um gênero específico de discurso, ele não se reduzia a ela. Ao produzir interpretações bastante particulares e ousadas a respeito da crise política e social vivenciada pela França de então, ele acabou participando de uma teia de diálogos na qual tanto se evidenciou a história de Donatien Alphonse François de Sade quanto de seu duplo, o Marquês de Sade, constituído como herói mítico ou lendário, marcado historicamente por uma dinâmica própria e com variações de faces diabólicas e santificadas. Entender os embates específicos travados pelo pensador e os processos de releitura que foram agregados ao seu

<sup>3</sup> A análise de Farge é interessante porque retoma as afirmações clássicas de Habermas e, a partir delas, busca analisar de forma mais minuciosa a relação da rua com as esferas políticas institucionalmente localizadas no Estado, na França, ao longo do século XVIII. Nesse sentido, o esforço teórico aparece associado a uma pesquisa documental que evidencia curvas de tendência dessa interrelação ao longo desse século. Cf. FARGE, A. *Dire et mal dire*.

<sup>4</sup> As análises de Darnton foram extremamente importantes para os estudos históricos, ao repensar a dinâmica difusora das ideias revolucionárias ao longo do século XVIII, embora, como discutiremos adiante, entendemos haver ressalvas à sua prática historiográfica (cf. p.100 et seq.). Lynn Hunt também vem se destacando por agregar estudos que relacionam as imagens do corpo e as práticas políticas. Cf. DARTON, R. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*; HUNT, L. A pornografia e a Revolução Francesa. In HUNT, L. (org.). *A invenção da pornografia*, p.239 et seq.

discurso posteriormente,<sup>5</sup> o que resultou em novos conflitos, torna-se, nesse sentido, necessário. Sem isso, a leitura dos textos de Sade ficaria comprometida, por desconsiderar o processo sociocrítico da construção das imagens de Sade que emergiram diacrônica e sincronicamente desde a segunda metade do século XVIII.

### 1.

Em 1791, provavelmente na segunda metade do ano, *Justine* foi publicada na França e, embora o romance não indicasse a autoria, acreditou-se tratar do Marquês de Sade. Por se tratar de texto de estreia do autor, parece-nos um tanto surpreendente que lhe suspeitassem da autoria.

A relação dos leitores com o universo literário, no século XVIII, era diferente daquela que acabou se afirmando como prática social a partir do século XIX. Em virtude das dificuldades de autorização real e tendo em vista as penalidades que podiam sofrer os autores ilegais, ou seja, aqueles que publicavam sem a devida autorização régia, os textos impressos circulavam em convívio com cópias manuscritas. Os leitores acessavam constantemente autores por meio dessas cópias, inclusive produzindo versões diferentes do mesmo texto pela prática que intelectuais tinham de reescrever alguns romances pela simples alteração de alguns detalhes. Se isso implica num processo de reinscrição que, para nós, corresponde a uma coautoria ou, legalmente, na incorrência em crime de

---

<sup>5</sup> Percebemos os textos por meio da autorregulação instituída pelo autor, das interferências e leituras sociais que lhe são contemporâneas, bem como dos processos de recomposição de sentido que a ele se agregam em outros momentos. Isso torna dinâmica a leitura textual, já que ela comporta um diálogo com o presente e um processo que vai se agregando a emergência inicial até mesmo para alterar-lhe o sentido. Cf. LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor*.

plágio, naquele momento, esses atos eram significados mais como uma prática para a reprodução do texto e a difusão das ideias nele contidas.<sup>6</sup>

O caso do conhecimento público da escritura de Sade, mesmo tendo em vista essa prática que autorizaria pensar em outras formas de circulação de seus textos, não é facilmente explicável. Seus projetos escriturários até 1791 apresentavam marcas de inacabamento, como é o caso de *Le voyage d'Italie*, cuja escrita foi iniciada em 1775 e abandonada mais ou menos quatro anos depois, e do *Portefeuille d'un homme de lettres* cujos textos foram escritos principalmente entre 1787 e 1788, e revisados a partir de 1803, mas sem ganhar versões definitivas pela publicação.<sup>7</sup> *Les cent vingt journées de Sodome*, provavelmente o texto ao qual Restif de la Bretonne faz referência por *La théorie du libertinage*,<sup>8</sup> desapareceu com outros documentos e escritos em decorrência da transferência apressada de Sade da Bastilha para Charenton em 2 de julho de 1789 e da tomada dessa prisão doze dias depois. O inacabamento, neste caso, poderia ser visto como resultado do acaso e, segundo Sade, da morosidade de Renée-Pélagie, sua esposa, em buscar seus pertences na prisão.<sup>9</sup>

Apesar de ter cultivado o desejo de tornar-se uma figura intelectual pública, em semelhança a Montesquieu,<sup>10</sup> sua visibilidade inicialmente obedeceu

<sup>6</sup> Cf. ALBERTAN-COPPOLA, S. La littérature philosophique clandestine au XVIII<sup>e</sup> siècle: orientations de la recherche (notes critiques), *Revue de l'histoire des religions*, p.357-358.

<sup>7</sup> Cf. LEVER, M. Introduction. Le Marquis de Sade et l'Italie. In SADE. *Le voyage d'Italie*, p.05-38; LE BRUN, Annie, PAUVERT, Jean-Jacques. Notice bibliographique. In SADE. *Œuvres complètes du Marquis de Sade*, tome II, p.09-18.

<sup>8</sup> Cf. RESTIF DE LA BRETONNE. *L'anti-Justine ou Les délices de l'amour*, 1798. In RESTIF DE LA BRETONNE. *Œuvres érotique de Restif de la Bretonne*, p.

<sup>9</sup> Cf. DELON, M. Les cent vingt journées de Sodome ou l'école du libertinage. Notice. In SADE. *Œuvres*, tome 1, p.1123 et seq.

<sup>10</sup> Segundo Lever, os nobres não eram intelectuais de profissão e assumir essa postura significava muitos riscos. O Conde de Sade, pai de Donatien, teve uma vasta produção intelectual. Entretanto, diferentemente do filho, contentou-se com o caráter diletante e manteve-se distante de qualquer forma de publicidade editorial. Cf. LEVER, M. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p.36.

outra lógica, afirmando-se paulatinamente em decorrência dos escândalos a ele associados.

Em outubro de 1763, cinco meses depois de ter se casado, Sade contratou os serviços sexuais de Jeanne Testard, que o denuncia por ameaças e violência durante o ato sexual, seguida de blasfêmias e ultraje ao crucifixo. Após a denúncia de Testard, o caso teve alguma repercussão, mas não se tornou um escândalo público em virtude das manobras e favores obtidos por Mme de Montreuil. Dado o sigilo, pôde-se pleitear para o réu penalidades brandas, embora, para a polícia, o evento tenha servido como um sobreaviso das práticas do Marquês, principalmente porque, como afirma Lever, era notório as tendências libertinas do jovem Donatien de Sade.<sup>11</sup>

Em abril de 1768, domingo de Páscoa, o Marquês de Sade convidou Rose Keller para acompanhá-lo. Essa, após ter saído da missa, mendigava próximo à igreja de Arcueil. Ele prometeu dar-lhe algum dinheiro caso ela o seguisse. Em casa, com a ajuda de seu valete, Langlois, ele terminou por fustigar Keller, fazendo-lhe incisões nas quais eram aplicadas doses de um unguento. Tão logo Keller escapou do local onde havia sido fustigada por Sade, deparou-se, na Rua de la Fontaine, vila de Arcueil, com três camponesas que, tendo-a escutado, examinaram-lhe as feridas e conduziram-na ao procurador de justiça, a quem foi feita a denúncia.<sup>12</sup> Dessa feita, o caso ganhava forma judicial ao mesmo tempo em que corria como burburinho popular.

Com Jeanne Testard, em 1763, Donatien havia assumido práticas blasfemas envolvendo símbolos sagrados. Segundo a depoente, o indivíduo havia lhe perguntado “se ela tinha religião e cria em Deus, em Jesus Cristo e na

---

<sup>11</sup> Cf. LEVER, M. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p.128 et seq.; Em Lely, podem ser encontradas cópias dos autos do processo. Cf. LEVY, G. *Vie du Marquis de Sade*, p.74 et seq.

<sup>12</sup> Cf. LEVER, M. op. cit., p.124.

Virgem”. Respondida afirmativamente a pergunta, houve réplica com “injúrias e blasfêmias horríveis” e a negação da existência de Deus, que foi provada por ato de masturbação e de gozo num cálice sagrado.<sup>13</sup> Também houve uma queixa de blasfêmia em 1768, pois Keller implorou por sua vida afirmando que não tinha terminado de cumprir o ritual pascoal, ao que o Donatien respondeu, ironicamente, com uma oferta de servir-lhe como confessor.<sup>14</sup>

A diferença entre os dois eventos pode, ao fim, ser reduzida às formas segundo as quais eles foram recepcionados pelo público. No caso de Rose Keller, foi impossível, a exemplo do que havia sido feito em 1763, controlar a interferência da opinião pública na condução das investigações e do processo em virtude de a notícia ter passado da rua ao inspetor de polícia e daí em diante, seguido rumos inesperados. Segundo a carta de Mme de Saint-Germand ao tio de Sade, o público levantou-se em ódio em virtude do deboche do Marquês de Sade por festividade tão sagrada.<sup>15</sup> Já Mme du Deffand, ao escrever para Horace Walpole, aristocrata e romancista inglês, afirmou que Sade dizia ter usado um unguento sobre o corpo flagelado de Keller e que esse carrasco não entendia serem seus atos cruéis por ver o episódio como um experimento científico capaz de beneficiar a humanidade. O *Recueil d'anecdotes littéraires et politiques*, por sua vez, dizia ser Donatien um louco.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> “il lui [a Jeanne Testard] a d’abord demandé si elle avoit de la religion, et si elle croyait en Dieu, en Jesus Christ et a la Vierge; a quoy elle a fait reponse qu’elle y croyoit, et qu’elle suivoit autant qu’elle le pouvoit la Religion Chrétienne dans laquelle elle avoit été élevée. A quoy le Particulier a répliqué par des injures et des blasphemes horribles, en disant qu’il n’y avoit point de Dieu, qu’il en avoit fait l’épreuve, qu’il s’etoit manualisé jusqu’à pollution dans un cálice qu’il avoit eu pendant deux heures a as disposition dans une chapelle, que J. C. etoit un J.f. et la Vierge une B...” DÉPOSITION DE JEANNE TESTARD. In LELY, G. op. cit., p.76.

<sup>14</sup> Cf. LEVY, G. *Vie du Marquis de Sade*, p.124.

<sup>15</sup> “La haine publique est poussée contre lui au-delà de toute expression. Jugez-en vous même; on veut qu’il ait fait cette folle flagellation en dérision de la Passion. [...] Il est victime de la férocité publique” (18 de abril de 1768). Apud Idem. *Ibidem*, p.123.

<sup>16</sup> Cf. LEVER, M. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p.176 passim.

Os eventos de 1768, reforçados posteriormente pelos ocorridos nos dias 27 e 28 de junho de 1772, em Marseille, quando Sade, com seu valete Latour, envolveu-se em um episódio de sodomia, sexo com quatro camponesas e envenenamento,<sup>17</sup> permitiam a emergência de uma nova percepção social do nome de Sade.

Ao defender publicamente seu gosto libertino, mesmo com o risco do escândalo, Donatien terminou por se constituir em uma figura marcante. Desde o caso Jeanne Testard em 1763, o inspetor de polícia Louis Marais manteve constante vigilância sobre Sade. Em 1768, ao perder o apoio de sua sogra, que havia impedido o escândalo público e auxiliado na obtenção de privilégios durante o processo de 1763, Sade acabou exposto publicamente, o que teria ajudado na constituição de práticas e posturas de controle sobre ele. Se a polícia operava com seus métodos, a família Montreuil, por sua vez, colaborava pela disposição que tinha em evitar maiores escândalos.<sup>18</sup>

Além disso, como afirma Françoise Laagaut-Traut, se até então Donatien de Sade vivia sob certo anonimato, a partir de 1772 ocorre uma inflexão na composição de uma imagem do Marquês de Sade. Quando os eventos envolvendo Keller tornaram-se públicos, diversas opiniões e juízos foram produzidos sobre Donatien de Sade, tornando-o um personagem conhecido na França.<sup>19</sup> Para Maurice Lever, a opinião pública foi uma terceira personagem do processo de Arcueil e sua atuação evidenciou que determinados grupos emergentes demandavam o fim dos privilégios nobiliários, principalmente quando eles se

---

<sup>17</sup> O julgamento teve como veredito a pena de morte por sodomia. Tanto Sade quanto Latour foram executados em efígie, em Aix, no dia 12 de setembro de 1772, já que haviam fugido para a Itália por medo do resultado do processo judicial. Cf. . LEVER, M. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p.201-220; LELY, G *Vie du Marquis de Sade*, p.170-183.

<sup>18</sup> Cf. LEVER, M. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p.212 et seq. Darnton analisa as formas de produção, circulação e o sistema policial de controle sobre os textos ilegais, cf. DARNTON, R. *Os Best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*.

<sup>19</sup> Cf. LAAGAUT-TRAUT, F. *Lectures de Sade*, p.20 et seq.

traduziam em impunidade judicial. É justamente a repercussão que conduziu o Parlamento a dar atenção especial à denúncia, numa ação muito menos preocupada com o crime e mais disposta a mostrar que a condição nobiliária não era mais uma garantia simples de impunidade. O momento político era delicado e o Estado precisava punir para demonstrar, exemplarmente, sua capacidade de responder às novas questões sociais.<sup>20</sup> Como afirmou Mme de Montreuil em carta ao tio de Sade, os eventos de 1772 foram vistos como “um ato de loucura ou de libertinagem que ela não poderia desculpar”. Sua petição, assim como de vários grupos burgueses, era que os crimes de nobres fossem vistos como atos racionais, sem que houvesse relações de contato entre a loucura, traduzida em insanidade mental e imperfeição, mas também comunicante, já que aberta à percepção de outras lógicas, extemporâneas ao olhar cotidiano. O Tribunal ouvia, nesse sentido, o coro dos desejosos do fim do discricionamento nobiliário.<sup>21</sup>

Paralelamente à vida de Donatien de Sade constituiu-se, pela interferência da opinião pública, uma figura mítica e heroica, o Marquês de Sade,<sup>22</sup> paulatinamente associada às noções de crueldade e a uma história de impunidades decorrentes de sua condição nobiliária. Nesse momento, esse herói possuía múltiplas faces as quais mantinham contornos ainda indefinidos: era um tipo capaz de gestos desregrados e pautados pela libertinagem pessoal; era louco; captava os desejos populares de subversão da ordem e instauração da justiça (não

---

<sup>20</sup> Cf. LEVER, M. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p.167-169.

<sup>21</sup> “un acte de folie ou de libertinage qu'on ne peut excuser”. LELY, G. *Vie du Marquis de Sade*, p.130. As análises de Michel Foucault sobre a loucura constituem ainda leituras de referência sobre o tema. Cf. FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*; FOUCAULT, M. *Les anormaux*.

<sup>22</sup> Com o falecimento do pai de Donatien, em 1767, o título de Conde passou a pertencer ao filho. É interessante notar, contudo, que essa transferência não acabou acontecendo pelo aprofundamento da figura pública corrupta do Marquês de Sade e numa provável reserva e salvaguarda social em difamar o nome de Jean-Baptiste-Joseph-François, o Conde de Sade, importante figura das armas e diplomacia francesa.

seria assim um arlequim?);<sup>23</sup> e aos grupos dirigentes, sendo um representante da arbitrariedade nobiliária, servia como bode expiatório, capaz de convencer os populares de que o Estado modernizava-se e tendia a maior justiça.<sup>24</sup>

Mesmo considerando a emergência progressiva dessa inscrição pública e heroica do Marquês de Sade, não há como sustentar que o argumento de debate sobre a autoria de *Justine ou les malheurs de la vertu* decorreu de uma comparação da trajetória das personagens com essa imagem produzida sobre o suposto autor. Embora seja recorrente encontrar análises sobre Sade que apresentam um paralelo entre vida e obra de forma condicionante, como se os eventos ficcionais resultassem de experiência pessoal concreta reconstruída para ser vivida pelas personagens, tais percepções não nos parecem sustentáveis. A capacidade imaginativa do escritor de ficção não deve ser restringida a uma dependência biográfica à moda dos memorialistas.<sup>25</sup> Se o século XVIII produziu textos dessa natureza, como as *Confessions* de Rousseau e *Les nuits de Paris*, de Restif de la Bretonne, nem por isso Sade, leitor interessado no gênero, pôs-se a escrever semelhantemente.<sup>26</sup> Também não há como deslocar conceitos de estruturas mentais produzidos posteriormente como partes intrínsecas ao homem, já que essas análises ahistóricas resultam mais na explicação dos conceitos do que dos sujeitos históricos em sua dinâmica própria. Por fim, se o texto conduzia a

<sup>23</sup> Cf. LEVER, M. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p.398-399.

<sup>24</sup> A ideia de que os julgamentos de Sade obedeceram mais a uma ordem política, logo, resultavam de um processo ocorrido oportunamente, é desenvolvida por Maurice Lever. Cf. Idem. *Ibidem*, p.167-168.

<sup>25</sup> Essas análises são recorrentes. Citamos como exemplo um trecho de Phillips: “o autor foi inconscientemente dirigido até o ponto de coincidir com sua heroína ficcional [the author was unconsciously driven to a point of coincidence with his fictional heroine]”. PHILLIPS, J. *The Marquis de Sade*, p.87. De todo modo, enunciados como esse não demerem vários apontamentos que Phillips e outros autores tecem sobre Sade.

<sup>26</sup> Concordamos com Michel Delon quando ele discute que poucos são os textos memorialistas de Sade, sendo um desses raros exemplos o *Mon arrestation du 26 août*, que foi apresentado ao judiciário para contestar e discutir sua prisão em Vincennes, em 1778. Fora isso, sua escritura é ficcional e deve ser lida a partir desse pressuposto. DELON, M. *Les vies de Sade, tome 1*, p. 49-50.

Sade, isso decorria das pistas deixadas pelo próprio autor, como sua reticência inicial em negar a filiação e dedicatório a Constance, com quem vivia no momento.

Os laços de reconhecimento da escritura, segundo compreendemos, devem ser buscados em trajetória paralela à emergência desse herói libertino, crescentemente cercado de escândalos públicos. A hipótese de um reconhecimento das marcas autorais parece resultar do interesse e da inserção do Marquês de Sade no meio cultural do teatro.

Em abril de 1764, Donatien inaugurou um teatro de salão no Castelo de Every, residência do tio de sua esposa, Renée-Pélagie. A cerimônia foi marcada pela encenação de *Retour imprévu*, de Regnard, e de *Avocat Patelin*, de Brueys e Palaprat, tendo Sade se apresentado como ator e diretor, num indício de que lhe reconheciam algum entendimento dessa arte. Para o evento, ele compôs também algumas canções, que foram apresentadas ao fim do espetáculo.<sup>27</sup>

O Castelo de La Coste, residência da família Sade, também tinha uma sala de espetáculos. Em 20 de janeiro de 1772, uma peça de sua autoria, provavelmente *Le philosophe soi-disant*, foi encenada nesta sala.<sup>28</sup> No mesmo ano, construiu-se no Castelo de Mazan um teatro, que, junto com o de La Coste, foram palco de um festival patrocinado pelo Marquês de Sade. O evento deveria ocorrer entre 3 de maio e 22 de outubro, porém foi interrompido pelo envolvimento de Sade e seu valete Latour em atos libertinos, em junho.<sup>29</sup>

Após ter saído de Charenton, em abril de 1790, e, definindo-se o divórcio, em virtude de Renée-Pélagie ter optado pela vida religiosa, Sade investiu seu

<sup>27</sup> Cf. LELY, G. *Vie du Marquis de Sade*, p. 82-83.

<sup>28</sup> Segundo a nota bibliográfica que antecede este texto, datou-se sua escrita entre 1758 e 1769. Cf. LE BRUN, A.; PAUVERT, J.-J. Notice bibliographique. In SADE. *Œuvres complètes du Marquis de Sade*, tome XIII, théâtre I, p.19.

<sup>29</sup> Cf. LELY, G. op. cit., p.170 et seq.

interesse no teatro. Segundo Lever, Donatien esperava o sucesso por meio de suas peças teatrais. Se os romances demandavam investimento em longo prazo, o teatro, na moda durante a Revolução, tinha resultado quase imediato no que diz respeito ao reconhecimento e às finanças. Ambos os aspectos interessavam a Sade, já que sua liberdade ocorreu num momento em que as mudanças sociopolíticas repercutiam diretamente em sua vida pessoal: não podia contar com os privilégios de nobreza, com os rendimentos de La Coste, e nem mesmo com René-Pélagie. Sua situação tornava-se delicada, embora ainda não fosse trágica. Se a partir de 2 de abril de 1790 Donatien devia bastar-se a si próprio, o fim do monopólio teatral dos Comédiens-Français<sup>30</sup> e da censura, com a promulgação da Constituição e o reconhecimento legal da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, ocorridos, respectivamente, em 13 de janeiro e 14 de setembro de 1791, davam perspectivas maiores de trabalho aos interessados na dramaturgia. O importante ou o mais difícil era conseguir inserção nos círculos intelectuais, pois a produção artística e o acesso às salas de teatro passavam pelas redes de sociabilidade compostas por escritores, críticos, atores e outros intelectuais.

Embora Sade tenha se mantido à margem dos grandes círculos nobiliários de Versalhes, numa negligência jamais feita por seu pai, suas relações com os interessados em teatro eram, pelo menos, favoráveis. Inscreveu-se na Sociedade dos Autores, fundada por Beaumarchais em 1777, tendo sua candidatura aceita por Sedaine, presidente da sociedade. Tendo amizade com Fleurieu, escritora que mantinha relações com a Comédie-Française, onde sua peça de título *Pauline*

---

<sup>30</sup> A Comédie-Française, também chamada Théâtre-Français foi criada por Luís XIV, em 1680, pela fusão da trupe de Molière com os atores de Marais et do Hotel de Borgonha. Tratou-se de um teatro subvencionado pelo Estado e defensor do repertório clássico.

havia sido encenada com sucesso, conseguiu encontrar alguns célebres teatrólogos dispostos a ajudá-lo em sua carreira.<sup>31</sup>

Aproveitando os contatos e insistindo na carreira de dramaturgo, Donatien apresentou diversas peças entre 1790 e 1791. Em 3 de outubro de 1790, após ter apresentado, sem sucesso, *Jeanne Laisné* na Comédie-Française, ele leu no Théâtre-Italien uma comédia de um ato, *Le suborneur*, conseguindo aprovação do texto, que seria encenado em 1792, conforme o planejamento da casa. No mesmo período, apresenta ainda *Le boudoir ou le Mari crédule* e *Le Misanthrope par amour, ou Sophie et Desfrancs*. A primeira, julgada pelo comitê do Théâtre-Français, foi recusada, enquanto a segunda terminou por ser unanimemente recebida. No teatro Feydeau, ele apresentou novamente *Le boudoir*, que foi julgada de bom estilo, porém moralmente agressiva aos amantes dos bons costumes, o que resultou em nova recusa do texto. Na mesma casa, submeteu ainda *Le Comte Oxtiern, ou les Effets du libertinage*.<sup>32</sup>

Mesmo que as peças de Sade não fossem imediatamente vistas pelo público, o circuito cultural entrava em contato com esses textos pelas leituras em comissões julgadoras ou pela circulação existente entre os interessados em teatro. Desse modo, quando *Justine, ou les Malheurs de la vertu*, seu romance de estreia, foi publicado anonimamente em 1791, já estavam disponíveis vários elementos capazes de direcionar a leitura para o reconhecimento de uma autoria. Se isso convivia com a constituição da figura mítica do Marquês de Sade, os debates que

---

<sup>31</sup> Maurice Lever afirma que *Pauline* foi recebida com unanimidade em 27 de outubro de 1790. Porém, nos *Annales dramatiques ou Dictionnaire générales des théâtres*, consta apenas um “leve sucesso (un léger succès)”. Cf. LEVER, M. *Donaltien Alphonse François, marquis de Sade*, p.412 et seq.; BARBAULT. *Annales dramatiques ou Dictionnaire générales des théâtres*, 1811, tome VII, p.259.

<sup>32</sup> Cf. LEVER, M. *Donaltien Alphonse François, marquis de Sade*, p.412 et seq.

circundaram os textos nem se reduziam a esse processo, nem encontravam uniformidade quanto ao valor das ideias e proposições apresentadas por Donatien.

Para a *Feuille de correspondance du Librairie*, o romance *Justine* tinha um caráter moralista, marcado por uma personagem que, vivendo diversas situações, deveria escolher ou o caminho da virtude ou do vício. Para o crítico, havia uma exposição sobre a natureza corrupta e a necessidade moral de pensar a virtude. Se havia reservas quanto ao texto, isso residia na possibilidade de os jovens, por inexperiência em vários aspectos da vida, lerem essa história percebendo as cores do mal como encantadoras, envenenando-se.<sup>33</sup>

A ideia do elixir contendo remédio e veneno era uma tópica do século XVIII e, segundo Starobinski, servia para discutir a natureza do mal, entendido como gradação de um mesmo princípio, que serviria a uma coisa e a outra.<sup>34</sup> Ao utilizá-la para analisar o valor e os efeitos literários de *Justine*, o crítico estabeleceu uma posição ambígua diante do texto “anônimo”: se não cabia censura proibitiva, deveria haver cuidados, principalmente se constituísse leitura dos mais jovens.

O periódico *Affiche, annonces et avis divers, ou Journal general de France*, de 27 de setembro de 1792, já assumia uma posição mais precisa ao afirmar que *Justine* era um veneno do qual se devia fugir. Em 1794, no *Correspondance littéraire*, afirmou-se que se tratava “do mais perigoso, do mais abominável” livro, escrito pela “imaginação a mais desregrada”.<sup>35</sup>

Já Restif de la Bretonne, em 1798, com seu *Anti-Justine*, buscou se contrapor definitivamente ao Marquês de Sade, numa demonstração de tendências

<sup>33</sup> Cf. *Feuilles de correspondance du Libraire*, 1791, nº XV. In SADE. *Œuvres*, II, p.1208. Cf. nota 1, página 12.

<sup>34</sup> Cf. STAROBINSKI, J. As máscaras da civilização, p.162-230.

<sup>35</sup> “le plus dangereux, le plus abominable”; “l’imagination la plus déréglée”. Cf. SADE. *Œuvres*, II, p.1190.

que já vinham se afirmando nessa nova sociedade francesa mais burguesa e, também, moralista. Nesse caso, mais que uma oposição ao “infame Dsds”, também autor de *Aline [et Valcour]*, *Le Boudoir* e *La Théorie du libertinage*,<sup>36</sup> fazia-se também uma proposta de um novo guia do prazer. Segundo o autor de *Le pornographe* (1765), a leitura de *Justine* era capaz de despertar um furor incontrolável. Ele mesmo, ao ler o livro, terminou por morder o seio de sua criada e machucar-lhe os braços ao apertá-los violentamente. Por vergonha desses excessos, a escrita de um “*Erotikon* saboroso, mas não cruel”, surgiu como um pedido de desculpas.<sup>37</sup> Se em Sade, o ato sexual seria composto pela presença de um algoz capaz de infligir sofrimento e morte à vítima feminina, sendo o prazer percebido apenas por esse ato, em Restif, o que se objetivava era o delineamento de uma nova trama de prazeres em que homens e mulheres pudessem alcançar igualmente satisfação. Em *Anti-Justine*, tudo foge ao horror e, se tende a ele, como no capítulo intitulado “Do foderor à Justine (Du fouteur à la Justine, cap. XV)”, serve como forma de condenação desses homens antropófagos como Vitnègre.<sup>38</sup>

Entre o lançamento de *Justine*, em 1791 e 1798, quando Restif publica seu *Anti-Justine*, percebemos haver uma transformação nas formas pelas quais o texto e a autoria são percebidos. Se inicialmente houve uma ambiguidade na compreensão do valor desse romance anônimo, em virtude de sua ancoragem

<sup>36</sup> O romance *Aline et Valcour ou le roman philosophique* foi publicado em 1795. *Le boudoir* é uma comédia escrita por Sade, aproximadamente em 1783. No começo da década de 1790, Sade tentou obter permissão em casas teatrais para produzir este texto. Quanto ao *Théorie du libertinage*, Silvestre Bonnard afirma que se trata de *Les cent vingt journées de Sodome ou l'École du libertinage*, texto escrito durante o encarceramento de Sade na Bastilha. Provavelmente, a referência foi feita a partir do registro oral. Cf. BONNARD, S. Du Marquis de Sade a Restif de la Bretonne. In RESTIF DE LA BRETONNE. *Œuvres érotique de Restif de la Bretonne*, p.258.

<sup>37</sup> Cf. RESTIF DE LA BRETONNE. *L'anti-Justine ou Les délices de l'amour*, 1798. In *Ibidem*, p.285 et seq.

<sup>38</sup> RESTIF DE LA BRETONNE. *L'anti-Justine ou Les délices de l'amour*, 1798. In RESTIF DE LA BRETONNE. *Œuvres érotique de Restif de la Bretonne*, p.341-435.

moral, rapidamente decide-se pela sua marca venenosa e, posteriormente, aprofunda-se o julgamento pela negação do texto e pela apresentação de um antídoto. Parece-nos que a tópica da gradação farmacológica das substâncias e a ideia de que as propriedades boas e más residiriam na mesma substância ou ao lado delas é abandonada para se pensar o texto de Sade. Não haveria em *Justine* uma dosagem para curar ou matar, pois como aparece nos *Affiches, annonces et avis divers*, de 27 de setembro de 1792, só é possível aos jovens fugir deste livro perigoso e, aos homens experientes, uma leitura fatigante, seguida da queima deste romance desagradável e indignante.<sup>39</sup> Por fim, em Restif, a ideia de prazer no Marquês de Sade é anunciada como fatal, principalmente para as mulheres. O gozo é masculino, a força que se exercita nas paixões é doentia. O prazer chega a ser obtido pela morte, como pode ser visto no caso do padre Foutamort que, segundo o narrador, fode como Justine, ou seja, contenta-se apenas com o coito violento e fatal para as mulheres. Há de se matar e descarnar o corpo, anulando

---

<sup>39</sup> “A leitura de *Justine* é muito cansativa e desagradável. É impossível não fechar o livro rapidamente de tristeza e desgosto. Jovens, vocês em quem a libertinagem ainda não tirou a delicadeza, fujam deste livro perigoso pelo coração e pelos sentidos. Vocês, homens maduros, cuja experiência e tranqüilidade diante de todas as paixões lhes pôs acima de todo perigo, leia-o para ver até onde pode ir o delírio da imaginação humana; depois, jogue-o ao fogo: é o um conselho a vocês se darão com a força de tê-lo lido inteiramente. [La lecture en est tout à la fois fatigante et dégoûtante. Il est impossible de ne pas fermer souvent le livre de dépit et d’indignation. Jeunes gens, vous en qui le libetinage n’a point encore émoussé la délicatesse, fuyez ce livre dangereux et pour le cœur et pour les sens. Vous, hommes mûrs, que l’expérience et le calme de toutes les passions ont mis au dessus de tout danger, lisez-le pour voir jusqu’où peut aller le delire de l’imagination humaine; mais, soudain après, jetez-le au feu: c’est un conseil que vous vous donnerez à vous-même si vous avez la force de le lire entièrement.]” *Affiches, annonces et avis divers, ou Journal général de France*, 27.set.1792. In SADE. *Œuvres*, II, p.1210.

física e mentalmente qualquer traço de vida na vítima.<sup>40</sup> Ao horror de *Justine* faz-se necessário um *Anti-Justine*, um antídoto, que claramente não mais está contido na substância. O combate ao mal é feito pela aplicação, no caso, pela leitura, de elemento externo, que age contrária e antagonicamente.

Se o nome de Sade, desde 1772, vinha se constituindo nessa duplicidade entre a vida e o mito, a partir de 1801, uma nova dinâmica acabaria por se impor. Pode-se pensar numa nova conformação social da qual Restif poderia ser visto como apenas mais um representante no mundo das letras e Robespierre, no mundo da política. Neste último caso e em semelhança às divergências entre Restif e Sade, Robespierre também terminou por se opor a Sade. O debate delineador do conflito relacionou-se ao tema do ateísmo, discutido no Parlamento em novembro de 1793. Se Sade dizia-se ateu, Robespierre respondia com a afirmação de que se tratava de uma descrença aristocrática, portanto, corrupta e geradora de corrupção. Disso decorreria ainda outra arenga: a libertinagem dos costumes viria dessa natureza corrupta, sendo necessário, então, transformar a França pela moralização

---

<sup>40</sup> “— Ela [a vara do padre Foutamort] matou duas de minhas irmãs religiosas, que haviam parido, cada uma, dois filhos de nosso prior. Matei todas as mulheres em quem meti. Só não esquartejei minha mãe, mas também não tive prazer: a velha marafona quase não sangrou! Tive pouco prazer... Quanto à tua mulher [de Vitnègre, que prostituía a esposa]... ah, que fúria!... Mas ela está fodida... estará morta anste que eu acabe de meter... Eu a enrabarei depois que expirar... (...) [Após Foutamort tê-la fodido até a morte, ele tira um bistori.] Ele fez uma incisão na parte carnuda dos seios, tirou-lhe a moíta inteira, a carne das coxas, fendeu-lhe a barriga, arrancou-lhe o coração, os pulmões, o fígado, a vesícula, o útero [no texto usa-se matriz, em desuso], virou-a, tirou-lhe a carne das nádegas, cortou-lhe os pés calçados, que colocou numa sacola, as mãos, que enterrou em outra. Voltou a virá-la, cortou-lhe a língua, a cabeça, tirou a carne dos braços. Em seguida veio buscar sua camisa e um lençol dizendo: — Que belo banquete para nossos monges e para mim. — Il [le vit de père Foutamort] a tué de mes sœurs religieuses, qui avaient fait chacune deux enfants de notre prier. J’ai tué toutes les femmes que j’ai enconnées [à cause de la grossesse de son vit]. Il n’y a que ma mère que jê n’ai pás écalventrée, mais jê n’eus pas de plaisir: la vieille garce ne saigna presque pas! J’eus peu de plaisir... Pour ta femme [de Vitnègre, qui fait de son épouse une fille]... hâ! quelle rage!... Mais elle est foutue... elle será mort avant que j’aie achevé de l’enconner... Je l’enculerai expirée... (...) [Après Foutamort l’a foutuée jusqu’à mort, il tira un bistouri.] Il lui cerna la partie charnue des seins, la motte tout entière, la chair des cuisses, lui fendit le ventre, lui arracha le cœur, les poumons, le foie, la vessie, la matrice, la retourna, lui enleva la chair des fesses, lui coupa les pieds chaussés, qu’il MIT dans une poche, les mains, qu’il serra dans l’autre. Il la retourna encore, lui coupa la langue, la tête, ôta la chair des bras. Il vint ensuite chercher sa chemise et un drap du lit en disant: — Voilà un bom régal pour nos moines et pour moi.” Cf. RESTIF DE LA BRETONNE. *L’anti-Justine ou Les délices de l’amour*, 1798. In *Œuvres érotique de Restif de la Bretonne*, p. 341 passim.

burguesa, vista como parte de um processo de purificação nacional e consolidação de uma nova ética.<sup>41</sup> A tendência cada vez mais moralista e burguesa da sociedade francesa poderia ser pensada em consonância com a transformação do caráter público da sociedade ocidental. Segundo Arendt, à medida que o espaço privado foi ganhando importância frente à esfera pública, impôs-se progressivamente uma forma comportamentalista de ética social. Isso resultou na interferência da vida privada na imagem pública dos cidadãos, já que “ao invés de ação, a sociedade espera de cada um dos seus membros um certo tipo de comportamento, impondo inúmeras e variadas regras, todas elas tendentes a ‘normalizar’ os seus membros, a fazê-los ‘comportarem-se’, a abolir a ação espontânea ou reação inusitada”.<sup>42</sup>

## 2.

Em 1800 e 1871 foram publicados *Zoloé et ses deux acolythes* e *La courtisane Anaphrodite ou la pucelle libertine*, contos que, apesar de estarem separados por quase um século em suas respectivas publicações, mobilizaram debates que tanto estavam relacionados ao conteúdo imoral de suas histórias, quanto a uma provável autoria comum, a do Marquês de Sade. Na capa de *La courtisane* constava explícito o nome do Marquês de Sade, embora no fim do texto viesse um “aviso indispensável” cuja inscrição inicial dizia que “se não é você, então é seu irmão”, seguida por um comentário sobre haver dúvida sobre ser o “célebre Marquês de Sade” o autor do livro. A certeza era apenas de que se tratava de uma “obra admirável de um dos mais brilhantes escritores do século

---

<sup>41</sup> Cf. LEVER, M. *Donaltien Alphonse François, marquis de Sade*, p.520 et seq.

<sup>42</sup> Cf. ARENDT, H. *A condição humana*, p.50.

XVIII”.<sup>43</sup> Já *Zoloé* foi acompanhada de barulho sobre a certeza dos vínculos com o Marquês de Sade, mesmo sem indicação de autoria na capa.<sup>44</sup>

Para Françoise Laugaa-Traut, a subida ao poder de Napoleão e o encarceramento de Sade em 1801 marcaram definitivamente o processo de composição do herói maldito. Desde 1772 o nome de Sade vinha progressivamente sendo associado aos casos de Keller e de Marseille, porém foram os acontecimentos da última década que potencializaram a construção definitiva das relações de Sade com a crueldade e o assassinato e com a corrupção resultante de uma sociedade de privilégios nobiliários. Se houve um avanço substantivo na conformação desse herói nesse momento, isso se deveu a um triplo movimento da imprensa que criou uma polêmica em *Le cercle* e no *Journal de Paris* sobre a identidade do autor de *Justine* e sua morte; intensificou, principalmente em *L’amis des lois*, um debate sobre os perigos de *Justine* e de Sade, “escritor infame [que] exala um odor cadavérico”, equivalentes aos causados pelos defensores da realeza; e, por fim, percebeu *Justine* e as “produções demoníacas do autor criminoso” como textos malditos.<sup>45</sup>

Contudo, se foram mobilizadas críticas à *Justine*, principalmente em virtude da publicação de *La nouvelle Justine* e da *Histoire de Juliette*,<sup>46</sup> foi com *Zoloé* que Sade acabou por ser interdito. As ações resultantes da publicação desse texto deram-se em sentido contrário ao que ocorreria com *La coutisane Anaphrodite* em 1871, já que Monselet inventou tanto uma autoria quanto uma discussão sobre os reais laços genéticos do texto, escondendo-se assim como

<sup>43</sup> “Si ce n’est toi, c’est donc ton frère. (...) nous nous demandons si l’attribution que l’on fait au célèbre marquis de Sade (...) est bien véridique. [de toute façon, c’est] l’œuvre admirable d’un des plus brillants écrivains du XVIII<sup>e</sup> siècle.” *LA COURTISANE Anaphrodite ou la pucelle libertina*, 1871. In *Œuvres anonymes du XVIII<sup>e</sup> siècle*, p.26 e 50.

<sup>44</sup> Cf. LEVER, M. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p.586-587.

<sup>45</sup> Cf. LAUGAA-TRAUT, F. *Lectures de Sade*, p.48 et seq. O trecho destacado foi retirado de *Journal des Arts, des Sciences et de Littérature*, 1 fuctidor na VIII (19.ago.1800).

<sup>46</sup> Cf. nota 1, cap.1.

verdadeiro autor do texto.<sup>47</sup> Em 1800, o anonimato do texto e sua atribuição a Sade serviu para que Donatien fosse visto como inimigo declarado do Primeiro Cônsul Barras e de Napoleão. As ações de censura, que vinham se intensificando desde 1797, ganharam com isso novas justificativas para operações mais efetivas visando a uma interdição de Sade.

O encarceramento definitivo de Sade em 1801 não pode, no entanto, ser explicado pela simples perseguição napoleônica, pois, segundo Blanchot, outros intelectuais também manifestaram desacordos e se opuseram claramente ao regime, sem que isso lhes valesse tão forte penalidade.<sup>48</sup> Valérie van Crugten-André discute, nessa mesma direção, que há um descompasso entre o argumento da aparição de *Zoloé* e a ação policial que levou ao encarceramento de Sade, basicamente ancorado na perseguição à *Justine*. Isso termina por revelar a maneira discricionária dos poderes de censura do período, manifestos em detrimento dos direitos do homem à liberdade de pensamento e expressão garantidos desde 1789.<sup>49</sup> Se o argumento de Blanchot busca anular os traços de uma “tradição bastante alegórica”, iniciada por Heine e reafirmada por Lely, e que consiste em valorizar a escritura de Sade e seu poder assustador e libertário junto a novo imperador, Napoleão,<sup>50</sup> o de Van Crugten-André avança a análise ao indicar a censura como força efetiva do processo de encarceramento de Sade.

Embora a ideia de censura não deva ser pensada restrita ao aparelho de polícia, é acertada a ideia de que *Zoloé* serviu apenas como desculpa para a prisão.

Daí as necessidades de pensar a sociedade como instância criadora de exclusão e

<sup>47</sup> CAMUS, M. Préface. Sous le manteau. In *Œuvres anonymes du XVIII<sup>e</sup> siècle*, p.12 passim.

<sup>48</sup> BLANCHOT, M. *Sade et Restif de la Bretonne*, p.100.

<sup>49</sup> VAN CRUGTEN-ANDRÉ, V. *Le roman du libertinage, 1782-1815*, p.361-362.

<sup>50</sup> Cf. BLANCHOT, M. op. cit., p.100. Françoise Laugaa-Traut serve-se explicitamente do argumento de Lely para delinear durante a vida de Sade as relações e imagens constituídas em torno de seu nome. Em Maurice Lever, mantém-se ainda o argumento de prisão por oposição política, só que a abordagem prioriza uma apresentação mais intensiva da documentação. Nesse sentido, o texto de Blanchot aparece como uma ruptura a essa tendência interpretativa.

de buscar em suas diversas instituições os mecanismos e interesses difusos que estariam relacionados a esse processo. De qualquer modo, a explicação de uma oposição ao Marquês de Sade ganha outra direção quando se valoriza um percurso que lida com a composição de um discurso sadiano, marca presa ao herói maldito. Percebido o processo que atrelou o Marquês de Sade ao Antigo Regime e a uma imagem de aristocracia corrupta (poderíamos mesmo pensar no conceito antigo de oligarquia), torna-se evidente as formas como os discursos feitos por Donatien tenderam a ser lidos segundo um mesmo padrão de crueldade.

A publicação de *Les crimes de l'amour, nouvelles héroïques et tragiques*, assinado por D. A. F. Sade, autor de *Aline et Valcour*, em 20 Termidor do ano 8 do calendário revolucionário (8 de julho de 1800, calendário gregoriano), recebeu de Villetterque, crítico do *Journal des arts, des sciences et de littérature*, as mesmas análises feitas a *Justine*: tratava-se de mais um texto “destestável de um homem suspeito de ter escrito outro livro mais horrível ainda”. E para que não restasse acusação ao crítico de praticar leituras indevidas, ele se defendia afirmando não saber e nem querer saber até que ponto o boato sobre um suposto livro mais horrível tinha fundamento.<sup>51</sup>

Se Donatien de Sade já havia negado a autoria de livros imorais, com as críticas feitas a *Les crimes de l'amour* seu discurso tornou-se bastante incisivo,<sup>52</sup> embora não suficiente para aplacar os esforços de reconstrução da nação em uma direção que tanto punha fim à Revolução quanto evitava o retorno ao estágio anterior a 1793, quando Luís XVI ainda detinha algum poder e mantinha vivos os ares da sociedade de corte. Para Béatrice Didier, o fim do Diretório, a emergência

<sup>51</sup> “Libre détestable d’un homme soupçonné d’en avoir fait un plus horrible encore; je ne sais ni ne veux savoir à quel point ce soupçon est fondé.” VILLETTERQUE. *Compte rendu de Villetterque dans le Journal des arts, des sciences et de littérature*, 30 vendémiaire na IX (22.out.1800). In SADE. *Les crimes de l'amour*, p.399.

<sup>52</sup> Cf. Idem. *Ibidem.*, p.401.

de Napoleão em 1799 e processo de Restauração iniciado em 1814 devem ser compreendidos como períodos em que se delineiam esforços para recompor a ordem e inaugurar um rol de heróis nacionais isentos dos conflitos revolucionários. Evidenciaram-se, com isso, projetos em que o povo e a literatura de caráter jornalístico, de cunho ordinário e cotidiano, emergiam como personagem da Revolução. Se isso compunha um quadro literário e filosófico por vezes superficial e sem importância para o universo estético, pouco importava, pois os esforços hegemônicos da sociedade alinhavam-se em direção à construção da ordem, sendo esse herói coletivo uma figura de contato entre o mundo clássico e o novo, o moderno. Assim, junto com ele, essa pretensa nova sociedade francesa escolhia também seu rol de nomes anteriores a 1789 e posteriores a 1800.<sup>53</sup>

Posta entre esse hiato sociocultural produzido pelas rupturas da Revolução, a emergência dessa imagem do povo tanto ocultava os conflitos e rumos tão diversos, até mesmo contraditórios, experimentados pela sociedade durante a Revolução, quanto servia para evidenciar as figuras anti-heroicas desse fim de século XVIII. Se o rol de heróis individuais basicamente inexistia para a Revolução, o mesmo não se deu para as figuras diabólicas. O rei e a rainha, Luís XVI e Maria Antonieta, foram alvos da literatura popular que crescentemente os transformava em monstros, sendo a devassidão e os apetites sexuais um desses aspectos distorcidos e anormais de sua humanidade.<sup>54</sup> Sade, que já era anunciado como Satanás no fim do século XVIII, e cujos textos, por vezes, eram apresentados como inspiração para Robespierre, teve esses traços acentuados no

<sup>53</sup> Cf. DIDIER, B. *La littérature de la Revolution Française*.

<sup>54</sup> Destacamos alguns títulos nessa linha com suas respectivas datas de publicação: *Les amours de Charlot et Toinette* (1779), *Le godemiché royal* (1789), *L'Autrichienne en goguettes* (1789), *Bordel patriotique* (1791), *Grande fête donnée par les maquerelles de Paris* (1791), *Fureurs utérines de Marie Antoinette* (1791), *Les adieux de La Fayette ou cadet Capet à Antoinette* (1792). Cf. DELON, M. *Anthologie érotique, le XVIII<sup>e</sup> siècle*.

começo do século XIX. Para Jules Janin, o Marquês de Sade e Maximilian Robespierre constituíam uma dupla educada no Colégio Luís-O Grande (*Collège Louis le-Grand*) que se uniu pelas mortes que um sonhou e outro executou, e pela paixão de sangue e vício. Como dois homens saídos da ruína da sociedade do Antigo Regime, feitos símbolos da desonra, a França terminou por julgar o primeiro, pela voz de Napoleão, como louco, e condenou à morte na guilhotina o segundo.<sup>55</sup>

Se a ética libertina já se apresentava desgastada em função da afirmação de uma nova sociabilidade, e se a lógica estamental e os valores nobiliários vinham há quase um século sendo transformados em formas mais modernas e abertas às novas necessidades, no começo do século XIX, evidenciou-se uma autoinstituição de valores novos que, de forma difusa, buscavam reatar esse passado clássico com o futuro que se almejava construir. Para Benichou, a poesia aparecia justamente como essa voz que, conduzindo o homem a si, explicava-lhe o presente e predizia-lhe o futuro, como se o poeta fosse o novo mago, um místico laico.<sup>56</sup> Para Marquard, a ideia do gênio e os estudos empenhados em pensar uma antropologia filosófica apareciam, desde o fim do século XVIII, como tentativas de explicar essa nova dinâmica social em que a tradição e as entidades divinas cada vez mais perdiam espaço para esse novo homem, convidado a se assumir como autor e responsável por sua vida e pelo movimento da história.<sup>57</sup> Enfim, recompunham-se novos parâmetros para que o futuro pudesse ser habitado.

A diferença, contudo, era que se para o mundo anglosaxão e o alemão, a mística ainda mantinha-se como moldura largamente utilizada para pensar essa

---

<sup>55</sup> Cf. JANIN, J. *Le marquis de Sade*, 1834, p.12.

<sup>56</sup> Cf. BENICHO, P. *Romantismes français*, tome 1, p.33 et seq.

<sup>57</sup> Cf. MARQUARD, O. El hombre acusado y el hombre exonerado en la filosofía a del siglo XVIII. In *Adiós a los principios*, p.47-74.

nova sociedade, na França, mesmo quando esse tema era freqüentado, rapidamente ele se esvaziava, dando lugar a um pessimismo ancorado no encontro do homem com seus demônios interiores. A literatura insperada no terror à moda do *roman noir* inglês não evidenciou essa imagem de um demônio corporificado, figura terrível e assustadora, pois no mundo latino, apesar da presença da Inquisição e dos sistemas de controle da Igreja Católica, houve um predomínio dessa cultura popular em que o diabo era constantemente ludibriado. Na nova literatura francesa, em que pesem Cazotte ou mesmo imagens como o novo Barba Azul corporificado no mito do Marquês de Sade, Satã manteve-se o “Príncipe de Ambiguidade, o demônio do sonho”, sendo assim, um motivo e um símbolo, muito pouco uma figura sombria e uma referência corporal à moda do “grande mito cristão”.<sup>58</sup>

À medida que o mal assumia uma face cotidiana, crescentemente laica, a sociedade acabou conjurando novas faces capazes de incorporá-lo. Em Goethe, Mefistófeles ocupou um papel central ao se apresentar como entidade capaz de dar uma alternativa ao homem desarraigado. A interpretação que Goethe fez da modernidade estava ancorada na desagregação do homem na medida em que traumáticamente seu cotidiano foi modificado e ele se viu enfrentando uma nova perspectiva. Tal como em Chamisso, a ideia de mal estava alicerçada numa conjuração de forças mais personalizadas, num apontamento de uma noção mais mística das forças extemporâneas.

Já em Baudelaire, em Lautréamont e em Flaubert, o mal assumiu outra face, pois sua personalização depende praticamente da capacidade dos homens em vivenciá-lo. Não se tratando de uma relação com figuras transcendentais, ele é

---

<sup>58</sup> Cf. MUCHEMBLED, R. *Uma história do Diabo*, p.246 et seq.; LE BRUN, A. *Les châteaux de la subversion*.

apresentado basicamente restrito aos homens, visível no olhar e nos gestos. Em Lautréamont, isso se torna evidente rapidamente, pois tão logo Maldoror inicia sua apresentação, a ideia de sua identidade diversa leva-o a rasgar a boca, como forma de delinear um sorriso, expressão facial observada nos outros homens e que lhe era estranha. A isso segue a descoberta do prazer em sentir o sangue e da impossibilidade de ter sentimento de felicidade, talvez alguma alegria quando era capaz de se apresentars forte e subjugador de outro.<sup>59</sup> Já Baudelaire almejava denunciar a hipocrisia desses “livros que consolam e estão à serviço da demonstração de que o homem nasceu bom e que todos podem ser felizes”. Se *Les fleurs du mal* conjuravam os demônios, esses estavam à serviço desse mundo sem aura, desse mal cotidiano que já dominava a modernidade francesa de meados do século XIX.<sup>60</sup> E por fim, em *Salammbô*, publicado em 1862, Flaubert recriou no mundo romano um horror que Sainte-Beuve apenas entendeu como sádico, o que, para o escritor, foi visto como infeliz comentário. Se, para Sainte-Beuve, sádico indicava um “defeito da alma” e um “vício de escola”, para Flaubert, que terminara de responder um processo em virtude de sua *Madame Bovary*, publicado em 1857, o adjetivo utilizado pelo crítico denunciava os laços entre sua escritura e seus mundos interiores com ao heroico Marquês de Sade. Porque dizer

---

<sup>59</sup> Cf. LAUTREAMONT. *Os cantos de Maldoror*, 1869-1870, Canto 1 (5), p.76 et seq.

<sup>60</sup> “DÉSORMAIS ON NE FERA QUE DES LIVRES CONSOLANTS ET SERVANT À DÉMONTRER QUE L’HOMME EST NÉ BON, ET QUE TOUS LES HOMMES SONT HEUREUX, — abominable hypocrisie!” BAUDELAIRE, Ch. [Notes et documents pour mon avocat]. In *Les fleurs du mal*, 1857, p.245. Para Benjamin, a leitura que Baudelaire faz de Poe vai ajudá-lo neste processo de relacionar o mal, a multidão, a metrópole e o cotidiano. É a partir disso que o homem da multidão perde sua capacidade de *flânerie* e se torna maníaco, amedrontado e amedrontador. Cf. BENJAMIN, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. In *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, p.121 et seq.

sádico significava afirmar um “discípulo de De Sade”, o mal em Flaubert era tão terrível, pois cruel e humano.<sup>61</sup>

Mesmo banido — pois ninguém se orgulharia desse convívio indesejado —, o Marquês de Sade seria, nesse sentido, mais uma presença oculta do que uma figura ausente ao mundo intelectual francês do século XIX. Segundo Jules Janin, ele está em todas as bibliotecas, escondido “sob um certo dicionário misterioso”. Trata-se de “um desses livros que se localizam costumeiramente atrás de um Santo João Crisóstomo, ou o *Traité de morale*, de Nicole, ou os *Pensées*, de Pascal”.<sup>62</sup> Conjurado como mito humano, ele seria visto não como força demoníaca de trevas misteriosas, mas força humana perversa.

A partir dessa referência heroica maldita, Sade deixava ao longo do século XIX de estar ligado à ética e moral libertinas, para assumir os ares novos, preso à pornografia excitante de uma sociedade sem aura, cada vez mais estetizante. Quando retornou com mais vigor no fim do século, estaria finalmente a serviço de uma nova estética. No mundo das artes, apareceria ao lado de Lautréamont e seria refeito como um contraponto aos novos ares burgueses que finalmente tinham se impostos na França após 1871. Dessa feita, tanto na *Belle époque* quanto na primeira metade do século XX, tanto em Apollinaire quanto nos surrealistas, Sade seria ressignificado pela ideia de liberdade e desejo, em oposição a uma estética

<sup>61</sup> Sainte-Beuve escreveu sobre Flaubert e seu *Salammbô*, em 1862: “Um ponto de imaginação sádico se mistura a suas descrições, já muito fortes para a realidade deles [dos romanos]. (...) eu diria que há talvez nele [em Flaubert] um defeito de alma (...) um defeito de gosto e um vício de escola. [Une point d’imagination sadique se mêle à ces descriptions, déjà bien assez fortes dans leur réalité. (...) je dirais qu’il y a peut-être chez lui un défaut de l’âme (...) un défaut de goût et un vice d’école.]”. Flaubert respondeu a Sainte-Beuve: “Não fique então espantado se por esses dias você ler em algum pequeno jornal difamador, como existem tantos, alguma coisa análoga à isso: ‘O Sr. Gustavo Flaubert é um discípulo de De Sade’ [Ne soyez donc pas étonné si un de ces jours vous lisez ans quelque petit journal diffamateur, como il en existe, quelque chose d’analogue à ceci: ‘M. G. Flaubert est un disciple de De Sade’.” SAINTE-BEUVE, C.-A. *Nouveaux Lundis*, 1884, p.71 e 443.

<sup>62</sup> “le marquis de Sade est partout; il est dans toutes les bibliothèques, sur un certain rayon mystérieux et caché qu’on découvre toujours; c’est un de ces livres qui se placent d’ordinaire derrière un Saint Jean Chrysostome, ou le *Traité de morale* de Nicole, ou les *Pensées* de Pascal.” JANIN, J. *Le Marquis de Sade*, 1834, p.20.

burguesa cujo modelo vinha do outro lado da Mancha, com o universo social vitoriano. Em Apollinaire, Sade seria dobrado aos seus próprios desejos de liberdade e ao seu modelo de escritura em recorte, tornando-se o “espírito mais livre que jamais houve”.<sup>63</sup> Para Maurice Heine, os demônios presentes nessa escritura do fim do século XVIII e começo do século XIX seriam equiparados aos do *roman noir*, tão próprios à literatura inglesa, em semelhança à análise feita por Mario Praz, para quem o clima escuro e sombrio de Sade podia ser reduzido ao universo satânico subjetivista romântico, embora, como ele mesmo afirme, nem Justine nem Juliette componham-se com vida interior.<sup>64</sup>

A clínica, por sua vez, vinha se afirmando desde o século XVIII com uma nova compreensão da doença mental e do indivíduo e, com Krafft-Ebing, esse movimento acabou por refazer a imagem heroica de Sade em sua versão maldita, transformando-a num dos tipos de desvios mentais. Para o psiquiatra austríaco, a ideia da dor inflingida a outra pessoa como forma de obtenção de prazer sexual não poderia ser separada do gozo obtido por quem é fustigado e, por isso, a psiquiatria estabeleceria a imagem binária da patologia sádica-masoquista. A aceitação da nomenclatura de Krafft-Ebing conduziu tanto ao abandono definitivo do adjetivo *sade*, ainda usado no começo do século XIX como o oposto de *maussade* e significando agradável e gracioso, quanto do termo *algolagnia* passiva ou ativa (*algolagnie*, proveniente de *algos* = dor e de *lagnos* = excitação, no sentido de instinto sexual), utilizado por Schrenck-Notzing.<sup>65</sup> De todo jeito, foi a partir do conflito entre as interpretações clínicas das angústias e dos problemas

<sup>63</sup> Segundo Apollinaire, “Le marquis de Sade, cet esprit le plus libre qui ait encore existé”. Cf. APOLLINAIRE, G. Introduction. In SADE. *L'œuvre du Marquis de Sade. Pages choisies*, 1912, p.17; CAMPA, L. Apollinaire et Sade, *Cahiers de l'Association internationale des études françaises*, p.394 et seq.

<sup>64</sup> Cf. HEINE, Maurice. Promenade à travers le roman noir, 1906; PRAZ, M. *A carne, a morte e o Diabo na literatura romântica*, 1930, p.101 et seq.

<sup>65</sup> Cf. ROGER, P. Au nom de Sade, *Obliques*, nº12-13, 1977, p.24.

subjetivos e tendo em vista a imposição de uma ótica comportamentalista burguesa como forma de vivência social, que a ideia de sadismo definitivamente terminou por se impor.

Em 1901, segundo o Dr. Eugen Dühren (pseudônimo do psiquiatra Iwam Bloch), tratava-se não mais de discutir a possibilidade do uso de sadismo, mas de configurar dentro das diferentes variações dessa relação do sexo e da crueldade um significado amplo, capaz de abarcar definitivamente a excitação e o prazer sexual realizável ou simbólico de eventos cruéis, destrutíveis, infligidos a outros homens ou a animais, quando não a objetos, feitos por uma pessoa.<sup>66</sup> Três anos depois, ao editar pela primeira vez *Les cent vingt journées de Sodome*, o mesmo Dr. Dühren aprofundou a configuração do termo sadismo ao perceber essa obra-prima como um inventário de todas as observações e ideias do Marquês de Sade sobre a vida sexual do homem, da natureza e das variações das perversões sexuais.<sup>67</sup>

O Marquês de Sade, desse modo, assumia definitivamente um papel prefigurador dos esforços científicos do século XIX, que tiveram como ponto culminante os casos catalogados de perversões redigidos pelo psiquiatra austríaco Krafft-Ebing. Fixava-se ainda como uma das referências investigativas do padrão desviante das formas normais do comportamento sexual. Mesmo Freud, que em 1905, com os *Três ensaios sobre a sexualidade*, impactou profundamente as formas de compreensão da sexualidade ao discutir sua presença na infância, não

---

<sup>66</sup> Cf. DÜEHREN, E. Notre définition du sadisme (extrato de *le Marquis de Sade et son temps*), 1901, *Obliques*, nº12-13, 1977, 275. Encontramos tanto a forma Dühren quanto Dühren e optamos por usar no texto a segunda forma, que é encontrada na edição de 1904 de *Les cent vingt journées de Sodome*, de Sade.

<sup>67</sup> Cf. DÜHREN, E. Avant-propos. In MARQUIS DE SADE. *Les cent vingt journées de Sodome*, 1904, [páginas não numeradas]. Sobre a publicação de *Les cent vingt journées de Sodome*, o comentário de Michel Delon serve como um guia, já que organiza os fatos que envolveram a escritura do texto e sua publicação no começo do século XX, em virtude da descoberta dos manuscritos. Cf. DELON, M. Les cent vingt journées de Sodome ou L'école du libertinage. In SADE. *Œuvres*, tome 1, p.1123.

escapou dessa concepção. A grande inversão promovida em 1905 não residia na abolição da normalidade, mas na contaminação de todos com a perversão.<sup>68</sup> Se isso implicava em ganhos iniciais para o trato com os comportamentos divergentes, não rompia radicalmente com a imagem crescentemente associada ao conceito de sadismo. Trata-se, de todo jeito, de um deslocamento das formas de compreender o desvio, o que certamente, se não delineava nova configuração ao conceito de sadismo, implicava numa transformação dos pressupostos como era percebida a economia dos desejos nos homens.

### 3.

Entre 1791 e 1904, entre *Justine* e *Les cent vingt journées*, parece haver um abismo, como se dois ou mais Sades tivessem aparecidos pela primeira vez como duas figuras distintas: um libertino, outro pornográfico; um moralista à moda de um La Rouchefoucauld, outro libertário. Os anos 1960 constituiriam ainda outro Sade, feminista. Com Pasolini, o Marquês estaria na origem desse mal totalitário, desses corpos que se decompõem para que um apenas goze. Seria também deformação e liberdade, possível de ser vivido como excesso divino apenas como intervalo da vida cotidiana. É como se ainda fosse necessário comentar em que medida existiriam dois ou mais Sades, e em que medida tudo isso não seria o desdobramento de um. O caso, contudo, é um falso problema, pois a pergunta sobre o um e o múltiplo estaria vinculada a processos diversos, ligados à constituição do mito heroico do Marquês de Sade e da escritura produzida por Donatien de Sade. À medida que o discurso foi sendo tecido sócio-historicamente, assistiu-se a um desdobramento do mesmo que variava em virtude dos problemas

---

<sup>68</sup> Cf. LANTERI-LAURA, G. *Leitura das perversões*, 61 et seq.

e questões enfrentadas por esse intelectual que viveu na França entre 1740 e 1814. A partir do momento em que esse mesmo sujeito viu aparecer seu duplo, a figura heroica, criada em *fait divers*, o Marquês de Sade, iniciou-se outro processo histórico em que o mito ganhava biografia própria, inclusive capaz de dominar o discurso do homem real que a havia inicialmente sustentado.

Se não há como dominar as leituras produzidas, isso decorre da natureza histórica e autônoma do próprio ato de ler. Nesse caso, o interessante é o mapeamento das tantas possibilidades que interferiram no discurso produzido por Donatien de Sade e acabaram por constitui-lo com novos enunciados. De forma geral, poderíamos delinear um esforço mal sucedido de esquecimento a partir de 1800, já que mais que expulso, a figura de Sade tornou-se uma referência maudita e oculta. Na segunda metade do século, principalmente a partir da década de 1880, com os crescentes debates sobre a clínica e as perversões, houve um aproveitamento dessa imagem para a composição de um padrão desviante. Nesse sentido, reiterou-se a percepção maudita, porém acrescentando-lhe características que, a partir de 1905, com Freud e um novo conceito de homem desejante, permitiram ressonâncias dos debates sobre o caráter libertário do Marquês.

Seguir essas linhas, contudo, significa acompanhar curvas multiplicadoras de leituras dos textos de Sade, assim como em origens de nossas mazelas e virtudes. Constituído como participante do imaginário da modernidade, nós o vemos em semelhança as máscaras africanas de Picasso, muito propícias a dizer sobre a Europa e pouco sobre a África.<sup>69</sup> Não se trata necessariamente de uma operação ancorada na busca histórica de seus textos, mas na composição de discursos em que ele, servindo mais aos anseios do presente, vincula-se ao

---

<sup>69</sup> Cf. CLIFFORD, James. Sobre o surrealismo etnográfico. In *A experiência etnográfica*, p.169-170.

capitalismo, o horror, ao mundo da mercadoria pornográfica, às nossas doenças mentais, enfim, às forças dessa modernidade maquínica que se aprofunda cada vez mais desde o século XIX.

## Parte 2 – Sade entre bibliotecas

Na primeira edição de *Aline et Valcour*, publicado em 1795, Sade anunciou ter escrito esse romance filosófico um ano antes do início da Revolução da França. Entretanto, o texto fora redigido em uma versão quase definitiva em 1788,<sup>210</sup> o que nos leva a pensar na força com que 1789 marcava a sociedade francesa do fim do século XVIII. Propondo-se como prenunciador da Revolução, entendemos que Donatien de Sade buscava forjar para si um papel de importante e fiel intérprete do mundo, o que lhe daria entrada no rol dos filósofos franceses que estiveram, ao longo do século, à serviço do esclarecimento. Seu argumento pode, assim, ser visto como participando do esforço em ligar o Iluminismo, a libertinagem e os matizes de ruptura do pensamento e da sociedade francesa em virtude da Revolução.

Consolidou-se paulatinamente a imagem de que a França, em 1789, estava completamente sublevada, em semelhança ao que Paul Hazard afirmou para as últimas décadas do século XVII, quando, num piscar de olhos, tudo mudara — de um mundo fechado e praticamente conhecido, os homens, desconfiados e dispostos a duvidar, começaram a pensar em novas possibilidades e em novos mundos.<sup>211</sup> Parece residir em variações de grau de intensidade e na capacidade de

---

<sup>210</sup> Cf. SADE. *Aline et Valcour ou le roman philosophique*. In SADE. *Œuvres*, I, p.1196 et seq.

<sup>211</sup> Cf. HAZARD, Paul. *La crise de la conscience européenne, 1680-1715*, p.07.

surpreender a diferença entre a crise da sociedade europeia, explicitada entre 1680 e 1715, e os acontecimentos do fim do século XVIII, com os levantes do verão de 1789, nas ruas de Paris; os discursos dos anos revolucionários; a vida política jacobina entre meados de 1792 e 1794; e, principalmente, o 14 de julho de 1789, eleito e constituído como data monumental que marca o início da Revolução, “marco zero” de uma nova sociedade marcada pelo desejo de ampliação das liberdades individuais e realização das utopias.

Desde o fim do século XVIII, o discurso historiográfico vem elegendo a Revolução Francesa como evento organizador desse século e como marco divisor da história moderna francesa e ocidental em um período anterior e posterior a 1789. Segundo Furet, essa imagem foi composta e alimenta-se de uma compreensão da Revolução como fenômeno natural, vista cronológica e socialmente a partir das ações e discursos estabelecidos pelos próprios atores sociais e históricos. O resultado é uma inadvertida equivalência entre a Revolução como processo histórico (objeto de conhecimento e reflexão) e a Revolução como um conjunto de eventos “acontecidos” e vividos. Além disso, o Iluminismo e os debates produzidos ao longo do século acabaram sendo percebidos como indícios inequivocamente vinculados aos eventos de 1789 ou 1793, num delineamento de uma história evolutiva em que a sociedade do século XVIII iria para produzir essa liberdade revolucionária.

A ruptura com essas diretrizes implica, ainda segundo Furet, em operação de disjunção do discurso produzido ao longo da Revolução e das análises historiográficas. Embora seja consenso entre os historiadores de que o quadro sócio-histórico é produzido a partir dos indícios documentais, mas que não deve restringir-se a esses mesmos indícios por implicar em mecanismos compreensivos

mais longos e ancorados em esforços de análise de processos,<sup>212</sup> as análises mantêm a tópica da relação logicamente ordenada entre Iluminismo e Revolução. Ao reavaliar esses vínculos e sugerir a possibilidade de pensar que a Revolução teria criado o Iluminismo, Chartier inverteu o sentido histórico natural da cronologia revolucionária e propôs uma interpretação sobre a necessidade da Revolução de criar sua origem e justificativa. O resultado foi uma polêmica que se estendeu por pelo menos dez anos, teve resposta em forma de posfácio na reedição de seu livro, em 2000, e parece ainda aberta a debates. Conforme os novos esclarecimentos de Chartier, seu objetivo não era questionar a existência do Iluminismo como fenômeno histórico de grande importância, e sim apontar as formas como os revolucionários consideraram certos textos e autores como seus antecessores e legitimadores do processo que promoviam, operando, com isso, a criação de um molde determinado para o Iluminismo.<sup>213</sup> De todo jeito, esse debate serve como indício de que, apesar das resistências, têm havido esforços de renovação nos estudos da Revolução e do século XVIII.

Um balanço indica, também, que algumas práticas, como as relacionadas aos estudos do pensamento do século XVIII em uma sequência cronológica de autores, foram abandonadas. Parece consolidado o entendimento da insuficiência das análises que buscam interpretar o século do Iluminismo pelo “corte longitudinal” e, por conseguinte, pela diversidade dos fenômenos intelectuais. Para o século XVII, segundo Cassirer, ainda se poderia “conservar a esperança” de estudo dos conteúdos e do desenvolvimento da filosofia pelo acompanhamento de sistema em sistema — de Descartes a Malebranche, de Spinoza a Leibniz, de Bacon a Hobbes e Locke. Já o século XVIII e sua “filosofia” do Iluminismo

---

<sup>212</sup> Cf. FURET, F. *Pensando a Revolução Francesa*, p.36 passim.

<sup>213</sup> Cf. CHARTIER, R. *Les origines culturelles de la Révolution Française*, p.128-133; 283 et seq; 283-284.

articularam-se como “algo muito diverso do conjunto que foi pensado e ensinado pelos grandes mestres do período” por se apresentar como um tipo de arte, bem como pela forma em que se constituíram os debates de ideias.<sup>214</sup>

Houve, ainda, no último terço do século XX, um crescimento dos estudos sobre as mudanças ocorridas nas esferas institucionais de opinião pública durante o século XVIII. François Furet e Arlette Farge voltaram a atenção para as diversas formas como a sociedade francesa expressou sua opinião sobre as práticas políticas do século XVIII. Se Furet voltou-se mais para os estudos da Revolução, Farge retomou as análises de Habermas e, a partir delas, reavaliou os processos de transformação das esferas pública e privada, conforme vivenciadas pela sociedade francesa do século XVIII. Junto com Koselleck, cuja tese defendida na década de 1970 tratava da dinâmica interna do Iluminismo e sua relação com a conformação do poder político absolutista, esses e outros historiadores puseram novos parâmetros para se perceber as práticas políticas da França no século XVIII.

Já as análises de história cultural produzidas por Robert Darnton, ao retomar as pesquisas feitas por Mornet no começo do século XX sobre as ideias iluministas e seus vínculos com a Revolução, terminaram por identificar a importância da literatura de caráter mais popular como parte das esferas de debate e produção de ideias ao longo do século XVIII. Destacaram, ainda, o papel dessa literatura na derrocada do Antigo Regime e na emergência da Revolução.

Também na França, os estudos sobre a literatura clandestina (e as tentativas de defini-la historicamente) e a literatura popular, sobre mercado editorial e as formas de circulação dos livros e ideias passaram a compor um interesse maior para os historiadores. Associados às mudanças ocorridas na

---

<sup>214</sup> Cf. CASSIRER, E. *A filosofia do Iluminismo*, p.12 et seq. A análise de Cassirer sobre o Iluminismo foi originalmente publicada em 1932. Porém, mantém-se como referência interpretativa do assunto.

historiografia francesa, que nas décadas de 1960 e 1970 passava de uma história social para uma história sociocultural, delinearam-se outros métodos e abordagens utilizados para pensar o Iluminismo e o século XVIII.<sup>215</sup>

Entretanto, se os estudos sobre as práticas políticas do século XVIII parecem ter sido renovados em suas hipóteses e parâmetros interpretativos, os estudos relacionados às representações sociais, culturais e políticas, embora tenham incorporado ao campo de estudos historiográficos várias abordagens e interesses novos, nem por isso abandonaram a perspectiva clássica da história intelectual em escalonar as produções intelectuais segundo a perspectiva canônica. A prática tem sido a de comparar as listas de acervo de livros que determinado escritor possui e, tendo-as em vista, discutir as formas e os conceitos usados para a escritura e apresentação de seu tema, numa atenção às especificidades da leitura. Também se traduz em verificar como teriam sido produzidas as leituras determinados autores (Diderot, Hume, Kant, Locke, Rousseau, Voltaire etc.), buscando pensar essa prática como processo ativo de produção de ideias.

A insuficiência dessa abordagem reside nos equívocos de uma prática baseada no conceito de apropriação, traduzido como o entendimento das formas plurais como os grupos populares recepcionam a cultura canônica e erudita.<sup>216</sup> Assim, configura-se uma noção de pluralidade de centros de produção de ideias, porém isso nada mais é do que um escalonamento das formas de produção e recepção (mesmo que essa seja entendida de forma ampla), já que raramente se lida com as influências da cultura popular nos círculos eruditos da sociedade francesa moderna. A estrutura hierárquica das esferas de produção de ideias é,

---

<sup>215</sup> Cf. CHARTIER, R. História intelectual e história das mentalidades : uma dupla reavaliação (p.29-67). In *A história cultural entre práticas e representações*; ROCHE, D. De l'histoire sociale à l'histoire socio-culturelle, *Mélanges de l'École française de Rome. Moyen-Âge, Temps Modernes*, p.7-19.

<sup>216</sup> Cf. CHARTIER, R. *A história cultural entre práticas e representações*, p.53 et seq.

assim, mantida. Em primeiro lugar estariam os autores considerados clássicos, tidos como pais da Revolução: Rousseau, seguido por Diderot, D'Alembert, Voltaire, Montesquieu e outros. Em posição inferior circulariam os escritores de textos libertinos,<sup>217</sup> de crônicas diárias, de panfletos políticos etc., importantes por seu papel intermediário entre grupos diversos e por reeleborar diversos temas de filosofia política iluminista.<sup>218</sup>

Embora Chartier aponte para as formas de comunicação cultural no mundo moderno, numa defesa teórica de que os grupos sociais não se isolam e nem constituem fronteiras claras de limites culturais, o argumento de Burke sobre a separação entre a dita cultura popular e a erudita ao longo do mundo moderno, e sobre a capacidade diretiva da esfera erudita, configura-se vitorioso como prática interpretativa dos historiadores da cultura.<sup>219</sup> Os avanços no campo historiográfico estariam, assim, mais relacionados à incorporação de novas questões e à expansão do universo documental do que necessariamente ligados a uma transformação nos parâmetros segundo os quais a história cultural vem lidando com a produção das ideias.

As alternativas a esses limites parecem residir em discussões que incorporam a noção de interferências plurais entre as várias camadas sociais, percebendo-as todas como produtoras de saberes. A preocupação com as formas

---

<sup>217</sup> Conforme discutimos no primeiro capítulo, os regimes discursivos do século XVIII vinculam-se à libertinagem e não à pornografia, embora a bibliografia corrente normalmente use de forma indiscriminada um e outro termos.

<sup>218</sup> A compreensão do caráter mais político e emergencial ou, ainda, diário e folhetinesco da produção literária ocorrida entre 1789 e 1799 teria conduzido a uma escassez nos estudos literários revolucionários. Tratou-se, pelo contrário, de acompanhar a recepção dos pensadores clássicos do Iluminismo e da Antiguidade. Cf. DIDIER, B. *La littérature de la Revolution Française*. Outra face dessas pesquisas redonda em alinhar a diversidade desses textos como componentes da *opinião pública*, aspectos observáveis, por exemplo, em Chartier e nos poucos apontamentos sobre o tema em Furet. Cf. CHARTIER, R. *Les origines culturelles de la Revolution Française*, p.37 et seq.; FURET, F. *Pensando a Revolução Francesa*, p.49 et seq.

<sup>219</sup> Cf. BURKE, P. *Cultura popular na Idade Moderna, Europa, 1500-1800*; CHARTIER, R. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*.

de expressão dadas pela linguagem proporciona, nesse sentido, amplas possibilidades de investigação, pois parte do princípio de que a sociedade é uma rede complexa de comunicação que produz conceitos e ideias simultaneamente a sua articulação em discursos. Nesse caso, a investigação estaria dada em dois níveis. Em um primeiro, imediato, seriam verificadas, como propõe Michel Foucault, as “doutrinas” (ou modalidades de discurso religioso, político, filosófico etc.) que ligam “os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros”, num processo que realiza uma dupla sujeição: “dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam”.<sup>220</sup>

Em outro nível, mais profundo, a atenção estaria voltada para análise atenta dos gêneros do discurso. Segundo Bakhtin, esse conceito está relacionado à existência de “*tipos relativamente estáveis* de enunciados”. Pressupõe, portanto, que os discursos implicam necessariamente no reconhecimento de formas de expressão, com uso de determinadas palavras, de modalidades específicas da linguagem etc., que garantem o reconhecimento social dos enunciados. Visto que são estáveis e não imóveis, devem ser vistos como historicamente constituídos, o que garante que a existência de padrões e fórmulas discursivas coexista na sociedade com a ideia de mudança nesses mesmos padrões e fórmulas.<sup>221</sup>

Delineia-se com essas perspectivas, um suporte conceitual que identifica os discursos em seus limites. Por um lado, o cânone aparece como produção cultural de determinado momento histórico, inclusive participando das relações intrínsecas aos grupos interessados na definição de um rol de temas e autores

---

<sup>220</sup> Cf. FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*, p.43.

<sup>221</sup> Cf. BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*, p.279 et seq.

significativos do período.<sup>222</sup> Opera-se com o princípio da multiplicação das esferas de debates e produção de ideias, pois a discussão sobre a hierarquia dos autores perde importância para a relacionada com a produção das ideias, inclusive considerando essa produção como elemento constitutivo dos debates sociais em suas definições de formas estéticas. Por outro lado, ao inviabilizar a interpretação da capacidade de inovação ou inauguração dos enunciados tal como estava disponível ao primeiro Adão, as formas de sujeição do indivíduo são vistas como fabricação da própria trama das doutrinas ou modalidades do discurso. O pensamento, por sua vez, é entendido como produzido em diálogo com seus pares imediatos e, também, com essas formas matriciais de discursos e linguagem herdadas nesse processo de permanência e mudança que o envolve como suporte de enunciação.

À noção de biblioteca como esse conjunto de textos imediatos aos quais se tem acesso, soma-se a forma múltipla de modalidades de linguagem. A investigação de bibliotecas passa, desse modo, a relacionar-se aos processos de composição do pensamento em virtude dos acessos a determinados temas e pela leitura (entendida em possibilidades imprevistas) de determinados textos. Incorpora também uma relação com os sistemas discursivos em suas modalidades de gênero, de formas retóricas e de vínculos traçados entre temas e escritura. Com isso, a pesquisa volta-se para as formas de reconhecimento e criação operada pelos sujeitos e pela sociedade ao produzir suas ideias em vínculos de longa duração e em interferência plural entre as diversas camadas sociais.

Interrogar-se sobre o sentido genealógico do pensamento de Sade implica, partindo desses pressupostos, no reconhecimento dos diversos acervos de livros

---

<sup>222</sup> Cf. KERMODE, F. Pleasure, change, and the canon. In *The Tanner Lectures on human values*.

que ele teve e leu ao longo de sua vida. Não se restringe, contudo, à hipótese de apropriação, já que o pensamento também se liga às formas de expressão em sentidos lingüísticos (semânticos e de gêneros de discursos). O percurso dos livros acessados por Sade, inventariados, citados ou supostamente lidos pelas referências implícitas, expande-se para a ideia de que ele herdara formas de reconhecimento e de expressão capazes de apontar-lhe caminhos a serem percorridos.

## Capítulo 3

### Universo de leituras

Em 1791, quando foi publicado anonimamente o primeiro livro de Sade, intitulado *Justine, ou les Malheurs de la vertu*, a maior parte de seus esboços de textos ficcionais (romances, contos, historietas etc.) já estava escrita. Entre 1775 e 1779, encarcerado em Vincennes, ele havia se empenhado na redação de um romance epistolar, composto de três longas cartas, que visava apresentar ao destinatário um panorama amplo, descritivo e crítico da Itália.<sup>223</sup> Entre 1787 e 1788, esboçou aproximadamente 56 textos, entre contos, novelas e historietas, que visavam a composição de um *Portefeuille d'un homme de lettres*, assim como compunham sua identidade de *Boccage français*.<sup>224</sup> Desse montante, seriam retirados os materiais que terminaram dando origem ao primeiro romance sobre *Justine*, publicado em 1791, como desenvolvimento da novela *les Infortunes de la vertu*,<sup>225</sup> e um livro de novelas precedidas por um ensaio sobre a ideia de romance, publicado em 1800 com o título *Les crimes de l'amour*. Também *Aline et*

---

<sup>223</sup> Trata-se de um texto inacabado e que somente veio a ser publicado no século XX; em 1995, foi publicado pela editora Fayard (Paris) com revisão e introdução de Maurice Lever. Cf. FERREIRA, D. W. Le voyage d'Italie ou Sade em novas paisagens. *Kalagatos: revista de filosofia (UECE)*, p. 33-56.

<sup>224</sup> Cf. LE BRUN, Annie, PAUVERT, Jean-Jacques. Notice bibliographique. In SADE. *Œuvres complètes du Marquis de Sade*, tome II, p.09-18.

<sup>225</sup> O romance sobre *Justine* de 1791 também foi desdobrado posteriormente em dois outros romances. Cf. p.22, nota 2.

*Valcour*, publicado em 1795, foi escrito nesse fim da década de 1780, quando ele esteve encarcerado na Bastilha.

Apesar dessa intensa produção anterior a 1791, uma discussão sobre o pensamento de Donatien de Sade não pode desconsiderar as turbulências sociais e políticas revolucionárias. Os eventos posteriores a 1789, com destaque para a morte do rei Luis XVI, em 21 de janeiro de 1792, e a experiência do Terror, entre junho de 1792 e julho de 1793, impactaram-no significativamente e obrigaram-no a uma postura de reposicionamento e reavaliação de suas ideias e alinhamentos políticos. Provavelmente, sem esses eventos da década de 1790, alguns de seus livros não teriam sido publicados e outros textos dificilmente haveriam de ser escritos, como é o caso de *La philosophie dans le boudoir*, publicado praticamente ao mesmo tempo que *Aline et Valcour*, em 1795, e que apresenta considerável destaque à reflexão de um certo tipo de republicanismo.

Assim, o delineamento do perfil intelectual de Donatien de Sade e do processo de composição de suas ideias deve comportar uma análise biográfica. De igual maneira, sendo necessário entender suas escolhas de leituras e de pensadores com os quais ele se dispôs dialogar, os inventários contendo informações sobre o acervo disponível em suas bibliotecas constituem-se essenciais para a avaliação dessa trajetória. Contudo, deter-se nesses dados é um equívoco. As práticas de leitura são operações em que os sujeitos têm participação ativa na produção de significado. Apesar da existência de sentidos sociais compartilhados a respeito de determinados textos, os leitores também constituem com o texto uma rede

específica de significados que lhes servem na tessitura de suas ideias.<sup>226</sup> Por isso, a compreensão do perfil intelectual e do pensamento de Sade deve comportar também um estudo sobre as formas como ele leu determinados autores e temas.

### 1.

Donatien-Alphonse-François de Sade nasceu no dia 2 de junho de 1740 em Paris, no Hôtel de Condé, sendo educado por sua mãe até 1745 ou começo de 1746, quando seu pai entregou-lhe a seu tio Jacques François de Sade, que era abade em Saint-Léger d'Ébreuil, em Auvergne.<sup>227</sup>

O abade de Sade, além de ter formação teológica e filosófica, mantinha relações de amizade com vários intelectuais franceses, dentre os quais se destacavam Voltaire e Mme du Chatélet. Era discreto (ou pelo menos esse traço foi acentuado em sua biografia<sup>228</sup>) em suas práticas de libertinagem e revelava um interesse pessoal pelo estudo de pensadores clássicos como Malherbe, Boileau, La

<sup>226</sup> A discussão sobre as formas como os leitores constroem o sentido dos textos ganhou importante destaque nos debates intelectuais nas últimas décadas, compondo um campo de estudo de estética da recepção. Cf. LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Para o pensamento historiográfico, como já discutimos, a leitura de autores como Michel de Certeau e Pierre Bourdieu permitiram a composição do conceito de apropriação. Cf. p.102.

<sup>227</sup> Salvo indicações especificadas, os dados biográficos de Donatien de Sade foram retirados das biografias de Lely e Lever. Cf. LELY, G. *Vie du Marquis de Sade*, p.33 et seq.; LEVER, D. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p. 47 et seq.

<sup>228</sup> Num dicionário preocupado em registrar biografias segundo os critérios de importância intelectual, social, talento, virtude ou crime (incluindo nisso o vício), a timidez em apresentar a vida amorosa e dúbia do abade Jacques de Sade, que manteve um caso amoroso com Mme La Pouplinière. delimita a possibilidade de citá-lo na enciclopédia por sua importância intelectual. Nesse sentido, o Michaud ameniza o vício como forma de destacar as virtudes. Cf. MICHAUD, J. Fr., MICHAUD, L. G. SADE, Jacques-François-Paul-Alfonse De (verbete). *Biographie universelle, ancienne et moderne, ou, Histoire, par ordre alphabétique, de la vie publique et privé de tous les hommes qui se sont faits remarquer par leurs écrits, leurs actions, leurs talents, leurs vertus ou leurs crimes*, 1822, tome 39, p.470-472. Com estratégia semelhante e diametralmente oposta, a biografia de Donatien de Sade traz uma sequência de vícios e crimes, sendo a relação de tutoria mantida com seu tio, o abade Jacques de Sade, minimizada em importância. Cf. SADE, Donatien-Alfonse-François, marquis, ou plutôt comte De (verbete). *Ibidem.*, p.472.

Fontaine e outros, bem como dos novos debates propostos por Locke, Hobbes, Bayle, Rousseau, Montesquieu, abade Prévost etc.<sup>229</sup>

Durante os dois primeiros anos em que o abade de Sade tutelou seu sobrinho, dividiu essa responsabilidade educacional com as obrigações religiosas em Auvergne. Em 1748, ele se retirou para seu castelo em Saumane e passou a dedicar-se principalmente aos estudos relacionados à vida e à obra de Petrarca, provavelmente motivado pelo amor do poeta por sua ancestral Laure.<sup>230</sup>

Em 1750, o Conde de Sade transferiu a tutela da educação do filho para os jesuítas do Colégio Luís, o Grande (*Collège Louis-le-Grand*), em Paris. Segundo Gilbert Lely, a expulsão dos jesuítas da França, em 1762, resultou em perda de parte da documentação do colégio, inclusive das pastas com informações sobre a vida escolar dos alunos. Assim, pouco se sabe sobre a vida escolar de Donatien de Sade, embora a documentação residual permita entender a organização diária do tempo dos alunos, dividida por uma alternância entre horários de devoção religiosa, estudo e recreação, que se estende das cinco e meia da manhã até as nove da noite. O calendário de eventos artísticos acontecidos na escola entre 1750 e 1753 mostra também uma preocupação com as artes, tendo sido realizados pelo menos dois espetáculos por ano nesse período, sendo que em 1751 chegou-se a um montante de cinco apresentações: duas comédias, uma pastoral em música, uma tragédia e um balé.<sup>231</sup>

---

<sup>229</sup> Trata-se de livros apresentados por Lever como pertencentes à biblioteca do abade de Sade. Cf. LEVER, M. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p.65.

<sup>230</sup> Esses estudos resultaram na escritura de um livro intitulado *Mémoires pour la vie de François Pétrarque*, publicado em três tomos, entre 1764 e 1767. Cf. MICHAUD, J. Fr., MICHAUD, L. G. SADE, Jacques-François-Paul-Alfonse De (verbete). *Biographie universelle, ancienne et moderne, ou, Histoire, par ordre alphabétique, de la vie publique et privé de tous les hommes qui se sont faits remarquer par leurs écrits, leurs actions, leurs talents, leurs vertus ou leurs crimes*, 1822, tome 39, p.470-472.

<sup>231</sup> Cf. LELY, G. *Vie du Marquis de Sade*, p.39-41.

Desses primeiros quatorze anos da vida de Donatien de Sade, parece consensual a ideia de que foram regidos segundo um interesse familiar de fornecer ao filho cuidadosa formação intelectual. Como não restam registros diretamente relacionados à educação do jovem Sade, as poucas informações sobre a vida de seu tio (o que inclui o inventário de sua biblioteca em Saumane) e sobre a história e atividades do Colégio Luís, o Grande terminaram por se constituir nos indícios do interesse inicial de Donatien de Sade pela libertinagem e pelo teatro. Contudo, a despeito do atento trabalho dos biógrafos, acreditamos que foi o desenrolar da vida de Donatien de Sade em período posterior a 1754 que precisou a vida libertina e o interesse do tio pelos estudos, bem como dos espetáculos teatrais do Luís, o Grande como essenciais para o caráter em formação do jovem Sade. Mesmo que a libertinagem, o interesse pela leitura, a importância atribuída ao tio durante a fase adulta de Sade e artes dramáticas tenham sido despertados nesses primeiros quatorze anos, entendemos que os indícios são frágeis para que sejam sustentados argumentos seguros de uma definição de gostos. Fazer isso resultaria no esclarecimento do passado pelo futuro, numa desconsideração de outras alternativas que poderiam ter conduzido Sade em suas escolhas.

O período posterior a 1754 é mais significativo por ser marcado pela inserção progressiva de Donatien de Sade no mundo adulto. O Conde de Sade gozava de certo prestígio naquele momento e, usando dos favores que lhe estavam disponíveis, tratou de encaminhar o filho para um posto capaz de corresponder aos investimentos já efetivados pela família na educação do rapaz. Obteve para ele uma vaga na Escola preparatória de cavalaria, importante instituição fundada em 1741 por De Bongars e anexada em 1751 ao regimento de cavalaria da guarda real (*régiment des chevau-légers de la garde du roi*), em guarnição em Versalhes, e,

com isso, garantiu ao jovem uma formação militar que lhe serviria também como fonte de renda.

Entre a idade de quatorze e dezoito anos, Donatien de Sade manteve-se sob treinamento militar, sendo enviado, em 1758, em tropas especiais para a Guerra dos Sete Anos (1756-1763). Porém, tanto ascendeu na carreira militar quanto deu início a uma trajetória de escândalos. Em 1758, ele se envolveu em uma comemoração pela vitória do Duque de Broglie na Batalha de Sondershausen que quase resultou no incêndio da cidade onde ele estava aquartelado. Em abril de 1751, em carta endereçada ao seu tio, ele confessou seus excessos em sua estada em Paris, afirmando arrependimento. Porém, posteriormente voltou a envolver-se com os salões de jogos, o submundo do teatro e as casas de prostituição.<sup>232</sup>

A expectativa da família De Sade ao investir na educação de Donatien relacionava-se principalmente com a ambição paterna de estreitar as relações de sociabilidade e status na Corte. Essa linhagem, uma das mais antigas do Reino de França,<sup>233</sup> manteve-se vivendo na Província, sendo Jean-Baptiste-Joseph-François, o Conde de Sade, o primeiro a sair das terras familiares, situadas mais ao sul da França, em região próxima a Avignon, para habitar em Paris. Suas escolhas de vida pautaram-se por um esforço reafirmar o status dessa linhagem nobiliária a qual pertencia pela aproximação da Corte. A conquista do posto de Capitão dos Dragões no Regimento de Condé e a indicação para servir como embaixador na Rússia em 1730 corresponderam a conquistas iniciais de uma

<sup>232</sup> Cf. LELY, G. *Vie du Marquis de Sade*, p.44 et seq.

<sup>233</sup> A origem da família De Sade está repleta de lendas: para César de Nostredame, filho do renomado profeta, a ascendência dessa família seria Báltica; já a tradição popular atribui ao símbolo da família vínculos com a estrela de Baltazar, um dos reis magos. Os primeiros documentos de registro do nome da família datam do século XII. No século XIV, a família alcançou estatuto de nobreza, vencendo a condição burguesa, em virtude do modelo italiano presente nas regiões mais próximas ao Mediterrâneo. Cf. LEVER, M. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p.13-15.

carreira que findou com obtenção do título de Marechal de Campo das Armas do Rei, em 1760.

Contudo, o encaminhamento dado ao filho, que gozou de vários privilégios de inserção nos círculos elevados da Corte, tornou-se progressivamente ameaçador à estabilidade do nome da linhagem. A independência obtida por Donatien, o Marquês de Sade, conduziu-o a outras escolhas, diversas daquelas feitas por seu pai. Jovem e razoavelmente independente — com a entrada na Escola preparatória de cavalaria sua pensão aumentou consideravelmente<sup>234</sup> —, ele se aproximou da vida cultural e da boemia parisiense.

Paris, no século XVIII, ocupava um lugar de destaque na vida cultural europeia. Para o provinciano e o camponês, a chegada na cidade traduzia-se em impressão de descoberta de um novo mundo, marcada pelo barulho da rua. Embora Paris fosse vista com uma grandeza e suntuosidade que contrastava com a miséria social, que resultava em alienação material e moral da maioria dos parisienses, frequentemente era descrita de maneira carinhosa.<sup>235</sup>

O espanto diante do crescimento da vida cultural da cidade era, também, um traço acentuado ao longo do século. A morte de Luís XIV em 1715 e o hábito de Luís XV em residir boa parte do ano em Paris permitiram a transferência definitiva do centro cultural francês de Versalhes para lá. O resultado foi uma explosão de vida mundana parisiense, que traduziu, na década de 1750, em tamanho crescimento das companhias de teatro de rua que as levou a pressionar o Estado pela quebra do monopólio do teatro. Além disso, a partir das décadas de 1770, os espetáculos tornaram-se bastante numerosos e o público, cada vez mais

---

<sup>234</sup> O Marquês de Sade passou a perceber o montante de 3000 libras por ano com essa inserção inicial na Escola de cavalaria. Embora não saibamos avaliar essa quantia, Lever adverte que se trata de um dos corpos mais aristocráticos do exército francês. Cf. LEVER, M. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p.81.

<sup>235</sup> Cf. ROCHE, D. *Le peuple de Paris*, p.19 et seq.

exigente, demandava novas produções e melhores espaços, o que resultou em reformas em praticamente todos os espaços de teatro da cidade.<sup>236</sup>

Tudo isso que era encantador a Donatien de Sade, não representava uma ameaça ao andamento do projeto pessoal de seu pai em sua chegada a Paris. Embora o Conde de Sade tivesse mantido ativa vida intelectual, fizera-se diletante, numa postura conveniente a sua origem nobre. Além disso, tratou de evitar escândalos públicos de qualquer natureza e cuidou de aconselhar o filho na condução de sua vida. Essa demonstração de respeito e cumprimento de suas obrigações de nobreza manifestou-se por fim no arranjo de um matrimônio para o filho. A esperança era de obter ganhos financeiros com um dote razoável, capaz de incrementar a renda familiar, e moralizar pelo casamento o jovem Donatien.

Novamente, os esforços paternos foram frustrados, pois o casamento ocorrido em maio de 1763 não veio a ser empecilho para que Donatien de Sade tivesse envolvimento libertino e escandaloso com Jeanne Testard em outubro do mesmo ano. Em 1768, pouco depois da morte do pai ocorrida em 1767, outro envolvimento em prática libertina marcaria sua imagem junto ao judiciário, só que dessa vez o fato agravou pela repercussão negativa junto à opinião pública.<sup>237</sup> A partir daí ficavam claras as opções de Sade por uma vida libertina, bem como os constantes encarceramentos decorrentes dessa postura.

Em abril de 1768, foi encarcerado no Castelo de Saumur e conduzido à Fortaleza de Pierre-Encise, perto de Lyon, de onde foi liberado no dia 10 de junho do mesmo ano. Em 4 de julho de 1772, decretou-se novo encarceramento em decorrência de outro escândalo libertino, feito em parceria com seu valete de

---

<sup>236</sup> Cf. WEBER, W. *L'institution et son public. L'Opéra à Paris et à Londres au XVIII<sup>e</sup> siècle, Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, p.1519-1539 ; PAUL-MARCETTEAU, Agnès, *Les auteurs du théâtre de la foire à Paris au XVIII<sup>e</sup> siècle, Bibliothèque de l'École des Chartes*, p. 307-335.

<sup>237</sup> Cf. cap. 2, p.82 et seq.

companhia. A prisão só veio a acontecer no dia 8 de dezembro, quando eles foram detidos em Chambéry. No dia seguinte, aconteceu a transferência para o Castelo de Miolans, de onde ele fugiria em 1 de maio de 1773. Em fevereiro de 1777, Donatien de Sade foi recapturado em Paris, sendo então conduzido a Vincennes, onde ficou até junho de 1778, quando obteve dispensa legal para ir à Aix. Essa viagem justificava-se pela necessidade do prisioneiro de resolver pendências decorrentes de sua perda no processo de 1772 e da condenação à morte e execução da sentença em efígie no mesmo ano, dado que ele escapara da polícia. Contudo, apesar de poder ausentar-se por um tempo, Sade tornou novamente à condição de fugitivo, por não se reapresentar no prazo previsto em Vincennes. Terminou preso em Paris e, em 29 de janeiro de 1784, foi transferido para a Bastilha, onde ficou até 4 de julho de 1789, quando foi conduzido a Charenton. Em 2 de abril do mesmo ano, em decorrência dos acontecimentos revolucionários que sucederam ao 14 de julho, Donatien de Sade acabou liberto, porém retornou à situação de encarcerado em dezembro de 1793, após ocupar cargo público na seção de Piques. Sua detenção aconteceu primeiro em Madelonnette e depois em Saint-Lazare, tornada casa de correção. Passado pouco mais de um ano, ele foi novamente posto em liberdade. Em 1801, contudo, foi reconduzido à condição de encarcerado, em Sainte-Pélagie. De março desse ano até sua morte em 1814, ficou detido, primeiro em Bicêtre e por fim em Charenton, onde exerceu com alguma liberdade o papel de dramaturgo e diretor de peças teatrais representadas, em sua maioria, por doentes mentais.<sup>238</sup>

Um balanço da vida de Donatien de Sade desde a entrada no mundo adulto revela um crescente aprofundamento da vida libertina e, contrário a isso, os

---

<sup>238</sup> Os dados dessa trajetória de encarceramentos são rapidamente localizáveis em Lely, já que ele divide seus capítulos por uma cronologia precisa, dentro da qual desenvolve a biografia.

esforços familiares por conter a publicidade de seus escândalos e a dissipação dos bens. Ambos os aspectos estão intrinsecamente relacionados com as esferas de sociabilidade do Antigo Regime, já que uma parcela dos encarceramentos de Sade decorreu dos pedidos feitos por sua sogra para aprisioná-lo e, com isso, proteger a honra e os dividendos da família. Segundo Arlette Farge e Michel Foucault, recorrer ao rei como autoridade interventora na família era uma possibilidade para os grupos nobres e populares. Em caso de violência familiar, de abandonos frequentes do cônjuge e filhos, ou ainda práticas desonrosas para a família (por exemplo, o endividamento e perda de bens em decorrência do vício do jogo ou da prostituição), acionava-se a esfera pública, sendo demandado ao rei invadir os recantos da vida privada para resguardar a família e a honra.<sup>239</sup> Nesse caso, a posição ocupada pela justiça era de guarda das estruturas sociais, e não necessariamente demonstrava arbitrariedade, embora ao encarcerado assim se apresentasse.

A libertinagem podia, também, ser parte constitutiva das relações nobiliárias do Antigo regime. Para os grupos populares e nobres, muitas vezes ela era simplesmente identificada no cotidiano como parte dos desregramentos comuns da vida, constituindo, segundo o entendimento policial, uma infração menor. Nesse caso, a associação da libertinagem à perversão e à depravação já se punha em evidência, principalmente na segunda metade do século XVIII.<sup>240</sup> Contudo, aos estratos nobiliários a libertinagem traduzia-se ainda em uma ética,

---

<sup>239</sup> Cf. FOUCAULT, M., FARGE, A. (org.). *Le désordre des familles: lettres de cachet des Archives de la Bastille*, p.09-19.

<sup>240</sup> Cf. TROUSSON, R. Préface. In *ROMANS libertins du XVIII<sup>e</sup> siècle*, p.VIII.

que não apenas resultava em posturas de vida, mas também em práticas de estudo filosófico.<sup>241</sup>

Em Sade, essa opção em viver incansavelmente afirmando um *savoir-vivre* libertino e nobiliário pode ser interpretada como uma postura de enfrentamento das transformações vivenciadas pela sociedade francesa e ocidental ao se constituírem por novas formas de sociabilidade comportamentais. Segundo Huet, ao longo do século XVIII, a aristocracia encontrou na libertinagem um contraponto às transformações produzidas nas concepções ética e social. Com Crébillon, Duclos, Louvet e outros, a libertinagem passou a priorizar uma nova forma literária de caráter mais mundano e preso à ficção de costumes. O modelo filosófico de tratados e ensaios tão marcantes à libertinagem do século XVII foi progressivamente abandonado, embora a defesa das liberdades e a crítica à opressão fossem mantidas em pauta no novo formato. O sentido conservador dos valores aristocráticos também ganhou mais ênfase, já que esses romances libertinos paulatinamente assumiram a função pedagógica da defesa de uma ética e moral nobiliária, em oposição aos valores burgueses. Por isso, embora esses romances comportem um desregramento e práticas subversivas ao longo do desenvolvimento da narrativa, o fim tende à restauração, ao casamento e à ordem dos valores morais aristocráticos.<sup>242</sup> Para Simone de Beauvoir, essa nostalgia por uma França feudal se traduziu em ponto de partida para a construção de um universo simbólico ancoradouro de uma interpretação da crise das instituições

---

<sup>241</sup> René Pintard, Antoine Adam e Christophe Girerd exploram a sociabilidade libertina como própria aos nobres. Entendemos que com a Revolução, junto com a ideia de uma nobreza corrupta, portanto oligárquica, investiu-se também na construção da associação da libertinagem como corrupção e falsidade. Cf. p.64.

<sup>242</sup> Cf. HUET, M.-H. Roman libertin et réaction aristocratique, *Dix-huitième siècle*, n° 6, p.129-142.

sociais francesas de então.<sup>243</sup> De todo jeito, perceber em Sade esse caráter libertino como prática intelectual não conduz a um delineamento de suas leituras filosóficas e nem dos diálogos que ele manteve com seus contemporâneos, uma vez que seria necessária uma investigação sobre seu acesso ao mundo livresco e à sua prática de leitura.

## 2.

Durante sua vida, Donatien de Sade possuiu pelo menos três bibliotecas: uma em seu castelo de La Coste; outra, na Bastilha, onde ficou encarcerado entre 1784 e 1789; e por fim, uma em Charenton, onde viveu seus últimos anos.<sup>244</sup> Em La Coste, provavelmente esteve abrigado seu maior acervo. No registro feito aproximadamente em 1769 consta um montante de 430 títulos, e como uma única inscrição servia, às vezes, para indicar alguns volumes da mesma obra ou um agrupamento de livros de vários autores e textos, é possível estabelecer uma contabilidade mínima de títulos, mas não um somatório preciso da biblioteca.<sup>245</sup> Na Bastilha, o acervo chegou a acumular aproximadamente 150 títulos.<sup>246</sup> Por fim, em Charenton, Sade manteve uma biblioteca com mais ou menos 250 volumes.<sup>247</sup>

<sup>243</sup> Cf. BEAUVOIR, S. de. *Faut-il brûler Sade?*, p.16 et seq.

<sup>244</sup> Não possuímos inventário do acervo da biblioteca de Sade em Charenton e na falta de dados sistematizados sobre esses livros, optamos por não utilizá-la.

<sup>245</sup> Cf. LABORDE, A. M. *La bibliothèque du Marquis de Sade*.

<sup>246</sup> Os dados relacionados à biblioteca de Sade na Bastilha foram coletados a partir dos inventários apresentados por Gilbert Lely e Maurice Lever. Cf. LELY, Gilbert. *Vie du Marquis de Sade*, p.378-379; LEVER, Maurice. *Donatien Alphonse François, Marquis de Sade*, p.727-729.

<sup>247</sup> Já os títulos da biblioteca de Charenton foram coletados apenas em Lever, sendo sua natureza assistemática. Cf. Idem. *Ibidem*, p. 601. A partir dos dados disponíveis, demos tratamento crítico aos dados, buscando identificar edição, título completo e autoria, em semelhança ao trabalho feito por Laborde. O resultado desse trabalho foi um a construção de um inventário com os dados dos livros das bibliotecas de La Coste, da Bastilha e de Charenton. Cf. Apêndice I- Inventário das bibliotecas de La Coste (1769), da Bastilha (1784-1789) e de Charenton (1803-1814), p.212-259.

Embora a existência de determinado título em alguma de biblioteca de Donatien de Sade não signifique necessariamente sua leitura, não é possível desconsiderar esses dados. Uma abordagem preocupada apenas com as referências explícitas a outros autores em seus textos ou uma análise que se detém em aproximações de ideias segundo modelos de mentalidade<sup>248</sup> estaria marcada por um alto risco de produzir hipóteses muito pontuais, que não encontram suporte se confrontadas ao perfil geral dos textos disponíveis ao pensador. Assim, sendo acessíveis os possíveis dados bibliográficos, esses devem ser analisados criticamente, com vistas à produção de um perfil geral.

A classificação dos títulos das bibliotecas de Sade obedeceu aos critérios estabelecidos sócio-historicamente pelo século XVIII. Para Darnton, parte da dificuldade do trabalho do historiador em reconhecer o sistema de classificação dos livros do século XVIII advém da multiplicação de grupos e subgrupos operada por livreiros e censores. Por motivos diferentes, quando não contrários, livreiros e censores estabeleciam nomenclaturas diversas para dar conta das especificidades dos livros e também, no caso dos envolvidos no mercado editorial, para evitar a prisão ou a apreensão da mercadoria ilegal em caso de fiscalização.<sup>249</sup>

Apesar disso, desde o século XVII houve também uma crescente preocupação em organizar os livros por temas ou assuntos. Para Gabriel Naudé, era essencial que se aperfeiçoasse o ofício de bibliotecário, o que estava relacionado à reflexão sobre os critérios de escolha, classificação e acondicionamento dos livros. Isso fazia do ofício de bibliotecário uma atividade

---

<sup>248</sup> Há especificidades no uso dos conceitos de espírito do tempo, *ouillage mental*, mentalidade, imaginário etc., porém todos eles apresentam em comum a noção de uma história organizada por continuidades e eixos estruturais de pensamento seja um aspecto comum a todos esses conceitos. Assim, o uso do termo mentalidade atém-se apenas a esse aspecto.

<sup>249</sup> Cf. DARNTON, R. Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária, p.22 et seq.

intelectual, uma vez que ela estabelecia-se pela concepção de princípios norteadores à constituição da biblioteca. De forma prática, embora muitos fatores, como a planta do edifício ou o tamanho dos livros, interferissem no processo de organização da biblioteca, a ordem dos títulos deveria obedecer a critérios de facilidade, buscando-se “o menos intrigante, o mais natural e usual”. Isso resultava numa atenção às formas socialmente compartilhadas de lidar com o conhecimento, naquele momento organizado segundo as “faculdades de teologia, medicina, jurisprudência, história, filosofia, matemática, humanidades e outras”.<sup>250</sup>

Em atenção aos princípios já traçados, a Biblioteca Real, no século XVIII, terminou por organizar seus livros segundo cinco categorias: Teologia e Religião; Direito e Jurisprudência; História (eclesiástica e profana); Ciências e Artes; e Belas Artes. O renomado catálogo de Gabriel Martin, feito no começo do século e adotado por diversos livreiros, estabelecia as mesmas categorias, embora invertesse a ordem das nomenclaturas — Teologia e Religião; Direito e Jurisprudência; Ciências e Artes; Belas Artes; e História (eclesiástica e profana) —, num indício de um sistema bibliográfico comum correspondendo ao entendimento geral sobre as matérias.<sup>251</sup>

<sup>250</sup> “je croy que le meilleur est tousjours celui qui est le plus facile, le moins intrigué, le plus naturel, usité, et qui suit les facultez de theologie, medecine, jurisprudence, histoire, philosophie, mathematiques, humanitez, et autres”. NAUDÉ, G. *Advis pour dresser une bibliothèque*, 1627, p.42.

<sup>251</sup> Cf. FURET, F. *A oficina da História*, p.152 et seq.; NEVEU, V. La place de la Théologie dans les classifications bibliographiques françaises, *Séminaire ALMA 2008-2009: Les raisons classificatoires*. Para Kant, a razão indica a primazia da Faculdade de Teologia sobre a dos Juristas, e desta sobre a Faculdade de Medicina. Já o *instinto natural* determinaria uma ordem inversa: em primeiro lugar estaria a Faculdade de Medicina, uma vez que “o médico seria para o homem o de maior importância, porque lhe conserva a vida”; o jurista estaria em posição intermediária por prometer proteger os bens contingentes dos homens; por fim, o eclesiástico, pois mesmo lidando com beatitude, basicamente assume importância sumária “à beira da morte”. Cf. KANT, I. *O conflito das faculdades*, 1788, p.24. Com isso, parece haver consonância do sistema adotado pela Biblioteca Real e a ordem racional das Faculdades superiores.

Em linhas gerais, a composição do acervo da biblioteca de La Coste não apresentava muitas variações nos índices das três categorias mais significativas: os livros de Ciências e Artes, Belas Artes e História contabilizavam, respectivamente, 174, 157 e 150 títulos, o que representava proporcionalmente 30,69%, 27,69% e 26,46%. Já os livros de Teologia e Religião ocupavam a quarta posição com uma representação de 66 títulos ou 11,64% do acervo. Em contrapartida, a distribuição dos livros presentes no acervo da Bastilha revelou discrepância acentuada na participação das categorias. Os títulos relacionados às Belas Artes foram se acumulando ao longo da década de 1780, chegando a representar 60% do acervo. Em seguida apareceram os títulos de História, de Ciências e Artes e só ao fim os de Teologia e Religião representando, respectivamente 15,6%, 9,93% e 3,55% do total.

A análise comparativa dos dados disponíveis das bibliotecas de Sade em La Coste e na Bastilha indica uma mudança considerável no interesse mobilizado para a constituição desses acervos. Se no Castelo de La Coste, a biblioteca contava com uma participação mais equilibrada das principais categorias, numa espécie de indeterminação de um perfil intelectual, na Bastilha, claramente delineia-se o gosto pela ficção, que pode ainda ser percebido em paralelo com a grande produção de Sade nessa década. Já tendo abandonado definitivamente a escritura de *Le voyage d'Italie*, Sade iniciou o projeto de escrita de seu *Portefeuille d'un homme de lettres* (que teve desdobramentos em trabalhos que lhe ocuparam a atenção até a morte) e também escreveu em forma praticamente definitiva *Aline et Valcour*, seu romance claramente filosófico. Assim, essas diferenças poderiam sofrer influência da natureza familiar do acervo de La Coste, mas não reduzir-se a isso. A composição da biblioteca da Bastilha obedeceu a

escolhas pessoais de Sade, provavelmente em semelhança ao que havia acontecido em seu encarceramento em Vincennes, quando ele dedicava constantemente algumas linhas de sua correspondência com a esposa para pedir algum livro.<sup>252</sup> Mesmo considerando a censura feita aos prisioneiros da Bastilha (nem tão severa quanto o governo revolucionário acentuou, a considerar as análises de Funk-Brentano),<sup>253</sup> as opções de escolha seriam reduzidas, jamais extinguidas, o que faz desses dados um indicativo ou de uma mudança de interesse ou de um amadurecimento intelectual traduzido na definição de um perfil intelectual mais direcionado a certos gêneros de leitura.

Os textos produzidos por Donatien de Sade nesse período revelam uma diversidade de temas e gêneros: um diálogo à moda socrática intitulado *Le prêtre et le moribonde*, que põe em confronto as noções de prazer em vida e a piedade como segurança de vida no além; uma série de contos e historietas de linguagem popular e tom satírico, com os quais ele objetivava tornar-se o Boccaccio francês; e algumas novelas, como é o caso de *Les infortunes de la vertu*, que a partir da narrativa sobre as irmãs Justine e Juliette apresenta o valor da virtude e da corrupção. Dificilmente, tendo em vista a prática escriturária de Sade, seria possível sustentar que os interesses voltaram-se progressivamente apenas para os temas restritos ao que, no século XVIII, era catalogado sob a inscrição de Belas Artes. Certas tópicas filosóficas foram apresentadas reiteradamente e em variações nesses textos e em alguns outros escritos na década seguinte, tornando insustentável entender a diminuição na quantidade de títulos classificados pela

<sup>252</sup> Os pedidos de livro feitos à esposa são recorrentes. Apenas como exemplo, citamos dois desses trechos: “Espero com impaciência os quatro volumes dos *Hommes illustres* (“J’attends avec impatience les quatre volumes des *Hommes illustres*” [ref. *Vie des hommes illustres grecs et romains*, de Plutarco]).” — 22.mar.1779; “Agradeço-te *Cérémonies religieuses* (“Je vous remercie *Cérémonies religieuses* [ref. *Histoire générale des cérémonies, mœurs et coutumes religieuses*, dos abades Banier e Le Mascrier]).” — 3.jul.1780. Cf. SADE. *Lettres à sa femme*, p.93 e 162.

<sup>253</sup> Cf. FUNCK-BRENTANO, F. *La Bastille des comédiens, Le For l'Évêque*; FUNCK-BRENTANO, F. *Légendes et archives de la Bastille*.

nomenclatura Ciências e Artes-Filosofia signifique um abandono de preocupações dessa natureza. Talvez, nesse caso, recorrer à taxonomia bibliotecária seja um equívoco, uma vez que os sistemas de signos e nomenclaturas concorrem na sociedade em possibilidades de explicação do mundo. Desse modo, ainda que pouco possa ser afirmado sobre a mudança de um perfil intelectual apenas pela análise comparativa dos dados, evidenciamos que a escrita e leitura de Sade poderiam ser relacionadas segundo o interesse pela ficção, sem dispensar, na prática da escritura, uma inquietação pelas questões metafísicas.

Outro aspecto evidenciado pela análise desses acervos diz respeito à preocupação de Sade, quando esteve encarcerado na Bastilha, em manter-se informado sobre os espetáculos teatrais de Paris, bem como sobre os rumos da vida política e militar da França. Além das informações que ele conseguia com o seu advogado e sua esposa, Sade adquiriu, entre 1784 e 1789, exemplares do *Almanach des spectacles*, do *Almanache royal* e do *Almanach des militaires* e outros, evidenciando com isso uma estratégia (não sabemos se nova) que lhe mantinha atualizado sobre a vida mundana da capital.<sup>254</sup>

Os almanaques constituíam um gênero literário popular bastante importante para a organização do tempo e da vida social, na Idade Moderna. Segundo a *Encyclopédie*, embora o conceito de almanaque relacione-se com o tempo profano, em semelhança aos fastos romanos,<sup>255</sup> no século XVI, ele ainda era uma peça profética em uma sociedade que cria na magia. Isso mudaria pelo esclarecimento, sendo este sentido apagado ao longo do século XVIII,<sup>256</sup> pelo

<sup>254</sup> Cf. LEVER, M. *Donaltien Alphonse François, marquis de Sade*, p.727-729.

<sup>255</sup> O calendário de Roma Antiga continha dias fastos e nefastos, estando os primeiros relacionados à vida civil ordinária e os segundos, à devoção aos deuses.

<sup>256</sup> Cf. ALMANACH (verbetes). In DIDEROT ; D'ALEMBERT. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société des gens de lettres*, 1778, tome II, p.198.

menos nos almanaques de Paris, os quais paulatinamente introduziram alterações no gênero. O aumento do número de páginas das edições e a diminuição proporcional do espaço dedicado aos dias festivos do calendário religioso e civil e às referências ao zodíaco passou a diferenciar o formato mantido nos almanaques provincianos dos da capital. Além disso, os almanaques parisienses perderam o caráter generalista de abordagem dos temas e direcionaram-se a segmentos específicos de leitores, ora servindo aos livreiros para apresentar as novidades do mercado editorial ou discutir temas científicos ou filosóficos que podiam ser aprofundados em livros, ora apresentando um assunto específico do cenário teatral ou político de Paris, ou quaisquer outros interesses. Embora não abandonassem os vínculos com a cultura popular, principalmente nas seções destinadas ao humor, mas também pelo uso da linguagem fácil e mais próxima à oralidade, os almanaques parisienses evidenciaram-se cada vez mais como uma fonte de consulta sobre assuntos especializados.<sup>257</sup>

O interesse de Sade por esse tipo de literatura pode, no caso da aquisição dos almanaques sobre teatro, estar relacionado ao gosto que desde o início da juventude ele tinha manifestado pelos espetáculos da cidade. Ao iniciar também uma prática de escritura, Sade apropriou-se cada vez mais da forma dialógica do teatral, explorando-a em novos gêneros, como, por exemplo, no romance *La philosophie dans le boudoir*, publicado em 1795. Assim, o crescimento da participação proporcional dos textos de teatro — em La Coste, esses textos correspondiam a 12,1% da seção Belas Artes, enquanto na Bastilha somavam 20,9% — reforça a ideia de um processo crescente de aprendizagem e interesse por esse gênero.

---

<sup>257</sup> Cf. SARRAZIN-CANI, V. Formes et usages du calendrier dans les almanachs parisiens au XVIII<sup>e</sup> siècle, *Bibliothèque de l'école de Chartes*, p.417-446.

Já a atenção de Sade pela vida política e militar, conforme evidenciada pela aquisição de almanaques nos anos de 1784 e 1876, não encontra dados semelhantes em período anterior ou posterior, e por isso, pouco se pode dizer sobre esse interesse. De alguma maneira, estariam relacionados aos esforços de participar da vida aristocrática, mesmo que apenas inteirando-se das notícias, assim como podiam servir ainda para o estudo dos tipos sociais que tanto interessavam a Donatien de Sade. Uma vez que a história foi apresentada por Sade, desde os primeiros escritos, como uma repetição de eventos, crimes e virtudes, como uma monotonia eterna, reveladora de que “os homens são e serão sempre aquilo que foram”,<sup>258</sup> esses almanaques poderiam ajudá-lo a pensar por similitude as relações entre o passado e os eventos de sua contemporaneidade. A compreensão desses textos extrapolaria, portanto, a simples referência às notícias ordinárias da vida política e militar, para servir ao pensador como forma de observar o mundo e, daí, compor os princípios teóricos a serem desenvolvidos em narrativas e anedotas.

Um terceiro aspecto geral que a análise das bibliotecas de Donatien de Sade permite visualizar está relacionado à diminuição de títulos de certas disciplinas que, paradoxalmente, aparecem representadas com certa recorrência em seus textos. Embora somente na biblioteca de La Coste os livros de Direito e Jurisprudência tenham representação, e, ainda que proporcionalmente insignificante (menos de um por cento), em Sade os temas das leis, da propriedade, da pena de morte e outros não estão ausentes. De igual maneira, a queda da participação dos livros de Teologia e Religião em um terço, entre 1769 e

---

<sup>258</sup> “En en méditant l’histoire, on y voit toujours les mêmes événements se répéter, les mêmes crimes, les mêmes vertus, la destruction des uns, l’élévation des autres. Cette monotonie sera éternelle, et à fort peu de chose près, les hommes sont et seront toujours ce qu’ils ont été”. SADE. *Voyage d’Italie...*, 1775-1779, p.97.

1789, não corresponde ao abandono das preocupações do pensador com a temática do sentido da vida (terrena e no além) e da existência do deus cristão (ou de qualquer outro).

Embora não haja necessariamente uma relação diretamente condicionada entre as bibliotecas físicas e os textos escritos por Sade, novamente trata-se de explicar os sentidos inversamente proporcionais entre a abordagem de determinados assuntos nos textos de Sade e sua correspondência em títulos que os representem. Nesse sentido, deter-se um pouco na escritura de Donatien de Sade é necessário, uma vez que o questionamento da concepção taxonômica adotada no século XVIII parece inconsistente diante dessa relação, embora, na verdade, o problema resulte da opacidade ou insuficiência dessas nomenclaturas, quando referenciadas em nossa sociedade. Dito de outra maneira, embora haja uma perda irrecuperável nas práticas sociais e os sentidos que encontramos sejam de aproximação, a dificuldade nesse caso relaciona-se à necessidade de entender o significado dos temas e dos sentidos sociais dessa distribuição taxonômica no século XVIII.

A apresentação de um exemplo de tema discutido por Donatien de Sade ajuda-nos a perceber alguns desses elementos da taxonomia. Um trecho dos manuscritos de *Le Voyage d'Italie*, escrito entre 1775 e 1779, apresenta uma carta endereçada à Madame la comtesse de... contendo uma descrição do vilarejo montanhês chamado Fouillouse, localizado próximo a La Saulce. Segundo o remetente, nesse lugar os montanheses vivem isolados, “sem ter a quem recorrer”. Possuem um cônsul e à “maneira de uma pequena república” mostram aos moradores da planície o melhor exemplo de sociedade. Lembrando a “idade de ouro”, os homens dali “conhecem pouco de leis e desconhecem o crime”; revelam

um egoísmo, essa “primeira e talvez única lei da Natureza, a partir desse isolamento, o que resulta numa garantia de alguma felicidade.”<sup>259</sup>

Nesse caso, embora se possa pensar no conceito de república de Sade, também abordado em *La philosophie dans le boudoir*, de 1795, o que desponta é menos uma apresentação da dinâmica concreta de determinada organização política ou jurídica. Caberia nesse trecho a mesma crítica apontada por Lefort quando percebe no livro de 1795 uma “ambição teórica e política” que dispensa a tradição republicana. Nesse sentido, ainda que o debate político seja mantido, discutindo o tema da corrupção, da violência, das liberdades, da polícia, Sade abandona as regras da prática filosófica, ao submeter “os grandes temas da filosofia (...) ao ponto de vista da alcova”.<sup>260</sup>

A paixão desperta, em Sade, para o debate jurídico, na medida em que o princípio vira norte para a apresentação da ideia. Como lia Le Chevalier no panfleto *Français, encore un effort se vous voulez êtres républicains*, “Não adquirimos o direito de dizer tudo? Desenvolvamos aos homens as grandes verdades: eles as esperam de nós, é o tempo do desaparecimento do erro”, especificamente aquele que estabelecia aos homens a afirmativa de que “o assassinato é um crime aos olhos da natureza”.<sup>261</sup> Porém, como afirma Kant, há uma peculiaridade que delimita racionalmente o limite e a competência de cada disciplina. “O jurista erudito não busca as leis que garantem o *meu* e o *teu* (se, como deve, proceder como funcionário do governo) na sua razão”, pois o que lhe interessa é o “código oficialmente promulgado e sancionado pela autoridade

<sup>259</sup> Cf. SADE. *Voyage d'Italie...*, 1775-1779, p.48.

<sup>260</sup> LEFORT, Claude. Sade: o desejo de saber e o desejo de corromper. In NOVAES, Aduato (org.). *O desejo*, p. 251 passim.

<sup>261</sup> “N’avons-nous pas acquis le droit de tout dire? Développons aux hommes de grandes vérités : ils les attendent de nous ; il est temps que l’erreur disparaisse (...). Le meurtre est-il un crime aux yeux de la nature ? (...) Si l’éternité des êtres est impossible à la nature, leur destruction devient une de ses lois”. SADE. *La philosophie dans le boudoir*, 1795, p.237 passim.

suprema”. A competência disciplinar pela “*verdade* de certas doutrinas” não é da competência das Faculdade Superiores — Teologia, Direito e Medicina —, e sim da Faculdade (inferior) filosófica, a qual cabe “reinvindicar todas as disciplinas para submeter a exame” de verdade.<sup>262</sup>

Não se trata, portanto, de operar confusamente o sistema geral de taxonomia disciplinar do século XVIII e dizer que, às vezes, Teologia e Religião ou Direito e Jurisprudência equivale à categoria Ciência e Artes em seu subgrupo Filosofia ou Política. O sentido, como afirmou Kant, era preciso, estabelecido racionalmente em obediência mínima à empiria do mundo. Se os romances, o teatro e a filosofia, principalmente em sua vertente libertina, constituíam um ancoradouro para a crítica, o mesmo não se fazia institucionalmente nas Faculdades de Teologia, Direito e Medicina, uma vez que nem cabia dúvida ao eclesiástico sobre a existência, poder e cuidado de Deus, nem questionamento da lei pelo advogado ou juiz (no exercício de sua profissão) e muito menos, ao médico o desvio das prescrições medicinais que a comissão superior da saúde haviam-lhe dado para officiar sua arte. O resultado é que, se os títulos diminuíram, a abordagem crítica, tão evidenciada em outras disposições das leituras de Sade, cresceu, em consonância com seu interesse por submeter os temas da sociedade à razão crítica.

Por fim, o último apontamento geral sobre as bibliotecas discrimina que em ambos os acervos predominam os livros originalmente escritos em francês (60,24% dos títulos classificados), embora não estejam ausentes as traduções do latim e do grego (5,77%), do inglês (7,13%), do italiano (2,88%). As traduções de outros idiomas que foram identificadas não correspondem nem a 1% do volume

---

<sup>262</sup> KANT, I. *O conflito das faculdades*, 1788, p.27 passim.

total do acervo. A diversidade de proveniência dessa parcela é curiosa, por não se restringir apenas às línguas européias (alemão, espanhol, holandês e sueco). Há ainda livros traduzidos do turco, do árabe e até uma indicação do indiano.

Também é possível encontrar algumas informações sobre a existência de dicionários e gramáticas de italiano, provavelmente utilizados por Sade na década de 1770, quando ele fugiu para a Itália por duas vezes e se dedicou a escrever um livro sobre a península. Salvo as *Observations de Ménage sur la langue française, dictionnaire étymologique*, de Gilles Ménage, os outros poucos exemplares de dicionário de línguas e gramáticas referem-se ao italiano — *Dictionnaire d'Italie ; Dictionnaire français et italien* (dois exemplares, sendo um de 1626); *Grammaire italienne*, de Jean Vigneron — num indício de que Donatien de Sade estava praticamente restrito à leitura em francês e provavelmente fez muito poucos investimentos na aprendizagem de outras línguas.

Se o predomínio de livros traduzidos demonstra uma afinidade de Sade com a “era dos tradutores” que, segundo Daniel Roche, fez sucessão ao mundo dos latinistas, a falta de domínio de outras línguas e a pouca preocupação com os estudos das formas eruditas do francês destoam dos esforços geralmente presentes nos eruditos e acadêmicos do século XVIII. Num momento em que as línguas clássicas eram abandonadas e as vulgares incentivadas como veículo de unificação nacional ou, no meio científico, substituídas pelo francês culto, tido como um idioma franco, a forma como Donatien de Sade relacionava-se com os estudos de idiomas serve de indício inicial das divergências dele com os interesses compartilhados socialmente pelos círculos acadêmicos e eruditos.<sup>263</sup>

---

<sup>263</sup> Cf. ROCHE, D. savant et sa bibliothèque au XVIIIe siècle, *Dix-huitième siècle*, p.70 et seq. A indisponibilidade de dados relacionados a intelectuais relacionados às artes dramáticas ou com outros interesses inviabilizam outras comparações.

Por sua vez, a leitura de alguns textos de sua autoria, principalmente os que compõem o *Portefeuille d'un homme de lettres*, revela uma prática de escritura marcadamente oral e, até certo ponto, contrária aos ditames desses círculos. Frente a uma elite francesa que afirmava nova centralidade e buscava compor uma unidade cultural pela língua<sup>264</sup>, a ênfase de Sade recaía sobre os aspectos linguísticos e anedóticos de uma França fragmentada culturalmente. Anedotas populares eram tomadas como motivo de contos, como é no caso de *La saillie gasconne*, em que uma suposta promessa de Luís XIV leva um oficial gascão à Corte para reivindicar sua gratificação de 150 pistolas. Segundo o conto, o Ministro Colbert recebe o oficial e convida-o para um jantar antes de entregá-lhe a gratificação devida. Ao fim da refeição, entrega ao gascão o montante de 100 pistolas, com a desculpa de as 50 faltantes servirem como pagamento pelo jantar. O oficial, contudo, reclamou que aquela refeição não lhe custaria 20 soldos, ao que foi replicado de que, com esse valor, ele também não teria jantado com o ministro. Prontamente, o gascão respondeu que guardasse o dinheiro, pois voltaria no dia seguinte com um amigo e quitaria por fim seu saldo. Tomando, assim, como motivo do conto o trocadilho popular *gasconnade* e *fanfarronade* (em português, fanfarronice ou fanfarrice), Sade brincou com os preconceitos, as galhofas populares e terminou o conto afirmando que Colbert acrescentou 50 pistolas à gratificação pela espirtuosidade do oficial, numa demonstração de divertimento diante do humor gascão: sinonímia de ironia, atrevimento e habilidade piadista.<sup>265</sup> Como em tantos textos de Donatien de Sade, a ambiguidade entre o que é permitido e condenado, risível ou dramático, ironia, simples deboche e crítica é mantida, numa estratégia de apresentação do tema que

<sup>264</sup> Cf. DE CERTEAU, M., JULIA, D., REVEL, J. *Une politique de la langue: la Révolution Française et les patois: l'enquête de Grégoire*.

<sup>265</sup> Cf. SADE. *La saillie gasconne*. In *Œuvres complètes du Marquis de Sade*, tome 12, p.21-22.

não necessariamente está implicada em homogeneizar os traços da cultura francesa.

Além disso, os temas filosóficos assumiam em Sade uma coloração provençal, mesmo quando, segundo Jean Deprun, usava trechos de Fréret, de Voltaire, do Barão d’Holbach e outros, em versão resumida ou dramatizada.<sup>266</sup> Pode-se até pensar essa escritura comprometida com a linguagem falada como uma forma de aproximação de diversas camadas de leitores, embora o que nos pareça mais plausível seja o comprometimento intelectual em discutir a França em sua pluralidade e, principalmente, em sua história.

Essa disposição específica de Sade no trato com a língua e a cultura francesas serve, ainda, para discutir os equívocos das análises que o vinculam à literatura gótica à moda dos livros de Ann Radcliffe, de quem ele destacou a “brilhante imaginação”.<sup>267</sup> Se, por um lado, a relação de Donatien de Sade com a cultura oral provençal não é suficiente para sustentar um caráter nativista em sua escritura, por outro, o argumento sobre a inspiração obtida por Sade na literatura inglesa não encontra fundamento nem na análise da composição de suas bibliotecas, nem na correspondência entre as traduções feitas na década de 1790 e o momento em que Sade escreveu as novelas que compõem *Les crimes de l’amour* ou os livros sobre Justine.

Em contrapartida, as bibliotecas de Donatien de Sade revelam um interesse constante por romances, principalmente os franceses. De igual maneira, o interesse pelos livros de história mantém semelhante proporção, predominando os relacionados à França e as regiões da Europa em período do fim da Idade Média e

<sup>266</sup> Cf. DEPRUN, J. Quand Sade récrit Fréret, Voltaire et d’Holbach. In KRAUSS, W., POMPEAU, R., GARAUDY, R. et al. *Roman et Lumières au XVIII<sup>e</sup> siècle*, p.331-340.

<sup>267</sup> Sade fez poucas referências aos autores ingleses em seu ensaio sobre o romance. Fora Ann Radcliffe, fez referência a Samuel Richard (1698-1761) e Henry Fielding (1707-1754). Cf. SADE. *Les crimes de l’amour*, 1800, p.38-39.

início da Idade Moderna (séculos XIII ao XVII), como é o caso de *Histoire des flagellants*, de Jacques Boileau, de *Mémoires pour servir à l'histoire de Pétrarque*, do abade Jacques François de Sade (tio de Donatien de Sade) e de *Anecdotes de la cour de Dom Juan, roi de Navarre*, do abade Louis-Nicolas Gueroult. Apesar da variação na quantidade dos livros nas bibliotecas de La Coste e da Bastilha, há estabilidade na representação proporcional dessa categoria, uma vez que os dados relacionados ao subgrupo “história eclesiástica e história profana” variam de 90,7% para 86,4%, e os do subgrupo “geografia, viagens e cartografia”, de 9,3% para 13,6%.

### 3.

O estudo das bibliotecas que Donatien de Sade possuiu permite traçar um perfil geral de seus interesses, porém informa pouco sobre as formas como ele leu os textos ou, no conjunto do acervo, quais efetivamente foram os títulos lidos ou, ainda, qual o impacto de certas leituras para o processo de construção de suas ideias. Uma análise que contemple as leituras que Sade fez de certos autores e temas é necessária para que sejam percebidas as relações entre o seu pensamento e os debates recorrentes no século XVIII. Orquestrar essas relações é, entretanto, operação complexa. Segundo Jean Leduc, isso decorre, primeiramente, das variações particulares intrínsecas ao pensamento de Sade ao apresentar-se em ausência de unidade entre os diversos conceitos, o que resulta na constituição de uma filosofia assistemática. Em segundo lugar, da dificuldade apresentada por textos marcados por contradições e movimentos proporcionados por diálogos e variações de opiniões das personagens dos romances do pensador. Por fim, resulta ainda dos vínculos que Sade estabeleceu com o movimento de oposição à

ortodoxia que representava o espírito filosófico do século XVIII, ou da diversidade de ideias deste movimento ao constituir um *corpus* que pertence a todos e a ninguém, numa indeterminação de paternidade.<sup>268</sup>

A falta de sistematicidade e a multiplicidade de pontos de vista na apresentação das ideias de Donatien de Sade constituem características intrínsecas ao seu pensamento. A busca por identificar as relações entre os conceitos e traçar uma genealogia desse pensamento devem respeitar essa complexidade. Nesse sentido, são equivocadas as soluções apontadas por Jean Leduc em dividir os textos de Donatien de Sade em fases, para construir eixos explicativos sistemáticos e pautados em classificações estéreis, o que daria origem a um Sade romântico ou um Sade revolucionário ou ainda um Sade libertário (também associado ao feminismo). Igualmente errôneo são as interpretações que elegem as falas de certos personagens de seu texto como representantes de uma afirmação do pensador sobre determinado conceito ou ponto de vista.<sup>269</sup> O traço formal de uma escritura contraditória, assistemática e, conforme tanto ressalta a crítica, monótona nem é eventual em Sade e nem resulta de sua incapacidade de ser um bom contador de histórias. Pelo contrário, constitui parte essencial da composição de seu pensamento.<sup>270</sup>

Já a defesa de um pensamento iluminista ortodoxo, ao qual Donatien de Sade opunha-se, ao estabelecer vínculos de leitura com uma filosofia ilustrada heterodoxa, requer cuidadosa avaliação. Uma vez que o recrudescimento das discussões sobre o conceito de Iluminismo tem apontado para novos horizontes conceituais e novas perspectivas para avaliar o século XVIII, faz-se necessário

---

<sup>268</sup> Cf. LEDUC, Jean. Les sources de l'athéisme et l'immoralisme du marquis de Sade, *Studies on Voltaire*, p.09-10.

<sup>269</sup> Cf. Idem. Ibidem p.09.

<sup>270</sup> A discussão sobre a forma do texto em sua relação com o conteúdo constitui o tema do capítulo seguinte.

repensar a cartografia das relações do pensamento desse século e, especialmente, as implicações dessa disposição para a compreensão dinâmica dos vínculos de Sade com os demais filósofos.

A resposta de Kant ao jornal *Berlinische Monatsschrift* sobre o que ele entendia ser Iluminismo (*Aufklärung*), publicada em 5 de dezembro de 1783, sugere uma problemática inicial de investigação. O conceito de Esclarecimento (*Aufklärung*), para o filósofo, dirige-se ao homem para responsabilizá-lo por seu estado de menoridade e, também, para convocá-lo a ter coragem para usar seu próprio entendimento e sair de seu estado.<sup>271</sup> Nesse sentido, delineia-se o sentido processual inerente ao tema: primeiramente porque a ideia de “partida” indica que essa condição de minoridade somente pode ser superada por meio de novo direcionamento da vontade; em segundo lugar, o *Sapere aude!* (em português Ouse saber!) é um imperativo ambigualmente dirigido ao indivíduo e à humanidade, o que faz do Esclarecimento um projeto de vontade indivíduo na construção de sua autonomia e da humanidade, como forma de produção de uma nova sociedade.

Para Foucault, ao definir o Esclarecimento negativamente, ou seja, por aquilo que não é esclarecimento, Kant operou um deslocamento dentro da tradição historiográfica. Esquemáticamente, a reflexão sobre o presente apresentava-se, até Kant, ou como uma investigação sobre certa etapa da história do mundo, distinta de outras por certas características, ou uma decifração dos signos anunciadores de um evento próximo a acontecer ou, ainda, como um ponto de transição para o amanhecer de um novo mundo. Com Kant, a fricção da ação em nova vontade

---

<sup>271</sup> Cf. KANT, I. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? (“*Aufklärung*”) 5 de dezembro de 1783. In *Textos seletos*, p.100.

com o presente está puramente presa à atualidade do sujeito e da humanidade em sua existência política e social.<sup>272</sup>

Em virtude do entendimento dessa natureza processual, histórica e social do Esclarecimento, Kant detem-se sobre a razão em seu uso público e privado. Caso o tema tivesse apenas um sentido subjetivo, caberia pensar a articulação da razão e da vontade numa dinâmica interna, dada pela coragem que se manifesta no íntimo do homem em libertar-se. Porém, sendo também cabível pensar o tema em sua relação com a humanidade, esses conceitos de razão e vontade foram orquestrados com a noção de liberdade em seu uso público, ou seja, aquele uso que qualquer homem, enquanto sábio, faz da razão diante do grande público do mundo letrado. Em oposição ao uso da razão privado, aquele que se dá como funcionário do Estado e ao qual cabe obediência, a liberdade dos homens nos sistemas políticos ganhou em Kant uma defesa sumária dada pelo lema “*raciocinai*, tanto quanto quiserdes, e sobre o que quiserdes, mas *obedecei!*”.<sup>273</sup> O resultado é o entendimento de uma fratura a ser operada nos homens (como sujeitos), que, cindidos em duas esferas, deveriam opinar por si em quaisquer assuntos que fossem resultado da convocação do servidor do Estado.

Essa distribuição da razão em esferas pública e privada, conforme acordada no século XVI pelo absolutismo, se por um lado, permitiu a pacificação do reino, por outro, intrínseca e contraditoriamente, gerou as condições de emergência da opinião pública e do questionamento do poder político absolutista. O Iluminismo, por essa interpretação, termina por ser um produto dessa cartografia dinâmica do poder do Antigo Regime. Se o pensamento livre está localizado no mundo dos salões, o sentido de ordenação do espaço do poder

---

<sup>272</sup> Cf. FOUCAULT, M. Qu'est-ce que les Lumières?. In *Dits et écrits, 1954-1988*, p.1382 et seq.

<sup>273</sup> KANT, I. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? (“*Aufklärung*”) 5 de dezembro de 1783. In *Textos seletos*, p.104.

convoca-lhe à obediência ao Rei quando a tópica não é mais de opinião, mas de caráter político. Nesse caso, pelo menos até 1793, na França, não haveria possibilidade de desobedecer sem violar o ordenamento divinamente estabelecido.<sup>274</sup>

Para Paul Hazard, a dinâmica de transformações da consciência resultou, nas duas últimas décadas do século XVII, num espírito de desrespeito, e, desde o começo do século XVIII, no avanço da ironia.<sup>275</sup> O resultado foi uma crescente operação de instituir a natureza como guia seguro e ordenador da consciência, inclusive em assuntos religiosos, uma vez que ela seria compreendida por meio de um princípio sistemático e racional. Em linhas gerais, o universo, no século XVIII, foi entendido a partir de duas imagens concorrentes. Segundo os deístas, o mundo poderia ser visto como um relógio sem relojoeiro, já que leis rígidas e harmoniosas dispensavam o criador, esse relojoeiro, de intervir em sua criação. Já para os ateístas, o mundo havia sido feito e iniciado seu movimento por uma ação produzida em si mesmo. Daí também se dispensaria uma intervenção externa, muito embora o princípio de origem espontânea padecesse de maiores críticas do que essa ideia de equiparar a divindade cristã à Natureza. Em ambos os casos, a ética ilustrada estaria pautada pela noção do “egoísmo altruísta”. No caso do deísmo, esse Grande Arquiteto/Relojoeiro seria uma duplicação de um deus que distribui suas benesses e vinganças conforme o mérito e, segundo a visão dos ateus (se é que não apenas esquematicamente podemos operar essas duas generalizações), o interesse bem compreendido terminaria por orientar a moral

---

<sup>274</sup> Cf. KOSELLECK, R. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*.

<sup>275</sup> “Le dix-septième siècle avait fini dans l’irrespect, le dix-huitième commença dans l’ironie.” Cf. HAZARD, P.

terrena, ancorada apenas no quadro e norma humanamente estabelecida pela vida.<sup>276</sup>

A interpretação hegemônica do Iluminismo (ou Iluminismos, como vem sendo feitas as afirmativas nas novas interpretações<sup>277</sup>) comporta a ideia de uma crise explicitada de forma crescente por volta de 1680. A partir desse período, haveria de se observar uma ruptura e a emergência crescente do confronto entre a lógica dedutiva de Descartes e o espírito experimental de Locke e Hobbes, ou ainda no confronto da unidade cartesiana com a multiplicidade proposta por Leibniz como explicação do mundo.<sup>278</sup> Estabeleceu-se também uma progressiva crença na razão. Paradoxalmente, esse ponto de debate comum foi, por um lado, objeto de disputas filosóficas quanto ao sentido, muito embora, por outro, a *razão* fosse compreendida como “una e idêntica para todo o indivíduo pensante, para toda a nação, toda a época, toda a cultura”.<sup>279</sup>

Na contramão, dessa interpretação, afirma-se uma tese que reivindica o engendramento da crise e a emergência do pensamento de autonomia do sujeito pela razão segundo uma vertente de pensamento radical. O argumento central dessa vertente interpretativa atribui a Spinoza a constituição de um pensamento que, recepcionado de diversas maneiras, teria impactado os sistemas filosóficos de meados do século XVII, permitindo a emergência de um Pré-Iluminismo, numa espécie de antecâmara da crítica.

<sup>276</sup> Cf. DEPRUN, J. Sade et le rationalisme des Lumières, *Raison présente*, p.18 et seq.; HAZARD, P. *La pensée européenne au XVIII<sup>e</sup> siècle*, p.117 et seq.

<sup>277</sup> Segundo Lilti, parece haver consenso historiográfico na pergunta “quais Iluminismos?”, num indicativo de que haveria uma multiplicidade de aproximações e um desencorajamento em interpretações de conjunto. Cf. LILTI, A. Comment écrit-on l’histoire intellectuelle des Lumières? Spinozisme, radicalisme et philosophie, *Annales HSS*, p.171-172.

<sup>278</sup> No caso acima, operamos com uma síntese entre Hazard e Cassirer, na medida em que ambos terminam por prever uma continuidade entre os séculos XVII e XVIII. Cf. CASSIRER, E. *A filosofia do Iluminismo*, p.43 et seq.; HAZARD, P. *La crise de la conscience européenne*

<sup>279</sup> Cf. CASSIRER, E. op. cit., p.23 passim.

Em divergência com o Iluminismo moderado e emancipatório, o que se enfatiza nas análises de Jonathan Israel é o pensamento materialista e democrático. O processo de racionalização e secularização teria se expandido principalmente sob a influência de Spinoza em vertentes deísta e ateia, segundo pode ser atestado pelos verbetes do *Dictionnaire historique et critique*, de Bayle, do *Grosses Universal Lexicon*, de Zedler, e da *Encyclopédie*, de Diderot e d'Alembert.<sup>280</sup>

Em que pesem as novas discussões sobre do tema do Iluminismo (*Aufklärung*) e as possibilidades interpretativas que parecem despontar desse debate, dois pontos de vista clássicos prendem ainda nossa atenção. O primeiro, defendido por Jean Deprun, estabelece que a ausência de eixo central unificador do pensamento do século XVIII deve ser vista em concomitância com uma motivação filosófica marcada pela inquietude, inscrita como parte da organização do homem (ou de sua estrutura psicofísica). Seu argumento, delineado desde o começo da tese, baseia-se na ideia de que o Iluminismo compôs-se como uma tendência — não uma teoria coerente e homogênea — centrada, por um lado e a princípio, numa inquietude de matriz religiosa, e, por outro, na pelo monopólio genético da inquietude, ou seja, essa análise racional em bases filosóficas e científicas da insatisfação. Desse modo, se é possível afirmar alguma unidade das Luzes, essa seria de atitude e linguagem.<sup>281</sup>

Já o segundo aspecto é apresentado por Michel Foucault ao comentar o texto de Kant sobre o Iluminismo, publicado num jornal berlinense em 1783. Seu argumento enfatiza a impossibilidade de uma posição a favor ou contra as Luzes, uma vez que o Esclarecimento (*Aufklärung*) manifestou como um tipo de

<sup>280</sup> Cf. ISRAEL, J. *Iluminismo radical*.

<sup>281</sup> Cf. DEPRUN, J. *La philosophie de l'inquiétude*, p.11 et seq.

interrogação filosófica, um *ethos*, e não como um debate de conteúdo ou tema. A clareza da resposta de Kant foi emblemática. O Iluminismo foi engendrado ao longo do século XVIII como “uma certa maneira de filosofar” e não como um conteúdo a ser pensado. Além disso, ao apresentar-se como uma ética concomitantemente social e subjetiva que emergiu num determinado momento complexo da história, o Iluminismo terminou por se apresentar como uma reflexão sobre o presente em sua face dinâmica. Em consequência disso, escapou a quaisquer definições próprias ao humanismo, uma vez que este conceito está vinculado a concepções científicas, políticas e religiosas que contemplam o homem em um sentido abstrato. Positivamente, esse *ethos* pode ser caracterizado tanto por uma atitude limitada por enfrentar a contingência da vida, quanto por uma prática experimental que se traduz numa filosofia crítica dos homens em relação a si mesmos. Por fim, ela se apresenta intrinsecamente marcada pela renúncia da completude, não esperando mesmo alcançar qualquer conhecimento completo e definitivo daquilo que constitui o horizonte histórico.<sup>282</sup>

O resultado desses apontamentos sobre o Iluminismo conduz, então, a um estudo de leituras e relações presentes nos textos de Donatien de Sade que desconsidera os autores segundo critérios de ortodoxia e heterodoxia. O ponto central da investigação volta-se para a leitura e a escritura praticada pelo pensador descentrada, também, em conteúdos específicos, mas atenta a uma antropologia. A cartografia das leituras operadas por ele poderia, assim, ser resumidamente apresentada em dois eixos: uma ancoragem de leitura de filósofos materialistas, como o Barão d’Holbach, La Mettrie, Hélivétius e outros, e textos libertinos à

---

<sup>282</sup> Cf. FOUCAULT, M. Qu’est-ce que les Lumières?. In *Dits et écrits, 1954-1988*, p.1390 et seq.

moda de *Thèrese philosophe*; outra mais voltada para o debate sobre a natureza humana, conforme delineada principalmente por Hobbes e Rousseau.

A influência dos filósofos materialistas é essencial para a composição de uma visão de mundo ateia e sensualista. Sade teria percebido pela leitura do Barão d’Holbach, de Hélivétius e de La Mettrie que o homem reduz-se ao corpo ou, segundo a formulação de Hélivétius, que “tudo se reduz a sentir” — sinto, logo julgo, ou viceversa.<sup>283</sup> Também teria entendido que, escravizado pela natureza em suas leis rígidas, o homem deve investigá-las e submeter-se aos instintos como único caminho possível à realização da felicidade. O resultado seria, como ressaltam La Mettrie e Hélivétius, a composição de antropologia baseada no elogio da força e na realização dos prazeres.<sup>284</sup>

Além das referências clássicas a textos como *Système de la nature* (1771) ou *L’esprit* (1758), respectivamente de autoria de d’Holbach e Hélivétius, Jean Deprun identifica o pensamento do abade Nicolas-Sylvestre Bergier como outra influência marcante para a constituição complexa do materialismo de Donatien de Sade. Uma comparação entre as proposições de Bergier e Sade revelam semelhanças marcantes. Ambos defendiam, em contradição aos parâmetros gerais da compreensão do corpo apresentada por Buffon, o uso intenso das paixões pelo corpo, sem algum questionamento de que a máquina pudesse se esgotar. Em ruptura com uma sociedade que buscava delinear as formas de relação contratual para garantia da sociedade na manutenção do bem comum, afirmavam a solidão como elemento intrínseco ao homem, uma vez que ele foi criado pela Natureza

<sup>283</sup> Cf. HÉLVÉTIUS, C.-A. Do espírito, 1758. In *Textos escolhidos: Condillac, Hélivétius, Degerando*, p.177.

<sup>284</sup> Cf. DEPRUN, J. Quand Sade récrit Fréret, Voltaire et d’Holbach (p.331-340). In KRAUSS, W. et al. *Roman et Lumières au XVIII<sup>e</sup> siècle*, p.331-340; DEPRUN, J. Sade et le rationalisme des Lumières, *Raison présente*, p.17-29; LEDUC, J. Les sources de l’athéisme et l’immoralisme du marquis de Sade, *Studies on Voltaire*, p.07-66.

para ser eticamente egoísta. Por fim, ao negar qualquer personalidade à Natureza, compreendida apenas como força, Sade e Bergier terminaram por questionar quaisquer atribuições de características antropomórficas a ela. Dito de outra maneira, nem em Sade nem em Bergier existe uma Natureza com vontades boas ou más, sendo ela apenas uma orquestração de forças.<sup>285</sup>

Um balanço dessa leitura que Donatien de Sade fez dessa vertente filosófica materialista permite identificar, mesmo que de maneira não necessariamente coerente, as fontes de inspiração para as questões sobre a visão de mundo de Sade, naquilo que Jean Deprun nomeou de “materialismo elétrico”. Esse conceito resultava da conjugação da ideia de um universo suficiente em si mesmo, sendo sua própria causa, com a concepção de que a vida tem princípio dinâmico e elétrico.

A especificidade da leitura que Sade teria feito dos filósofos materialistas aparece quando essa concepção materialista elétrica desdobra-se em conceitos éticos. A ética defendida por Donatien de Sade é acentuadamente incompatível com os argumentos de bem comum presente na filosofia materialista do Barão d’Holbach, La Mettrie e Hélivétius, pois o que lhe importa é a percepção do egoísmo da natureza humana, que se traduz em subjugar o mundo e os homens (reduzidos à condição de objeto e, por isso, podendo ser vistos como parte do mundo) aos seus interesses.

Nessa referência, o debate de Sade poderia ser aproximado das concepções produzidas por Hobbes, uma vez que sua percepção da condição pré-política considera os homens segundo uma condição de guerra potencial. Prestes a se unir por meio de um pacto político, os homens encontravam-se em isolamento,

---

<sup>285</sup> Cf. DEPRUN, J. Sade et l’abbé Bergier, *Raison présente*, p.05-11.

defendendo-se uns dos outros e dos inimigos em comum.<sup>286</sup> A dificuldade, contudo, não é identificar a semelhança de abordagem entre a tópica da natureza humana e da orientação ética egoísta do homem segundo Sade e Hobbes. O problema, para Leduc, está relacionado aos indícios seguros de que Sade tenha lido Hobbes e enfatizado nessa leitura a concepção de uma natureza humana eticamente egoísta. Mesmo que o nome desse filósofo inglês seja citado em *La nouvelle Justine* — inclusive equacionando-o a Montesquieu (às vezes também relacionado com Hélivétius, no sentido da coragem em defender a verdade) — e haja referência ao *De la nature humaine* e ao *Eléments philosophiques du citoyen* na biblioteca que Sade possuiu em La Coste, não há como definir se essas reflexões derivariam da leitura desses livros ou outros textos de Hobbes ou, ainda, da recepção que os materialistas franceses fizeram dele.<sup>287</sup>

Se essa questão fica inconclusa, a relação de Sade como leitor de Rousseau pode assumir um grau de certeza maior, mesmo que delineada negativamente. Mesmo considerando a ausência de livros de Rousseau na biblioteca de Sade durante seu encarceramento na Bastilha, o argumento montado por Sade em *Les infortunes de la vertu* e nos desdobramentos dessa narrativa sobre Justine e Juliette armou-se em direção contrária aos conceitos de Rousseau. Justine é o avesso de Julie, essa nova Heloísa francesa. A uma ética pautada no desejo de restabelecimento da natureza (mesmo que numa dimensão mais pura que a natural), conforme apresentada por Rousseau, Sade teria contraposto os conflitos e perversões humanas enfrentados por Justine em sua jornada.

Desse uma forma resumida, independente das formas de contato com Hobbes e mais seguros da referência a Rousseau, o que a crítica toma como certo

<sup>286</sup> Cf. HOBBS, T. *Os elementos da lei natural e política*, p.106.

<sup>287</sup> Cf. LEDUC, J. Les sources de l'athéisme et l'immoralisme du marquis de Sade, *Studies on Voltaire*, p.47-48.

é que Sade inseriu-se no debate e investigação sobre a natureza humana atento aos conflitos entre as concepções de um homem bom ou egoisticamente dirigido.

## Capítulo 4

### Linguagem, retórica e pensamento

*Le dialogue entre un prêtre et un moribond* vem sendo reconhecido como o ponto inicial da carreira literária e filosófica de Donatien de Sade.<sup>288</sup> Escrito em 1782, na Bastilha, esse diálogo à moda socrática revela um escritor de certa maturidade intelectual, capaz de produzir um texto curto, porém conceitual e formalmente bem construído, em defesa da vida terrena prazerosa e de crítica à religião. Alguns anos depois, em 1787, ainda na Bastilha, Sade desenvolveu argumento semelhante em *Les infortunes de la vertu*. A vida terrena foi louvada e a religião cristã apresentada como parte de uma instituição humana, perversa e corrompida; a virtude terminou também sendo revelada como punível socialmente e o vício, em contrapartida, louvável e, quando não, uma ótima característica para o alcance do sucesso. As tópicas da crítica à religião e do caráter hedonista da vida, presentes nesses e em outros textos, pareceram então consolidadas como objeto de reflexão de Sade.

---

<sup>288</sup> Como já apontamos anteriormente, Sade já havia escrito outros textos antes dessa data, como *Le voyage d'Italie* (1775-1779). Também tinha feito em 1764 pesquisas documentais e esboçado um texto sobre Isabel da Bavière. Cf. LELY, G. *Vie du Marquis de Sade*, p.650.

Em 1812 ou 1813,<sup>289</sup> já com aproximadamente 72 anos, Sade abordou de novo as tópicas da religião e da vida terrena e seus prazeres, ao deter-se sobre um fato histórico do século XI, que lhe serviu de argumento para um novo romance intitulado *Adélaïde de Brunswick, princesse de Saxe*. Nesse texto, mostrou os sofrimentos vividos pelo jovem casal Adélaïde e Frédéric, príncipe da Saxônia, em virtude dos ciúmes deste e dos planos de Louis de Thuringe, primo de Frédéric, para separar o casal e esposar a jovem Adélaïde. Ao narrar essa trama de ciúmes, de amor, de separação e das jornadas de Frédéric para reatar os laços de amor com Adélaïde, Sade apresentou ainda um elogio à vida monástica e um comedimento em sua linguagem tida como imoral, o que espantou Lely, que entendeu tudo isso como “uma sabedoria singular sob a pluma do autor de *Justine*”.<sup>290</sup>

Pouco depois, entre 1813 e 1814, na *Histoire secrète d’Isabelle de Bavière, Reine de France*, Sade retomava as críticas à religião e o tema do sucesso da sordidez e do insucesso dos virtuosos. Enlaçou ainda essas reflexões por meio de uma reflexão sobre a história, o que tornou mais complexa a narrativa, uma vez que ela passou a servir tanto para a abordagem dos temas morais quanto para a composição de certa concepção de história.

Se a leitura desses e de outros textos de Donatien de Sade revela algumas mesmas reflexões filosóficas e libertinas desenvolvidas várias vezes, o argumento apresentado dificilmente comporta uma coerência. Não apenas suas personagens podem sofrer e exaurir-se até quase morrerem num dado momento, e revigorar-se

<sup>289</sup> Consta no manuscrito, como data de início da escrita, primeiro de setembro de 1812 e fim em 4 de dezembro. Porém, segundo os comentários de Pauvert e Le Brun, a escritura de *Adélaïde* é mais firme do que a de *Histoire secrète d’Isabelle de Bavière, Reine de France*, o que indicaria lhe suceder, e daí a provável datação de 1813. Cf. LE BRUN, Annie, PAUVERT, Jean-Jacques. Notice bibliographique. In SADE. *Œuvres complètes du Marquis de Sade*, tome XII p.12.

<sup>290</sup> “d’une saveur singulière sous la plume de l’auteur de *Juliette*.” Cf. LELY, G. *Vie du Marquis de Sade*, p.649.

em outro, ganhando forças como se nunca houvessem se esvaziado em suas energias, mas também um tema aparece ora segundo um ponto de vista e ora segundo outro, contrário ao primeiro, como se tudo não passasse de problema da circunstância.

Para os intérpretes, há uma dificuldade em apreender o pensamento de Sade, mapeando nessa rede qual voz lhe é própria e qual serviria apenas de acompanhamento em seus diálogos. Soma-se a isso a incompatibilidade entre as concepções de mundo e os aspectos éticos apresentados por Sade, pois suas referências explícitas e também implícitas sobre a filosofia materialista não resultam em uma exposição de argumentos harmonizados entre si.<sup>291</sup> O problema, contudo, é menos o da contradição em Sade e mais a preocupação dos intérpretes em dar-lhe coerência, numa franca oposição ao formato de sua escrita e de seu pensamento. Bento Prado Junior, ao comentar sobre as incoerências em Rousseau, argumenta que o filósofo genebrino não escrevia ciência, mas filosofia e, principalmente, ficção, não lhe cabendo uma preocupação de rigor sistêmico. Ao se ocupar em falar dos homens em sua pluralidade, e não em compor discursos científicos, Rousseau optou pela incoerência e pela abordagem de diversos temas, embora entendendo falar e escrever sempre sobre a mesma coisa. Interessavam-lhe os princípios, não os assuntos nem as formas em suas variações.<sup>292</sup>

Em Sade, semelhante compreensão parece fundamental, embora a diferença resida na ancoragem desses princípios e na dimensão complexa do uso que ele faz da linguagem, o que permitiu a Jean Deprun afirmar que ele sempre

---

<sup>291</sup> Cf. DEPRUN, J. Quand Sade récrit Fréret, Voltaire et d'Holbach (p.331-340). In KRAUSS, W. et al. *Roman et Lumières au XVIII<sup>e</sup> siècle*, p.331-340; DEPRUN, J. Sade et le rationalisme des Lumières, *Raison présente*, p.17-29; LEDUC, J. Les sources de l'athéisme et l'immoralisme du marquis de Sade, *Studies on Voltaire*, p.07-66

<sup>292</sup> PRADO Junior, B. *A retórica de Rousseau*, p.75 et seq.

escrevia como um francoprovençal.<sup>293</sup> Seus textos preocupavam-se com a linguagem em sua dimensão oral e cotidiana (normalmente abandonada e vista pelos círculos intelectuais como própria à cegueira popular). Instituído seu discurso a partir disso, ele tomou também certos elementos dessa cultura como ancoradouro de sua reflexão sobre a natureza humana, a religião, a história e, particularmente, sobre a França em suas instituições sociais e políticas.

O delineamento de uma abordagem do pensamento de Sade em suas fontes como pesquisa genealógica não pode dispensar esse ritmo da linguagem. Em Sade, o pensamento vai ganhando forma pela variação tonal do que cada personagem afirma. Em suas composições textuais, a maior parte relacionada ao gênero dramático, o contato com o mundo é estabelecido por meio desse fluxo promovido por diversos discursos. A força de cada enunciado advém justamente da encenação que lhe está relacionada e sem a qual restaria apenas a contradição em relação ao argumento anterior. Sem essa aposta no fluxo e na forma de discursar de Sade, pouco avança a análise genealógica de seu pensamento. Em Sade, a cartografia de suas tópicos filosóficas dispõe-se em consonância com essa modalidade mais estável dos enunciados, seja pelas formas dos gêneros textuais, seja pelos vínculos entre os enunciados e a linguagem no que ela permite ou proíbe em cada modalidade discursiva.

### 1.

Em *Histoire secrète d'Isabelle de Bavière, Reine de France*, Sade optou por deter-se em explicações relacionadas à tópica aristotélica da diferença entre a Poesia e a História, antes de iniciar propriamente a narrativa sobre a importância

---

<sup>293</sup> Cf. DEPRUN, J. Quand Sade récrit Fréret, Voltaire et d'Holbach (p.331-340). In KRAUSS, W. et al. *Roman et Lumières au XVIII<sup>e</sup> siècle*, p.335.

de Isabelle de Bavière para a condução da vida política francesa durante o reinado de Carlos VI, entre 1380 e 1422. Tal estratégia de escritura, embora se justifique pelo caráter histórico do romance, não pode ser reduzida a ele. Alguns meses antes, Sade escreveu a história de Adélaïde de Brunswick, baseada em eventos do século XI e sentiu-se dispensado de tecer considerações teóricas. Talvez essa escritura houvesse amadurecido essa necessidade, muito embora a temática não lhe fosse estranha, já que desde o inacabado manuscrito de *Le voyage d'Italie*, algumas considerações sobre isso já haviam sido feitas.<sup>294</sup>

Essas observações também não devem ser vistas em semelhança com o ensaio sobre o romance que antecedeu às novelas publicadas em *Les crimes de l'amour*. Nesse ensaio, embora tenha apresentado o romance como “obra imaginária e lendária composta a partir das aventuras mais singulares da vida dos homens”, Sade preocupou-se principalmente em traçar uma genealogia do romance para se inserir nessa tradição de escritura.<sup>295</sup> Já no prefácio de *Isabelle de Bavière*, o tema da escritura da história e seu significado prende-se, primeiramente, à necessidade de preparar o leitor para a compreensão do livro. Embora apresente outro nível de abordagem, menos imediato, por estar relacionado ao seu entendimento da História e do Romance, seu objetivo não estava voltado primordialmente para isso.

Seguindo uma estratégia de compor o argumento a partir da situação singular e imediata a ser abordada, e dela alçar a reflexão mais geral e universal, Sade iniciou *Isabelle de Bavière* com um breve balanço dos textos anteriores sobre o tema. Justificou sua narrativa pelas ausências e limitações dos textos que lhe antecederam, já que esses, por ignorância ou por pusilanimidade dos autores,

<sup>294</sup> Cf. SADE. *Le voyage d'Italie*, 1775-1779, p.79.

<sup>295</sup> “l'ouvrage *fabuleux* composé d'après les plus singulières aventures de la vie des hommes”. Cf. SADE. *Les crimes de l'amour*, 1800, p.27.

não dispensaram a Isabelle de Bavière atenção merecida como figura central do reinado de Carlos VI. Eles apenas contaram a história desse tempo de crimes, sem aprofundamento dos motivos dessas malvadezas. O trabalho de seus antecessores restringiu-se a uma compilação dos fatos, sem uma verificação dos eventos e o melhoramento no conhecimento deles. Por isso, não era mais do que uma continuidade com a interpretação feita pelos antigos, revelando uma estagnação da história em relação às ciências e suas novas descobertas e pesquisas dedicadas.

Em seguida, Sade diferenciou a escritura da História da praticada no Romance, ao perceber a energia gasta por romancistas e historiadores no processo de elaboração do texto. Se ao romancista cabe “pintar os homens tal como eles deveriam ser”, o historiador, para cumprir a obrigação de caracterizar suas personagens, “deve dizer e nada inventar”. O primeiro obedece à sua imaginação e encontra em si mesmo o conhecimento. Já o historiador, sujeitando-se aos eventos conhecidos, deve aprofundar por todos os meios possíveis sua compreensão dos eventos, analisando-os e os decompondo conforme o que lhe interessa perceber. Desse modo, ele encontra as devidas relações necessárias à compreensão do passado e, apresentando-as de forma verossímil, une o fio rompido do entendimento do passado, organizando-o por justeza de espírito.<sup>296</sup>

---

<sup>296</sup> “PRÉFACE. ESSENTIELLE À LIRE pour l’intelligence de l’ouvrage. Soit ignorance, soit pusillanimité, aucun des auteurs qui on écrit l’histoire du règne de Charles VI n’ont placé sa femme Isabelle de Bavière dans le véritable jour qui lui convenait (...) on a raconté sans approfondir, on a compilé sans vérifier, et nous avons continué de lire dans les historiens modernes tout simplement ce que nous avaient dit les anciens. Cependant si toutes les sciences s’étendent para l’étude, si les nouvelles découvertes ne s’y font qu’à force de recherches, pourquoi l’histoire ne pourrait-elle pas de même espérer de grandes améliorations (...)? (...) Le romancier doit peindre les hommes tels qu’ils devraient être; ce n’est que tels qu’ils sont que doit nous les présenter l’historien: (...) il faut que le second nous peigne ceux qui caractérisent ses personnages: l’historien doit dire et ne rien créer, tandis que le romancier peut, s’il le veut, ne dire que ce qu’il crée (...) cette distinction admise nécessite, comme on le voit (...) autant d’énergie dans celui qui n’écrit que ce que lui dicte son imagination (...) ces événements qu’il veut peindre, il faut qu’il prenne tous les moyens de les approfondir, de les analyser, de les faire même découler les uns des autres, quand les plus fortes vraisemblances l’obligent à établir des liaisons”. SADE. *Histoire secrète d’Isabelle de Bavière, Reine de France*. In SADE. *Œuvres complètes du Marquis de Sade*, tome XII, p.17 passim (grifo pessoal).

Em Aristóteles, a tópica da diferença entre a História e a Poesia enfatizava o sentido universal desta em virtude da capacidade do poeta de contar o que podia ter acontecido dentro da possibilidade da verossimilhança ou da necessidade. Disso resultava uma explicação mais filosófica da Poesia e outra mais particular da História.<sup>297</sup>

Em Sade, o argumento armou-se a partir da análise do caso particular da história do reino de França no fim do século XIV e começo do século XV. Porém, ao avançar em direção à reflexão sobre a tópica da divergência entre o Romance e a História, delinearam-se novas ênfases ao entendimento dessa relação. Embora o primeiro plano parecesse estar marcadamente reservado à Poesia, em virtude dessa capacidade da imaginação em pesquisar a verdade e do romance em desvelar as profundezas do coração, Sade apontou na História essa obrigação de definir as personagens, mesmo que ao custo de empregar ocasionalmente a “fisionomia do romance na tão verdadeira narração dos fatos”.<sup>298</sup> Com isso, aproximando-se do coração humano também pela História, articulou a ideia de verdade e de universalidade nessa disciplina e, se não movia completamente o eixo da tópica apresentada por Aristóteles, acrescentava-lhe uma nuance pela composição de uma História filosófica, ou essencialmente comprometida com a verdade.

Se a História não terminou sendo universal em sua enunciação, Sade tratou de universalizá-la e, nesse caso, partiu de Aristóteles, ao delinear os termos do gênero poético e de história. Porém, conjugou essa tópica com ideia de repetição do tempo, em semelhança à compreensão medieval e moderna.

<sup>297</sup> Cf. ARISTÓTELES. *Poética*. In ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*, p.28.

<sup>298</sup> “devrion-nous quelques excuses, d’avoir employé parfois la physionomie du roman, dans la très véritable narration des faits qu’on va lire”. Idem. *Histoire secrète d’Isabelle de Bavière, Reine de France*. In SADE. *Œuvres complètes du Marquis de Sade*, tome XII, p.24.

Para Newton Bignotto, Pico de la Mirandola sintetizava a concepção de tempo no Renascimento, segundo a imagem do círculo e da linha conjugados e alternadamente dispostos. Por um lado, partindo de Santo Agostinho, o tempo era visto como transcurso que indicava a rota rumo ao futuro, quando a redenção cristã se completaria e aboliria o próprio tempo na eternidade. Por outro, a condição humana era percebida pela vida na cidade e pela sujeição aos ciclos da *physis*. Se a deusa romana Fortuna respondia pelo ciclo da história e não cabia resistir a sua ação de girar a roda que está em seu poder, que o homem tivesse ao menos a destreza de operar o movimento da história em seu favor. A prática de estudar o passado servia, assim, de instrumento de previsão e possibilidade de antecipação da crise futura.<sup>299</sup>

Em La Bruyère, a História tornou-se laboratório de observação do homem no mundo da corte e do entendimento das constâncias humanas. Vista como elenco de exemplos e subordinada aos ciclos, ela permitia uma possibilidade de intervenção futura, também pela previsão, mas principalmente pela possibilidade de ser um guia. Dito de outra maneira, porque o tempo retornaria e porque a natureza humana era entendida como constante, a História terminou por ocupar posição entre a descoberta da experiência humana e a contraprova ou confirmação do que foi experimentado em outro tempo pelos homens.<sup>300</sup>

Em linhas gerais, essa tópica da história passou a ser atravessada em Sade, primeiramente, pelo efeito de verossimilhança, visto como forma de pensamento e escritura. Se em Aristóteles, o caráter filosófico da poesia aparece relacionado à possibilidade de, pelo logicamente imaginável no mundo, revelar o que são os homens, em Sade, o conceito de verdade universal e geral na história passa a ser

<sup>299</sup> Cf. BIGNOTTO, N. O círculo e a linha. In NOVAES, A. (org.). *Tempo e história*, p.177-189.

<sup>300</sup> Cf. RIBEIRO, R. J. História e revolução, a Revolução Francesa e uma nova ideia de história, *Revista USP*, p.12 et seq.

composto por essa mesma lógica de encadeamento do factível. Embora a História não ocupe a posição de primazia da Poesia/Romance, nem por isso deixa de identificar-se com o universal. A ideia da elaboração do pensamento, da forma de expressão escriturária e do efeito de verossimilhança como uma tríade indissociável permitiu a Sade enlaçar forma e conteúdo. Somente assim, aproximando-se subversivamente da Poesia, o historiador torna-se capaz de reatar o fio rompido do passado, em semelhança com o que a imaginação permitia ao romancista.<sup>301</sup>

Além disso, à medida que Sade avançava em seu argumento sobre a História (a tópica apareceu esporadicamente em trechos de seus textos até ocupar o primeiro plano em *Adélaïde de Brunswick* e em *Isabelle de Bavière*), a ideia de uma constante repetição dos eventos históricos como uma “monotonia eterna” foi sendo progressivamente elaborada, em consonância com uma percepção de que “os homens são e serão sempre aquilo que eles foram”.<sup>302</sup> A consequência direta disso foi o enlace de sua concepção de romance e de história com a indagação sobre a natureza humana.

A indagação sobre a natureza humana é uma tópica importante na sociedade ocidental e seu debate remonta ao mundo antigo, quer pela investigação aristotélica da *physis*, quer pela inflexão sofrida pelo conceito com a sobreposição conflituosa dos valores helênicos pelos valores cristãos, que enfatizaram no tema a distinção entre *Natura creatrix* e *Natura creata*, Deus e sua obra. Se em Aristóteles a investigação tinha como ponto de partida a imagem de um ser vivo

<sup>301</sup> “c’est aux vraisemblances que l’historien rattache le fil qu’il trouve rompu, et c’est à l’imagination que le romancier renoue le sien”. Idem. *Histoire secrète d’Isabelle de Bavière, Reine de France*. In SADE. *Œuvres complètes du Marquis de Sade*, tome XII, p.19.

<sup>302</sup> “En en méditant l’histoire, on y voit toujours les mêmes événements se répéter (...) Cette monotonie sera éternelle, et à fort peut de chose près, les hommes sont et seront toujours ce qu’ils ont été”. SADE. *Le voyage d’Italie*, 1775-1779, p.97.

que se desenvolvia espontaneamente, com o cristianismo, o tema passou a ser atravessado pelo debate de um Deus criador e de um homem que abandona uma condição de beatitude em Deus em decorrência do pecado. A partir do século IV e princípio do século V, com Santo Agostinho, esse amálgama do conceito de natureza com a ideia da queda e redenção ganham acabamento, embora não um ponto de acordo sobre o conteúdo dessa natureza humana, principalmente em decorrência do valor da graça e de sua participação na redenção humana. Apesar disso, três eixos centrais de valores organizam a variedade de significados relacionados ao tema desde o século V. O primeiro deles corresponde ao entendimento de que há uma atividade e dinamismo na concepção de natureza, o que implica em geração e crescimento. Em segundo lugar, o valor estático, que define uma permanência fenomênica à natureza. Por fim, um valor normativo determina que a natureza realiza ou busca realizar o fim determinado que lhe é próprio e lhe constitui.<sup>303</sup>

No século XVIII, a Natureza foi constituída em “fonte das luzes e a garantia da razão”. Passou a identificar-se com a ordem do mundo, com a sabedoria e a bondade e, por isso, ocupou uma centralidade no pensamento desse século. Escutando-a, o homem jamais voltaria a se equivocar.<sup>304</sup>

Segundo Cassirer, à medida que se desintegrava noção de mundo como cosmo no sentido de uma ordem visível em seu todo, emergia uma nova ordem de sensibilidade e entendimento e, em decorrência dessa relação, também uma nova escala de valores. Isso permitiu que esse século compreendesse conjuntamente as ciências físicas e naturais como participantes de um mesmo eixo de investigações

<sup>303</sup> Cf. OLIVA, L. C. G. Antecedentes filosóficos e teológicos do conceito pascaliano de natureza humana, *Kriterion*, p.368.

<sup>304</sup> “la nature était la source des lumières, et la garantie de la raison. Elle était sagesse et elle était bonté; que l’homme consentît à écouter la nature, et jamais plus il ne se tromperait”. Hazard. P. *La pensée européenne au XVIII<sup>e</sup> siècle*, p.117.

dentro das quais se inseria a filosofia. Assim, as pesquisas dos fenômenos do mundo em sua conformação matemática e física eram percebidas também como indagações filosóficas, o que permitiu Newton fosse lido e valorizado em suas máximas filosóficas.

Já a filosofia materialista (também chamada por Cassirer de *filosofia popular*) investigava a natureza partindo do homem e, abandonando os sistemas metafísicos do século XVII, terminou por fundamentar que a dualidade humana em corpo e alma eram apenas abstrações, dada a indissociabilidade dessas duas naturezas. O princípio de que o mundo é apreendido e indissociável das sensações tornou-se um eixo central desse debate, inclusive em seus desdobramentos éticos.<sup>305</sup> O resultado foi uma cristalização, no mundo francês, de uma tendência empirista e hedonista que, a partir de 1750, desdobrou-se em uma revalorização do prazer. Monzani argumenta que a partir da publicação do *Traité des sensations*, de Condillac, várias concepções correlatas relacionadas ao prazer, que vinham sendo revalorizadas desde o Renascimento, ganharam uma coerência e sistematicidade, o que implicou em novas possibilidades de investigação moral, de participação na conformação do discurso biológico, e, principalmente, da redefinição das noções de necessidade e satisfação.<sup>306</sup>

Em que pesem as possibilidades de leitura que Donatien de Sade fez de Hélivétius, La Mettrie, Holbach, Hobbes etc., e sua reiterada afirmação de uma natureza humana radicalmente egoísta,<sup>307</sup> inclusive justificando-a pelo princípio de uma natureza destruidora, potência de criação e assassínio concomitantemente, o que se evidenciou como prática de pensamento e escritura foi uma investigação

<sup>305</sup> Cf. CASSIRER, E. *A filosofia do Iluminismo*, p.65 et seq.

<sup>306</sup> Cf. MONZANI, L. R. *Desejo e prazer na Idade Moderna*, p.224-225.

<sup>307</sup> Cf. p.148 et seq.

sobre a ação humana. O complemento dessa tópica, em Sade, tendeu novamente à aproximação do debate sobre a Poesia.

## 2.

Terminada a leitura de *Le dialogue entre un prêtre et un moribonde* (1782), o leitor pouco sabe sobre as personagens. Em sua estratégia de escritura, Donatien de Sade não se ocupou de apresentá-las em detalhes, com o resultado de o padre e o moribundo reduzirem-se a um tipo qualquer de padre e um tipo qualquer de homem à beira da morte.

Em *Les infortunes de la vertu* (1787-1788), a composição das personagens é um pouco diferente. Justine é caracterizada pelo ar de virgem, por ter grandes olhos azuis cheios de emoção, uma pele bastante clara, uma voz tocante, dentes claros e lindos cabelos loiros, é de constituição física magra, possui a mais bela alma e o caráter o mais doce. Já Juliette (também chamada Mme la comtesse de Lorsange) é morena, bastante viva, possuidora de uma bela estrutura física, olhos negros de expressão prodigiosa, engenhosa e sobretudo com essa incredulidade de modo a despertar as paixões.<sup>308</sup> Nesse manuscrito, ambas são apresentadas ao leitor basicamente por atributos físicos, embora nas versões publicadas do romance, alguns outros caracteres lhes sejam dados. Em *Justine ou Les malheurs de la vertu* (1791) e *La nouvelle Justine ou les malheurs de la vertu* (1799-1800), acrescentou-se que Justine era muito inocente, muito interessante, tinha 14 anos no início da aventura, possuía um caráter mais sombrio e romântico, era sensível a

---

<sup>308</sup> “[Mme la comtesse de Lorsange est] Brune, fort vive, une belle taille, des yeux noirs d’une expression prodigieuse, de l’esprit et surtout cette incrédulité de mode qui, prêtant un sel, de plus aux passions, fait rechercher avec bien plus de soin la femme en qui soi l’on la soupçonne (...) [Justine, sa sœur, a] Un air de vierge, de grands yeux bleus pleins d’intérêt, une peau éblouissante, une taille fine e légère, un son de voix touchant, la plus belle âme et le caractère le plus doux, des dents d’ivoire et de beaux cheveux blonds”. SADE. *Les infortunes de la vertu*. In SADE. *Œuvres*, 2, p.03-12.

tal ponto que lembrava “a beleza dessas belas virgens de Rafael”, com seus olhos grandes e castanhos plenos de alma e sensibilidade. Possuía ainda uma pele suave e alva, uma estrutura flexível, curvas desenhadas pelas mãos do próprio Amor, uma voz encantadora, a boca charmosa e os mais belos cabelos do mundo.<sup>309</sup> Finda a leitura desses livros, o que se sabe sobre Justine e Juliette restringe-se basicamente aos caracteres apresentados no início da narrativa, acrescidos da jornada que ambas fizeram. Mesmo nesse caso, a ideia de uma vida sob os cuidados da Providência, como um obstáculo ou limite à transformação da personagem, é realçada.<sup>310</sup>

Se as personagens já estavam prontas impõe-se uma indagação sobre a aprendizagem de Justine (e de outras personagens de Sade, que apresentam caracterizações semelhantes) durante sua trajetória. Esse tema tende a ser visto a partir de dois pólos opostos: para uns, as personagens de Sade seriam ineducáveis; para outros, haveria um processo de reeducação próprio.<sup>311</sup> De um lado, afirma-se que elas são intocáveis. Nem em seus corpos ficariam inscritas as marcas do trajeto e do sofrimento, não importando quantas vezes e de quais formas tenham sido esses sofrimentos vividos. De outro, ressalta-se que as personagens são

<sup>309</sup> “Justine, plus naïve, plus intéressante, âgée, comme nous l’avons dit, de quatorze ans, ayant reçu de la nature un caractère sombre et romantique (...) Cette jeune fille, à tant de qualité, joignait la beauté de ces belles vierges de Raphaël. De grands yeux bruns pleins d’âme et d’intérêt, une peau douce et éblouissante, une taille souple et flexible, des formes arrondies et dessinées par les mains de l’Amour même, un organe enchanteur, la bouche charmante, et les plus beaux cheveux du monde”. SADE. *La nouvelle Justine ou les malheurs de la vertu*. In SADE. *Œuvres*, 2, p.397. Para evitar repetições, apenas indicamos a referência de caracterização de Justine e Juliette, pois a versão definitiva do romance apresenta os mesmos traços e alguns outros. Cf. Idem. *Justine ou Les malheurs de la vertu*. In Idem. *Ibidem.*, p.132-133.

<sup>310</sup> Ao longo da narrativa, principalmente na versão inicial, *Les infortunes de la vertu*, reitera-se a ideia de que Justine vive sob uma ordem providencial. Cf. SADE. *Les infortunes de la vertu*. In *Ibidem.*, p. 07, 59, 110, 134 ; SADE. *Justine ou les malheurs da la vertu*. In *Ibidem.*, p.231, 319, 387.

<sup>311</sup> Cf. KEHRÈS, J.-M. *Sade et la rhétorique de l'exemplarité*, p.81 et seq.; MONZANI, L. R. Sade – ou a individualidade desejante, *AdVerbum*, p.80 et seq. Em que pese o argumento de Kehrès em situar a retórica de Sade numa interseção entre a noção de *exemplum* medieval e os exemplos modernos, o sentido subjetivista do conflito moral é realçado. O resultado foi uma redução de Sade à polarização de “oposição física, psicológica e ética” das duas irmãs, e também, ao debate entre os caracteres inatos e os adquiridos de Justine e Juliette. Cf. Idem. op. cit., p.36 e 112.

inseridas no círculo libertino e, para isso, vêm-se confrontadas com a necessidade de conquistar a felicidade pela libertação da imaginação e pela vitória sobre os parâmetros morais pré-ajuizados. De um lado, o modelo seria Justine e sua inflexibilidade diante do vício; de outro, a jovem Eugénie de *La philosophie dans le boudoir* e sua prodigiosa capacidade de aprender as práticas libertinas.

Em ambos os casos, em que pesem os respectivos ganhos das análises, há uma desconsideração dos movimentos próprios à dinâmica social dentro da qual os textos de Donatien de Sade inseriam-se. Em Justine, a proposição moralista da versão não-publicada por Sade, escrita entre 1787 e 1788, descrevia a narrativa por um viés anedótico. Já a versão publicada entre 1799 e 1801 apresentava outra ênfase, dada pelo conceito de biografia.<sup>312</sup>

Na *Encyclopédie*, o termo anedotas (indicado no plural) aparece relacionado às “coisas não-publicadas”, numa referência às “histórias secretas de fatos que se passaram no interior dos gabinetes ou durante um reinado, e no segredo da política”.<sup>313</sup> Embora esteja classificado sob a nomenclatura de “História antiga e moderna”, essas anedotas eram vistas, minimamente, como suspeitas em sua veracidade. Também mantinham relação de sinonímia com o

---

<sup>312</sup> SADE. *Les infortunes de la vertu. La nouvelle Justine ou les malheurs de la vertu*. In SADE. *Œuvres*, 2, p.05 e 400.

<sup>313</sup> “ANECDOTES, s. f. pl. (*Hist. anc. E mod.*) (...) *anecdotes* veut dire *choses non publiées*. Ce mot est en usage dans la littérature pour signifier des faits qui sont passés dans l’intérieur des cabinets ou des cours de princes, et dans le mystère de leur politique (...) ces histoires secrètes pretendues vrais, la plupart du temps fausses ou du moins suspectes, les critiques donnent le nom d’*anecdotes*”. In DIDEROT; D’ALEMBERT. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société des gens de lettres*, 1778, tome II, p.634. Em comentário a *Les infortunes de la vertu*, Michel Delon transcreve parte conceito desse verbete da *Encyclopédie*. Cf. DELON, M. *Les infortunes de la vertu. Notes et variantes*. In SADE. op. cit., p.1137.

verbeta historieta,<sup>314</sup> que, por sua vez, era compreendido como forma diminutiva de história, no sentido de um conto em que estão presentes algumas galanterias ou com outras aventuras de pouca importância.<sup>315</sup>

Já o verbete biografia, segundo a apresentação feita pelo abade Ferraud em seu *Dictionnaire critique de la langue française*, relaciona-se com o sentido de “vida particular”, própria a uma pessoa, ou como expressão de um gênero de História.<sup>316</sup> A *Encyclopédie* de Diderot e D’Alembert observam as mesmas características e acrescentam que, para os antigos e modernos, o termo era aplicado às narrativas da “vida dos homens ilustres”.<sup>317</sup>

Entre o sentido anedótico e o biográfico, a variação dessas narrativas sobre Justine centra-se, em primeiro lugar, no abandono do sentido mais popular e casual, próprio ao gênero anedótico, e na conformação de um sentido mais individualizado ou mais aburguesado, dado pela noção de história do indivíduo. Apesar dessa variação de grau, não existiria nesse ponto uma transformação profunda na relação do texto no que diz respeito à elaboração de uma explicação sobre a natureza humana. Para Sade, tanto a Poesia (ficção) quanto a História armavam-se pelo verossímil e, nesse sentido, ambas assumiam possibilidades universalistas e filosóficas.

Em segundo lugar, a investigação sobre a caracterização das personagens revela um padrão de constância nas três versões da história de Justine, num

<sup>314</sup> “Muitas dessas Historietas se encontram em uma outra Coletânea em 3 vol sob o título de Anedotas Dramáticas (Beaucoup de ces Historiettes se trouvent dans un autre Recueil en 3 vol. sous le titre d’*Anecdotes Dramatiques*)”. D’HANNETAIRE, Jean Nicolas Servandoni. *Observations sur l’art du comédien, et sur d’autres objets concernant cette profession en général ; avec quelques extraits de différents auteurs & des remarques analogues au même sujet*, 1776, p.152.

<sup>315</sup> Cf. Historiette (verbeta). *Dictionnaire de l’Académie Française*, 1798.

<sup>316</sup> A palavra tem uma dupla grafia *biographe* (sub. fem.) ou *biographie* (sub. masc.). Cf. BIOGRAPHE (verbeta). FERRAUD, Jean-François. *Dictionnaire critique de la langue française*, tome II, 1788, p.276b.

<sup>317</sup> Cf. DIDEROT; D’ALEMBERT. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société des gens de lettres*, 1778, tome V, p.83-84.

indício de que essa inscrição do corpo não parece ser alterada em virtude da mudança de gênero. Nas narrativas inacabadas de *120 journées de Sodome*, Donatien de Sade utilizou a mesma cartografia moral para dispor as personagens segundo a virtude e o vício. Adélaïde, esposa de Durcet e filha do presidente, era “pequena, magra, extremamente delicada, como uma pintura, os mais bonitos cabelos loiros já vistos”. Possuía ainda “um ar interessante e sensível, que aparecia nela toda e principalmente em seu rosto, dando-lhe um ar de heroína de romance”. Por fim, seus olhos eram “extraordinariamente grandes, azuis”, além de exprimirem “a ternura e a decência”, numa consonância entre seu espírito e sua figura. Já Julie, esposa do presidente e filha mais velha do duc, era “grande, bem feita, ainda que gorda e arredondada”. Possuía “os mais lindos olhos negros possíveis, o nariz encantador, a face evidenciada e graciosa, os mais bonitos cabelos castanhos”. Manifestava, por fim, uma “indecência natural”, era gulosa, “tinha uma inclinação natural à bebedeira, pouca virtude” e, provavelmente, se “ousasse, a prostituição lhe causaria pouco temor”.<sup>318</sup> Mesmo em *Histoire secrète d’Isabelle da Bavière*, que, por seu caráter histórico, deveria estar preservada de invenções, a descrição de Sade afirmava que a rainha era graciosa como as demais moças de sua idade, embora aos 16 anos já despontasse “uma espécie de selvageria” pouco comum. Possuía ainda olhos muito grandes e muito negros, nos

---

<sup>318</sup> “ADELAÏDE, femme de Durcet et fille du président (...) était âgée de vingt ans, petite, mince, extrêmement fluette et délicate, faite à peindre, les plus beaux cheveux blonds qu’on puisse voir. Un air d’intérêt et de sensibilité, répandu sur toute sa personne et principalement dans ses traits, lui donnait l’air d’une héroïne de roman. Ses yeux, extraordinairement grands, étaient bleus, ils exprimaient à la fois la tendresse et la décence. (...) Adélaïde avait l’esprit que lui supposait sa figure, c’est-à-dire extrêmement romanesque (...) JULIE, femme du président et fille ainée du duc (...) était grande, bien faite, quoique très grasse et très potelée, les plus beaux yeux bruns possibles, le nez charmant, les traits saillants et gracieux, les plus beaux cheveux châtons (...) sa malpropreté naturelle (...) elle était très gourmande, elle avait du penchant à l’ivrognerie, peut de vertu, et je crois que si elle oussé, le putanisme l’eût fort peu effrayée”. SADE. *Les 120 journées de Sodome*. In SADE. *Œuvres*, 1, p.34 passim.

quais se lia mais orgulho do que aquela sensibilidade doce e tão própria às jovens inocentes.<sup>319</sup>

Em Sade, a fisionomia traduzia-se em uma relação de moralidade ou “do humor ou do temperamento do homem” que nos é estranha por ter se perdido. No *Dictionnaire critique de la langue française* esse vocabulário ainda está ligado à “ciência de julgar a pessoa pela face, e não a face em si”. Nesse caso, trata-se de uma “ciência oculta” em declínio, uma vez que o termo estava ganhando outro uso, sendo usado sozinho, sem adjetivo para indicar uma expressividade — “Essa mulher tem *fisionomia*; ela tem menos beleza do que *fisionomia*” — ou no “sentido *figurado*”, como neologismo muito bom — “A arte do diálogo foi banida de nosso palco, desde que os Autores nos oferecem Heróis com ausências, sem *fisionomia* e sem caráter”.<sup>320</sup>

Segundo Baltrusaitis, o Ocidente reincorporou, século X, por contato direto ou intermediado pelo Islã, as fisiognomias grecorromanas. A partir daí, essas concepções fizeram sentir mais fortemente no mundo das artes, tanto por sua presença na imaginária quanto pelas descrições dos textos de ficção. Na França, nos séculos XVI e XVII, os alfabetos zoomórficos e os monstros podiam ser encontrados em gravuras ornamentais de livros impressos, numa referência ao espírito de Rabelais, que doara à imprensa nova vigor ao unir realismo,

<sup>319</sup> “Avec les graces et les charmes ordinaires de son âge, il régnait néanmoins dans les traits d’Isabelle une sorte de fierté peu commune à seize ans. Dans ses yeux, fort grands et fort noirs, se lisait plus d’orgueil que de cette sensibilité si douce et si entraînante dans les regards naïfs d’une jeune personne”. SADE. *Histoire secrète d’Isabelle de Bavière, Reine de France*. In SADE. *Œuvres complètes du Marquis de Sade*, tome XII, p.40.

<sup>320</sup> “ce mot signifie la Science de juger de la persone par le visage, et non pas le visage même. Cependant l’usage a prévalu de doner à ce terme ces deux significations. = On dit même *phisionomie* tout seul et sans adjectif. "Cette femme a *de la phisionomie*: elle a moins de beauté que de *phisionomie*. = Au *figuré*, c’est un néologisme assez heureux. "L’art du dialogue est banni de notre Scène, depuis que nos Auteurs nous offrent des Hérôs manqués, *sans phisionomie* et sans caractère”. PHYSIONOMIE, s. f. PHYSIONOMISTE, s. m. (verbete). FERRAUD, Jean-François. *Dictionnaire critique de la langue française*, tome III, p.155a.

virtuosidade e o transbordamento da imaginação, com referências que lembravam Brueghel.<sup>321</sup>

No universo popular, essa noção de uma contiguidade entre a natureza e o homem, em sua dimensão corporal manteve-se de alguma forma presente na cultura, mesmo após Luís XIV e seu empreendimento de canalizar certos interesses intelectuais para a composição de uma estética e moral francesa mais civilizada e baseada em princípios mais clássicos e universalistas. Se Brueghel ou Rabelais, cada qual à sua maneira, haviam expressado no século XVI essa cultura popular a partir de uma noção mais vinculada ao baixo corporal, após o século XVII, muitos desses traços mantiveram-se subterraneamente presentes nessa imaginária monstruosa das gravuras ornamentais ou ainda nas composições de tipos do teatro de rua. Nos libertinos, ela acabou sendo reelaborada com nuances epicuristas, em certo sentido já presente em Rabelais.<sup>322</sup> Molière, por sua vez, pode também servir de exemplo, uma vez que, mesmo tendo alcançado sucesso, manteve-se ainda vinculado a alguns desses elementos populares, principalmente ao afirmar uma comicidade de tipos e não preencher subjetivamente suas personagens.<sup>323</sup>

Mesmo nos círculos eruditos, a França clássica marcou-se por uma continuidade entre a palavra e a coisa, embora entre o século XVI e o XVII, o sentido da palavra e da gramática tivesse algumas disposições diferentes. Segundo

<sup>321</sup> Cf. BALTRUSAITIS, J. Monstres et emblèmes: une survivance du Moyen Âge aux XVI<sup>e</sup> e XVII<sup>e</sup> siècles, *Medicine en France*, p.20 et seq.; Idem. *Aberrações: ensaio sobre a lenda das formas*, p.16 et seq.

<sup>322</sup> Cf. BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. É interessante notar que boa parte dos exemplos divergentes do argumento de Burke para o distanciamento da cultura erudita e popular, bem como para o sucesso do processo civilizador da cultura popular são referências ao mundo europeu continental e latino. Cf. BURKE, P. *Cultura popular na Idade Moderna*.

<sup>323</sup> Essa característica menos subjetivista identificada em Molière é apresentada por Cassirer como um dos traços do teatro francês, em contraposição ao teatro inglês, que principalmente desde Shakespeare enfatiza uma reflexão mais voltada aos dilemas do sujeito. Cf. CASSIRER, E. *Descartes, Corneille, Christine de Suède*, p.11 et seq.

Michel Foucault, no fim do século XVIII, o signo já havia deixado de ser um depositário dos segredos da natureza e a noção do conhecimento e da interpretação como *divinatio* entrara em declínio. Desde o século XVII, o signo passou a ser distribuído segundo o certo e o provável e, em termos gerais, essa nova cartografia do conhecimento resultava na afirmação da impossibilidade de existência de signo desconhecido, por ser justamente a ideia de conhecimento a característica inauguradora do signo. No limite dessa dissociação entre o signo e a semelhança emergiram outros saberes segundo nova ordenação: em vez da representação justificar a ordenação do conhecimento, a representação passa a ser estabelecida a partir dessa ordenação.<sup>324</sup>

Para Sade, o corpo estava disposto segundo uma dimensão fisionômica e, com isso, punha-se como eixo central e organizador do pensamento. A lógica, contudo, não se articulava pela disposição de um conjunto de relações subjetivas constituintes das personagens. Pelo contrário, tratava-se de caracterizá-las em semelhança à Molière, o que resultaria para *Justine ou les malheurs de la vertu* e para *La nouvelle Justine* protestos dos libertinos, como também os hipócritas haviam protestados contra *Tartuffe*.<sup>325</sup> Como Sade havia afirmado no manuscrito de *Les 120 journées de Sodome*, ao justificar a apresentação das personagens feita à moda do teatro, essa operação consistia em ato de pintar cada uma das “personagens em particular, nem em beleza nem de maneira a seduzir ou a cativar, mas com os pincéis mesmo da natureza”.<sup>326</sup>

<sup>324</sup> Cf. FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*.

<sup>325</sup> Cf. SADE. *Justine ou les malheurs de la vertu* e *La nouvelle Justine*. In SADE. *Œuvres*, 2, p.129 e 393. Lembramos que os protestos seriam para os livros, pois Sade não lhes reconheceu a autoria.

<sup>326</sup> “peignons de notre mieux au lecteur chacun de ces (...) personnages en particulier, non en beau, non de manière à séduire ou à captiver, mais avec les pinceaux mêmes de la nature, qui malgré tout son désordre est souvent plus sublime, même alors qu’elle se déprave le plus”. SADE. *Les 120 journées de Sodome*. In SADE. *Œuvres*, 1, p.20.

Donatien de Sade compunha personagens ao caracterizá-las, assim como, no teatro. Em consonância com Aristóteles na *Poética*, operava a caracterização fazendo de “tais ou tais qualidades as figuras em ação”.<sup>327</sup> A ênfase, assim, oscila entre a tipologia e a ação, cabendo mesmo perceber, finalmente, os motivos pelos quais essa cartografia moral tipológica não dispensa da encenação das personagens.

Novamente, a dinâmica do debate da *Poética* põe-se como parte intrínseca ao fluxo do pensamento e escritura de Sade, pois como em Aristóteles, a definição de caráter em Sade é uma operação de revelar, cenicamente e pela postura, a escolha feita pela personagem numa situação dúbia.<sup>328</sup> Assim, mesmo que a ênfase esteja dada na exemplaridade, sem a situação cênica a personagem não poderia desenvolver-se para revelar o sentido da ação no mundo. Dito de outra maneira, a cena teatral servia, para a personagem, não como uma prática educativa subjetiva, que Sade não toma como objeto, mas como um meio de conduzir a personagem à demonstração de tipos virtuosos de ação.

Nesse deslocamento do eixo de compreensão do debate da natureza humana em sua relação com a educação, percebe-se que, para Sade, o interesse estava voltado para o sentido da ação, dada a impossibilidade de o homem deixar de ser o que é. O debate sobre o valor moral do teatro e o sentido do trágico em sua possibilidade educativa pelo horror retorna à cena, quer pela via do cômico, tal como expressou Molière ao defender a comédia como meio de “corrigir os

---

<sup>327</sup> ARISTÓTELES. *Poética*. In ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*, p.25.

<sup>328</sup> Cf. Idem. *Ibidem*, p.26.

homens divertindo-os”,<sup>329</sup> quer pelo debate sobre a emergência do trágico, predominante no cenário alemão do fim do século XVIII.<sup>330</sup>

Essa reelaboração eticamente orientada do pensamento de Donatien de Sade tendeu ainda a se colocar junto ao debate emergente sobre o caráter moralizante das artes e o espaço das liberdades segundo uma nova disposição mais individualista e, também, universal. Nesse confronto estabelecido no fim do século XVI e no delineamento de uma nova cartografia da moral, a retomada da exemplaridade estabelecia um contato com essa cultura de honra que na França ainda se mantinha presente no século XVIII, principalmente quando se observado a realidade provinciana e os contratos práticos que estabeleciam a ordem e os valores de nobres e camponeses.<sup>331</sup>

Além disso, ao dispor os tipos em cena, Donatien de Sade retomava a noção de exemplaridade num diálogo dinâmico com os valores didáticos e retóricos da cultura ocidental. A noção de exemplo aparecia a Aristóteles como forma de argumentação que ajudava, por comparação, a fundamentar o argumento de verdade de um caso desconhecido. Partindo de um sistema mais conhecido para outro, menos conhecido, e operando por comparações parciais, os exemplos eram instrumentos do pensamento e da palavra.<sup>332</sup> No mundo medieval, principalmente entre os séculos XIII e XIV, ele passou a ser constituído como prática pedagógica. Segundo Berlioz, a noção de *exemplum* esteve relacionada ao

<sup>329</sup> “Le devoir de la comédie étant de corriger les hommes en les divertissant”. MOLIÈRE. *Le Tartuffe ou l'imposteur*. In MOLIÈRE. *Œuvres complètes*, vol.2, p.263.

<sup>330</sup> Cf. LESSING, G. E. *De teatro e literatura*; SCHILLER, F. *Teoria da tragédia*; SZONDI, P. *Ensaio sobre o trágico*. Folkierski apresenta uma análise do debate sobre a tragédia francesa do ponto de vista moral, inclusive em atenção às proposições alemãs. Cf. FOLKIERSKI, W. *Entre le classicisme et le romantisme*, p.275 et seq.

<sup>331</sup> Como já discutimos anteriormente, Sade ressaltou diversas vezes seu pertencimento a La Coste e também criticou em seus filhos o distanciamento desse mundo. A ideia da terra como lugar de nascimento e morte e o sentido tradicional de honra como ancoradouro da vida também e destacado como parte importante da vida francesa até o século XIX. Cf. FEBVRE, L. *Honra e pátria*.

<sup>332</sup> Cf. KEHRÈS, J.-M. *Sade et la rhétorique de l'exemplarité*, p.13.

esforço de exercício de eficácia do clero em evangelizar a paróquia, evitando a divergência e a heresia. Ao se apropriar do universo cultural popular e, reelaborá-lo em casos moralmente educativos e com certa possibilidade de ensinamento direcionados, a Igreja buscava estabelecer um diálogo com os fiéis que, negociando com o universo cultural popular, enfatizava pelas anedotas e histórias verídicas a ação moral cristã.<sup>333</sup> A partir do século XVI, entretanto, outras nuances dessas historietas de caráter moralizante foram acrescentadas, pois esse gênero didático havia sido instrumentalizado como inspiração para textos ficcionais em Boccaccio, Cervantes, Marguerite de Navarre e outros e também, serviu em Montaigne para a conformação de uma nova forma de pensar atenta às particularidades e circunstâncias da vida. De forma geral, a nova disposição da noção de exemplaridade incorporou-se tanto à dinâmica formal do romance quanto ao pensamento cético em sua conformação moderna.<sup>334</sup>

No caso do pensamento cético, do qual ainda não tratamos, sua reelaboração por Montaigne em *Les Essais* obedeceu um fluxo específico e novo de escritura ancorado em exemplos. Se para os Antigos, o confronto sistemático dos argumentos opostos e a percepção dos valores iguais, porém opostos de seu conteúdo, conduziam o cético à suspensão do juízo sobre a verdade no mundo, em Montaigne, Brahami identifica uma nova disposição do discurso. Identificando uma impossibilidade de se liberar das opiniões, Montaigne “suscita procedimentos retóricos de boas opiniões”, exercitando a imaginação segundo uma “retórica teatral” capaz de abrir ao homem possibilidades para forjar a si mesmo uma imagem relativa de sua condição animal. Essas análises circunstanciadas,

<sup>333</sup> Cf. BERLIOZ, J. Le récit efficace: l'*exemplum* au service de la prédication (XIII<sup>e</sup>-XV<sup>e</sup> siècles), *Mélanges de l'École française de Rome. Moyen-Age, Temps Modernes*, p.113-146.

<sup>334</sup> Destacamos dois textos como leitura inicial dessa articulação por seu valor de síntese e pelas referências que elencam. Cf. SOUILLER, D. *La nouvelle en Europe de Boccace à Sade*; GIOCANTI, S. *Penser l'irrésolution*.

produzidas segundo jogos de representação, não resultavam em conhecimento da verdade universal, mas justamente pelo apoio que retiravam dos exemplos, multiplicavam as lógicas da tomada de posição ética dos sujeitos em cada circunstância.<sup>335</sup>

Para Giocanti, o essencial no ceticismo moderno não residiu na articulação teórica, mas na encenação de exercício (*mise en exercice*) que fez do ensaio uma forma de pensamento sem resolução.<sup>336</sup> Essa inauguração de uma forma em Montaigne permitiu, posteriormente e pela interposição de leituras como a de La Mothe de la Vayer, Gabriel Naudé e os romancistas libertinos do século XVIII, a emergência de uma forma de inscrição na língua e no pensamento francês marcada pela tomada de posição e argumentação de verdade de validade circunstancial. Em Donatien de Sade, esses elementos se traduziram na necessidade de que as personagens encenassem em múltiplas situações as possibilidades das ações humanas. Sem isso, esse fluxo do pensamento não alcançaria sentido.

---

<sup>335</sup> Cf. BRAHAMI, F. *Le travail du scepticisme*, p.70-73.

<sup>336</sup> Cf. GIOCANTI, S. *Penser l'irrésolution*, p.12 et seq.

## Considerações finais

O encerramento desse percurso parece apontar para perguntas corriqueiras que se fazem aos historiadores — Quem foi Donatien de Sade? e o que ele pensava? — como se o trajeto conjurasse uma resposta pelo próprio esforço que fizemos em identificar em Sade um percurso de formação intelectual. Porém, não caberia tentar sintetizar aqui as múltiplas linhas de força que buscamos apontar como parte desse processo de composição do autor e dispositivo Sade. Se algumas observações são válidas, essas se justificam por elucidarem o que até aqui foi contornado e cercado, embora raramente enunciado de forma direta.

Ao perseguirmos a ideia de identificar as imagens discursivas de Sade, delineamos, primeiramente, as diversas conformações do discurso obsceno, buscando apontar a irredutibilidade de um regime discursivo a outro. Os vazios multiplicados entre os enunciados relacionados ao erotismo, à pornografia e à libertinagem, conforme eram vistos na França a partir do século XVI, não nos permitem equacionar sinteticamente a diversidade dessa trama, sem que isso resulte num apagamento e homogeneização das disputas sociais que, tomando o corpo como motivo, o atravessam em projetos disciplinares e de controle.

Assim, se a escrita evitou as equações de igualdade, isso se deveu à compreensão da História como processo conflituoso, de disputas sociais e de diferenciação. A noção de que o universo humano é atravessado pelos discursos e

de que esses são raros é essencial à compreensão dessas relações disciplinares e de controle. Seria equivocado buscar afirmar artificialmente semelhanças de sinonímia entre verbetes, ainda mais quando entendemos que os regimes discursivos multiplicam-se em enunciações que estão muito além de simples formas de se referir ao corpo em seus sentidos sexuais.

De igual maneira, não nos parece possível tomar Sade em suas múltiplas referências sem que isso resultasse em alterações suficientes na compreensão de seu pensamento. Constituídas as linhas de forças de um Marquês de Sade maldito ou divino, de tratá-lo como uma referência em desvios sexuais ou de tê-lo como ícone de movimentos artísticos e políticos, retomar os processos dessa diversidade e da trajetória de vida de Donatien de Sade (1740-1814) parece, se não um antídoto contra as leituras simplistas, ao menos um argumento que nega o consumo e busca lidar com o seu pensamento segundo sua emergência.

Por muito tempo delineou-se uma relação de continuidade, e mesmo de parentesco direto, entre Sade e Freud e entre Sade e Georges Bataille, como se houvesse no século XVIII uma preparação para que o inconsciente emergisse. Acreditamos ser essencial separar uns e outro, pelo menos nessa relação que terminou por subjugar Donatien de Sade ao papel de precursor. Freud e Bataille poderiam eleger-lo ou tomar-lhe como fonte de leitura e inspiração, mas nem por isso haveria as mesmas enunciações nem semelhantes interesses entre eles.

Contra essa tendência de perceber em Donatien de Sade um pensamento com sentido a ser realizado no futuro, buscamos pesquisar suas bibliotecas como um suporte a essa leitura atenta ao pensamento em suas múltiplas combinações. Ela também serviu como ponto de partida para perceber as formas da emergência do pensamento de Sade e suas escolhas intelectuais. Esperamos ter deixado clara a

noção de que biblioteca era um conceito, um dispositivo desse reservatório que os sujeitos retomam para organizar o pensamento e brincar com os sentidos de criar o mundo e interpretá-lo. Desse modo, mais do que um conjunto de livros, trata-se de um acervo linguístico, discursivo, de pensamento e de práticas sociais com os quais Donatien de Sade dialogou e se constituiu em intérprete de seu tempo.

O caminho seguido foi, primeiramente, o mesmo que tem sido delineado pelos parâmetros da disciplina. Algumas estratégias até já se evidenciam em decadência, como a análise comparativa e a tentativa de apresentar um perfil intelectual com análises mais sistemáticas de dados. O tempo agora é outro, menos quantitativo, mais próximo à antropologia no que ela tem de etnografia e de coletânea de casos multiplicados.

Em segundo lugar, o esforço foi o de perceber as curvas de composição do pensamento em sua elaboração mais imediata, aquela que se marca pelas formas de expressão e que encontram como fronteira os próprios limites do dizer. Novamente o esforço da multiplicação parece ter ganhado ênfase, como se o argumento se desdobrasse e ao mesmo tempo, enrolasse em si mesmo e se projetasse ao passado. De forma geral, era justamente esses os vetores de nosso esforço: devolver Donatien de Sade ao seu tempo e em sua emergência, pelo delineamento de um pensamento composto por matrizes discursivas que mesmo em seu tempo, rapidamente iam se decompondo. Talvez já pareça tolo afirmar que essa era a ideia central de nosso empreendimento, como uma proposta de mostrar Sade de ponta-cabeça — não em relação ao seu tempo, mas ao sentido que lhe foi sendo incorporado como bastião de uma modernidade que, elegendo-o como patrono, roubaram-no à alma com uma promessa de riqueza, mas sem contar com o banimento que lhe proporcionavam.

Devolvidos seus contornos, o balanço final tornou-se, então, apenas um novo ponto de partida, que revela os limites da própria pesquisa feita. É necessário investimento para pensar nos impactos dessa forma de argumento irresolúvel e pensar como essa dinâmica da escrita como fluxo, à moda do teatro, funciona em diálogo com a noção de circunstância na constituição da verdade temporária. De igual maneira, uma análise formal, presa à linguagem, ao cruzamento de verbetes e conceitos, poderia mostrar esses traços de uma cultura em longa duração. Por hora, é possível afirmar apenas que, no limiar da modernidade, Donatien de Sade nem nos prenunciou nem imaginou nossas mazelas. Sua grandeza estava justamente posta em outro sentido, o de nos indicar as perdas, os caminhos irrecuperáveis, as aberturas de possibilidades, o caráter circunstancial das verdades.

## Referências bibliográficas

### Textos de Sade

SADE. **L'œuvre du Marquis de Sade. Pages choisies.** Introduction, essais bibliographique et notes par Guillaume Apollinaire. Paris: Bibliothèque des Curieux, 1912.

SADE. **La philosophie dans le boudoir ou les instituteurs immoraux.** Édition présentée, établie et annotée par Yvon Belaval. Paris: Gallimard, 2001.

SADE. **Les crimes de l'amour.** Édition de Michel Delon. Paris: Gallimard, 2004.

SADE. **Lettres à sa femme.** Choix, préface et notes de Marc Buffat. Paris: Actes Sud, 2008.

SADE. **Marquis de Sade, lettres à sa femme.** Choix, préface et notes de Marc Buffat. Arles: Actes du Sud, 2008.

SADE. **Œuvres complètes du Marquis de Sade.** Édition mise en place par Annie Le Brun et Jean-Jacques Pauvert. Tomes 2 e 11 a15. Paris: Pauvert, 1986-1991.

SADE. **Œuvres.** Bibliothèque de la Pléiade. Édition établie par Michel Delon. 3 tomes. Paris: Gallimard, 1990-1998.

SADE. **Voyage d'Italie ou Dissertations critiques, historiques et philosophiques sur les villes de Florence, Rome, Naples, Lorette et les routes adjacentes à ces quatre villes. Ouvrage dans lequel on s'est attaché à développer les usages, les mœurs, la forme de législation, etc., tant à l'égard de l'antique que du moderne, d'une manière plus particulière et plus étendue qu'elle ne paraît l'avoir été jusqu'à présent.** Édition établie et présentée par Maurice Lever. Paris: Fayard, 1995.

### **Textos já atribuídos a Sade e contestados nessa autoria**

MARQUES de Sade. **Zoloé e suas duas amantes.** Tradução Maria José Fialho  
Londres. Rio de Janeiro: Record, 1968.

### **Outros livros:**

ABRAMOVICI, Jean-Christophe. **Obscénité et Classicisme.** Paris: Presses  
Universitaire de France, 2003.

ADAM, Antoine. **Les libertins au XVII<sup>e</sup> siècle.** Paris: Buchet/Chastel, 1986.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. **A poética clássica.** Tradução: Jaime  
Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.

ASSOUN, Paul-Laurent. **O freudismo.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro:  
Jorge Zahar, 1991.

BAKHTIN, Mikail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o  
contexto de François Rabelais.** Tradução: Yara Frateschi Vieira. São Paulo,  
Brasília: Hucitec, UnB, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTINE, Mikail. **Esthétique et théorie du roman**. Tradução: Daria Olivier. Paris: Gallimard, 2006.

BAKHTINE, Mikail. **La poétique de Dostoïevski**. Tradução: Isabelle Kolitcheff. Paris: Seuil, 1998.

BALL, Benjamin. **La folie érotique**. Paris: Librairie J.-B. Baillière et Fils, 1888.

BALTRUSAITIS, Jurgis. **Aberrações: ensaio sobre a lenda das formas**. Tradução: Vera de Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

BARATIN, Marc. JACOB, Christian (org.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Tradução: Marcela Mortara. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

BARBAULT. **Annales dramatiques ou Dictionnaire générales des théâtres**. Vol.07. Paris: Barbault; Capelle et Renand; Treuttel et Wurtz; Le Normant, 1811.

BARBIER, Antoine-Alexandre. **Dictionnaires des ouvrages anonymes et pseudonymes composés, traduits ou publiés en français et en latin, avec les noms des auteurs, traducteurs et éditeurs, acompagné des notes historiques et critiques**. Paris: Barrois L'Ainé, 1822.

BARBIER, Georges. **Code expliqué de la presse. Traité général de la police de la presse et des délits de publication**. Paris: Imprimerie et Librairie Général de Jurisprudence Mauchal & Bellard, 1911.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. Paris: Seuil, 2006.

BATAILLE, Georges. **O erotismo: ensaio**. Tradução: Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.

BAUDELAIRE, Charles. **Le peintre de la vie moderne**, 1863. Disponível em <[http://baudelaire.litteratura.com/peintre\\_vie\\_moderne.php](http://baudelaire.litteratura.com/peintre_vie_moderne.php)>. Acesso em: 02.07.2009.

BAUDELAIRE, Charles. **Les fleurs du mal**. Édition de Claude Pichois. Paris: Gallimard, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **Faut-il brûler Sade? (privilèges)**. Paris: Gallimard, 1972.

BECOURT, Daniel. **Livres condamnés, livres interdits: régime juridique du livre, liberte ou censure?** Paris: Cercle de la Librairie, 1972.

BÉNICHOU, Paul. **Romantismes français**. 2 vol. Paris: Gallimard, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Obras escolhidas III. Tradução: José Carlos Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BERGERAC, Cyrano de. **Viagem à Lua**, 1657-1662. Tradução: Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007.

BESCHERELLE, Louis Nicolas. **Dictionnaire national ; ou Dictionnaire universal de la langue française, dans lequel toutes les définitions sont justifiées par plus de quinze mille exemples choisis, le seule qui présente l'examen critique des disctionnaires les plus estimés, et principalement de ceux de l'Académie, de Laveaux, de Boiste et de Napoléon Landais**. 2 vol. Paris: Garnier, 1867.

BIRMAN, Joel. **Freud & a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BLANCHOT, Maurice. **Sade et Restif de la Bretonne**. Bruxelles: Complexe, 1986.

BOISTE, Pierre Claude Victor. **Dictionnaire universel de la langue française, avec le latin, et manuel d'orthographe et de néologie. Extrait comparatif des dictionnaires publiés jusqu'à ce jour.** 2<sup>e</sup> ed. Paris: Librairie-Editeur des Ouvrages D'Audebert et Vieillot, 1803.

BRAHAMI, Frédéric. **Le travail du scepticisme: Montaigne, Bayle, Hume.** Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

BURKE, Edmund. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo.** Tradução: Enid Abreu Dobránsky. Campinas: Papirus, Unicamp, 1993.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna, Europa, 1500-1800.** Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CALVET, Louis-Jean. **La sociolinguistique.** Paris: Presses Universitaire de France, 2005.

CALVIN, Jean. Contre la secte phantastique et furieuse des libertins qui se nomment spirituelz (1545). in CALVINI, Ioannis. **Opera quae supersunt omnia.** Vol. VII. Col. Corpus reformatorum. Vol. XXXV. Brunsvigae: C. A. Schwetschke et Filium, 1868.

CALVIN, Jean. Contre un Franciscan, sectateur des erreurs des libertins (p.293-311). in **Œuvres françaises de Jean Calvin recueillies pour la première fois, précédées de sa vie par Théodore de Bèze et d'une notice bibliographique par P. L. Jacob.** Paris: Librairie de Charles Gosselin, 1842.

CARVALHO, Ana Alexandra Seabra de. **O jogo do desejo em Claude Crébillon: estudo dos processos retóricos da sedução.** [Lisboa?]: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia do Iluminismo**. Tradução: Álvaro Cabral. Campinas: Unicamp, 1997.

CASSIRER, Ernst. **Descartes, Corneille, Christine de Suède**. Tradução: Madeleine Francès, Paul Schrecker. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1997.

CASSIRER, Ernst. **Indivíduo e cosmos no filosofia do Renascimento**. Tradução: João Azenha Jr, Mario Eduardo Viaro. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução : Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel ; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros : leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução: Mary Del Priori. Brasília: UnB, 1994.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 2004.

CHARTIER, Roger. **Les origines culturelles de la Révolution Française**. Paris: Seuil, 2000.

CHOMEL, Noël. **Dictionnaire œconomique, contenant divers moyens d'augmenter et conserver son bien, et même sa santé avec plusieurs remedes assurez et eprouvez, pour un très-grand nombre de maladies, & beaucoup de beaux Secrets pour parvenir à une longue & hereuse veillesse**. Paris: Le Conte & Montabant, 1709.

CORBIN, Alain. **L'harmonie des plasirs: les manières de jouir du siècle des Lumières à l'avènement de la sexologie**. Paris: Perrin, 2008.

CORBIN, Alain. **Les filles de noce: misère sexuelle et prostitution au XIX<sup>e</sup> siècle.** Paris: Flammarion, 2005.

**CORRESPONDÊNCIA de Abelardo e Heloísa.** Texto apresentado por Paul Zumthor. Tradução: Lúcia Santana Martins. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CRYLE, Peter. **Geometry in the boudoir: configurations of French erotic narrative.** Ithaca, London: Cornell University Press, 1994.

DE CERTEAU, Michel, JULIA, Dominique, REVEL, Jacques. **Une politique de la langue: la Révolution Française et les patois: l'enquête de Grégoire.** Paris: Gallimard, 2002.

D. SAUTTER, **L'état de la moralité publique.** 3<sup>e</sup> ed. Neuchatel: Bureau du Bolletin Continental, 1876.

D'ALQ, Louise. **La science du monde suite au savoir-vivre en toutes les circonstances de la vie.** Paris: Librairie de la Famille, 1877.

DANVILLE, Gaston. **La psychologie de l'amour.** Paris: F. Alcan, 1894.

DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa.** Tradução: Sônia Coutinho. Rio de Janeiro : Graal, 1988.

DARNTON, Robert. **O lado oculto da Revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França.** Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária.** Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DECHAMBRE, Amédée (dir.). **Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales.** 5 séries, 100 vol. Paris: G. Masson, P. Asselin, 1864-1889.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução: Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1998.

DELON, Michel. **L'invention du boudoir**. Paris: Zulma, 1999.

DELON, Michel. **Le savoir-vivre libertin**. Paris: Hachette, 2000.

DELON, Michel. **Les vies de Sade**. 2 vol. Paris: Textuel, 2007.

DELUMEAU, Jean. **Naissance et affirmation de la Réforme**. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

DEPRUN, Jean. **Naissance et affirmation de la Réforme**. Paris: J. Vrin, 1979.

D'HANNETAIRE, Jean Nicolas Servandoni. **Observations sur l'art du comédien, et sur d'autres objets concernant cette profession en général; avec quelques extraits de différents auteurs & des remarques analogues au même sujet**. Paris: Ribou, La Veuve Duchesne, Costard, 1776.

**DICTIONNAIRE de l'Académie Française**. Institut de France, 5<sup>e</sup> ed. Paris: J. J. Smits, 1798.

**DICTIONNAIRE de l'Académie Française**. Institut de France, 7<sup>e</sup> ed. Paris: Librairie de Firm-Didot et C<sup>ie</sup>, 1878.

**DICTIONNAIRE des sciences médicales, par une société des médecins et de chirurgiens**. 60 vol. Paris: C. L. F. Panckoucke, 1812-1822.

**DICTIONNAIRE des termes de médecine, chirurgie, art vétérinaire, pharmacie, histoire naturelle, botanique, physique, chimie, etc.; par Bégin, Boisseau, Jordan, Montgarny, Richard, Docteurs em Médecine; Sanson, Docteur en chirurgie; et Dupuy, Professeur à l'École véténnaire d'Alfort**. Paris: Crévot, Béchet, Baillièrre, 1823.

DIDEROT ; D'ALEMBERT. **Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société des gens de lettres.** 3<sup>e</sup> ed. 38 vol. Neufchatel: Société Typographique. Genevre: Jean-Léonard Pellet, 1978.

DIDIER, B. **La littérature de la Revolution Française.** Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

**DISCOURS. La Police des mœurs et la morale. Discours prononcés à Paris, em Janvier et Février 1877 par M<sup>me</sup> Josephine BUTLER, et M<sup>m</sup> A. HUMBERT, BUTLER, Donat SAUTTER, et Le D<sup>r</sup> Després.** Paris: Librairie Sandoz et Fischbacher, 1877.

DR. LADAME. **Les maisons de tolérance au point de vue de l'hygiène.** Neuchatel: Bureau du Bolletin Continental, [1877?].

DUBY, Geoges (org.). **Histoire de la France des origines à nous jours.** Paris: Larousse, 2007.

**ENCYCLOPÉDIE méthodique. Médecine. Contenant, 1<sup>o</sup> l'hygiène, 2<sup>o</sup> la pathologie, 3<sup>o</sup> la séméiologique & la nosologie, 4<sup>o</sup> la thérapeutique ou la matière médicale, 5<sup>o</sup> la médecine militaire, 6<sup>o</sup> la médecine vétérinaire, 7<sup>o</sup> la médecine légale, 8<sup>o</sup> la jurisprudence de la médecine & de la pharmacie, 9<sup>o</sup> la biographie médicale, c'est-à-dire, les vies des Médecins célèbres, avec des notices de leurs Ouvrages, par une Société de Médecins.** 17 vol. Paris: Panckouse, Agasse; Liége: Plomteux, 1787-1830.

ERCKEMANN. **Conversations de Goethe pendant les dernières années de sa vie, 1822-1832.** Tradução: Émile Délerot. Paris: Charpintier Librairie, 1863.

FALLOT, Tommy. **Notre nouvelle campagne.** 2<sup>o</sup> ed. Paris: Librairie Fischbacher, 1891.

FARGE, Arlette. **Dire et mal dire: l'opinion publique au XVIII<sup>e</sup> siècle.** Paris: Seuil, 1992.

FARGE, Arlette. **Effusion et tourment, le récit des corps: histoire du peuple au XVIII<sup>e</sup> siècle.** Paris: Odile Jacob, 2007.

FEBVRE, Lucien. **Honra e pátria.** Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: la religion de Rabelais.** Paris: Albin Michel, 2003.

FERRAND, Jacques. **De la maladie d'amour ou mélancholie érotique. Discours curieux qui enseigne à cognoitre l'essence, les causes, les signes et les remedes de ce mal fantastique.** Paris: Denis Moreau, 1623.  
<<http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/cote?231447x20>>. Acesso em: 10.10.2009.

FERRAUD, Jean-François. **Dictionnaire critique de la langue française.** 3 vol. Marseille: Mossy, 1787-1788.

FOLKERSKI, Wladyslaw. **Entre le classicisme et le romantisme : étude sur l'esthétique et les esthéticiens du XVIII<sup>e</sup> siècle.** Paris : Librairie Honoré Champion, 1969.

FONSEGRIVE, George. **Art et pornographie.** Paris: Librairie Bloud & C<sup>ie</sup>, 1911.

FOUCAULT, Michel, FARGE, Arlette (org.). **Le désordre des familles: lettres de cachet des Archives de la Bastille.** Collection Archives. Paris: Gallimard, Julliard 1982.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2007.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. Tradução: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade. 3 volumes**. Tradução: Maria Thereza Costa Albuquerque, José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985-1994.

FRAPPIER-MAZUR, Lucienne. **Sade et l'écriture de l'orgie: pouvoir et parodie dans l'Histoire de Juliette**. Paris: Nathan, 1991.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Tradução: Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise**. Tradução: Durval Marcondes et al. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução: José Otávio Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Volume 7: Um caso de histeria; Três ensaios sobre a teoria da**

**sexualidade e outros trabalhos.** Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FUMAROLI, Marc. **La diplomatie de l'esprit de Montaigne à La Fontaine.** Paris: Gallimard, 2001.

FUNCK-BRENTANO, Frantz. **La Bastille des comédiens, Le For l'Évêque.** Paris: Albert Fontemoing, 1903.

FUNCK-BRENTANO, Frantz. **Légendes et archives de la Bastille.** Paris: Librairie Hachette et C<sup>ie</sup>, 1898.

FURET, François. **A oficina da História.** Tradução: Adriano Duarte Rodrigues. Lisboa: Gradiva, s.d.

FURET, François. **La Révolution Française.** Paris: Gallimard, 2007.

FURET, François. **Marx e a Revolução Francesa.** Tradução: Paulo Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

FURET, François. **Pensando a Revolução Francesa.** Tradução: Luiz Marques e Martha Gambini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GARÇON, Maurice. **L'affaire Sade. Compte-rendu exact du process intenté par le Ministère Public, aux Editions Jean-Jacques Pauvert.** Paris: Jean-Jacques Pauvert Editeur, 1957.

GARIN, Eugénio. **O zodíaco da vida: a polêmica sobre a astrologia do século XIV ao século XVI.** Tradução: Isabel Teresa Santos, Hossein Seddighzadeh Shooja. Lisboa: Estampa, 1997

GARRISSON, Janine. **L'Édit de Nantes et sa révocation.** Paris: Seuil, 1985.

GAY, Peter. **Guerras do prazer.** A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud, vol.5. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GAY, Peter. **O coração desvelado.** A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud, vol.4. Tradução: Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GIRAUD, Pierre. **La sémantique.** Paris: Presses Universitaire de France, 1966.

GIRERD, Christophe. **Les libertins au XVII<sup>e</sup> siècle: anthologie.** Paris: Librairie Générale Française, 2007.

GIOCANTI, Sylvia. **Penser l'irrésolution: Montaigne, Pascal, La Mothe Le Vayer: trois itinéraires scéptiques.** Paris: Honoré Champion, 2001.

GODECHOT, Jacques. **A Revolução Francesa: cronologia comentada, 1787-1799.** Tradução: Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

GOULEMOT, Jean-Marie. **Esses livros que se lêem com uma só mão: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII.** Tradução: Maria Aparecida Corrêa. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

GREGORY, Tullio. **Génese de la raison classique de Charron à Descartes.** Tradução: Jean-Robert Armogathe. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos.** Tradução: Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Ed. 34, 1998.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.** Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HAZARD, Paul. **La crise de la conscience européenne, 1680-1715.** Paris: Fayard, 2006.

HAZARD, Paul. **La pensée européenne au XVIII<sup>e</sup> siècle: de Montesquieu à Lessing.** Paris: Fayard, 1996.

HEINE, Maurice. **Le Marquis de Sade.** Texte établi et préfacé par Gilbert Lely. Paris: Gallimard, 1950.

HÉNAFF, Marcel. **Sade: invention du corps libertin.** Paris: Presses Universitaires de France, 1978.

HOBBS, Thomas. **Os elementos da lei natural e política.** Tradução: Bruno Simões. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2010.

HOBBSBAWN, Eric J. **A era dos impérios, 1875-1914.** Tradução: Sieni Campos e Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HUNT, Lynn (org.). **A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade.** Tradução: Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999.

ISRAEL, Jonathan I. **Iluminismo radical: a filosofia e a construção da modernidade, 1650-1750.** Tradução: Cláudio Blanc. São Paulo: Madras, 2009.

JANIN, Jules. **Le Marquis de Sade. La vérité sur les deux procès criminels du Marquis de Sade para le Bibliophile Jacob. Le tout précédé de la Bibliographie des œuvres du Marquis de Sade.** Paris: Marchands de nouveautés, 1834.

KANT, Immanuel. **Idéia de uma história universal do ponto de vista cosmopolita.** Tradução: Rodrigo Naves, Ricardo R. Terra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KANT, Immanuel. **O conflito das faculdades.** Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1993.

KATES, Gary. **Monsieur d'Eon é mulher: um caso de intriga política e embuste sexual.** Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

KEHRÈS, Jean-Marc. **Sade et la rhétorique de l'exemplarité.** Paris: Honoré Champion, 2001.

KLOSSOWSKI, Pierre. **Sade mon prochain précédé de Le philosophe scélérat.** Paris: Seuil, 2002.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês.** Tradução: Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: EDUERJ, Contraponto, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Tradução: Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira, César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **L'expérience de l'Histoire.** Tradução: Alexandre Escudier, Diane Meur, Marie-Claire Hooek, Jochen Hooek. Paris: Gallimard, Seuil, 1997.

KRAFFT-EBING, Richard Von. **Psychopathia sexualis: as histórias de casos,** 1888. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

**LA GRANDE Encyclopédie, inventaire raisonnée des sciences, des lettres et des arts, par une Société des Savants et des gens de Lettres.** 31 vol. Paris: H. Lamirault, Société de la Grande Encyclopédie, 1886-1902.

LABORDE, Alice M. **La bibliothèque du Marquis de Sade au château de La Coste (en 1776).** Genève: Slatkine, 1991.

LACLOS, Choderlos de. **Liaisons dangereuses.** (1782) Paris: Gallimard, 2003.

LACROIX, Paul. **Dissertations sur quelques points curieux de l'Histoire de France et de l'Histoire littéraire.** Paris: Techener, 1838.

LANTERI-LAURA, Georges. **Leitura das perversões: história de sua apropriação médica.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

**LAROUSSE Universel en 2 volumes. Nouveau Dictionnaire Encyclopédique.** Publié par la direction de Claude Augé. Paris: Librairie Larousse, 1922.

LAUGAA-TRAUT, Françoise. **Lectures de Sade.** Paris: Armand Colin, 1973.

LAUTRÉAMONT, Conde de. **Os cantos de Maldoror: poesias: cartas: obra completa.** Tradução: Cláudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 2005.

LE BRUN, Annie. **Les châteaux de la subversion.** Paris: Gallimard, 1986.

LE BRUN, Annie. **Soudain un bloc d'abîme, Sade.** Paris: Gallimard, 1993.

LE PETIT Larousse illustré 2000. Paris: Larousse, 1999.

LELY, Gilbert. **Vie du Marquis de Sade.** Paris: Mercure de France, 2004.

LESSING, Gotthold Ephraim. **De teatro e literatura.** Tradução: J. Guinsburg; notas Anatol Rosenfeld. São Paulo: EPU, 1991.

LEVER, Maurice (org.). **Anthologie érotique, le XVIII<sup>e</sup> siècle.** Textes établis, présentés et annotés par Raymond Trousson. Paris: Robert Laffont, 2003.

LEVER, Maurice. **Donatien Alphonse François, Marquis de Sade.** Paris: Fayard, 2006.

LIMA, Luiz Costa (org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

**LITTÉRATURE, Dossier Analyse du discours et sociocritique.** Paris, vol. 04, n° 140, déc.2005.

LITTRÉ ; ROBIN. **Dictionnaire de médecine, de chirurgie, de pharmacie, de art vétérinaire et des sciences qui se rapportent.** 13<sup>o</sup> ed. Entièrement refondue. Paris: Librairie J.-B. Baillière et Fils, 1873.

MACOBRE, Ambroise. **La flore pornographique, glossaire de l'école naturaliste, extrait des œuvres de M. Émile Zola et de ses disciples.** Paris: Doublezevir Éditeur, 1885.

MAINGUENEAU, Dominique. **La littérature pornographique.** Paris: Armand Colin, 2007.

MARQUARD, Odo. **Adiós a los principios: estudios filosóficos.** Tradução: Enrique Ocaña. Valencia: Institució Alfons El Magnànim, 2000.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** Tradução: Maria Helena Barreiro Alves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. **Early writings.** Tradução: Rodney Livingstone, Gergor Benton. London : Penguin, 1992.

MICHAUD, Joseph Fr., MICHAUD, Louis Gabriel. **Biographie universelle, ancienne et moderne, ou, Histoire, par ordre alphabétique, de la vie publique et privé de tous les hommes qui se sont faits remarquer par leurs écrits, leurs actions, leurs talents, leurs vertus ou leurs crimes. Ouvrage entièrement neuf, redigé par une Société de Gens de Lettres et de Savants.** 85 vol. Paris: L. G. Michaud, Beck, 1811-1862.

MICHEL, Ludovic. **La mort du libertin: agonie d'une identité romanesque.** Paris: Larousse, 2003.

MIRABEAU, Honoré-Gabriel de Riquetti, comte de. **Œuvres érotiques. L'Enfer de la Bibliothèque National.** Paris: Fayard, 1984.

MONTAIGNE, Michel de. **Les essais**. Édition Villey-Saulnier. Paris : Presses Universitaires de France, 2004.

MONZANI, Luiz Roberto. **Desejo e prazer na Idade Moderna**. Campinas: Unicamp, 1995.

MORAES, Eliane Robert. **Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

MORAES, Eliane Robert. **Sade: a felicidade libertina**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

MOTTIER, Véronique. **Sexuality: a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.

MUCHEMBLED, Robert. **Uma história do Diabo, séculos XII-XX**. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

NAUDÉ, Gabriel. **Advis pour dresser une bibliothèque**. (1627). Disponível em <<http://fr.groups.yahoo.com/group/ebooksgratuits>>. Acesso em: 02.02.2010.

NOVAES, Adauto (org.). **Libertinos libertários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

**OBLIQUES**, coautoria Michel Camus, nº 12-13, Paris, [s.n.], 1977.

**ŒUVRES anonymes du XVIII<sup>e</sup> siècle II. L'Enfer de la Bibliothèque National**. Paris: Fayard, 1986.

OGIEN, Ruwen. **Penser la pornographie**. Paris: Presses Universitaire de France, 2003.

PAUVERT, Jean-Jacques. **L'amour à la française ou l'exception étrange**. [Paris ?]: Editions du Rocher, 1997.

- PAUVERT, Jean-Jacques. **La littérature érotique**. Paris: Flammarion, 2000.
- PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Tradução: Waldir Dupont. São Paulo: Siciliano, 2001.
- PAZ, Octavio. **Um mais além erótico: Sade**. Tradução: Waldir Dupont. São Paulo: Mandarin, 1999.
- PHILLIPS, John. **The Marquis de Sade: a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2005.
- PIA, Pascal. **Les livres de l'Enfer: bibliographie critique des ouvrages érotiques dans leurs différentes éditions du siècle XVI<sup>e</sup> à nous jours**. Paris: Fayard, 1998.
- PINTARD, René. **Le libertinage érudit dans la première moitié du XVII<sup>e</sup> siècle**. Genève, Paris: Slatkine, 1983.
- PLAIES sociales. Pornographie, alcoolisme**. Reims: Action Populaire; Paris : A. Noël Maison Bleue, 1903.
- PONS, Michel. **La fin de la République: ses derniers moments**. Paris: Nimes: Imprimerie Typographique Dubois, 1885.
- PRADO Junior, Bento. **A retórica de Rousseau**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- PRADO, Raquel de Almeida. **Peversão da retórica, retórica da peversão: moralidade e forma literária em *As ligações perigosas* de Choderlos de Laclos**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- PRAZ, Mario. **A carne, a morte e o diabo na literatura romântica**. Tradução: Philadelpho Menezes. Campinas: Unicamp, 1996.

PRAZ, Mario. **La letteratura inglese dai romantici al novecento**. Milano: Accademia, 1989.

RABELAIS, François. **Gargântua e Pantagruel**. 2 volumes. Tradução: David Jardim Júnior. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991.

RABELAIS, François. **Les cinq livres**. Édition critique de Jean Céard, Gerard Defaux et Michel Simonin. Paris: La Pochothèque, 1994.

REICHLER, Claude. **L'age libertin**. Paris: Minuit, 1987.

RESTIF DE LA BRETONNE. **Œuvres érotiques. L'Enfer de la Bibliothèque National**. Paris: Fayard, 1985.

ROCHE, Daniel. **Le peuple de Paris: essai sur la culture populaire au XVIII<sup>e</sup> siècle**. Paris: Fayard, 1998.

ROUANET, Sérgio Paulo. **O espectador noturno: a Revolução Francesa através de Rétif de la Bretonne**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ROUBAUD-LUCE, Maurice. **Recherches médico-philosophiques sur la mélancolie**. Paris: Le Normant, Gabon; Montpellier: Sevalle, 1817.

RUBENS, Pierre-Paul. **Théorie de la figure humaine, considérée dans ses principes, soit en repos ou en mouvement. Ouvrage traduit du latin de Pierre-Paul Rubens XLIV planches gravées par Pierre Aveline, d'après les desseins de ce célèbre Artiste**. Paris : Charles-Antoine Jombert, Père, Librairie du Artillerie & du Génie, 1773.

SCHILLER, Friedrich. **Teoria da tragédia**. Tradução: Flávio Meurer; notas Anatol Rosenfeld. São Paulo : EPU, 1991.

SCLIPPA, Nobert. **Pour Sade**. Paris: L'Harmattan, 2006.

SECRÉTAN, Catherine, DAGRON, Tristan, BOVE, Laurent (org.). **Qu'est ce que les Lumières "radicales"?** Paris: Amsterdam, 2007.

SOUILLER, Didier. **La nouvelle em Europe de Boccace à Sade.** Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização: ensaios.** Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

STAROBINSKI, Jean. **Montaigne en mouvement.** Paris: Gallimard, 2006.

STAROBINSKI, Jean. **Montesquieu.** Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico.** Tradução: Pedro Sussekind. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2004.

TAYLOR, Charles. **A secular age.** Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 2007.

**TEXTOS escolhidos: Condillac, Hélivétius, Degerando.** Tradução: Luiz Roberto Monzani et al. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

TROUSSON, Raymond (org.). **ROMANS libertins du XVIII<sup>e</sup> siècle.** Textes établis, présentés et annotés par Raymond Trousson. Paris : Robert Laffon, 1993.

VAN CRUGTEN-ANDRÉ, Valérie. **Le roman du libertinage, 1782-1815, redécouverte et réhabilitation.** Paris: Honoré Champion, 1997.

VENTURI, Franco. **Utopia e reforma no Iluminismo.** Tradução: Modesto Florenzano. Bauru: EDUSC, 2003.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história.** Tradução: Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: UnB, 1992.

VOLTAIRE, François Marie Arouet. **Dictionnaire philosophique**. Nouvelle édition, plus complète que toutes les précédentes. Amsterdam : Marc-Michel Rey, 1789.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo, Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOILLEZ, Catherine. **Les Médecins moralistes, code philosophique et religieux extrait des écrits des médecins anciens et modernes notamment des docteurs français contemporains, par Mme Woillez, avec un discours préliminaire de feu le professeur Brachet, et une notice par le Dr. Descuret**. Paris: Germer Baillière, Régis-Ruffet et C<sup>ie</sup>, 1862.

#### **Artigos e capítulos de livros**

ABRAMOVICI, Jean-Christophe. Objets sadiques, objet sadien, **Études françaises**, vol. 32, n° 02, p.53-64, 1996.

ALBERTAN-COPPOLA, Sylviane. La littérature philosophique clandestine au XVIII<sup>e</sup> siècle: orientations de la recherche (notes critiques), **Revue de l'histoire des religions**, vol. 216, n° 03, p.355-366, 1999.

ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. Mennocchio e Rivière: criminosos da palavra, poetas do silêncio, **Resgate: revista de cultura**, Campinas, n° 02, p.48-55, 1991.

BALTRUSAITIS, Jurgis. Monstres et emblèmes: une survivance du Moyen Âge aux XVI<sup>e</sup> et XVII<sup>e</sup> siècles, **Medicine en France**, n° 39, p.17-30, 1952-1953.

BERLIOZ, Jacques. Le récit efficace: l'*exemplum* au service de la prédication (XIII<sup>e</sup>-XV<sup>e</sup> siècles), **Mélanges de l'École française de Rome. Moyen-Âge, Temps Modernes**, t.92, n° 01, p.113-146, 1980.

BIGNOTTO, Newton. O círculo e a linha (p.177-189). In NOVAES, Aduino (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger; DARNTON, Robert. Dialogue à propos de l'histoire culturelle, **Actes de la recherche en Sciences Sociales**, vol. 59, p.86-93, sept.1985.

CAMPA, Laurence. Apollinaire et Sade, **Cahiers de l'Association internationale des études françaises**, n° 47, p.391-404, 1995.

CANGUILHEM, Georges. Vie (p.764-769). In **Encyclopædia Universalis**. Vol.16. Paris: Corpus, 1973.

CARVALHO, José Murilo. Entrevista com Robert Darnton, **Topoi**, vol. 03, n° 05, p. 389-397, set. 2002.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Les libertins, l'envers du Grand Siècle, **Les cahiers du Centre de Recherches Historiques**, n° 28-29, p.11-37, avr.2002.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Libérer le libertinage. Une catégorie à l'épreuve des sources, **Annales HSS**, Paris, t. LXIV, n° 01, p.45-80, 2009.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Pourquoi les libertins ne sont pas classiques: réflexion critique sur la naissance d'une catégorie historiographique à partir des ouvrages de Pierre Brun, **XVIII<sup>e</sup> siècle**, 56<sup>e</sup> année, n° 03, 381-397, 2004.

CELS-SAINT-HILAIRE, Janine. Les libertini: des mots et des choses, **Dialogues d'histoire ancienne**, vol. 11, n° 01, p. 330-379, 1985.

CHARLES-DAUBERT, Françoise. Le “libertinage érudit”: problèmes de définition, **Libertinage et philosophie au XVII<sup>e</sup> siècle**, Saint-Étienne, Université de Saint-Étienne, n° 01, p.11-25, 1996.

CLIFFORD, James. Sobre o surrealismo etnográfico (p.132-178). In **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Tradução: Patrícia Farias. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

COUTIN, Jean. Enquête sur l’imaginaire du roman pornographique (1739-1789): les bibliothèques, **Études françaises**, vol. 32, n° 02, p.19-30, 1996.

CRYLE, Peter. État présent de la critique sadienne, **Dix-huitième siècle**, n° 31, p.507-524, 1999.

DELON, Michel; ABRAMOVICI, Jean-Christophe; LE GRANDIC, Éric. Sade au travail, dans ses manuscrits (p.137-168). In LEBRAVE, Jean-Louis; GRÉSILLON, Almuth (org.). **Ecrire aux XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles: genèses de textes littéraires et philosophiques**. Paris: CNRS Editions, 2000.

DEPRUN, Jean. Quand Sade récrit Fréret, Voltaire et d’Holbach (p.331-340). In KRAUSS, Werner, POMPEAU, René, GARAUDY, Roger et al. **Roman et Lumières au XVIII<sup>e</sup> siècle**. Paris : Éditions Sociales, [1970].

DEPRUN, Jean. Sade et l’abbé Bergier, **Raison présente**, n° 67, p.05-11, 1983.

DEPRUN, Jean. Sade et le rationalisme des Lumières, **Raison présente**, n° 55, p.17-29, 1980.

DÜHREN, Dr. Eugène. Avant-propos (páginas não numeradas). In MARQUIS DE SADE. **Les cent vingt journées de Sodome ou l’École du libertinage**. Publié pour la première fois d’après le manuscrit original, avec des

**annotations scientifiques par le Dr. Eugène Dühren.** Paris: Club des Bibliophiles, 1904.

FEBVRE, Lucien. Aux origines de l'esprit moderne: libertinisme, naturalisme, mécanisme, **Mélanges d'histoire sociale**, vol. 6, n° 01, p. 09-25, 1944.

FERREIRA, Daniel Wanderson. Erotismo, libertinagem e pornografia: notas para um estudo genealógico das práticas relacionadas ao corpo na França moderna, **História da historiografia**, UFOP, Ouro Preto, n° 03, p.123-134, set. 2009. <<http://www.ichs.ufop.br/rhh/index.php/revista/article/viewFile/53/37>>. Acesso em: 10.12.2009.

FERREIRA, Daniel Wanderson. História e dramaturgia em O 18 Brumário. In: **XXIV Simpósio Nacional de História; Associação Nacional de História - ANPUH, 2007, São Leopoldo. História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos: anais do XXIV Simpósio Nacional de História / XXIV Simpósio Nacional de História; Associação Nacional de História - ANPUH.** São Leopoldo: Unisinos, 2007. p. 1-10. cdroom.

FERREIRA, Daniel Wanderson. Le voyage d'Italie ou Sade em novas paisagens. **Kalagatos: revista de filosofia** (UECE), v. 5, n° 10, p. 33-56, verão 2008.

FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce que les Lumières? (p.1381-1397). In **Dits et écrits, 1954-1988.** Tome II (1976-1988). Paris: Gallimard, 2001.

HANSEN, João Adolfo. Barroco, Neobarroco e outras ruínas. **Floema**, ano 02, n° 02A, p.15-84, out.2006.

HARARI, Josué. D'une raison à l'autre: le dispositif Sade, **Studies on Voltaire and the eighteenth century**, vol. 230, p.273-282, 1985.

HIGMAN, Francis M. De Calvin à Descartes: la création de la langue classique, **Bulletin de l'Association d'étude sur l'humanisme, la réforme et la renaissance**, vol.15, n° 02, p. 05-18, 1982.

HUET, Marie-Hélène. Roman libertin et réaction aristocratique, **Dix-huitième siècle**, n° 6, p.129-142, 1974.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? (“Aufklärung”) 5 de dezembro de 1783 (p.100-117). In **Textos seletos**. Tradução: Raimundo Vier, Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974.

KERMODE, Frank. Pleasure, change, and the cânon. Disponível em: <<http://www.tannerlectures.utah.edu/lectures/atoz.html>>. Acesso em: 13.11.2008.

LAQUEUR, Thomas W. Corpos, detalhes e narrativa humanitária (p.239-277). In HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. Tradução: Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LATOUR, Patrick. Entre Humanisme et Lumières: la bibliothèque du collège Mazarin et ses fonds scientifiques au début du XVIIIe siècle, **Recherches sur Diderot et sur l'Encyclopédie**, n° 38, p.51-70, avr.2005.

LATOUR, Patrick. Classements et classifications des bibliothèques avant la Révolution, **Séminaire ALMA 2008-2009: Les raisons classificatoires**, D'Argens, 20 nov. 2008. Disponível em: <<http://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00366974/fr/>>. Acesso em: 13 mar. 2010.

LE NAOUR, Jean-Yves. Un mouvent antipornographique: la Ligue pour le relèvement de la moralité publique (1883-1946), **Histoire, économie et société**, vol. 22, n° 03, p.385-394, 2003.

LEDUC, Jean. Les sources de l'athéisme et l'immoralisme du marquis de Sade, **Studies on Voltaire**, n° 68, p.07-66, 1969.

LEFORT, Claude. Sade: o desejo de saber e o desejo de corromper (p.247-260). In NOVAES, Adauto (org.). **O desejo**. São Paulo, Rio de Janeiro: Companhia das Letras, FUNARTE, 1990.

LESSING, Gotthold Ephraim. La educación del genero humano, 1780 (p.573-603). In **Escritos filosóficos y teológicos**. Tradução: Agustín Andreu Rodrigo. Madrid: Editora Nacional, 1982.

LILTI, Antoine. Comment écrit-on l'histoire intellectuelle des Lumières? Spinozisme, radicalisme et philosophie, **Annales HSS**, Paris, t. LXIV, n° 01, p.171-206, 2009

MACHADO, Ida Lúcia. Breve abordagem sobre algumas transgressões discursivas no livro *La philosophie dans le boudoir*, de Sade, **Revista da ABRALIN**, vol.07, p.259-269, 2008.

MARGOLIN, Jean-Claude. Lectures de Sade, **Études françaises**, vol. 03, n° 04, p.410-413, 1967.

MARTIN, Angus. Romans et romanciers à succès de 1751 à la Révolution d'après les rééditions, **Revue des sciences humaines**, t.XXXV, n° 139, p.383-389, jui.-sep.1970.

MEILLET, Antoine. Comment le mots changent de sens (p.230-271). In **Linguistique historique et linguistique générale**. Genève, Paris: Slatkine, Champion, 1982.

MOLIÈRE. *Le Tartuffe ou l'imposteur*. In MOLIÈRE. **Œuvres complètes**. Vol.2. Chronologie, introduction e notices par Georges Mongrédien. Paris: GF Flammarion, 1993.

MONZANI, Luiz Roberto. Sade — ou a individualidade desejante, **AdVerbum**, vol.01, n° 01, p.69-85, jul.-dez.2006.

MOREAU, Isabelle. Libertinisme et philosophie, **Revue de Synthèse**, 5<sup>e</sup> série, vol. 126, n° 01, p.139-160, 2005.

MOREAU, Pierre-François. Les libertines, le libertinisme et la philosophie, **Libertinage et philosophie au XVII<sup>e</sup> siècle**, Saint-Étienne, Université de Saint-Étienne, n° 01, p.07-09, 1996.

MORNET, Daniel. Les enseignements des bibliothèques privées (1750-1780), **Revue d'Histoire littéraire de la France**, t. XVII, année 17<sup>e</sup>, p.449-496, 1910.

MURARD, Lion; ZYLBERMAN, Patrick. Experts et notables. Les bureaux municipaux d'hygiène en France (1879-1914), **Genèses**, vol. 10, n° 01, p.53-73, 1993.

NEVEU, Valérie. La place de la Théologie dans les classifications bibliographiques françaises, **Séminaire ALMA 2008-2009: Les raisons classificatoires**, D'Argens, 17 dec. 2009. Disponível em: <<http://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00476355/fr/>>. Acesso em: 13 mar. 2010.

NEVEU, Valérie. L'héritage classificatoire de l'Ancien Régime : apogée et déclin de la classification des libraires de Paris dans les bibliothèques publiques du XIX<sup>e</sup> siècle ; le cas de la bibliothèque municipale de Rouen, **Séminaire ALMA 2008-2009: Les raisons classificatoires**, D'Argens, 12 dec. 2008. Disponível em:

<<http://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00355855/fr/>>. Acesso em: 13 mar. 2010.

OLIVA, Luís César Guimarães. Antecedentes históricos e teológicos do conceito pascaliano de natureza humana, **Kriterion**, n° 114, p.367-408, dez.2006.

PAUL-MARCETTEAU, Agnès, Les auteurs du théâtre de la foire à Paris au XVIII<sup>e</sup> siècle, **Bibliothèque de l'École des Chartes**, t. 141, p. 307-335, 1983.

PIGEAUD, Jackie. Trois maldies sur la longue durée, **Histoire, économie et société**, vol. 03, n° 04, p.501-510, 1984.

PORTER, Roy. História do corpo (p.291-326). In BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução: Lopes Magda. São Paulo: UNESP, 1992.

RIBEIRO, Renato Janine. História e revolução, a Revolução Francesa e uma nova idéia de história, **Revista USP**, n° 01, p.12-18, mar.-mai.1989.

ROCHE, Daniel. Académies et académisme: le modèle français au XVIII<sup>e</sup> siècle, **Mélanges de l'École française de Rome. Italie et Méditerranée**, t.108, n° 02, p.643-658, 1996.

ROCHE, Daniel. De l'histoire sociale à l'histoire socio-culturelle, **Mélanges de l'École française de Rome. Moyen-Âge, Temps modernes**, t.91, n° 01, p.7-19, 1979.

ROCHE, Daniel. Un savant et sa bibliothèque au XVIII<sup>e</sup> siècle, **Dix-huitième siècle**, n° 01, p.47-88, 1969.

SARRAZIN-CANI, Véronique. Formes et usages du calendrier dans les almanachs parisiens au XVIII<sup>e</sup> siècle, **Bibliothèque de l'École des Chartes**, t.157, p.417-446, 1999.

SCHÉRER, R. L'enfer de l'hédonisme, **Multitudes**, n° 18, vol. 04, p.177-185, automne 2004.

SERNA, Pierre. Sade et Mirabeau devant la Révolution Française, **Politix**, vol. 02, n° 06, p.75-79, 1989.

TAYLOR, Charles. O que é agência humana? (p.09-39). In SOUZA, Jessé; MATTOS, Patrícia (org.). **Teoria crítica no século XXI**. São Paulo: Annablume, 2007.

TENENTI, Alberto. Milieu XVIe, début XVIIe : libertinisme et hérésie, **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**, 18<sup>e</sup> Année, vol. 18, n° 01, p.01-19, jan.-fév. 1963.

VASSORT, Patrick. Sade e o espírito do capitalismo, **Le monde diplomatique Brasil**, ano 01, n° 01, p.28-29, ago. 2007.

WEBER, Willian. L'institution et son public. L'Opéra à Paris et à Londres au XVIIIe siècle, **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**, 48<sup>e</sup> Année, n° 06, p.1519-1539, 1993.

WIRTH, Jean. "Libertins" et "Epicuriens". Aspects de l'irreligion au XVIe siècle, **Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance**, vol. XXXIX, n° 03, p.601-627, 1977.

## Apêndices

## Apêndice I

Quadro 1: Inventário das bibliotecas de La Coste (1769), da Bastilha (1784-1789) e de Charenton (1803-1814)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
A.-F.-Thomas le Vacher de la Feutrie, François Moysant et la Marcellerie?		francês	Dictionnaire de chirurgie	belas artes	dicionário		I(86)
abade André		francês	Réfutation d'Emile ou de l'Education de Rousseau	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia		I(28)
abade Ansquer de Londres			Variétés philosophiques et littéraires	ciências e artes / belas artes			I(90)
abade Antoine Guénéé	1717-1803	francês	La religion chrétienne démontrée par la conversion et l'apostolat de saint Paul	teologia			I(26)
abade Barrin		francês	La liberté de Vénus			registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(126)
abade C. du Petit Château		francês	Idée de la vérité et la grandeur de la religion démontrée par des preuves claires et à port"e de tout le monde	teologia			I(28)
abade Claude Fleury	1640-1723	francês	Les moeurs chrétiens, ou Les moeurs des Israélites et des chrétiens	teologia			I(23)
abade Claude Fleury?	1640-1723	francês	Autre Recueil des pièces sur les libertés gallicanes	teologia		coletânea com as intruções pastorais do bispo de Sarlat	I(26)
abade de Bernis	1715-1794	francês	Poésies diverses	belas artes	poesia		I(82)
abade de Chanvalon	?-1763	francês	Manuel des champs	ciências e artes	ciências		I(98)
abade de Claustre		francês	Dictionnaire de Mythologie	belas artes	dicionário		I(87)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
abade de la Chapelle	1710-1792	francês	L'art de communiquer ses idées enrichi de notes historiques et philosophiques	ciências e artes	filosofia		I(90)
abade de la Porte	1714-1779	francês	Réponse aux observations sur l'Esprit des lois	ciências e artes	filosofia		I(94)
abade Desfontaines	1685-1745	francês	Lettre d'un comédien français sur l'histoire du théâtre italien	belas artes	poesia / teatro		I(98)
abade François Arnaud	1721-1774	francês	Œuvres				I(79)
abade G.-Fr. Coyer		francês	Chinky, Histoire cochinchinoise, qui peut servir à d'autres pays	história		atribuido a Voltaire	I(47)
abade Gabriel Bonnot de Mably	1709-1785	francês	Histoire de France	história			I(60)
abade Gabriel-François Coyer	1707-1782	francês	Histoire de Jean de Sobieski, Roi de Pologne	história			I(59)
abade Gabriel-François Coyer	1707-1782	francês	Voyage d'Italie et de Hollande	história	geografia / viagem		I(85)
abade Génard	1737-1813	francês	Parallèle des portraits du siècle et des tableaux de l'écriture sainte, ouvrage moral, critique et anedoctique	teologia			I(34)
abade Henri Joseph Dulaurens	1719-1793	francês	Bigarrures de l'esprit humain	ciências e artes / belas artes	filosofia / romance	imitação de Pantagruel et de Candide, respectivamente escritos por Rabelais e Voltaire	I(55)
abade J. Olivier		francês	l'Infortuné Napolitain	belas artes			II(379)
abade Jacques Boileau	1635-1716	latim	Histoire des Flagellants	história		padre francês que escrevia em latim; tradução do latim feita pelo abade Jean-Joseph Granet	I(67)
abade Jacques François de Sade	1705-1778	francês	Mémoires pour servir à l'histoire de Pétrarque	história		tio de Donatien de Sade	I(120)
abade Jean-Baptiste Morvan de Bellegarde	1648-1734	francês	Eloge historique du Roi	história			I(65)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
abade Jean-Baptiste Morvan de Bellegarde	1648-1734	francês	Réflexions sur le ridicule et le moyen de l'éviter	ciências e artes	filosofia		I(99)
abade Jean-Baptiste Thiers	1636-1703	francês	Critique de l'histoire des Flagellants	história			I(67)
abade Jean-Baptiste Thiers	1636-1703	francês	La guerre Séraphique, ou Histoire des périls qu'a courus la barbe des capucins par les violentes attaques des Cordeliers	história			I(54)
abade Jérôme Richard			Description Historique et critique d'Italie	história			I(76)
abade Joseph de la Porte		francês	L'esprit des monarques philosophes	ciências e artes	filosofia		I(98)
abade Louis-Nicolas Gueroult			Anecdotes de la cour de Dom Juan, roi de Navarre	história			I(66)
abade Mesnier			Problème historique sur les maux qui affligent l'église et le royaume de France	história			I(90)
abade Noël Pluche	1688-1761	francês	Spetacle de la nature, ou Entretiens sur les particularités de l'histoire naturelle...	ciências e artes	ciências		I(98)
abade Octavien de Guasco	1712-1781	francês	De l'usage des statues chez les Anciens	história		conde italiano	I(56)
abade P. de Villiers	1684-?	francês	Réflexions sur les défauts d'autrui	ciências e artes	filosofia		I(89)
abade Pierre Barral?	1770-1772	francês	Dictionnaire des Hommes Illustres	belas artes	dicionário		I(85)
abade Prévost	1697-1763	francês	Contes	belas artes	conto		I(78)
abade Prévost	1697-1763	francês	Contes	belas artes	conto		II(379)
abade Prévost	1697-1763	francês	Histoire de Manon Lescaut et du chevalier Desgrieux	belas artes	novela		I(79)
abade Prévost	1697-1763	francês	La vertueuse sicilienne	belas artes	romance		I(109)
abade Prévost	1697-1763	francês	Le Doyen de Killerine, Histoire morale...	ciências e artes / belas artes	filosofia / romance		I(79)
abade Prévost	1697-1763	francês	Mémoires d'un homme de qualité	belas artes	romance		I(78)
abade Prévost	1697-1763	francês	Mémoires d'un homme de qualité	belas artes	romance		I(107)
abade Prévost?	1697-1763	francês	Marguerite d'Anjou [Histoire de Marguerite d'Anjou?]	história			III(727)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
abade René Aubert de Vertot	1655-1735	francês	Origine de la grandeur de la cour de Rome	história			I(103)
abade René Aubert de Vertot	1655-1735	francês	Révolutions romaines	história			I(71)
abade T.-G.-F. Raynal	1713-1796	francês	Histoire philosophique et politique des [opérations du commerce européens en] deux Indes	história		Diderot et d'Holbach participaram da elaboração desta obra	I(39)
abade Thomas-Jean Pichon	1731-1812	francês	La raison triomphante des nouveautés, ou Essais sur les moeurs et l'incrédulité	teologia			I(24)
abade Yvon	1714-1791	francês	La liberté de conscience resserrée dans ses bornes légitimes	ciências e artes	filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(126)
abade Yvon	1714-1791	francês	Liberté de conscience, resseréé dans ses bornes légitimes	ciências e artes	filosofia	o autor é colaborador da Encyclopédie	I(33)
Addison et Steele		inglês	Le Spectateur ou Le Socrate moderne	ciências e artes		tradução do inglês feita pelo abade Prévost	I(95)
Adrien de la Vieuville d'Orville		francês	Edèle de Ponthieu	belas artes	novela histórica		I(77)
Agnès Maria Bennett	1760-1808	inglês	Anna [, ou l'héritage galloise]	belas artes	romance	tradução do inglês feita por Dubois-Fontanelle	III(728)
Agnès Maria Bennett	1760-1808	inglês	Les imprudences de la jeunesse	belas artes	romance	tradução do inglês feita por Mme. la barrone Wasse	III(729)
Alphonse Antoine de Sarasa	1618-1667	francês	l'Art de se tranquiliser	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia		I(96)
André Sparman	1748-1820	sueco	Voyage au Cap [de Bonne-Espérance et autour du monde avec le capitaine Cook, et principalement dans le pays des Hottentots et des Caffres, , par André Sparman,... traduit par M. Le Tourneur...]	história	geografia / viagem		III(729)
André-François Boureau-Deslandes	1690-1757	francês	La fortune marâtre, des grands, la fortune histoire critique	história			I(65)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
André-François Contant d'Orville			Le mariage du siècle	belas artes			I(109)
Ange Goudar	1708-1791	francês	l'Espion chinois	belas artes	romance	romance satírico dos costumes e dos sistemas políticos do Antigo Regime	I(102)
Ange Goudar	1708-1791	francês	Naples. Ce qu'il faut faire pour rendre ce royaume florissant	história	geografia / viagem		I(115)
Anne Claude Philippe Caylus (Conde de)	1692-1765	francês	Contes	belas artes	conto	o autor é arqueólogo, crítico, artista e escritor; destacamos alguns dos seus livros: <i>les Féeries nouvelles</i> (1741), <i>les Contes orientaux</i> (1743), <i>Cinq contes de fées</i> (1745)	III(728)
Anne Claude Philippe Caylus (Conde de)	1692-1765	francês	le Bordel	belas artes	teatro-comédia	assinatura do pai de Donatien de Sade	I(42)
Anne Claude Philippe Caylus (Conde de)	1692-1765	francês	Œuvres [badines?]	belas artes			II(379)
Anne-Marguerite Dunoyer	1663-1719	francês	Lettres de Mme du Noyer	belas artes	correspon-dência		II(379)
Ant. Louis			Essai sur la nature de l'âme où l'on tâche d'expliquer son union avec le corps, et les lois de cette union	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(128)
Antoine Arnauld et P. Nicole	1612-1694 e 1625-1695	francês	La logique ou l'art de penser	ciências e artes / belas artes	filosofia / gramática		I(102)
Antoine Arnauld et P. Nicole?	1612-1694 e 1625-1695	francês	La logique [ou l'art de penser']	ciências e artes / belas artes	filosofia / gramática		II(379)
Antoine Pecquet	1704-1772	francês	Parallèle du coeur, de l'esprit et du bon sens	ciências e artes	filosofia		I(32)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Antony Collins		inglês	l'Esprit du Judaïsme, ou Examen raisonné de la loi de Moïse et son influence sur la religion chrétienne	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.); tradução do inglês par le baron d'Holbach	I(127)
Antony Collins?		inglês	de l'Examen des prophéties qui servent de fondement à la religion chrétienne	ciências e artes	filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.); tradução do inglês feita pelo barão d'Holbach	I(126)
Armand Jean du Plessis, cardinal duc de Richelieu	1585-1642	francês	Testament	ciências e artes / história	política / história		III(601)
Autreville			Inventaire général des affaires de France, contenant les guerres et émotions civiles du royaume	história			I(66)
Barnabé Farmiant de Rosoy	1745-1792	francês	Lettres de Cécile à Julie, ou les combats de la nature	belas artes	romance		I(107)
Barão Charles-Louis de Poellnitz	1692-1775	francês	La Saxe galante	belas artes	romance	autor alemão que escreve em francês; a maior parte deste romance é copiado de <i>La Princesse de Clèves</i>	I(66)
Barthélemy Faujas de Saint-Fond	1741-1819	francês	sans indication du titre	história	geografia	geólogo e vulcanólogo francês	III(728)
Bebescourt		francês	Les mystères du christianisme approfondis [radicalement] et reconnus [physiquement] vrais	teologia			I(39)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Beccaria	1738-1784	italiano	Traité des délits et des peines	direito		dúvida sobre ser o livro de Beccaria (tradução do italiano feita por E. Chaillou de Lisy) ou o comentário de Voltaire sobre o livro	I(97)
Benedetto Varchi	1502-1565	italiano	Histoire de Florence	história			I(75)
Benedetto Varchi	1502-1565	italiano	Histoire des révolutions de Florence sous les Médicis	história		tradução da língua toscana feita por J.-B. Requier	I(75)
Benedetto Varchi	1502-1565	italiano	Révolution de Florence	história		tradução do italiano feito pelo Jean-Baptiste Requier	I(117)
Benoît de Maillet	1656-1738	francês	Telliamed ou Entretien d'un philosophe indien avec un missionnaire français sur [les sciences naturelles]	ciências e artes	filosofia		I(37)
Bernard le Boyer de Fontenelle	1657-1757	francês	la République philosophique	ciências e artes	filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(129)
Bernard le Boyer de Fontenelle	1657-1757	francês	Refléxions sur l'existence de l'âme et sur l'existence de Dieu	ciências e artes	filosofia	parte do <i>Evangelho da razão</i> [ <i>Evangile de la raison</i> ], publicado pelo abade Henri Joseph Dulaurens em 1768	I(46)
Bernard le Boyer de Fontenelle	1657-1757	francês	Réflexions sur Locke et Pascal, concernant la possibilité d'une autre vie à venir	ciências e artes	filosofia	parte do <i>Evangelho da razão</i> [ <i>Evangile de la raison</i> ], publicado pelo abade Henri Joseph Dulaurens em 1768	I(46)
Bernard le Boyer de Fontenelle	1657-1757	francês	Traité de la liberté	ciências e artes	filosofia	parte do <i>Evangelho da razão</i> [ <i>Evangile de la raison</i> ], publicado pelo abade Henri Joseph Dulaurens em 1768	I(46)
Beumarchais	1732-1799	francês	Mémoires	história			I(102)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Boccacio?	1313-1375	italiano	Les songes	belas artes	poesia	tradução do italiano feito pelo Prémont	I(107)
Boileau Despréaux	1636-1711	francês	Œuvres				I(81)
Bouvet		francês	Portrait [historique] de l'Empereur de la Chine	história			I(66)
Burigny	1682-1795	francês	La vie de Bossuet, évêque de Meaux	teologia			I(23)
cardeal Melchior	1661-1742	francês	l'anti-Lucrèce, ou de Dieu et de la nature	teologia		refutação a Lucrecio	I(25)
Carlo Goldoni?	1707-1793	italiano	Le Jumeaux [vénitiens]	belas artes	teatro-comédia	o autor faz a defesa, nesta peça, das diferenças entre o vício e a virtude	III(727)
César Chesneau Du Marsais	1676-1756	francês	l'Analyse de la religion chrétienne	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia	segundo Barbier, não se trata de livro de autoria de Du Marsais	I(49)
César Chesneau Du Marsais	1676-1756	francês	le Philosophe	ciências e artes	filosofia	colaborador na Encyclopédie; parte do <i>Evangelho da razão</i> [ <i>Evangile de la raison</i> ], publicado pelo abade Henri Joseph Dulaurens em 1768	I(46)
Ch. De Brosses			Du culte des dieux fétiches, ou Parallèle de l'ancienne religion d'Egypte avec la religion actuelle de la Nigritie	ciências e artes			I(97)
Ch.-Fr. Ragot de Grandval	1711-1784	francês	le Tempérament	belas artes	teatro-tragédia	tragédia parada	I(42)
Ch.-Fr. Ragot de Grandval	1711-1784	francês	Léandre-Nanette [ou le Double quiproco]	belas artes	poesia / teatro	parada em um ato, em vauville, prosa e verso	I(42)
Ch.-J.-L.-A. Rochette de la Morlière	1719-1785	francês	Recueil des pièces contenant les Lauriers ecclésiastiques	teologia			I(42)
Chariton		grego	Les aventures amoureuses de Choérée et de Callirhoé	belas artes		tradução do grego feita por Fallet	I(109)
Charles Batteux	1713-1780	francês	Les quatre poétiques	belas artes	poesia		II(379)
Charles Caumette	?-1747	francês	Eclaircissement sur les Antiquités de la ville de Nîmes	história	geografia / viagem		I(119)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Charles de Mouhy	1702-1784	francês	Le masque de fer	belas artes	romance		I(79)
Charles de Saint-Yves	1667-1733		Traité des maux d'yeux [en vérité: Nouveau traité des maladies des yeux, avec de nouvelles découvertes sur la structure de l'oeil, qui prouvent l'organe immédiat de la vue]	ciências e artes	ciências		II(379)
Charles Errard; Roland Fréard de Chambray	1606-1689; ?	francês	Parallèle de l'architecture antique et de la moderne	ciências e artes	artes liberais		I(56)
Charles Le Beau et Ameilhon	1701-1778	francês	Histoire du Bas-Empire	história		obra iniciada por Le Beau (1701-1778) e continuada por Ameilhon (1757-1817)	I(71)
Charles Le Beau et Ameilhon	1701-1778	francês	Histoire du Bas-Empire	história			II(378)
Charles Palissot de Montenoy	1730-1814	francês	Histoire raisonnée des premiers siècles de Rome	história			I(120)
Charles Palissot de Montenoy	1730-1814	francês	Histoires des premiers siècles de Rome	história			I(71)
Charles Pinot Duclos?	1704-1772	francês	Les confessions du comte de ***	belas artes	romance	romance de costumes	II(379); III(727)
Charles Simon Favart	1710-1792	francês	La Belle Arsène	belas artes	teatro-comédia de fada		III(729)
Charles-Georges Fenouillot de Falbaire de Quingey	1727-1800	francês	l'École des moeurs [ou les Suites du libertinages]	belas artes	teatro	drama	III(729)
Charles-Pierre Colardeau	1732-1776	francês	Lettres d'Héloïse à Abailard	belas artes		imitação do poema de Pope	II(379)
chevalier de Mailly	?-1724	francês	les Disgrâces des amants	belas artes	novela	novela histórica	I(108)
chevalier L. Rustaing de Saint-Jory	?-1752		Aventures secrètes au siège de Constantinople	belas artes			I(108); II(379)
Chicaneau de Neuville	1720-1781	francês	Considérartion sur les ouvrages d'Esprit des lois	ciências e artes	filosofia		I(94)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Christian Von Wolf	1679-1754	alemão	La théologie naturelle, Cinquième partie de la philosophie ou de la Théologie naturelle	teologia			I(24)
Christian Von Wolf	1679-1754	alemão	Psychologie ou Traité sur l'âme	ciências e artes	filosofia	relação com as ideias de Leibnitz	I(36)
Cícero	106 a.C.-43 a.C.	latim	Discours	ciências e artes / belas artes	filosofia / arte retórica		I(91)
Cícero	106 a.C.-43 a.C.	latim	Oraisons	ciências e artes / belas artes	filosofia / arte retórica	tradução do latim feita por Est. Philippe	I(97)
Cícero	106 a.C.-43 a.C.	latim	Traité de l'Orateur	belas artes	arte retórica	tradução do latim feita pelo abade Colin	I(90)
Cl.-François Houtteville	1686-1742	francês	La religion chrétienne prouvée par les faits	teologia			I(27)
Claude Pithoys	1587 - 1676	francês	L'apocalypse de Méliton	ciências e artes	filosofia	libelo contra os monges	I(33)
Claude-Adrien Helvétius	1715-1771	francês	Œuvres complètes	ciências e artes	filosofia		I(52)
Claude-Joseph Dorat	1508-1588	francês	Les malheureux imaginaire	belas artes	teatro-comédia		III(729)
Claude-Joseph Dorat	1508-1588	francês	Les malheurs de l'Inconstance	belas artes	romance		II(379)
Claude-Joseph Dorat	1508-1588	francês	Œuvres mêlées	belas artes		mestre de Ronsard; poeta e dramaturgo	I(80)
Claude-Joseph Dorat	1508-1588	francês	Poésies	belas artes	poesia		II(379)
Conde de Bonneval	1675-1737	francês	Mémoires	história			I(108)
Conde de Forges			Des véritables intérêts de la patrie	ciências e artes	política		I(99)
Conde de Shaftesbury	1671-173	inglês	Œuvres	ciências e artes	filosofia	tradução do inglês feita por Diderot	I(37)
Conde de Shaftesbury	1671-173	inglês	Principes de la philosophie morale	ciências e artes	filosofia	épître signé par Diderot	I(36)
Conde de Vitt			L'Espion turc				I(94)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Conde de Vordac			Mémoires du comte de Vordac [, général des armées de l'empereur: Où l'on voit tout ce qui s'est passé de plus remarquables dans tout l'Europe durant les mouvements de la dernier Guèrre]	história			III(727)
Conde Gabriel Louis de Buat	1732-1787	francês	Histoire ancienne [des peuples de l'Europe]	história			I(70)
Conde Passeran		italiano	L'Epître aux Romains	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia	talvez seja L'Epître... dans L'Evangile du jour, texto de Voltaire (1969)	I(49)
Condessa de Bregy			Lettres et poésies	belas artes	correspon- -dência / poesia		I(77)
Corneille de Paw	1739-1799	holandês	Recherches philosophiques sur les Américains, pour servir à l'histoire de l'espèce humaine	história			I(37)
Corneille de Paw	1739-1799	holandês	Recherches philosophiques sur les Egyptiens et les Chinois	ciências e artes	filosofia		I(38)
Cornelius de Pauw	1739-1799	francês	Recherches sur les Américains	ciências e artes	filosofia		II(379)
Court de Gebelin	1695-1760	francês	Histoire des Camisards	história		sobre a repressão dos calvinistas promovida por Luís XIV	I(62)
Courtin			Charlemagne ou le rétablissement de l'Empire Romain	belas artes	poesia	poema heroico	I(83)
Crébillon fils	1707-1777	francês	Ah quel conte!	belas artes	conto	conto político e astronômico	I(111)
Crébillon fils	1707-1777	francês	Le Hasard du coin du feu	belas artes			I(111)
Crébillon fils	1707-1777	francês	Le sophia, conte moral	belas artes	conto		I(112)
Crébillon fils	1707-1777	francês	Les egarements du coeur et de l'esprit	belas artes	conto		I(111)
Crébillon fils	1707-1777	francês	Les heureux orphelins	belas artes	romance	imitação de texto escrito em inglês	I(111)
Crébillon fils	1707-1777	francês	Lettres athéniennes, extraites du portefeuille d'Alcibiade	belas artes			I(112)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Crébillon fils	1707-1777	francês	Lettres de la Duchesse de *** au Duc de ***	belas artes	romance		I(111)
Crébillon fils	1707-1777	francês	Tanzai et Néadarné, histoire japonaise	belas artes		sátira do Cardinal de Rohan, da Bulle Unigenitus	I(112)
Crevier			Réthorique française	belas artes	gramática		I(102)
David Hume	1711-1776	inglês	Histoire de la Maison des Stuart, sur le trône d'Angleterre jusqu'au détronement de Jacques II	história		tradução do inglês feita pelo abade Prevost	I(63)
David Hume	1711-1776	inglês	Histoire de la Maison de Tudor sur le trône d'Angleterre	história		tradução do inglês feita por Mme Belot	I(63)
David Hume	1711-1776	inglês	Histoire de l'Angleterre	história			II(378)
David Hume	1711-1776	inglês	Histoire de l'Angleterre	história		tradução do inglês pelo abade Prevost et por Mme Belot	I(63)
David-François de Merveilleux	?-1748	francês	les Amusements des bains de Bade	história?			I(108)
Descartes	1595-1650	francês	L'homme	ciências e artes	filosofia		I(97)
Destouches	1680-1754	francês	Œuvres dramatiques	belas artes	poesia / teatro		I(106)
Diderot	1713-1784	francês	Œuvres: sur la poésie dramatique; Fils naturel et le Père de famille	belas artes	poesia / teatro		I(106)
Diderot	1713-1784	francês	Pensées philosophiques	ciências e artes	filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(129)
Diderot?	1713-1784	francês	De l'education publique	ciências e artes	política		I(92)
Dion Cassius de Nicée?		grego	Histoire de Dion Cassius de Nicée	história		tradução do grego feita por Pierre le Pesant de Bois-Guilbert	I(72)
diversos autores		francês	Histoire de France	história		obra refeita em diversos momentos	I(60)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
diversos autores		inglês	Mélange de poésies anglaises	belas artes	poesia	fazem parte dessa coletânea Buckingham, Pope, Prior	I(91)
diversos autores			Mélange sérieux, comique et d'érudition	belas artes	poesia / teatro	autores: comtesse d'Auneuil, l'abbé de Charnes, Giraud de Sainville etc.	I(107)
Dom Gabriel Gerberon	1628-1711	francês	Histoire de la robe de J.C	teologia			I(25)
Dom Jean-Pierre Deforis	1732-1794	francês	Divinité de la religion chrétienne vengée des sophismes de Rousseau - seconde partie d'Emile	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia		I(28-29)
Dom Pernetty	1716-1796	francês	Dissertation sur l'Amérique et les Américains	ciências e artes	filosofia		I(104)
Dr. Ménil			Éloge de M. Duval				II(379)
E.J. Genet			Etat politique actuel de l'Angleterre	história			I(99)
Edward Young	1683-1765	inglês	Œuvres	belas artes	poesia / teatro	poeta e dramaturgo inglês, tradução feita por Le Tourneur	I(32)
Elizabeth Helme	?-1812	inglês	Louise [, ou la chaumières dans les marais]	belas artes	romance		III(728)
Erasmus de Rotterdam	1466?-1536	holandês	L'Eloge de la folie	ciências e artes	filosofia	escrita em 1501	I(33)
Erasmus Alberus?	1500-1553	alemão	Alcoran des cordeliers, recueil des plus notables bourdes et blasphèmes impudents	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia		I(36)
Esaïe Puffendorf			Les anecdotes de Suède, ou l'Histoire secrète des changements arrivés dans la Suède sous le règne de Charles XI	história			I(57)
Eschine et de Démosthène		grego	Harangues	belas artes	poesia	tradução do grego feita pelo abade Millot	I(93)
Etienne Bonnot de Condillac	1715-1780	francês	Œuvres				III(601)
Etienne de la Fargue			Œuvres mêlées				I(89)
Eugène			Description de beautés	ciências e artes	filosofia		I(77)
évêque Béveridy			Pensées secrètes sur la religion	teologia			I(33)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
évêque de Saint Pons?		francês	Lettres de Monseigneur l'évêque de Saint Pons	teologia			I(26)
évêque de Sarlat			instruction pastorale	teologia			I(26)
Félibien des Avaux	1658-1733	francês	Plans et description de deux maisons de campagne de Pline	ciências e artes	artes liberais		I(103)
Fénelon	1651-1715	francês	l'Existence de Dieu	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia		II(379)
Fénelon ou Bernard Nieuwentyt	1651-1715 ou 1654-1718	francês ou holandês	De l'existence de Dieu	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia		I(30)
Henry Fielding	1707-1754	inglês	Jonathan Wild	belas artes	romance		II(379)
Henry Fielding	1707-1754	inglês	Joseph Andrews	belas artes	romance		II(379)
Henry Fielding	1707-1754	inglês	Tom Jaunes ou Histoire d'un enfant trouvé	belas artes	romance	tradução do inglês por De La Place	I(113)
Firmn Abauzit	1679-1767	francês	Œuvres diverses de M. Abauzit	belas artes			I(38)
Flavius Josèphe	37-100	latim	Histoire des Juifs	história		tradução do latim pelo abade Iger	I(73)
Fougeret de Mombron	1706-1760	francês	Le canapé couleur de feu	belas artes		registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(125)
Fr. Denattes			Idée de la conversion du pécheur et traité de la confiance chrétienne	teologia			I(29)
Frances Burney ou Fanny Burney	1752-1840	inglês	Cecilia	belas artes	romance		II(379)
Francesco Riccoboni?	1707-1772	italo-francês	l'Art du théâtre	belas artes	poesia		II(379)
François Antoine de Chevrier	1721-1762	francês	Le Colporteur, histoire morale et critique	belas artes / história	romance / história	sátira sobre os costumes do tempo	I(35)
François Brouart dit Béroalde de Verville	1556-1612	francês	Le moyen de parvenir	belas artes	romance	primeira edição data de 1617	II(379)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
François de La Mothe de la Vayer	1588-1672	francês	Dialogues par Oratius Tubero	ciências e artes	filosofia	cinco diálogos à moda dos Antigos	I(36)
François de Malherbe	1555-1628	francês	Poésies de Malherbe rangées par ordre chronologique	belas artes	poesia		I(82)
François Eudes de Mézeray	1610-1683	francês	Histoire de France	história		historiador respeitado no século XVIII; este livro teve diversas edições	I(62)
François Joachim Du Port du Tertre	1715-1759	francês	Histoire des Conjurations	história			I(57)
François-Thomas-Marie de Baculard d'Arnaud	1718-1805	francês	Contes	belas artes	conto		I(79)
François-Thomas-Marie de Baculard d'Arnaud	1718-1805	francês	Épreuves du sentiment	belas artes	romance		II(379); III(728)
François-Thomas-Marie de Baculard d'Arnaud	1718-1805	francês	Les délassements d'un homme sensible	belas artes	romance		III(729)
François-Vincent Toussaint	1715-1772	francês	Les Moeurs	ciências e artes	filosofia	defesa da moral natural independente das crenças pessoais	I(38); II(379); III(727)
Fréret	1688-1749	francês	la Moisade	belas artes		registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.); Nicolas Fréret (1688-1749)	I(124)
Fréret	1688-1749	francês	La religion chrétienne analysée	ciências e artes	filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(122)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Fréret	1688-1749	francês	Lettres à Eugénie	belas artes	romance	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.); Nicolas Fréret (1688-1749)	I(124)
Fréret	1688-1749	francês	Lettres de Thrasibule à Leucippe	belas artes	romance	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.); Nicolas Fréret (1688-1749)	I(124)
Fréret	1688-1749	francês	l'Examen critique des apologistes de la religion chrétienne	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia	referência importante para Sade ao escrever Histoire de Juliette	I(46)
Gabriel-Charles de Latteignant?	1697-1779	francês	Anecdotes secrètes de la cour de Pékin	belas artes			I(110)
Gaspard Guillard de Beaurieu	1728-1795	francês	L'élève de la nature	ciências e artes	filosofia		I(41)
Gatien Sandras de Courtilz	1519-1572	francês	La vie de Gaspard de Coligny	história		Gaspard de Coligny, 1519-1572	I(57)
Gatien Sandras de Courtilz	1519-1572	francês	Nouveaux intérêts des princes de l'Europe	história			I(100)
Germain François Poullain de St Foix	1698-1776	francês	Essais historiques sur Paris	história			I(65)
Germain François Poullain de St Foix	1698-1776	francês	Lettres de nedim Coggia	belas artes	romance		I(54)
Gilles Ménage	1613-1692	francês	Observations de Ménage sur la langue française, dictionnaire étymologique	belas artes	dicionário / gramática		I(96)
Giovanni Botero	1544-1617	italiano	Delle relationi universali	ciências e artes	filosofia	texto crítico sobre as teorias de Maquiavel	I(116)
Giovanni Paolo Marana	1642-1693	italiano	L'espion dans les cours des princes chrétiens	história		referência importante para Montesquieu ao escrever suas Lettres persannes	I(118)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Girard de Villethierry	1641-1709	francês	La vie des vierges, ou les devoirs et les obligations des vierges chrétiennes	teologia			I(23)
Guadeloupe Nicolas-Germain Léonard?	1744-1793	francês	Les deux amants de Lyon [en vérité Lettres de deux amants habitants de Lyon]	belas artes	romance	referência ao suicídio de Gian Faldoni et Marie Lorlet em maio de 1770	II(379)
Guichardin	1483-1540	italiano	Histoire des guerres d'Italie	história		tradução do italiano feito pelo Favre et Georgeon	I(56); I(76)
Guillaume Sherlock ou Morigny?	1641-1707	inglês	De l'immortalité de l'âme	teologia		caso seja a obra de Sherlock, trata-se de uma tradução do inglês	I(28)
Guillaume Amfrye, abade de Chaulieu	1639-1720	francês	Œuvres	belas artes	poesia		II(379)
Guillaume Bertoux?	1723-17?	francês	Anecdotes françoises [, depuis l'établissement de la monarchie jusqu'au règne Louis XV]	história			II(378); III(727)
Guillaume Grivel	1735-1810	francês	l'Ile inconnue [ou Mémoires du chevalier des Gastines]	história		utopia	II(379); III(727)
Guillaume Leblond	1704-1781	francês	Abrégé de l'arithmétique et géométrie de l'officier	ciências e artes	ciências		I(95)
Guillaume Plantavit de la Pause, abade de Margon et d'autres			Mémoires pour servir à l'histoire de la calotte	história			I(99)
Guillaume-Alexandre de Méhégan	1711-1766	francês	Tableau de l'Histoire moderne [, depuis de la chute de l'Empire d'Occident, jusqu'à la paix de Westphalie]	história			II(378)
Guinaud	16?	francês	Condordance des prophéties de Nostradamus	história		referência importante para o abade Jacques François de Sade ao escrever sua obra sobre Petrarca	I(59)
Henri de Beauveau	16?	alemão?	Mémoires	história		natural da Baviera	I(64)
Henri de Juvenel			Edouard Histoire d'Angleterre	história			I(63)
Heny Vanel			Les galanteries du roi de la cour de France	história			I(69)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Hercule Rasiel de Selva		francês	Histoire de Quipuschoa	história		romance alegórico; difamação dirigida aos Jesuitas e à Bula Unigenitus	I(44)
Homero	VIIIe s. av.C	grego	Illiade	belas artes	poesia		II(379)
Horácio	65 av.C.-8 av.C.	latim	Amours, Odes et Epodes	belas artes	poesia	tradução do latim feita pelo abade Bellegarde	I(103)
Horácio	65 av.C.-8 av.C.	latim	Les poésies	belas artes	poesia	tradução do latim feita pelo Marquês de La Fare	I(81)
Hugo Grotius	1583-1645	holandês	Traité de la vérité de la religion chrétienne	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia		I(28)
Isabelle de Montolieu?	1751-1832	francês	Caroline	belas artes	romance		II(379)
J. Duhamel		francês	Essais d'Horace, ou Essais sur quelques Odes d'Horace	ciências e artes	filosofia		I(81)
J. Hawkesworth	1715-1773	inglês	Almorán et Hamet, anecdote orientale	ciências e artes / belas artes	filosofia / romance	consta nas obras completas do abade Prévost (1784)	I(107)
J.-B.Maturin La Faye			Histoire de Babarie, Tripoli, Tunis et Tanger	história			I(73)
J.-Fr. De Bastide	1724-1798	francês	Le Dépit et le Voyage	belas artes	poesia		I(80)
J.-P. Béranger	1740-1807	francês	Les amants républicains [,ou Lettres de Nicias et Cynirc]	belas artes	romance	romance político sobre os problemas de Gênova	III(727)
Jacques Bernard			Recueil des traités de paix entre l'Espagne et la France	história			I(101)
Jacques de Rosel de Beaumont	16?-1720	francês	Lettres du Marquis de Roselle	belas artes	correspon- -dência		I(83)
Jacques Delille, abade de Lille?	1738-1813	francês	Les jardins [, ou l'art d'embellir les paysages]	belas artes	poesia		II(379); III(727)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Jacques Delille, abade de Lille?	1738-1813	francês	Poème	belas artes	poesia	no registro consta a anotação "Poème du même" seguida de "Géorgiques de Delille"; seria Les jardins (1782)?	III(728)
Jacques Lacombe	1724-1811	francês	Histoire de Christine, reine de Suède	história			I(114)
Jacques Ozanam	1640-1717	francês	Récréations mathématiques et physiques	ciências e artes	ciências		I(89)
Jacques Rochette de Lamorliere	1719-1785	francês	Le fatalisme [, ou collection d'anecdotes pour prouver l'influence du sort sur l'histoire du coeur humain]	ciências e artes	filosofia		II(379)
Jacques Vergier?	1657-1720	francês	Poésies	belas artes	poesia		II(379)
Jacques-André Naigeon; Barão d'Holbach	1738-1810; 1723-1789	francês	Le Militaire philosophe ou Difficultés sur la religion	ciências e artes	filosofia		I(47)
James Cook	1728-1779	inglês	Voyages de Cook	história	geografia / viagem	expedições feitas entre 1768 e 1779	III(727); II(379)
Jean Baptiste Louis Crevier	1693-1765	francês	Histoire des empereurs romains	história			I(71)
Jean Baptiste René Robinet	1735-1820	francês	De la nature	ciências e artes	filosofia		I(31)
Jean Baptiste Targe	1733-1806	francês	Histoire d'Italie	história			I(76)
Jean de Champigny			Histoire abrégée de Suède	história			I(58)
Jean de la Brune	16?	francês	La vie de Charles Quint duc de Lorraine et de Bar	história?			I(119)
Jean de La Bruyère	1645-1696	francês	Les Caractères [ou Les moeurs de ce siècle]	ciências e artes	filosofia		I(95)
Jean de Préchac	1645-1720		le Voyage de Fontainebleau	belas artes			I(108)
Jean du Castre d'Auvigny	1712-1743	francês	Mémoires du comte de Comminville	belas artes			I(108)
Jean François Marmontel	1723-1799	francês	Bélisaire [des Incas]	belas artes	romance		II(379)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Jean François Marmontel	1723-1799	francês	Contes moraux	ciências e artes / belas artes	filosofia / conto	talvez L.-S. Mercier, <i>Contes moraux, ou les hommes comme il y en a peu</i> , Paris, 1769.	I(111)
Jean François Marmontel	1723-1799	francês	Poétique	belas artes	poesia		II(379)
Jean François Vallade	1700	francês	Discours philosophiques sur la création et l'arrangement du monde	teologia			I(32)
Jean Henri Maubert de Gouvest?	1721-1767	francês	Lettres Iroquoises	ciências e artes			I(50)
Jean Joseph Vadé	1720-1757	francês	Contes de Vadé	belas artes	conto	pode ser também um pseudônimo de Voltaire	I(79)
Louis E. Lavergne de Tressan?	1705-1783	francês	Essai sur les fluides	ciências e artes	ciências	talvez Jean Le Rond d'Alembert (1717-1783)	III(729)
Jean Le Rond d'Alembert?	1717-1783	francês	Mélange de poésie, de littérature et d'histoire	belas artes	coletânea		I(79)
Jean Meslier	1664-1729	francês	Testament	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia	texto materialista e ateu; parte do <i>Evangelho da razão</i> [Evangile de la raison], publicado pelo abade Henri Joseph Dulaurens em 1768	I(45)
Jean Pic	16?	francês	Discours sur la bienséance	belas artes	poesia / teatro		I(105)
Jean Trochin du Breuil		francês	Lettres sur les matières du temps	história		attribué à Pierre Jurieux et aussi à Bayle	I(91)
Jean Vigneron	1642-1708	francês	Grammaire italienne	belas artes	gramática		I(95)
Jean-Baptiste de Boyer, Marquês d'Argens	1703-1771	francês	Correspondance philosophique, historique et critique entre deux cabalistes, divers esprits élémentaires et le seigneur Astraroth	ciências e artes	filosofia		I(117)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Jean-Baptiste de Boyer, Marquês d'Argens	1703-1771	francês	Correspondance philosophique, historique et critique entre un juif voyageur en différents endroits de l'Europe	ciências e artes / história / belas artes	filosofia / história / correspondência		I(116)
Jean-Baptiste de Boyer, Marquês d'Argens	1703-1771	francês	Défense du paganisme	ciências e artes	filosofia	texto cético	I(43)
Jean-Baptiste de Boyer, Marquês d'Argens	1703-1771	francês	Discours de l'Empereur Julien contre les chrétiens	ciências e artes	filosofia		I(50)
Jean-Baptiste de Boyer, Marquês d'Argens	1703-1771	francês	Histoire du roi de Campanie et de la princesse Parfaite	belas artes	romance		I(113)
Jean-Baptiste de Boyer, Marquês d'Argens	1703-1771	francês	La philosophie du bon sens	ciências e artes	filosofia		I(43)
Jean-Baptiste de Boyer, Marquês d'Argens	1703-1771	francês	Lettres Chinoises	ciências e artes	filosofia		I(43)
Jean-Baptiste de Boyer, Marquês d'Argens	1703-1771	francês	Mémoires secrets de la République des lettres, ou le Théâtre de la vérité	história			I(115)
Jean-Baptiste de Boyer, Marquês d'Argens	1703-1771	francês	Thérèse philosophe	ciências e artes / belas artes	filosofia / romance	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(122)
Jean-Baptiste de Boyer, Marquês d'Argens?	1703-1771	francês	Les amours fugitifs du cloître	belas artes	romance		I(98)
Jean-Baptiste Gaultier	1685-1755	francais?	Catéchisme de Montpellier	teologia			I(30)
Jean-Baptiste Labat	1663-1738	francês	Voyages en France	história	geografia / viagem		I(77)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Jean-Baptiste Louis Gresset	1709-1777	francês	Œuvres	belas artes	poesia		I(106)
Jean-Baptiste Massillon	1663-1742	francês	Sermons	teologia			II(379)
Jean-Baptiste, abade Dubos	1670-1742	francês	Réflexions critiques sur la poésie et sur la peinture	ciências e artes	filosofia		II(379)
Jean-de-Dieu-Raymond de Boisgelin de Cucé	1732-1804	francês	Le Temple de Gnide	belas artes / ciências e artes	romance / filosofia	imitação do romance de Montesquieu	I(80)
Jean-François de La Harpe	1738-1803	francês	Les Barmécides	belas artes	teatro- tragédia		III(729)
Jean-François de La Harpe	1739-1803	francês	Œuvres	belas artes	teatro		II(379)
Jean-François de La Harpe?	1739-1803	francês	Molière à la nouvelle salle	belas artes	teatro- comédia		III(727)
James Thomson?	1700-1748	inglês	Les saisons	belas artes	poesia		III(727)
Jean-François de Saint-Lambert	1716-1803	francês	Saisons	belas artes	poesia		III(727)
Jean-François Renard		francês	Œuvres				I(107)
Jean-François Dreux du Radier?	1714-1780	francês	Tablettes anecdotes et historiques des rois de France	história			I(60)
Jean-Frédéric Bernard; Jean-Baptiste de Mirabaud	1683-1744; 1675-1760	francês	Le Monde, son origine et son antiquité; De l'âme et son immortalité	ciências e artes / história	história / filosofia		I(42)
Jean-Jacques Rousseau	1712-1780	francês	Du contrat social	ciências e artes	filosofia		I(41)
Jean-Jacques Rousseau	1712-1778	francês	Emile ou de l'Education	belas artes/ciências e artes	filosofia / romance		I(40)
Jean-Jacques Rousseau	1712-1779	francês	La nouvelle Héloïse	belas artes/ciências e artes	filosofia / romance		I(40)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Jean-Jacques Rousseau	1712-1780	francês	Lettre à Christophe de Beaumont	ciências e artes	filosofia		I(41)
Jean-Jacques Rousseau	1712-1780	francês	Lettres de la Montagne	ciências e artes	filosofia		I(41)
Jean-Jacques Rousseau	1712-1780	francês	Œuvres				III(601)
Jean-Jacques Rousseau	1712-1780	francês	Œuvres diverses	ciências e artes	filosofia		I(40)
Jean-Louis Castilhon	1720-1782	francês	Zingha reine d'Angola	ciências e artes / belas artes	filosofia / novela		I(57)
Jean-Marie-Jérôme Fleuriot, Marquês de Langle?	1749-1807	francês	Lettres de Justine (peut-être, Amours ou lettres d'Alexis et Justine	belas artes	romance	Segundo Barbier ( <i>Dictionnaire des ouvrages anonymes et pseudonymes</i> , 1822) , a semelhança entre os títulos do texto de Langle e de Donatien de Sade permite uma confusão entre os dois autores na identificação deste texto	III(728)
Jean-Paul de Gondi, cardeal de Retz	1613-1679	francês	Mémoires	história			III(601)
Jean-Pierre-Louis de Luchet	1740-1792	francês	Analyse raisonnée de la Sagesse de Charron	ciências e artes	filosofia		I(33)
John Davisson, Samuel Bourn, Thomas Gordon?	1767	inglês	Imposture sacerdotale			registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.); tradução do inglês par le baron d'Holbach	I(129)
John Locke	1632-1704	inglês	Christianisme raisonnable	ciências e artes	filosofia		I(35)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
John Locke	1632-1704	inglês	Essais philosophiques ou Essais sur l'entendement humain	ciências e artes	filosofia		33-34
John Seally	1747?-1795	inglês	Le beau garçon	belas artes	romance	tradução do inglês par Jean Baptiste Robinet	II(379)
Joly			Mémoires de M. Joly	história			I(100)
Josephe Rousselle			Instructions pour les seigneurs et leurs gens d'affaires	ciências e artes	economia		I(104)
Joseph-François Lafiteau	1681-1746	francês	Histoire de Jean de Brienne, Empereur de Constantinople	história			I(58)
Joseph-Marie Loaisel-Tréogate?	1752-1812	francês	Dolbreuse ou l'homme du siècle [ramené à la vérité par le sentiment et par la raison, histoire philosophique]	belas artes/ciências e artes	filosofia / romance		II(379); III(727)
Julien Offroy de La Mettrie	1709-1751	francês	Œuvres philosophiques	ciências e artes	filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(130)
Jean de La Fontaine	1621-1695	francês	Contes	belas artes	conto	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(130)
Jean de La Fontaine	1621-1695	francês	Fables	belas artes	fábula		I(82)
La Lande ou Lalande	1732-1807	francês	Voyage d'un français en Italie, 1765 e 1766	história	geografia / viagem		I(118)
La Lande ou Lalande	1732-1807	francês	Voyage d'un français en Italie, 1765 e 1766	história	geografia / viagem		I(85)
La Rochefoucauld?	1613-1680	francês	les Pensées et Maximes	ciências e artes	filosofia		I(93)
Laugier de Tassy?		inglês	Histoire des Etats barbaresques; Maroc, Alger, Tunisie, Tripoli	história		tradução do inglês feita por P. Boyer de Prébandier	I(72)
Laurent François	1698-1782	francais?	Preuves de la religion, contre les Spinosistes et les Déistes	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia		I(28)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Laurent-Etienne Rondet	1717-1785	francês	Figures de la Bible	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia		I(118)
Le Tasse?	1544-1595	italiano	La Jérusalem délivrée	belas artes	poesia	primeira edição datada de 1581; assunto do texto: primeira cruzada, narrada como poema épico	II(379); III(727)
Lesage	1668-1747	francês	Le diable boîteux	belas artes			I(110)
Louis Antoine Le Peletier		italiano	Vie du pape Sixte Cinqüièm	história		tradução do italiano feita pelo Grégoire Leti	I(115)
Louis de la Caze	17?	francês	Mélanges de physique et de morale	ciências e artes	filosofia		I(91)
Louis François Lemore			Apologie de la religion chrétienne	teologia			I(26)
Louis Mayeul Chaudon	1737-1787	francês	Les grands hommes vengés	ciências e artes	filosofia		I(89)
Louis Racine?	1692-1763	francês	Réflexions sur la poésie	belas artes		filho de Jean Racine	III(728)
Louis-Antoine de Bougainville	1729-1811	francês	Voyages de M. de Bougainville	história	geografia / viagem		II(379)
Louise Félicité Guinement de Keralio Robert?	1757-1821	francês	Adélaïde, ou Mémoires de la marquise de M*** [, écrits par elle-même]	história		a primeira edição é anônima	II(379); III(729)
Louis-Elie du Pin	1657-1719	francês	Dialogues [posthumes de Jean] de la Bruyère sur le Quiétisme	ciências e artes	filosofia		I(29)
Louis-Isaac Lemaître de Sacy	1613-1684	francês	La Bible	teologia			I(27)
Louis-Isaac Lemaître de Sacy	1613-1684	francês	l'Épître à Diognète	teologia			I(27)
Louis-Sébastien Mercier	1740-1814	francês	l'An Deux Mille quatre cent quarente	belas artes	romance		III(729)
Louis-Sébastien Mercier	1740-1814	francês	Tableau de Paris	belas artes	romance		III(729)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Lucrèce						dúvida sobre ser uma referência a Lucrécio (Titus Lucretius Carus), poeta e filósofo latino do século I a.C ou a Lucrécia Bórgia (1480-1519), pois em francês os dois nomes tem grafia Lucrèce	II(379)
M. Bilhard		francês	Dictionnaire poétique	belas artes	dicionário		I(87)
M. Cochin	1715-1790	francês	Voyage pittoresque d'Italie	história	geografia / viagem		I(85)
M. de Maupeau; M.-F. Pidansat de Mairobert et Mouffle d'Angerville	1707-1779	francês	Journal historique de la révolution opérée dans la constitution de la monarchie française	história			I(74)
M. Rollin	1661-1741	francês	Traité des études, de la manière d'enseigner et d'étudier	ciências e artes	filosofia		I(89)
M.F.G.		francês	Le livre des enfants et des jeunes gens sans études	ciências e artes	filosofia		I(104)
M.G.de B. ou Théodore Godefroy	1697-1770 ou 1580-1649	francês	Histoire du chevalier Bayard	história			I(69)
Madame de Sévigné	1626-1696	francês	Lettres	belas artes	correspon-dência		I(61)
Madeleine-Angélique Poisson, Dame de Gomez	1684-1770	francês	Histoire d'Eustache de Saint Pierre au siège de Calais	história			I(68)
Marc-Antoine Laugier	1713-1769	francês	Essais sur l'architecture	ciências e artes	artes liberais		I(103)
Marc-Antoine-Jacques Rochon de Cabannes	1730-1800	francês	Les Amants généreux	belas artes	teatro-comédia		III(729)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Marc-Philippe Dutoit de Mambrini	?-1794	francês	L'Onanisme, ou Discours philosophique et moral sur la luxure artificielle	ciências e artes	filosofia		I(96)
Marcus Annaeus Lucanus	39-65	grego	Annaes Lucanus	belas artes		bilingue: em grego e em francês; o século XVIII compreendia Marco Aneo Lucano como vítima do poder político	I(116)
Marcus Valerius Martialis	40-104	latim	Epigrammes	belas artes	poesia	tradução do latim feita por Gaullier	I(83)
Marcus Valerius Martialis	40-104	latim	Les 15 livres	belas artes	poesia	tradução em verso	I(114)
Marie Armande Jeanne Gacon-Dufour	1753-1835	francês	Les dangers de la coquetterie	belas artes	romance		III(729)
Marie Mézières			Lettres de Milady Juliette Catesby à Milady Henriette Campley son amie ...	belas artes	romance	romance epistolar	I(112)
Marie Worthley Montague	1689-1762	inglês	Lettres de Milady Montague	belas artes	romance	tradução do inglês feita por Tavel, Fagel, et Maclaïne	I(77)
Marie-Anne, Madame du Boccage	1710-1802	francês	Œuvres [Recueil des Œuvres du Madame du Boccage]	belas artes			II(379)
Marie-Jeanne Riccoboni?	1713-1792	francês	Œuvres détachées	belas artes			II(379)
Marquês de Mirabeau	1715-1791	francês	l'Opinion des anciens sur les juifs	ciências e artes	filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(127)
Marquês de Mirabeau?	1715-1791	francês	Lettres?	belas artes	romance		III(728)
Marquês Louis-Antoine de Caraccioli	1719-1803	francês	La grandeur d'âme	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia		I(35)
Marquês Louis-Antoine de Caraccioli	1719-1803	francês	La religion de l'honnête homme	teologia			I(23)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Marquês Louis-Antoine de Caraccioli	1719-1803	francês	La vie de Pape Clément	história			I(119)
Marquês Louis-Antoine de Caraccioli	1719-1803	francês	Le langage de la religion	teologia			I(24)
Mathieu-François Pidansat de Mairobert	1707-1779	francês	Anecdotes sur Mme la comtesse du Barry	belas artes / história?	romance	romance histórico	I(62)
Mathurin Régnier	1573-1613	francês	Satires et autres Œuvres	belas artes			I(83)
Mellin de Saint Gelais	1491-1558	francês	Œuvres poétiques	belas artes	poesia	autor amigo de Marot	I(83)
Michel-David de la Bizardière	16?-172?	francês	Histoire des diètes de Pologne	história			I(68)
Michelet de Vatimont ou Bertrand?		francês	Comptes rendus des constituions et de la doutrine des soi-disants Jésuistes	direito / teologia			I(29)
Michel-Jean Sedain	1719-1797	francês	Félix ou l'enfant trouvé	belas artes	teatro-comédia		III(729)
Miguel de Cervantes	1547-1616	espanhol	Don Quichotte	belas artes	romance	tradução do espanhol feita por Filleau de Saint-Martin	I(113); III(601)
Miguel de Cervantes	1547-161	espanhol	Nouvelles	belas artes	novela		II(379)
Miguel de Cervantes	1547-1616	espanhol	Nouvelles choisies	belas artes	novela	tradução do espanhol feita por P. Hessein	I(108)
ministre du roi Henri IV	15?-16?	francês	Mémoires	história			I(61)
Mlle de la Rochequilhem	1644-1710	francês	Histoire des favorites	história			I(64)
Mlle de Lubert	1702?-1779?	francês	La princesse sensible et le prince Tiphon	belas artes			I(110)
MM. Jean-Mart, Cels et Augustin-Martin Lottin			Coup d'oeil éclairé d'une bibliothèque				I(83)
Mme Anne Marie du Bocage	1710-1802	francês	L'Eden ou Paradis terrestre, imité de Milton	belas artes	poesia		I(80)
Mme de Lafayette	1634-1693	francês	La Princesse de Clèves	belas artes	romance		III(601)
Mme de Lussan	1682-1758	francês	Anecdotes de François Ier	história			II(379)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Mme de Lussan et Chéron de Boismorand	1682-1758; 1680-1740	francês	Marie d'Angleterre	história			I(63)
Mme de Lussan et Chéron de Boismorand	1682-1758; 1680-1740	francês	Révolutions de Naples	história?			I(114)
Mme de Mareuil			Histoire des princesses de Bohême	belas artes	romance	romance histórico	I(66)
Mme de Pompadour	1721-1764	francês	Lettres	belas artes	correspon-dência		I(62)
Mme de Pompadour	1721-1764	francês	Mémoires	história			I(62)
Mme de Pringy	16?	francês	l'Amour à la mode	belas artes		sátira histórica	I(110)
Mme de Puisieux	1720-1798	francês	Alzarac ou la nécessité d'être inconstant	belas artes			I(110)
Mme de Tencin	1682-1749	francês	Les malheurs de l'amour	belas artes	romance		II(379)
Mme Gaspard Bachet			Commentaires sur les Epîtres d'Ovide	ciências e artes	filosofia		I(89)
Mme Manley	1663-1724	inglês	l'Atlantis contenant les intrigues politiques et amoureuses d'Angleterre, et les secrets des révolutions depuis 1683 jusqu'à présent	belas artes	romance	tradução do inglês feita por Henri Scheurleer et por Jean Rousset	I(93)
Mme. E. de Beaumont			Lettres de Sophie et du chevalier de...	belas artes			I(109)
Molière	1622-1673	francês	Œuvres	belas artes	poesia / teatro		I(107)
Montesquieu	1689-1755	francês	Œuvres	ciências e artes	filosofia		I(94)
Morelly?			Le Prince accompli, ou l'Idée du parfait monarque et de ses ministres	ciências e artes	filosofia		I(104)
Nicoclès	395av.C.- 353av.C.	grego	Entretiens de Phocion sur le rapport de la morale avec la politique	ciências e artes	filosofia		I(32)
Nicolas Chorier	1612-1692	francês	Joannis Meursii elegantiae latini sermonis; Aloisiae Sigaeae toletanae satyrae sotadicae de arcanis amoris, et veneris. Pars altera. Veneres.	ciências e artes / belas artes	filosofia / romance		I(54)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Nicolas de Malézieux, les abades Ch.-Cl. Genest, Guill. Amfrye de Chaulieu et d'autres			Les divertissements de Sceaux	belas artes			I(81)
Nicolas Eymeric	1320-1399	espanhol	Manuel des inquisiteurs: Directorium Inquisitorum	teologia		texto datado de aproximadamente de 1358	I(25)
Nicolas Fontaine	1625-1709	francês	Vie des Saints, de l'ancien testament	teologia			I(115)
Nicolas Venette	1633-1698	francês	Tableau de l'amour conjugal	ciências e artes			I(94)
Nicolas-Sylvestre Bergier	1718-1790	francês	[Examen du matérialisme:] Réfutation du Système de la nature	ciências e artes	filosofia		II(379)
Nicolas-Sylvestre Bergier	1718-1790	francês	Le déisme réfuté par lui-même, ou Examen des principes d'incrédulité répandus dans les divers ouvrages de M. Rousseau, en formes de lettres	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia		I(26)
Ninon de l'Enclos	1620-1705	francês	Lettres	belas artes	correspon-dência		II(379)
Ovídio	43 av.C-17	latim	Epîtres, Elégies amoureuses	belas artes	poesia	tradução do latim feita pelo abade Jean Barrin	I(82)
Ovídio	43 av.C-17	latim	Heroïdes	belas artes	poesia	tradução do latim feita por Henry Richer	I(80)
Ovídio	43 av.C-17	latim	Œuvres	belas artes	poesia		I(82)
P. Louis Patouillet			Lettres d'un chevalier de Malte à M. l'évêque	teologia		autor jesuíta	I(39)
P. Mabillon	1632-1707	francês	Histoire des contestations sur la diplomatique de France	história			I(99)
P.-A. Alletz	1703-1785	francês	Abrégé de l'histoire grecque	história			I(59)
P.-A. Alletz	1703-1785	francês	Histoire de France	história			I(60)
P.-J. Grosley	1718-1785	francês	Observations sur l'Italie et les Italiens, 1764	história	geografia / viagem		I(85)
P.-P. Gudín de la Brunellerie	1738-1820	francês	Lothaire, roi de Lorraine	belas artes	poesia / teatro-tragédia		I(48)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
P.-P. Gudin de la Brunellerie	1738-1820	francês	Royaume mis en interdit	belas artes	poesia / teatro-tragédia		I(48)
Paul Bruzeau	16?	francês	Conférence du diable avec Luther contre le saint sacrifice de la messe	teologia			I(25)
Paul-Henri Thiry, Barão d'Holbach	1723-1789	francês	Doutes sur la religion; avec une trad. Spinoza: Tractatus theologico politicus	ciências e artes	filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(122)
Paul-Henri Thiry, Barão d'Holbach	1723-1789	francês	Examen des principes et des effets de la religion chrétienne	ciências e artes	filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(124)
Paul-Henri Thiry, Barão d'Holbach	1723-1789	francês	Le bon-sens	ciências e artes	filosofia		I(52)
Paul-Henri Thiry, Barão d'Holbach	1723-1789	francês	l'Essai sur les préjugés ou de l'influence des opinions sur les moeurs...	ciências e artes	filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(127)
Paul-Henri Thiry, Barão d'Holbach	1723-1789	francês	Sentiments des philosophes sur la nature de l'âme	ciências e artes	filosofia	parte do <i>Evangelho da razão</i> [ <i>Evangile de la raison</i> ], publicado pelo abade Henri Joseph Dulaurens em 1768	I(46)
Paul-Henri Thiry, Barão d'Holbach	1723-1789	francês	Système de la nature	ciências e artes	filosofia	Sade extraiu do Barão d'Holbach longos trechos e os utilizou em l'Histoire de Juliette	I(51); III(727)
Paul-Henri Thiry, Barão d'Holbach	1723-1789	francês	Système social, ou principe naturel de la morale e de la politique avec un examen de l'influence du gouvernement sur les moeurs	ciências e artes	filosofia		I(39)
Padre Claude-François Nonnotte	1711-1793	francês	Les erreurs de Voltaire	ciências e artes	filosofia		I(90)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Padre G. Daniel	1649-1728	francês	Réponse aux lettres provinciales	teologia?			I(25)
Padre Louis Maimbourg	1610-1686	francês	Histoires du schisme des Grescs	história		autor jesuíta	I(69)
Perse et Juvénal	60-140 e 45-66?-128	latim	Satires	belas artes		tradução do latim feita pelo Padre Tarteron	I(114)
Pétrone	12-17?-66	latim	Satires	belas artes	conto	tradução do latim feita por Boispréaux; sátira	I(82)
Philippe de Montault de Benac	1619-1684	francês	Mémoires	história			I(68)
Pierre Augustin Caron de Beaumarchais	1732-1799	francês	Tarare	belas artes	teatro	ópera	III(728)
Pierre Bayle	1647-1706	francês	Le Dictionnaire	ciências e artes / belas artes	filosofia / dicionário	anotado com a letra de Donatien de Sade	I(121)
Pierre Bayle	1647-1706	francês	Pensées diverses sur la comète de 1680	ciências e artes	filosofia		I(34)
Pierre Carlet de Chamblain de Marivaux	1688-1763	francês	Le paysan parvenu	belas artes	romance	romance de aprendizagem	II(379)
Pierre Carlet de Chamblain de Marivaux?	1688-1763	francês	La vie de Marianne	belas artes	romance	romance de aprendizagem	II(379)
Pierre Chordelos de Laclos	1741-1803	francês	Liaisons dangereuses	ciências e artes / belas artes	filosofia / romance		II(379); III(728)
Pierre Cuppé			Le cieu ouvert à tous les hommes, traité théologique	teologia			I(50)
Pierre du Moulin	1568-1658	francês	L'anatomie de la messe, où il est montré par l'écriture et par les témoignages de l'ancienne église que la messe est contraire à la parole de Dieu	teologia		autor é um importante ministro protestante	I(35)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Pierre Laujon?	1727-1811	francês	Le poète supposé [,ou les Préparatifs de fête]	belas artes	teatro-comédia		III(727)
Pierre Le Chancelier	1588-1672	francês	Mémoires de l'histoire de notre temps	história			I(110)
Pierre Linage			[L'origine] du soulèvement des Cosaques contre la Pologne	história			I(59)
Pierre Marteau	16?	francês	Histoire véritable de la duchesse de Châtillon	história			I(58)
Pierre Richelet	1626-1698	francês	Dictionnaire de rimes	belas artes	dicionário	informações do catalogue publié par Laborde	II(379)
Pierre Richelet	1626-1698	francês	Dictionnaires de rimes	belas artes	dicionário		I(120)
Pierre-C. Chompré	1698-1760	francês	Dictionnaire de la Fable	belas artes	dicionário		I(86)
Pierre-C. Chompré	1698-1760	francês	Dictionnaire de la fable	belas artes	dicionário		II(379)
Pierre-Claude Nivelles de La Chaussée	1692-1754	francês	Théâtre	belas artes	teatro		II(379)
Pierre-Daniel Huet	1630-1721	inglês	l'A. B. C. , en seize entretiens ou Dialogues curieux	ciências e artes	filosofia	padre e filósofo francês que escrevia em latim; tradução do inglês feita por Voltaire	I(50)
Pierre-François Lafiteau	1685-1764	francês	La vie et mystères de la S. Vierge	teologia			I(29)
Pierre-Joseph Marquer	1718-1784	francês	Dictionnaire de chimie	belas artes	dicionário		I(86)
Pietro Aretino	1492-1556	italiano	Capricciosi et piacevoli ragionamenti, ou Dialogues	belas artes	poesia	obra datada de 1532-1534	I(55)
Pietro Giannone?	1676-1748	italiano	Histoire de Naples	história			I(56)
Pindare	518 av.C-438 av.C.	grego	Œuvres	belas artes	poesia	tradução do grego por Antoine Joseph Chabanon	I(81)
Pline le Jeune	61-114	latim	Recueil des lettres	belas artes	correspon-dência	tradução do latim por Sacy	I(103)
Plutarco	46-125	grego	Les vies des hommes illustres grecs et romains, comparés l'un à l'autre	história		tradução do grego por J. Amyot	I(73)
président Charles de Brosses	1709-1777	francês	Histoires de la navigation aux terres australes	história			I(73)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
président Charles-Jean-François Hénault	1685-1770	francês	Abrégé chronologique de l'Histoire de France	história			I(115)
président Charles-Jean-François Hénault	1685-1770	francês	Histoire de France	história			I(61)
Quinte Curce	1?		Quinte Curce	história		história romana do século I	I(70)
R. de Bury	17?	francês	Lettres sur divers écrits de M. Voltaire	ciências e artes	filosofia		I(31)
R. P. l'Escargotier		francês	Colimaçons	ciências e artes			I(48)
Racine	1639-1699	francês	Œuvres	belas artes	poesia / teatro		I(106)
Rapin, Passerat, Gillot, Forent Chrétient, etc.	15?	francês	Satire Ménippée	belas artes	poesia	várias datas de publicação: 1593, 1594 etc.	I(104)
René Trouin de Gué, dit Duguay-Trouin	1673-1736	francês	Mémoires de Duguay-Trouin	história			I(59)
Restif de la Bretonne	1734-1806	francês	Pornographe	belas artes	romance		I(42); III(601)
Réstif de la Bretonne?	1734-1806	francês	La dernière aventure de quarante-cinq ans	belas artes	romance		III(727)
Richard Lassels	1603-1668	inglês	Voyage d'Italie, contenant les moeurs des peuples	história	geografia / viagem		I(77)
Roussel de la Tour, abade Minard et Cl.-P.Goujet			Extraits des assertions dangereuses et pernitéieuses en tout genre que les soi-disants Jésuites ont, dans tous les temps et persévèrement, soutenues, enseignées et publiées dans leurs livres avec l'approbation de leurs supérieurs et généraux	teologia			I(29)
S.-N.-H. Linguet	1736-1794	francês	Histoire impartiale des Jésuites	história			I(30)
Santo Agostinho	354-430		De la Cité de Dieu	teologia			I(27)
Saint Marc			Annales d'Italie	história			I(75)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Saint-Evremont		francês	Examen de la religion	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia	parte do <i>Evangelho da razão</i> [ <i>Evangile de la raison</i> ], publicado pelo abade Henri Joseph Dulaurens em 1768	I(46)
Salústio	86 av.C-34 av.C.	latim	Histoire romane de Salluste	história		tradução do latim feita por Des Mares	I(72)
Samuel Ricardson	1698-1761	inglês	Histoire de Charles Grandison	belas artes	romance	tradução do inglês feita pelo abade Prévost	I(78)
Samuel Ricardson	1698-1761	inglês	Histoire de Clarisse Harlowe	belas artes	romance	tradução do inglês feita pelo abade Prévost e por Le Tournier	I(78)
Samuel Ricardson	1698-1761	inglês	Paméla, ou la Vertu récompensée	belas artes	romance	tradução do inglês feita pelo abade Prévost	I(78)
San Séverino	17?	italiano	Vie des hommes et des femmes illustres d'Italie	história		tradução do italiano feita por d'Arçarq	I(115)
Sandras de Courtilz?	1644-1712	francês	Mémoires de M. le Marquis de Montbrun	belas artes	romance		I(109)
sans nom			Description de Messine [Description historique et géographique de la ville de Messine, etc. etc. et détails météorologiques du désastre que cette ville vient d'éprouver (le 5 février 1783.) par le tremblement de terre. Avec des notes curieuses et intéres	história			III(728)
Sêneca	4 av.C.-65	latim	Esprit de Sénèque	ciências e artes	filosofia	edição preparada por Jean-Puget de la Serre	I(32); III(601)
Sieur D. M. (de Montfort)			La politique des amants	belas artes			I(110)
Sieur d'Hannetaire	1718-1780	francês	Observations sur l'art du comédien	belas artes	poesia / teatro	primeira edição é anônima	I(98)
Sieur le Carondas		francês	Dissertation de l'immunité ecclésiastique	teologia			I(90)
Sieur Liger	1658-1717	francês	La maison rustique	ciências e artes	ciências		I(98)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Simon Tyssot de Patot	1655-1738	francês	Voyage de Jacques Massé	história			I(76)
Simon-André Tissot	1728-1797	francês	De la santé des gens de lettres	ciências e artes	ciências	médico	I(96)
Sir John Hill	1714-1775	inglês	Lucina sine Concubitu	ciências e artes		registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(125)
solitaire turc		turc	L'Etat présent de la puissance ottomane, <i>ou peut-être</i> Etat général de l'empire ottoman (sa puissance ou son état général)	história		trad. (du turc?) par François Petis de Lacroix	I(101)
Spinoza	1632-1677	holandês	Réflexions sur les matières importants au salut	ciências e artes	filosofia		I(52)
Suetônio	69-130	latim	Suétone	história / ciências e artes		tradução do latim par Guillaume Michel dit de Tours	I(71)
Tácido	55-120	latim	Œuvres	história			I(71); III(601)
Thomas			Œuvres				I(102)
Thomas Brown	1605-1682	inglês	La religion [des] du médecin	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia		I(35)
Thomas Hobbes	1588-1679	inglês	De la nature humaine	ciências e artes	filosofia		I(34)
Thomas Hobbes	1588-1679	inglês	Eléments philosophiques du citoyen	ciências e artes	filosofia		I(53)
Tito Lívio	59 av.C.-17	latim	Histoire romaine	história		tradução do latim feita por N.-Fr. Guérin	I(116)
Troque Pompée	1? av.C	latim	Histoire universelle	história		tradução do latim feita por Louis Ferrier de la Martinière	I(72)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Valentin Esprit Fléchier	1632-1710	francês	Oraisons funèbres	teologia		talvez <i>Panegyriques, sermons, discours et oraisons funèbres</i> (1775) ou <i>Oraisons funèbres</i> (1680; 1681)	II(379)
Valmont de Bomare	1731-1807	francês	Dictionnaire de l'histoire naturelle	belas artes	dicionário		I(86)
Vaquette d'Hermilly	1705-1778	francês	Histoire générale d'Espagne	história			I(87)
Vaultier	16?-17?	francês	Journal des marches des armées du Roi en Flandres	história			I(68)
Verenoni			le Maître italien	belas artes	gramática	talvez uma outra edição da gramática deste autor	I(119)
Virgílio	70 av.C-19 av.C	latim	Géorgiques	belas artes	poesia	tradução do latim feita por Jacques Delille, autor de poema homônimo, escrito em 1800	II(379); III(727)
Virgílio	70 av.C-19 av.C	latim	les Bucoliques	belas artes	poesia	tradução do latim feita por Richer	I(81)
Virgílio	70 av.C-19 av.C	latim	Œuvres	belas artes	poesia	tradução do latim feita por J.-Cl. Fabre	I(114)
Voltaire	1664-1778	francês	de la Relation de la mort du chevalier de la Barre	ciências e artes	filosofia		I(48)
Voltaire	1664-1778	francês	Dialogue du douteur et de l'adorateur	ciências e artes	filosofia		I(49)
Voltaire	1664-1778	francês	Dictionnaire philosophique	belas artes / ciências e artes	dicionário / filosofia		I(45)
Voltaire	1664-1778	francês	Discours aux Confédérés catholiques en Pologne	ciências e artes	filosofia	publicado em <i>l'Evangille du jour</i> de Voltaire, em 1769	I(49)
Voltaire	1664-1778	francês	Discours sur les moeurs	ciências e artes	filosofia		I(102)
Voltaire	1664-1778	francês	Fragments sur l'Inde, etc.	história / ciências e artes			I(48)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Voltaire	1664-1779	francês	Histoire de Russie	história			I(64)
Voltaire	1664-1780	francês	Histoire du Parlement de Paris	história			I(61)
Voltaire	1664-1778	francês	Homélie prononcées à Londres en 1765	ciências e artes	filosofia		I(48)
Voltaire	1664-1778	francês	Instructions pour le prince royal de Prusse	ciências e artes	filosofia / política		I(48)
Voltaire	1664-1778	francês	Irène	belas artes	teatro		III(729)
Voltaire	1664-1778	francês	La défense de mon oncle contre ses infâmes persécuteurs	ciências e artes	filosofia		I(50)
Voltaire	1664-1778	francês	La Henriade	belas artes	poesia		I(81)
Voltaire	1664-1778	francês	La Princesse de Babylone	belas artes/ciências e artes	novela / filosofia		I(47)
Voltaire	1664-1778	francês	La Profession de foi des Théistes	ciências e artes	filosofia		I(49)
Voltaire	1664-1778	francês	la Pucelle d'Orléans	belas artes/ciências e artes	novela / filosofia		I(45)
Voltaire	1664-1778	francês	Le Catéchumène	ciências e artes	filosofia		I(49)
Voltaire	1664-1778	francês	Le dîner du comte de Boulainvilliers	belas artes	poesia / teatro		I(49)
Voltaire	1664-1778	francês	le philosophe ignorant	ciências e artes	filosofia		I(50)
Voltaire	1664-1778	francês	les Éléments de la physique de Newton	ciências e artes	filosofia / ciências		III(601)
Voltaire	1664-1778	francês	les idées de la Mothe le Vayer	ciências e artes	filosofia		I(49)
Voltaire	1664-1778	francês	Les Questions de Zapata	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia	Sade cita de forma quase textual este texto em <i>La nouvelle Justine</i>	I(49)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Voltaire	1664-1778	francês	Lettre anglaises	ciências e artes	filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(127)
Voltaire	1664-1778	francês	Lettres sur Rabelais et sur d'autres auteurs accusées d'avoir parlé mal de la religion chrétienne	ciências e artes	filosofia		I(47)
Voltaire	1664-1778	francês	l'Evangile du jour	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia		I(48)
Voltaire	1664-1778	francês	l'Examen important de Milord Bolingbroke	ciências e artes	filosofia		I(47)
Voltaire	1664-1778	francês	l'Homme aux quarante écus	belas artes / ciências e artes	novela / filosofia		I(47)
Voltaire	1664-1778	francês	L'Ingénu	belas artes / ciências e artes	conto / filosofia		I(54)
Voltaire	1664-1778	francês	Mémoires historiques sur la négociation de la France et de la Angleterre en 1761	história			I(101)
Voltaire	1664-1778	francês	Philosophie de l'histoire	ciências e artes	filosofia		I(50)
Voltaire	1664-1778	francês	pièces connues sous le titre d'Evangile du jour	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia		I(51)
Voltaire	1664-1778	francês	poésie/théâtre	belas artes	poesia / teatro		I(107)
Voltaire	1664-1778	francês	Recueil des pièces pour l'histoire de la Paix d'Aix la Chapelle	história			I(97)
Voltaire	1664-1778	francês	Remontrances du corps des pasteurs du Génovan à Antoine Jean Rustan pasteur suisse à Londres	ciências e artes			I(48)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
Voltaire	1664-1778	francês	Sermon prêché à Bâle en 1768	ciências e artes	filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(123)
Voltaire	1664-1778	francês	Singularités de la nature	ciências e artes	filosofia		I(50)
Voltaire	1664-1778	francês	Supplément au Dictionnaire Philosophique	belas artes/ciências e artes	dicionário / filosofia		I(50)
Voltaire	1664-1778	francês	Traité sur la tolérance	ciências e artes	filosofia		I(45)
Voltaire	1664-1778	francês	Œuvres			70 tomos da edição de Kehl	III(601)
Voltaire?	1664-1778	francês	[Relation du] Bannissement des Jésuites [de la Chine]	história			I(49)
Whitefoot	17?	inglês	l'Enfer détruit ou examen raisonné du dogme de l'éternité des peines	ciências e artes	filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.); tradução do inglês par le baron d'Holbach	I(126)
William Temple	16?	inglês	Mémoire de ce qui s'est passé dans la chrétienté [depuis 1672 jusqu'à 1679]	história			I(68)
Witart de Bezu?	17?	inglês	Le danger d'aimer un étranger [,ou, Historie de Mylady Chester et d'un duc***]	belas artes	romance		II(379); III(727)
	17?	francês	[Les jardins de Montreuil, ou] Le trébuchet [comédie en un acte et un vaudeville]	belas artes	teatro-comédia		III(727)
			Abrégé chronologique d'Italie	história			I(114)
		francês	Almanach des demeures [de personnes de qualité de Paris]	belas artes	almanaque		III(728)
		francês	Almanach des spectacles	belas artes	almanaque		III(727-728)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
		francês	Almanach militaire	belas artes	almanaque		III(727-728)
		francês	Almanach royal	belas artes	almanaque		III(727-728)
			Anecdotes syriennes et égyptiennes	história			I(110)
			Anna Rostrée (...)				III(727)
			Anne Ross				II(379)
			Antijacobine ou Faussetés de l'avis aux propriétaires anglais	história			I(99)
		latim	Banque du Pape, Taxe de la chancellerie romaine	teologia / história		tradução da antiga edição latina feita por J.B. Renoult; data da edição 1701	I(117)
			Bons mots				II(379)
		inglês	Cabinet satirique, ou Recueil parfait des vers piquants et gaillards de ce temps	belas artes	conto	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.); data das edições: 1618 e 1620	I(129)
			Cérémonies religieuses	teologia			II(379)
			Clara				III(728)
			comédias antigas do teatro francês ou italiano	belas artes	teatro-comédia	registro de 30 brochuras.	II(379)
		francês	novas comédias do teatro francês	belas artes	teatro-comédia	registro de aproximadamente 65 brochuras, distribuídas da seguinte forma: 1772 (5 brochuras); 1773 (3); 1774 (4); 1775 (4); 1776 (3); 1777 (4); 1778 (7); 1779 (6); 1780 (4); 1781 (4); 1782 (10); 1783 (3); 1784 (2); 1785 (5); 1786 (sem indicação de quantid	II(379); III(728)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
		italiano	novas comédias do teatro italiano	belas artes	teatro-comédia	registro de 101 brochuras, distribuídas da seguinte forma: 1772 (3 brochuras); 1773 (5); 1774 (3); 1775 (6); 1776 (6); 1777 (6); 1779 (3); 1780 (2); 1781 (6); 1782 (13); 1783 (21); 1784 (16); 1785 (5); 1786 (2)	II(379)
			coletâneas [reliure]			registro de 6 exemplares	III(728)
			título ilegível	belas artes	teatro-comédia-tragédia	texto teatral de natureza mista: cômico-trágico	III(729)
			Considération civile sur plusieurs et diverses histoires tant anciennes que modernes	história			I(57)
			Découverte de la maison de campagne d'Horace	história			I(114)
		inglês	Délia, ou Histoire d'une jeune héritière	belas artes	romance	consta tradução do inglês feita por Mme de ***	III(728)
	1768	italiano	des Droits des hommes et des usurpations des autres	ciências e artes	filosofia / política	tradução do italiano feita por Voltaire	I(48)
	1728		Devoir des personnes de qualité				I(97)
		francês	Dictionnaire de poésie	belas artes	dicionário		II(379)
		francês	Dictionnaire de santé	belas artes	dicionário		III(728)
		francês	Dictionnaire d'Italie	belas artes	dicionário		I(87)
	1626	francês	Dictionnaire français et italien	belas artes	dicionário		I(86)
		francês	Dictionnaire français et italien	belas artes	dicionário		I(87)
		francês	Dictionnaire typographique, historique et critique des livres rares	belas artes	dicionário		I(85)
			Différentes pièces de comédie et de tragédie	belas artes	poesia / teatro		I(106)
			Emma				III(728)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
			Essais sur la maladie	ciências e artes			I(92)
			Fayel Tragédie	belas artes	poesia / teatro		I(120)
			Formulaire de prière	teologia			III(727)
		francês	Grammaire du [illisible]	belas artes	gramática	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(130)
			Guide des Etrangers à Naples	história	geografia / viagem		I(84)
			Histoire de Bayard	história			II(378)
		francês	Histoire de France	história			II(378)
			Histoire de la comtesse ***	belas artes?	romance?		III(727)
			Histoire de la ville de Beauvais	história			II(378)
			Histoire de l'Eglise en abrégé	história			I(76)
	1738	inglês	Histoire de M., fils naturel de Cromwell	história		tradução do inglês feita pelo abade Prévost	I(78)
			Histoire de Malte	história			II(378)
	1761		Histoire dela révolution d'Irlande	história			I(68)
			Histoire des Ballons				II(379)
			Histoire des guerres d'Hanovre	história			II(378)
			Histoire des superstitions, détachée des Cérémonies religieuses	história			II(378)
	1741	italiano	Histoire du Vésuve	história	geografia	tradução do italiano feita por Louis-Adrien Dupéron de Castéra	I(116)
			Histoire du vieux et du nouveau monde	história			I(118)
			Histoire platine de vitis pontificum romanorum	história			I(56)
	1763		Histoire poétique				I(119)
	1769		Instruction pastorale, brefs du Père le Pape Clément XIII [1758-1769] au roi de Pologne	teologia			I(24)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
	1695-1696	inglês	Introduction à l'histoire d'Angleterre	história			I(63)
	1756		Jean-Jacques citoyen de l'univers aux prises avec un citoyen de Paris	ciências e artes	filosofia		I(40)
			Jésuites (moines) de belle humeur	belas artes	romance		I(55)
			Jorade				III(729)
			La conduite des cours de la Grande Bretagne et de l'Espagne	história			I(100)
			La Constitution de l'Hôtel du Roule	história		registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(125)
			la Cruauté religieuse	ciências e artes	filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.); tradução do inglês feita pelo Barão d'Holbach; edições de 1769 e 1775	I(126)
			La Marquise de B***	belas artes?	romance?		III(729)
			La Pythagore moderne	ciências e artes	filosofia / ciências?	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(125)
	1708		La vie du comte Louis de Sales, frère de S. François de Sales	teologia			I(23)
	1692		La vie et les amours de Charles Louis Electeur Palatin	história			I(58)
			la vie voluptueuse des capucins	ciências e artes?	filosofia?	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(125)
			Le Bélier				I(108)
			Le dit de la fable	belas artes			III(727)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
			Le Joujou des Messieurs			registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(125)
			Le petit chansonnier français	belas artes	poesia		II(379)
			le Prétendant, ou Perkin faux duc d'York	belas artes			I(109)
			L'Empire des aveugles, des borgnes et des clairvoyants				I(94)
			Les amours de Saint Froid et d'Eulalie	belas artes	romance		I(54)
			Les amours des Dieux				I(110)
			Les amours républicaines				II(379)
			Les désirs du cloître			registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(125)
			Les fabliaux	belas artes			II(379)
			Les filles célèbres				II(379)
		francês	Les illustres françaises	história			II(379)
		arabe	Les mille et une nuits	belas artes		tradução do árabe feita por François Galland	II(379)
			Les moeurs du jour				II(379)
			Les principes fondamentaux de la religion	teologia		edição de 1760	I(31)
			Lettres portugaises	belas artes			II(379)
			Lettres sur le péché imaginaire	teologia		edição de 1756	I(24)
			l'Histoire de la superstition, Histoire naturelle de la, superstition ou la Contagion sacrée	ciências e artes/história	filosofia / história	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.); tradução do inglês feita pelo Barão d'Holbach; edição de 1768	I(127)
			Livres apocryphes de l'Ancien Testament	teologia			I(27)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
			l'Oracle des Anciens fidèles pour servir de suite et d'éclaircissement à la Sainte Bible	teologia / ciências e artes	teologia / filosofia	edição de 1760	I(40)
		inglês	Mémoires et Instructions pour les Ambassadeurs	história		tradução do inglês feita por Boulesteis de la Contie; edição de 1725	I(102)
			Mémoires historiques et géographiques du monde	história			II(378)
			Mémoires sur Pierre III, empereur de Russie	história		edição de 1763	I(64)
			Mercur de France	belas artes	journal	fundado com o nome <i>Le Mercur Galante</i> em 1672, esta revista mudou de nome em 1724	III(729)
			Moeurs et coutumes de tous les peuples de la terre				II(379)
	1753	indiano	Naufrage des Isles flottantes	belas artes	poesia	poema heroico traduzido da língua indiana; trata-se de uma utopia	I(32)
			Noirion			registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(125)
	1768	francês	Ordonnance du Rois	direito			I(83)
	1670		Pascal sur religion et d'autres sujets	ciências e artes	filosofia		I(24)
			Pièces du procès sur l'excommunication	teologia / história			I(65)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
			Prêtres démasqués ou Des iniquités du clergé chrétien	ciências e artes	filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.); tradução do inglês feita pelo Barão d'Holbach; edição de 1768	I(126)
	1760		Recueil des lettres pour éclairer l'histoire militaire de Louis XIV	belas artes / história	correspondência / história		I(62)
			Recueil des pièces de comédies et autres choses	belas artes	poesia / teatro		I(106)
			Remarques sur Virgile et sur Homère	ciências e artes	filosofia		I(119)
			Rome et le route de Naples à Rome	história	geografia / viagem		I(118)
			Sainte Bible	teologia			I(27)
			Supplément à l'ouvrage sur les pierres et les fossiles	ciências e artes	ciências		II(379)
	1768	inglês	Sur l'origine de l'immortalité de l'âme, de l'idolâtrie, de la superstition, sur le système de Spinoza, et sur l'origine du mouvement dans la matière	ciências e artes	filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.); tradução do inglês feita por J. Toland	I(127-128)
			Tableau des révolutions	ciências e artes	ciências		III(729)
	1776	francês	Traité des trois imposteurs	ciências e artes	filosofia	registrado por Donatien de Sade como Pequena coletânea necessária [Petit recueil nécessaire] (19 vol.)	I(122)

autor			livros			observações	Fonte
nome	nasc.-morte	língua	título	classificação	sub-classificação		
			Traité d'Histoire	história		segundo Alice Laborde, texto manuscrito, talvez de autoria de Donatien de Sade	I(53)
			Vie de Gianetti Manetti sénateur de Florence	história			I(119)
			Vie de Michel-Ange	história?			III(728)
			Vie des peintres	ciências e artes	artes liberais		I(120)
			Voyage de Hollande et d'Angleterre	história	geografia / viagem		I(77)
			Voyages d'Espagne	história?	geografia / viagem		II(379)
			Voyageur Français	história	geografia / viagem		I(77)
			Zaïde	belas artes?			II(379)

Legenda das Fontes :

I – LABORDE, Alice M. La bibliothèque du Marquis de Sade au château de La Coste (en 1776).

II - LELY, Gilbert. Vie du Marquis de Sade.

III - LEVER, Maurice. Donatien Alphonse François, Marquis de Sade.

A indicação entre parênteses corresponde às páginas de onde os dados foram retirados em cada livro.

## Apêndice II

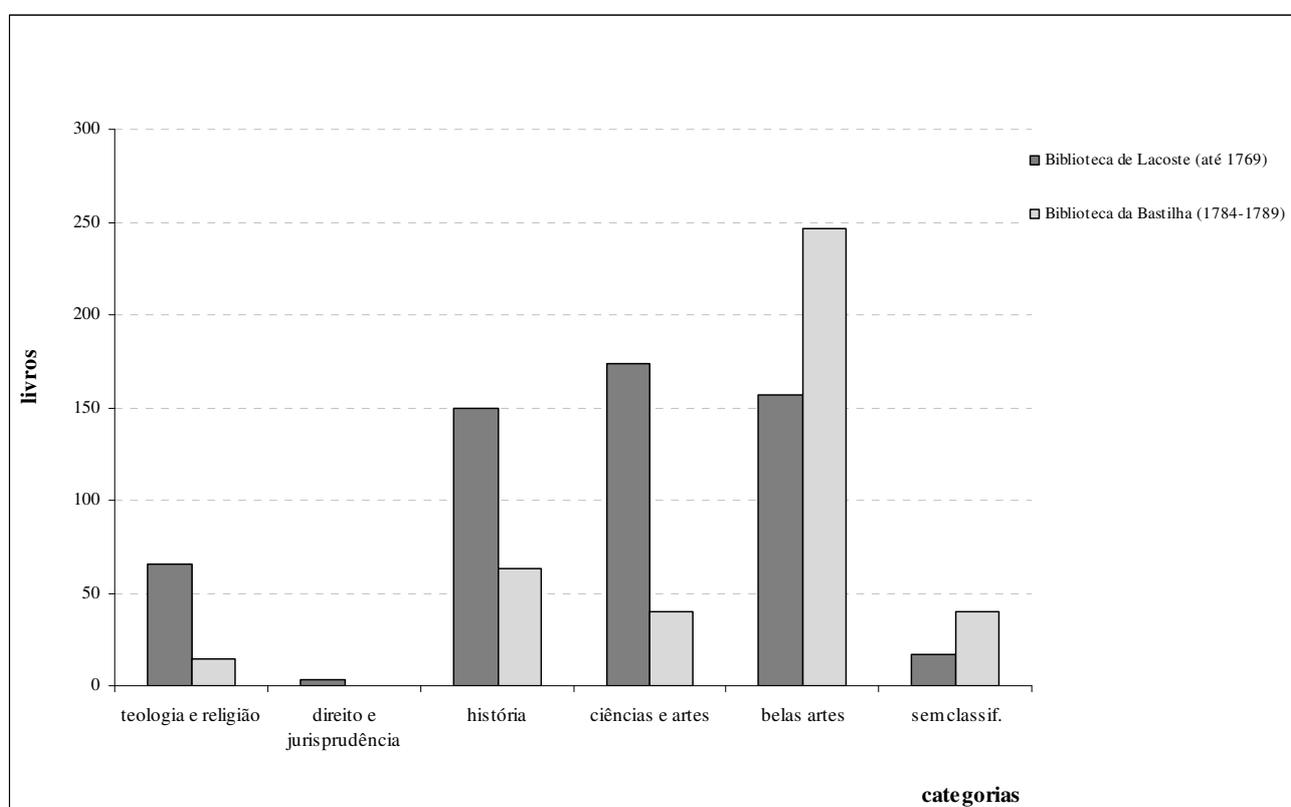
Tabela1: Distribuição das línguas dos originais dos livros das bibliotecas de Donatien de Sade

Línguas	Valor absoluto	Valor relativo (%)
<b>francês</b>	<b>397</b>	<b>60,24</b>
<b>inglês</b>	<b>47</b>	<b>7,13</b>
<b>italiano</b>	<b>19</b>	<b>2,88</b>
<b>línguas clássicas</b>	<b>38</b>	<b>5,77</b>
<i>grego</i>	8	1,21
<i>latim</i>	25	3,79
<b>outras línguas</b>	<b>16</b>	<b>2,43</b>
<i>alemão</i>	4	0,61
<i>árabe</i>	1	0,15
<i>espanhol</i>	4	0,61
<i>holandês</i>	4	0,61
<i>indiano</i>	1	0,15
<i>sueco</i>	1	0,15
<i>turco</i>	1	0,15
<b>não identificadas</b>	<b>142</b>	<b>21,55</b>
<b>Total</b>	<b>659</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Inventário das bibliotecas de La Coste (1769) e da Bastilha (1784-1789)

## Apêndice III

Gráfico 1: Distribuição de temas nas bibliotecas de Donatien de Sade



Fonte: Inventário das bibliotecas de La Coste (1769) e da Bastilha (1784-1789)

## Apêndice IV

Tabela2: Distribuição proporcional de categorias e sub-categorias nas bibliotecas de Donatien de Sade

Categorias/sub-categorias	La Coste	Bastilha
<b>Teologia e religião</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
<b>Direito e jurisprudência</b>	<b>100,0</b>	<b>0,0</b>
<b>História</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
história eclesiástica e história profana	90,7	86,4
geografia, viagens e cartografia	9,3	13,6
<b>Ciências e artes</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
filosofia	82,8	71,4
ciências	4,0	28,6
economia política	2,9	0,0
artes liberais	2,3	0,0
não-classificados	8,1	0,0
<b>Belas artes</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
dicionário	8,9	4,7
gramática e filologia	5,1	1,2
poesia	25,5	14,0
arte dramática	12,1	20,9
romance / conto / novela	36,3	36,1
correspondência	4,5	2,3
jornal	0,0	1,2
almanaque	0,0	4,7
miscelânea	0,6	0,0
não-classificados	7,0	15,1

Fonte: Inventário das bibliotecas de La Coste (1769) e da Bastilha (1784-1789)

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)